

**FÁBIO MALINI**

**O COMUNISMO DAS REDES**

**sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na  
Internet**

**RIO DE JANEIRO,  
Março, 2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

**O COMUNISMO DAS REDES**

**sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da Escola de Comunicação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Comunicação e Cultura.

**Orientador: Prof. Dr. Henrique Antoun**

**RIO DE JANEIRO**  
Março, 2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

**O COMUNISMO DAS REDES**

**sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação na Internet**

Tese de Doutorado submetida ao corpo docente das instituições mencionadas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Comunicação e Cultura:

**Profº Drº. Henrique Antoun – ECO/UFRJ (orientador)**

**Profª Drª Ruth Reis - UFES**

**Profº Drº Giuseppe Cocco - ESS/UFRJ**

**Profº Drº Ronaldo Lemos – FGV/RJ**

**Profª Drª Ivana Bentes - ECO/UFRJ**

**RIO DE JANEIRO**

**Março, 2007**

#### **FICHA CATALOGRÁFICA**

**MALINI, Fábio.**

**O Comunismo das redes -  
sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas  
políticas de comunicação na Internet/ Fábio Malini.  
Rio de Janeiro: PPGCOM UFRJ/ECO), 2007  
Xi, 333p.**

**1. Comunicação 2. Cibercultura 3.  
Capitalismo Cognitivo 4. Tese (Doutorado  
PPGCOM (UFRJ/ECO)**

## RESUMO

Essa tese aborda a Internet como um campo político. Nesse sentido, o principal objetivo desse estudo é cartografar os sistemas de comunicação inaugurados pelos internautas das chamadas *redes livres* (*freenets*), que, através de mecanismos de auto-organização, auto-coordenação e de livre troca de saber e informação, estariam produzindo um mercado para um emaranhado de produtos e serviços criados a partir da colaboração em rede sem a necessidade de uma intermediação do mercado capitalista.

A evolução dos sistemas de trocas de arquivo peer-to-peer (p2p), o desenvolvimento das publicações amadoras (os blogues e sua diversificada família: fotologues, moblogues, videologues, podcasting etc), a estrutura jurídica do *copyleft* e os veículos de comunicação das chamada web 2.0, são os fenômenos empíricos estudados, nesta tese, como evidências desses novos campos de expressão e de comunicação. Essas *freenets* são, segundo os teóricos da cibercultura, verdadeiras indutoras: (1) de um novo paradigma, o da comunicação distribuída em antagonismo ao sistema massivo; (2) de um novo sujeito, o poder da multidão em detrimento do da massa; e (3) de uma nova mídia (as chamadas mídias sociais colaborativas, pois feitas de conteúdos disponibilizados pelos usuários que cooperam em rede).

Além de esmiuçar a prática da colaboração entre usuários das *freenets*, a tese ainda possui um amplo resgate do debate – a partir de teóricos ligados ao pensamento do filósofo político Antonio Negri – sobre capitalismo cognitivo, trabalho imaterial e multidão (necessários para explicar a política das *freenets*), localizando a emergência desses conceitos no deslocamento do regime fordista ao pós-fordista, quando se constitui um novo regime de acumulação baseado na interconexão generalizada da sociedade em redes, aquilo que se convencionou nomear de *new economy*, uma economia totalmente baseada na geração de serviços (inclusive os industriais) desenvolvidos através de inúmeras mediações das linguagens computacionais, das interações contínuas entre produção e consumo (*marketing*) e da gestão dos gostos e estilos sociais (*branding*). Tudo isso gerido em tempo real nas redes virtuais interativas e informatizadas. É então nesse contexto que as *freenets* se qualificam como um campo das resistências a essa “*nova economia*”, pois que visa tornar e manter comum a linguagem, a comunicação e a informação que circulam, de forma massificada, pelos grupos sociais globais. Na tese, o leitor encontrará, principalmente, uma cartografia da crise da cultura de massa desencadeada pela liberação social do esquema emissor-receptor que constringia os sujeitos sociais a uma relação extremamente desigual na produção de linguagens e veículos de comunicação próprios. As *freenets* são então estudadas como uma nova ecologia da comunicação contemporânea, pois que possibilita a interconexão generalizada desses sujeitos que, sempre criativos, não conseguiam distribuir uma riqueza própria de linguagens, estilos, conhecimentos e culturas, senão através da mediação política e discursiva dos *mass media*.

## ABSTRACT

That theory approaches the Internet as a political field. In that sense, the main objective of that study is cartografar the communication systems inaugurated by the internautes of the calls free (freenets) nets, that, through solemnity-organization mechanisms, solemnity-coordination and of free change of knowing and information, they would be producing a market for an entangled of products and services created starting from the cooperation in net without the need of an intermediation of the capitalist market. The evolution of the systems of changes of file peer-to-peer (p2p), the development of the amateur publications (the blogues and yours diversified family: fotologues, moblogues, videologues, podcasting etc), the juridical structure of the copyleft and the vehicles of communication of the call web 2.0, they are the studied empiric phenomena, in this theory, as evidences of those new expression fields and of communication. Those healthy freenets, according to the theoretical of the cibercultura, true indutoras: (1) of a new paradigm, the one of the communication distributed in antagonism to the system massivo; (2) of a new subject, the power of the crowd to the detriment of the one of the mass; and (3) of a new media (the calls social media , because done of contents made available by the users that cooperate in net). Besides crumbling the practice of the cooperation among users of the freenets, the theory still possesses a wide rescue of the debate - starting from theoretical linked to the political philosopher's Antonio Negri thought - about cognitive capitalism, immaterial work and multitude (necessary to explain the politics of the freenets), locating the emergency of those concepts in the displacement of the regime fordista to the post-fordista, when a new accumulation regime is constituted based on the widespread interconnection of the society in net, that she stipulated to name of new economy, an economy totally based on the generation of services (besides the industrial ones) developed through countless mediations of the languages computacionais, of the continuous interactions between production and consumption (marketing) and of the administration of the tastes and social (branding) styles. All this managed in real time in the interactive virtual nets and computerized. All this managed in real time in the interactive virtual nets and computerized. It is then in that context that the freenets is described as a field as the resistances the that "new economy", because that seeks to turn and to maintain common to language, the communication and the information that circulate, in an influenced way, for the global social groups. In the theory, the reader will find, mainly, a cartography of the crisis of the mass culture unchained by the social liberation of the outline originator-receiver that constrained the social subjects to an extremely unequal relationship in the production of languages and own communication vehicles. The freenets are studied then as a new ecology of the contemporary communication, because that search the widespread interconnection of those subjects that, always creative, they didn't get to distribute an own wealth of languages, styles, knowledge and cultures, except through the political and discursive mediation of the mass it measured.

## RESUMÉ

Cette théorie approche l'Internet comme un champ politique. Dans ce sens, l'objectif principal de cette étude est cartographier les systèmes de la communication inaugurés par les internautes des appels réseaux libres (freenets) qui, à travers mécanismes de l'auto-organisation, l'autocoordination et de changement libre de savoir et d'information, ils produiraient un marché pour un accès de produits et services a créé commencer de la coopération dans le filet sans le besoin d'une intervention du marché capitaliste.

L'évolution des systèmes de changements de pair-à-pair (p2p), le développement des publications amateurs (le blogues et les vôtres ont diversifié la famille: fotologues, moblogues, videologues, etc du podcasting), la structure juridique des copyleft et les véhicules de communication du tissu de l'appel Web 2.0, ils sont les phénomènes empiriques étudiés, dans cette théorie, comme évidences de ces nouveaux champs de l'expression et de communication. Ces freenets sains, d'après le théorique du cibercultura, induit vrai: (1) d'un (1) d'un nouveau paradigme, celui de la communication distribuée dans l'antagonisme au massif du système; (2) d'un nouveau sujet, le pouvoir de la multitude au détriment de celui de la masse; et (3) d'un nouveau média (le médias des appels collaboratives social, parce que fait de contenu fait disponible par les utilisateurs qui coopèrent dans le réseau).

Excepté émettre l'entraînement de la coopération parmi utilisateurs du freenets, la théorie possède encore une délivrance large du débat - commencer de théorique a lié à Antonio Negri du philosophe politique pensait - sous capitalisme cognitif, travaille immatériel et multitude (nécessaire d'expliquer la politique du freenets), en localisant l'urgence de ces concepts dans le déplacement du fordisme du régime au poudre-fordisme, quand un nouveau régime de l'accumulation est constitué basé sur l'interconnexion répandue de la société dans les réseaux qui qu'elle a stipulé pour nommer de nouvelle économie, une économie totalement basé sur la génération de services (excepté les industriels) développée à travers médiations innombrables du computationnel des langues, des interactions continues entre production et consommation (vendre) et de l'administration des goûts et styles sociaux (marquer).

Tout cela a dirigé en temps réel dans les réseaux virtuels interactifs et informatisés. C'est alors dans ce contexte que le freenets est décrit comme un champ comme les résistances le que "nouvelle économie", parce que cela cherche tourner et maintenir commun aux langues, la communication et l'information qui circulent, dans un chemin influencé, car les groupes sociaux globaux. Dans cette théorie, le lecteur trouvera, principalement, une cartographie de la crise de la culture de masse déchaînée par la libération sociale de l'initiateur-receveur du contour qui a contraint les sujets sociaux à un rapport extrêmement inégal dans la production de langues et propres véhicules de la communication.

Les freenets sont étudiés alors comme une nouvelle écologie de la communication contemporaine, parce que ce cherche l'interconnexion répandue de ces sujets qui, toujours créatif, ils n'ont pas commencé à distribuer une propre richesse de langues, styles, connaissance et cultures, excepté à travers la médiation politique et discursive de la masse qu'il a mesuré.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Overlay (em azul) – rede lógica sobre rede física.....	188
Figura 2 – Topologia da Rede P2P centralizada.....	209
Figura 3 - Topologia da Rede P2P distribuída .....	214
Figura 4 – Topologia da Rede P2P descentralizada.....	219
Figura 5 – Interface do blog Robot Wisdom .....	235
Figura 6 – a Hegemonia do post-link.....	236
Figura 7 – Site da CNN vira site light em 11/9 .....	243
Figura 8 – Site do Slashdot .....	245
Figura 9 – Blog Back to Iraq .....	249
Figura 10 – Blogueiro brasileiro narra drama do Katrina .....	257
Figura 11 – Jornal vira blog em Nova Orleans.....	262
Figura 12 - Link permanente do post “Um blog livre”, in Jornalismo Digital. ....	267
Figura 13 - Metablog Rec6 .....	269
Figura 14- Conversação entre blogs .....	281
Figura 15- Agregador de notícias. ....	282
Figura 16 – Imagem Xô, Sarney!.....	286
Figura 17 – Boicote a Cicarelli.....	289
Figura 18 - Fotolog Hasta que...El Paula Aguante!!!.....	291



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Busca por informações sobre Kazaa, Emule, Torrent.....	223
Gráfico 2 - Linha de ascensão e declínio da pré-candidatura democrata de Howard Dean....	253
Gráfico 03 – Volume, no Brasil, de busca no Google da palavra Katrina .....	259
Gráfico 04 – Volume de busca no Google da palavra Katrina comparada às palavras war, blog, newspaper e CNN .....	260
Gráfico 5 – Estado Geral da Blogosfera (2006).....	263
Gráfico 6 – Quantidade de Post por dia.....	264
Gráficos 7 e 8 - Remissão das palavras Alckmin e Lula na blogosfera .....	297
Gráficos 9 — Posts por dia sobre Lista de Furnas presentes na blogosfera .....	301
Gráficos 10 e 11 — Internautas produzem e consomem informações sobre “Privatização” ..	304
Gráficos 12 e 13 — Carta Capital alcança a mesma atenção da Revista Veja na Internet....	307

*A Francis e a Pedrinho*

***“A tradição não explica a ruptura”.***

***( Antonio Negri )***

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>TEMPO, MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E PRODUÇÃO SOCIAL</b>	<b>25</b>
<b>1.1 Subjetividade, Resistência e Produção</b>	<b>26</b>
a subjetividade é uma construção política	27
Subjetividade é antagonismo	29
<b>1.2 Da formação da subjetividade fabril: a subjetividade-profissional</b>	<b>33</b>
A racionalidade econômica, marca do moderno	34
A fábrica organiza a sociedade	36
a fotografia e o operário profissional	39
<b>1.4 De como a vida se tornou abstrata: a subjetividade-massa</b>	<b>40</b>
o consumo compensa a perda de autonomia	43
o pacto fordista e a estrutura do keynesianismo	45
Mídia, espetáculo e subjetividade-massa	46
<b>1.5 Contra a disciplina, o “operário social”</b>	<b>49</b>
<b>INTERVALO</b>	
<b>O PÓS-FORDISMO COMO CRISE</b>	<b>54</b>
o acontecimento inaugural do pós-fordismo	55
os paradigmas sociais do pós-fordismo	62
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>O CAPITALISMO COGNITIVO</b>	<b>68</b>
<b>2.1 Capitalismo cognitivo: conflitos na nova economia</b>	<b>69</b>
<b>2.2 O papel do conhecimento no capitalismo cognitivo</b>	<b>74</b>
<b>2.3 O comum e a produção de conhecimento</b>	<b>84</b>

## **CAPÍTULO III**

<b>O TRABALHO IMATERIAL: informação, afeto e serviços</b>	<b>89</b>
<b>3.1 - general intellect e o virtuosismo do trabalho</b>	<b>90</b>
O trabalho como intelectualidade difusa	90
Cooperação e virtuosismo	94
a produção como linguagem e comunicação	96
<b>3.2 - O imaterial como qualidade da produção no capitalismo cognitivo</b>	<b>99</b>
Afeto, informação e serviços	100
O comum é a base da produção	104
<b>3.3 - O papel do consumo da produção imaterial</b>	<b>106</b>
<b>3.4 - Poder e potência na luta pelo comum</b>	<b>109</b>
Biopoder e comando	109
A biopolítica do trabalho	114

## **INTERVALO**

<b>VALOR E RESISTÊNCIA NO CAPITALISMO COGNITIVO</b>	<b>117</b>
A questão do valor no capitalismo cognitivo	118
A cultura hacker e um novo desejo produtivo	129
O lugar da resistência no capitalismo turbinado	132

## **CAPÍTULO IV**

<b>O PARADIGMA PÓS-FORDISTA DA COMUNICAÇÃO</b>	<b>139</b>
<b>4.1 Mídia, maquinismo e subjetividade</b>	<b>140</b>
<b>4.2 O computador: simulação digital e manipulação direta</b>	<b>148</b>
<b>4.3 Tratamento da informação e desmaterialização do mundo</b>	<b>151</b>
A simulação digital	153
as interfaces e a manipulação direta	156
<b>4.4 o virtual e a emergência do ciberespaço</b>	<b>159</b>
Desde a origem, a internet carrega poder e potência	161
A internet e a nova economia, captura e resistências	164
A rede como obra aberta	169
O ciberespaço como rizoma	171
A internet como dupla mídia	173
Comunidade virtual: a forma de organização política da net culture	177
Intercomunicação e hipertexto	180
A cultura da recombinação	183

<b>CAPÍTULO V</b>	
<b>O COMUNISMO DAS REDES</b>	<b>186</b>
<b>5.1 - O paradigma da comunicação distribuída</b>	<b>187</b>
a napsterização da sociedade: a informação distribuída	189
As premissas do poder distribuído	191
O sistema midiático p2p: a Web 2.0	192
A infra estrutura legal do p2p: o copyleft	195
O direito à antropofagia digital: o Creative Commons	198
<b>5.2 - Colaboração, uso livre das redes e a evolução da arquitetura p2p</b>	<b>205</b>
A primeira geração: O Napster e o modelo distribuído e centralizado da informação p2p	205
A segunda geração: Gnutella e o modelo distribuído e descentralizado	211
A terceira geração: a arquitetura semi-centralizada	217
A quarta geração p2p: o Emule e a interação das redes p2p	223
Um processo p2p não-linear integrado a web: o Bittorrent	225
O contra ataque da indústria do copyright	229
<b>3.4 A opinião distribuída: sobre os blogs</b>	<b>233</b>
Eu, o weblogue: contexto e genealogia (1997-2000)	234
O advento dos diários	237
11 de setembro de 2001: blogs furam os portais da internet	240
2001 a 2004: a guerra agenda a blogosfera	247
Os blogs e o fenômeno Howard Dean	250
Katrina, 2005: o mundo se informa por blogs	253
Onde estamos hoje	262
Blog, que mídia é essa?	264
Os múltiplos sentidos de blogar	272
Uma comunicação construída por conexões	279
A construção da opinião pública nos blogs: a lógica dos memes	284
<b>INTERVALO</b>	
<b>BLOGS E AS ELEIÇÕES BRASILEIRAS EM 2006</b>	<b>293</b>
A mobilização e os memes da blogosfera lulista	299
O instante da anomalia	305
<b>CONCLUSÕES</b>	<b>312</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>320</b>

## INTRODUÇÃO

---

*Toda vez que muda o contexto histórico muda também o método*  
Antonio Negri

*O relógio da história não anda pra trás*  
Antonio Negri

Toda tese de doutorado é – ou pelo menos deveria ser – uma filiação a um pensamento e uma prática política, que agem como um cárcere de longa duração e influem sobre a perspectiva que o pesquisador adotará por todo ou por um longo tempo da sua vida acadêmica e profissional. No caso da minha experiência, a tese serviu como uma adesão à tradição *operaísta*<sup>1</sup> de estudos e ao campo do pensamento sobre cibercultura. A anuência a essas análises é uma incorporação de seus métodos.

A tese que o leitor tem em mãos - ou na tela – pretende seguir fielmente o método da teoria social operaísta, ao abordar a caracterização da Internet como um *campo de poder que expressa um regime de antagonismos entre os seus produtores. O pensamento operaísta, em especial o de Antonio Negri, é um pensamento da crise.*<sup>2</sup> Nesse sentido, esse estudo é absolutamente uma abordagem política dos processos sociais envolvidos num certo tipo de crise.

---

<sup>1</sup> Como analisou Giuseppe Cocco, na Introdução do livro *Trabalho Imaterial (DP&A, 2000)*, de Antonio Negri e Michael Hardt, o termo *operaísmo* remete-se “aos trabalhos teóricos intimamente ligados ao neomarxismo italiano do final da década de 1950 e primeira metade da década de 1970, cuja expressão foram as revistas *Quaderni Rossi e Classe operaria*, uma vez que sempre contou com um importante envolvimento social e político dos *operaístas* nos movimentos das décadas de 1960 e 1970 na Itália” (idem, p.16). Ao fazer a análise sobre a “nova organização da classe”, os *operaístas* – em especial, aqueles ligados ao movimento autonomia operária, e não aos sindicatos – chegava a afirmar que a “formação da classe operária é o fato da recomposição política enquanto negação de sua composição técnica” (ibidem, p.17). A analítica *operaísta* tem como núcleo duro a análise da luta (do movimento da constituição de ser classe) operária como principal fator de análise social.

<sup>2</sup> O interesse de Negri pela *crise* se associa a sua busca incessante de traçar o aparecimento do novo (*potentia*) como determinação para a transformação do mundo. A crise se revela então como momento (*kairòs*) em que todos elementos sociais são postos a ser desconstruídos para gerar transformações na realidade social. A crise é um campo aberto então sempre por movimentos sociais – as subjetividades -, então objeto de interesse de Negri, em particular, aqueles movimentos abertos pelo trabalho, a base da construção do mundo, para o filósofo, bem marxista, italiano.

O objeto dessa tese nasce e parte da observação que o campo da comunicação social vivencia uma crise de seus fundamentos teóricos e práticos. Teóricos porque todo aquele arsenal da tradição de massa, em especial, o debate em torno dos processos de massificação da cultura e suas relações com os regimes de significação social, parece já não mais servir para explicar muita coisa, além da chatice insistente que o receptor é um sujeito ativo na comunicação de massa, o que parece ser já um óbvio ululante, dado ao fato que o sujeito, por ser portador da qualidade de imaginar, não deixa de fazer senão isso quando estar defronte de uma televisão ou de uma tela de cinema. Passamos anos, no interior das escolas de comunicação, nos debatendo em torno dessa tautologia. Mas a crise teórica não pode ser creditada na conta do legado dos *estudos de recepção*, ao contrário, estes abriram a possibilidade de pensar a comunicação de uma outra forma, a partir da pluralidade, da diferença e das resistências. O que está em crise é a própria matriz conceitual da *comunicação de massa*. Essa crise é provocada pelo aparelhamento do homem ao computador e às redes interativas. Nas mídias da cibercultura, o conceito de massa não faz sentido algum porque não há aqui o conceito de irradiação. Há na cibercultura a produção de micro-raios de informação produzidas por múltiplos emissores. O aumento da capacidade de criação de linguagens e conteúdos pela sociedade, através da democratização dos meios de produção de mídia, em particular, a popularização das máquinas fotográficas, videocam, computadores e internet, rádio na Web ou ainda telefones móveis, fez com que a função do comunicador fosse cada vez mais banalizada na sociedade. A própria noção de autoridade especialista (o jornalista, o cineasta, o publicitário) concorre com a autoridade distribuída da produção difusa de milhares de usuários que depositam, em redes sociais na internet (as chamadas mídias que existem graças à colaboração do usuário), que hospedam ora vídeos, ora textos, ou sons ou ainda imagens em estado bruto com critérios de edição criados pelos próprios internautas. Com isso acabam concorrendo com as mídias tradicionais na construção de narrativas – na formação de opinião, por exemplo - sobre um acontecimento localizado no tempo e espaço.



A maior parte da população ainda “toma conhecimento” do mundo através dos veículos de comunicação de massa. E os processos de mediatização continuarão sendo determinantes na produção de sentido social, até porque sempre haverá no sujeito o desejo de saber das mesmas informações que os outros já sabem. O sentido de *massa* se associa então a essa forma de existência em que o ser é igual no simbólico (*uma comunidade informada*) mas mantém-se diferente no concreto (*receptor de uma informação por ele não empacotada e nem irradiada*).<sup>3</sup>

Mas o que queremos mostrar aqui – como uma hipótese teórica - é que a hegemonia do paradigma de massa na produção da conversação social está a concorrer com o paradigma distribuído de conversação mediada por computador. Em 2006, a média de tempo que a população jovem brasileira se dedicava à internet já alcançava 4 horas diárias, boa parte destas era consumida em sites de redes de relacionamentos, como o Orkut<sup>4</sup>, a ponto de uma forte campanha de difamação, que o associava a um antro de crimes e desajustes sociais, fosse liderada pelos veículos das principais empresas de comunicação no Brasil. Na verdade, o Orkut aparece como um redutor da atenção dos produtos dos veículos de massa, logo, redutor do *business* dessas empresas, pois que estas vivem da audiência que os públicos destinam às suas mensagens. De certa forma, esse paradigma acaba por provocar um *boom de fragmentação cultural*, para uns, ou, para outros, uma ampliação da visibilidade da diversidade cultural que demarca qualquer sociedade. Isso pouco a pouco se faz notar pelo aparecimentos de novas bandas musicais, novos artistas,

---

<sup>3</sup> Há um intenso debate sobre a qualidade dessa recepção. Levo em consideração o fato de que a produção da mensagem, como bem acertadamente analisou Martin-Barbero, começa bem antes e termina muito depois do momento de recepção. Sua tese assume então que o próprio processo de codificação da mensagem incorpora desejos, preconceitos, análises, perspectivas, que são trazidas pela sociedade, de forma, que a carga de subjetividade contida numa mensagem trata-se de um conjunto de sentidos que não são propriamente do emissor, mas hibridizadas pelos seus julgamentos, desejos, preconceitos, análises e intenções. Nesse sentido, haveria entre receptor e emissor diferenças políticas (a força do segundo em fazer chegar sua informação mais rapidamente a todos), mas não muito no jogo semiótico que permeiam a construção de sentidos dos termos e fatos sociais.

<sup>4</sup> Site de relacionamento social (*social network*) que, no Brasil, conta com 80% dos usuários nacionais de Internet, segundo o IBOPE.

novos intelectuais, novos formadores de opinião, que ganham *status e reconhecimento* graças às suas criações que são mantidas, atualizadas e distribuídas no interior da Internet.<sup>5</sup>

As tecnologias digitais abrem assim uma perspectiva completamente nova para a cultura e a comunicação. Atualmente, os computadores pessoais ligados em rede colocam à disposição dos indivíduos as principais ferramentas da atividade produtiva: a criação, produção e difusão da informação, aquisição e produção de conhecimento. A comunicação mediada por computador assume então uma centralidade na vida cotidiana ao possibilitar que o trabalho, o consumo, o comércio, o entretenimento, a política ou ainda a troca de informação, possam ser realizados através de uma comunicação imersiva do indivíduo. No ano que essa tese é defendida, a venda de computadores ultrapassará a de televisores no Brasil. Esse deslocamento no consumo dos mídias aponta substancialmente para ocupação de múltiplas outras vozes no circuito midiático, bem como no aprofundamento de novas modalidades de “estar juntos”, já que no ciberespaço, “os homens não só se conectam, mas se comunicam, cooperam e se encontram”.<sup>6</sup>

Mais que um conjunto de novos aparatos, de maravilhosas máquinas, a comunicação designa hoje um novo *sensorium*; novos modos de perceber, de sentir e se relacionar com o tempo e o espaço, novas maneiras de se reconhecer. [...] Se trata de uma geração cuja empatia com a cultura tecnológica está feita não somente de facilidade para relacionar-se com os aparatos audiovisuais e informáticos mas sim da cumplicidade cognitiva com suas linguagens, fragmentações e velocidades. O que se traduz em uma camaleônica elasticidade cultural, que permite a essa geração hibridar e conviver com ingredientes de mundos culturais muito diversos.<sup>7</sup>

Isso acontece porque a subjetividade no ciberespaço se explicita como interconectada e interativa a corpos e máquinas. Assim, não há mais como deixar de reconhecer que o campo das redes interativas, em especial o da Internet, é um espaço que recoloca o problema do antagonismo na produção da comunicação, com o advento de uma

---

<sup>5</sup> A Hipótese de concorrência entre as Redes Sociais Online (como o Orkut) e a Grande Mídia deve ser creditada ao professor Henrique Antoun. Ele a registrou, fluidamente, no Seminário *Redes Virtuais e a Constituição Política do Presente*, em outubro de 2006, em Vitória-ES.

<sup>6</sup> Martín-Barbero, 1997, p.45

<sup>7</sup> Martín-Barbero, 1997, p.49

nova forma de lutas de classes, agora entre os *infocapitalistas* e o *pronetariado*, tal como conceituou Rosnay<sup>8</sup>. Os primeiros representam “os detentores de modos de criação, de produção e de difusão de conteúdos informacionais ditos «proprietários» (sobre direitos autorais, direitos de licença...), geralmente sob a forma digital”. Os infocapitalistas caracterizam-se por uma força centrípeta da comunicação e da cultura. E são representados pelos que se convencionou chamar de grande mídia (*mass media*).

Segundo Rosnay, a força antagônica aos infocapitalistas é representada pelo pronetariado (junção de pro+net+proletariado), “uma nova classe de usuários das redes virtuais capazes de produzir, difundir e vender conteúdos digitais não-proprietários”. São capazes de competir com os infocapitalistas, através de produtos e mercados auto-regulados que criam e administram. Informar-se, ouvir música, ler um livro, são operações cada vez mais mediadas por mídias criadas pelo pronetariado – as chamadas « mídias das massas ». Rosnay analisa que o surgimento dessas mídias está vinculado, em boa parte, à crise de credibilidade dos *mass media* nos últimos 30 anos. No caso dos jornais diários, isto é já uma realidade, conhecida através das anuais quedas na circulação de seus exemplares, no declínio das verbas publicitárias nesses meios e no envelhecimento dos seus leitores, já que a faixa etária jovem até 30 anos opta pela leitura de notícias online. Há ainda outras questões que fazem com que as mídias de massa diminua seu poder de credibilidade, em especial, a concentração midiática e a política do marketing promocional, que fazem do jornalismo atualmente uma máquina de venda de “matérias pagas”, de “especiais jornalísticos cheio de relises” e de produtos dissociados da política editorial (panela, enciclopédia, carro, mapa etc..., como estratégias de venda de assinatura). A concentração e o marketing agressivo vêm junto com o conluio de setores conservadores da tecnocracia estatal. O resultado é a existência de muitos jornalismo misturados numa mesma publicação, quase sempre porta-vozes da manutenção dos valores morais e do status social daqueles que concentram e financiam essa mesma mídia.

---

<sup>8</sup> 2006, p.11

Mas não é só por isso que surgem as “novas mídias” - estas, do proletariado. Isso acontece, segundo Anderson (2006), por três forças. A primeira é a da democratização das ferramentas de produção. “O melhor exemplo disso é o computador pessoal, que pôs todas as coisas, desde as máquinas de impressão até os estúdios de produção de filmes e de músicas, nas mãos de todos”.<sup>9</sup> Isso fez com o universo de conteúdos disparasse, aumentando a oferta de bens e de produção de comunicação. A força difusa dessa produção é visível ao se ver os números do Youtube, por exemplo, onde cerca de 40 mil vídeos são hospedados diariamente no site.

Uma segunda força é a de redução dos custos do consumo pela democratização da distribuição. “O fato de qualquer um ser capaz de produzir conteúdo só é significativo se outros puderem desfrutá-lo. O PC transformou todas as pessoas em produtores e editores, mas foi a Internet que converteu todo o mundo em distribuidores”.<sup>10</sup> E uma terceira força é a ligação entre oferta e demanda. Para Anderson (2006) milhares de usuários, em seus blogs, são capazes atualmente de formar preferências, que chegam até a eles graças a tecnologias de busca. O contato entre consumidores acaba por gerar um efeito colateral positivo: a conversação entre eles, à medida que descobrem “que, em conjunto, suas preferências são muito mais diversificadas do que sugerem os planos de marketing”.

O que vemos hoje, de novidade, é que a internet interliga os indivíduos e os possibilita a formação de seu próprio habitat no circuito de comunicação. É, de fato, um plano de antagonismo com os sistemas de comunicação que os antecederam. Esse antagonismo ocorre porque a colaboração crescente dos usuários na produção de conteúdos para sites públicos e comuns na Internet gera uma “nova audiência” em “novos meios de comunicação”, que são profundamente marcados pela geração de conteúdos multimídia que complementam, subvertem ou ainda divergem daqueles emitidos pelos veículos da mídia de massa. A novidade, portanto, está na existência de sites populares que só funcionam graças à colaboração dos usuários. Estes são a própria mídia. Como parte do

---

<sup>9</sup> Anderson, 2006, p.52.

<sup>10</sup> Anderson, 2006, p.52.

valor econômico de qualquer veículo é ainda medido pela quantidade de pessoas que formam a sua audiência, a popularização de veículos como *Youtube*, *Orkut*, *Overmundo*, *Blogues*, *MySpace* etc, acaba por capturar a atenção das audiências dos meios de comunicação de massa, e produzir crise no regime de produção simbólica contemporânea, em especial, nas linguagens de seus conteúdos, na relação com suas audiências e na comercialização de seus produtos. Para cada grande negócio de mídia, atualmente, há – de boa qualidade – um veículo colaborativo similar. Por conta dessa nova realidade, os grandes grupos de comunicação já começaram a se adaptar. A imprensa online, por exemplo, adotou o leitor como integrante da produção do noticiário. As corporações do mercado de televisão, como a CNN e a Globo, abriram canais de divulgação de vídeos dos usuários em seus programas de TV e em seus sites. As empresas de rádio inseriram as linguagens de podcasts e o sistema de download de seus programas. A lista é ampla demais...

Esse trabalho visa então compreender a crise desencadeada pelas *mídias colaborativas* (também chamada de *mídia das massas*, ou de mídias p2p) na estrutura geral da troca de informação e da conversação social. As categorias teóricas buscam relacionar o desenvolvimento dessas mídias ao estado global da produção social, especificamente, o deslocamento da passagem da modernização econômica para a informatização da produção, em que pesa a hegemonia da dimensão imaterial das mercadorias. A premissa contida na tese é de que as *mídias das massas* – ou as mídias p2p ou colaborativas – são determinadas por uma nova cultura do trabalho, em que a força cérebro atua como principal meio de produção, e o computador como a sua ferramenta universal.

A tese então se divide em duas perspectivas que se coadunam. A primeira é aquela ligada à filosofia de Antonio Negri e os demais autores do chamado operaísmo, corrente franco-italiano que analisa as transformações dos modelos de acumulação econômica desde a década de 70, mostrando fundamentalmente, que a crise (de novo, ela!) aberta pelo Maio de 68 liberou as forças sociais não somente para contestação dos valores culturais, mas também daqueles que embasavam o modo fordista de produção, estruturado

na repetição e no automatismo como condições da produtividade humana. O operaísmo, na tese, serve como anteparo básico de percepção da condição geral da produção que se assenta a cibercultura.

Sobre a cibercultura, o meu lugar no campo da comunicação, trata-se de um espaço transdisciplinar cujos objetos estão sempre imbricados por variáveis políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, sociológicas ou ainda cognitivas. Daí o grau de dificuldade e de desafio que traz ao pesquisador. São realmente fractais, como apontam seus teóricos. A atitude do pesquisador em cibercultura é então de dar volta no seu objeto, dada a sobreposição dos papéis (receptor-emissor), dos processos (consumo-produção), das operações (manipulação-interface), das afecções (sensações-programação lógica) ou ainda da clivagem ontológica (identidade-anonimato). Ao longo da tese o leitor perceberá que busquei fazer uso máximo de um conjunto diversificado de abordagens para tentar dar conta da incógnita em torno da motivação que conduz ao êxito das “mídias das massas”.

Do ponto de vista dos aspectos metodológicos, a tese se estruturou primeiro num levantamento bibliográfico árduo sobre Capitalismo Cognitivo e Cibercultura. O resultado foi a estruturação de um amplo exame sobre as bases que fundamentam o debate em torno dessas duas questões. Essa revisão se tornou deveras importante para a minha formação porque pude organizar o pensamento sobre o debate, e serviu, portanto, de sedimentação de um conhecimento que tive através de inúmeros fragmentos de textos lidos e da formação sólida na Escola de Comunicação, da UFRJ.

Quanto à análise dos fenômenos, o estudo se dividiu na coleta de dados primários e secundários. Para a produção sobre o capítulo “Mídias de Massa” foram pesquisadas informações em sites jornalísticos, blogues e nas próprias redes sociais (como *Youtube, Orkut, SlideShare etc*). Foram recolhidos testemunhos, depoimentos na forma de entrevistas, artigos e ainda textos acadêmicos sobre a temática.

Para os capítulos sobre blogues e sistemas p2p, foram lidos cerca de 70 blogues e 800 mensagens neles inseridas (ver bibliografia). Além disso, foram lidas cerca de 2000

notícias, extraídas da base de dados do jornal Folha Online e no BBC Online. Em seguida foram tratadas e selecionadas cerca de 90 para análise. Elas foram organizadas em torno das seguintes categorias: Sistemas de trocas de arquivo p2p; Blogosfera; Cultura Livre; Eleições 2006; Web 2.0; Creative Commons; Ativismo Online; e Eleições 2004 nos EUA.

Utilizei ainda recursos estatísticos provenientes de dois sistemas de informação: *Technoratti* e *Google Trends*. O primeiro é abrigo blogues e monitora o estado geral da blogosfera (conteúdo, assuntos, natalidade e mortalidade dos blogues etc). O segundo é uma serviço da empresa Google para demonstrar a quantidade de busca sobre determinado assunto num certo período histórico. Na tese esses dois sistemas serviram como medidores de popularidade da rede – algo como substituto das atuais mediações de audiência da radiodifusão.

Há exatos cinco anos (2002), quando defendia minha dissertação<sup>11</sup> sobre o movimentos hacktivistas, argumentava que as dinâmicas da cibercultura provocavam ainda muitas incertezas. O tempo passou e continuo com a certeza da incerteza, embora perceba, um pouco mais maduro, que o acirramento entre *infocapitalistas* e *pronetariado* se aprofundou ainda mais. Em ambos os lados, um conjunto de inovações tecnológicas surpreendente mudaram o modo de se produzir comunicação no mundo. Mas é uma disputa aberta e, creio que, toda cartografia que extinga quaisquer dos lados, é inútil. Há antagonismo, mas não há dialética. Quem produz software livre sabe disso. Geralmente se organizam na forma de empresa e lutam pela sobrevivência econômico-financeiro das comunidades de produção. Estas não não são nem capital, nem trabalho. Mas uma figura produtiva anômala.

A tese está disposta em cinco capítulos. O primeiro aborda o debate em torno da subjetividade do trabalho e sua relação com os modos de produção econômica do regime capitalista, fazendo os devidos elos com o sistema midiático que se constituem no interior desse regime, cristalizado no conceito de espetáculo e de *mass media*. Os capítulos

---

<sup>11</sup> MALINI, Fabio. A fuga dos meios – a constituição das novas lutas sociais nas redes virtuais de comunicação . Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: IBICT/CNPq – ECO-UFRJ, 2002, 125 pp.

seguintes demonstram o deslocamento do regime fordista ao pós-fordista, em particular, o novo regime de acumulação baseada no Programa Super estrada da Informação, do governo dos EUA. O programa se desdobrou na geração da *new economy*, uma economia totalmente baseada na geração de serviços (inclusive serviços industriais) baseados na produção de informação, marcas, ativos imateriais, e suplantados por redes virtuais interativas e informatizadas. Esse regime carrega a emergência de um novo trabalho, o imaterial, marcado pela incorporação de símbolos e informações nos bens. Marca também o papel determinantes das novas tecnologias de informação, em especial o computador em rede – tido como máquina relacional.

Os dois últimos capítulos cobrem o fato dessa realidade do trabalho imaterial trazer a possibilidade da autonomia das singularidades em rede que, capazes de criar ambientes, produtos e processos auto valorização, fizeram emergir as chamadas «tecnologias colaborativas» ou as «mídias das massas». Essa parte do texto mostra o debate em torno da chamada economia política da produção p2p. Há ainda um amplo processo de cartografia antropológica da revolução do sistemas de trocas de arquivo e do novo mundo das publicações online: os blogues e sua família (videologs, mobile blogues, foto logs etc). Esse dois temas recobrem o sentido dessa tese: analisar a forma de troca de informação e a lógica da conversação no paradigma distribuído de comunicação. Antes das conclusões, o leitor poderá conferir um artigo sobre blogues e as eleições brasileiras em 2006 para demonstrar a importância dessa esfera na produção de opinião pública, algo que de novo no cenário da comunicação política brasileira.



## **CAPÍTULO I**

### **TEMPO, MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E PRODUÇÃO SOCIAL**

## 1.1

### Subjetividade, Resistência e Produção

---

*Ser no eterno significa ser na produção.*  
Antonio Negri

Em 2000, quando Antonio Negri e Michael Hardt publicam *Império*, a tese do esgotamento do moderno já não constituía uma inovação teórica. A modernização, aquele paradigma em que a indústria e a fabricação de bens duráveis ocupam, no lugar da agricultura e da extração de matérias-primas, o centro da produção social não lograria mais uma força a ponto de exercer um domínio sobre todas as outras formas econômicas de produção.<sup>12</sup>

Nessa perspectiva, a industrialização *per se* não representa, portanto, uma garantia indubitável do desenvolvimento. E a fábrica já não aglutina forças produtivas consistentes em torno dela. Seu modelo político de comando, o sistema fordista, então estruturado a partir das grandes plantas industriais e que estendia seus valores para todo cotidiano — regendo o tempo social, a organização do espaço urbano, os regimes de lutas e antagonismos sociais, a construção da subjetividade — dava sinais de colapso.

Ser fábrica, ser massa, ser padrão, ser operário, ser disciplinado, não constituía o projeto de vida do indivíduo contemporâneo, mas aquilo que ele subverteria. Nem a própria fábrica desejava, no final do século XX, receber essa alcunha. Queria ser chamada de *empresa*.

Nascida da grande indústria, a lógica da produção e do consumo em massa pouco a pouco se tornaria objeto de supressão, tanto em planos teóricos – vide toda a filosofia da diferença e da autonomia bastante influente nos últimos 30 anos; quanto no plano das lutas políticas, através do surgimento de movimentos absolutamente antidisciplinares, como os movimentos operário (de recusa do trabalho), estudantis, étnicos,

---

<sup>12</sup> Negri e Hardt, 2001, p.301

feministas, pacifistas, ecológicos, urbanos, dos homossexuais ou ainda da contracultura, que recusavam a lógica disciplinar que marcou o período, tanto nos regimes capitalistas, quanto socialistas.<sup>13</sup>

Os processos para nos tornarmos humanos, e a própria natureza do humano, foram fundamentalmente transformados na passagem definida pela modernização. *Em nossa época, entretanto, a modernização acabou. A produção industrial já não estende sua dominação sobre outras formas econômicas e outros fenômenos sociais.*

Para Negri & Hardt, um dos sintomas mais evidentes da falência da modernização foi (e ainda é) a alteração quantitativa dos empregos, ilustrada pelo declínio acentuado dos postos de trabalho industriais e pela ampliação da oferta no setor de serviços, que incluem uma vasta gama de atividades: de assistência médica, educação e finanças a transporte, diversão e comunicação. Esses empregos são altamente movediços, e envolvem flexibilidade de aptidões, manipulação de símbolos, produção de informação, afeto e conhecimento<sup>14</sup>.

## **a subjetividade é uma construção política**

*A subjetividade deve ser entendida como produto de um processo social. O sujeito, como Foucault claramente entendeu, é, ao mesmo tempo, produto e produtor, constituído por, e constitutivo de, vastas redes de trabalho social. O trabalho é tanto sujeição quanto subjetivação, de modo que todas as noções, tanto de vontade livre quanto de determinismo do sujeito, devem ser descartadas.*

*Antonio Negri*

Qualquer racionalidade econômica não é uma construção fixa e imutável. Ela se altera por conta das mutações da subjetividade das classes que se inscrevem nos

---

<sup>13</sup> Devemos o conceito de docilização a Michel Foucault em *Vigiar e Punir*.

<sup>14</sup> Negri e Hardt, 2000, p.306

processos de trabalho durante toda a história do capitalismo.<sup>15</sup> Foi o operaísmo italiano<sup>16</sup> a escola de pensamento que mais contribuiu para essa tese, ao demonstrar que o desenvolvimento é produto de uma relação de antagonismo de classe. Quer dizer, ele é produto das lutas dos sujeitos dentro de uma relação social. O capital não seria um ente personificado no patrão. Mas uma relação social resultante de um conflito entre classes. “A relação de capital se determina em relação às lutas, aos choques, aos conflitos que ocorrem em seu âmbito e que se determine em formas diversas”, diz Antonio Negri.<sup>17</sup>

Assim a subjetividade é destituída de qualquer determinação economicista para se constituir como construção política. É uma composição política de classe. Qualquer mutação dos valores que regem a subjetividade, portanto, estaria associada ao modo como as classes se compõem, se nomeiam e se antagonizam.

O operaísmo italiano torna o movimento da classe uma variável que independe da relação de capital para se constituir. O operaísmo vai, portanto, reler o próprio marxismo virando-o do avesso: são as lutas o motor de qualquer desenvolvimento. “São as lutas, dentro e contra o comando capitalista, que fazem a história”, insiste Negri.<sup>18</sup> A ação dos sujeitos (*subjetividade*), como resistência, deve ser lida então não mais de forma negativa, mas constitutiva. Trata-se, logo, de analisá-la como autônoma ao pólo do capital.

A subjetividade pôde (e pode) criar situações imprevisíveis e soluções alternativas fora do imaginável. Ela é como um defeito, diz Toni Negri. Porque se constitui como um antagonismo (por ser múltipla) e não como um campo dialético (algo que interessa ao capital, por ser da sua natureza produzir comando, o que demanda uma estratégia de tornar as múltiplas expressões da subjetividade em uma única representação de poder).

---

<sup>15</sup> Sobre a nova constituição de classe operária, ler NEGRI, online.

<sup>16</sup> Para demonstrar os processos de subjetivação, Negri organiza uma periodização histórica do desenvolvimento capitalista. Mas faz isto sem ser evolucionista, pois elege como pressuposto que a história é descontínua e não é pré-imaginável. “Depende sempre dos sujeitos dentro do processo”, diz ele.

<sup>17</sup> Negri, 2003, p.60

<sup>18</sup> Negri, 2003, p.54

## Subjetividade é antagonismo

*A verdade é o que fazemos.*  
Antonio Negri

Mas fazer a história subjetiva do trabalho requer a identificação de arquétipos que simbolizaria um particular – aliás, o comum para usar termos negrianos – no interior do campo de lutas que é o universo da produção de obras.<sup>19</sup> Para Negri, essa arqueologia da resistência na produção deve ser feita sobre um olhar evolucionista, muito menos economicista. Isso porque, no interior do seu materialismo, o filósofo italiano acredita ser a história algo do terreno do descontínuo e do não pré-imaginável. “Depende sempre dos sujeitos dentro do processo”, diz ele.<sup>20</sup>

Estamos aqui no coração de uma das teses do operaísmo. No coração do conceito de liberdade,<sup>21</sup> definida como “potência de agir”. A liberdade é um conceito materialista porque é difusa no social, aberta a múltiplas determinações. O seu avesso, o poder, busca sempre se estender sobre a potência desse agir, incorporando alguns elementos das lutas pela liberdade como uma forma de sua reestruturação. O capitalismo, por exemplo. Ele sempre utiliza-se das lutas para recompor suas forças enquanto poder.

Lutas contra o trabalho manual que fizeram a produção mover-se para funções imateriais; lutas contra a exclusão feminina e a desvalorização da reprodução, que impuseram âmbitos biopolíticos de valorização; lutas contra a organização do trabalho nas fábricas que conduziram à socialização da produção, lutas contra a infâmia do Estado-Nação que desenvolveram novos tecidos de recomposição internacional das diversas frações do proletariado; e, ainda, a defesa do meio ambiente, as lutas contra a guerra etc., etc.<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> Não há como deixar de pontuar que Antonio Negri partilha da ontologia marxista, sintetizada, na já conhecida frase de Marx, em *O Capital*, que afirma que *todo homem, em qualquer época, é um produtor de obras*. A filosofia materialista de Negri então se orientará para a análise das formas de construção do mundo tecidas na sociedade burguesa - solo sob o qual se assenta nosso presente histórico.

<sup>20</sup> Negri, 2003, p.58

<sup>21</sup> É desse pressuposto que vamos partir para compreender as relações entre poder e potência dentro do mercado de mídia.

<sup>22</sup> Negri, 1998, p.88

Contudo, toda ciência do desenvolvimento nunca atribuiu às Resistências nenhum processo de autonomia. Ao contrário reflete “nos seus movimentos, o movimento do ciclo do capital”. O operaísmo, como corrente sociológica e prática militante, pensa exatamente o oposto. Para Tronti<sup>23</sup>, trabalho e capital estão no interior do trabalho, e não do capital. As lutas são um instrumento insubstituível de auto-consciência do capital: “sem elas, ele não vê, não conhece o seu adversário, não se conhece então a si mesmo”.

A história do processo de resistência – como subjetivação do trabalho – é compreendida, por Negri e os autores que o seguem, dentro de uma certa periodização que analisa os movimentos de liberação do desejo para compor subjetividades para produção ser livre. Negri cartografa a história subjetiva do trabalho – logo, dessa liberação – dentro uma periodização histórica que vai da Comuna de Paris (1870) ao atual presente histórico.

Na verdade, essa datação tem anteparo novamente no trontismo, o primeiro a abordar a história do desenvolvimento a partir da história das lutas. Tronti deu ao operaísmo o legado de analisar o trabalho através da premissa que “a classe existe porque luta” e não “luta porque existe”<sup>24</sup>. A diferença entre essas duas sentenças faz dividir duas abordagens clássicas da esquerda. A primeira pensa que a classe é um processo constituinte, que necessita de reinventar suas práticas para produzir novos modos de antagonismo e novos campos de ação política, e assim inventar um novo mundo. É a *interpretação da narração incorporada* na produção. Já a segunda revela que a classe é um modo existente independente da luta – é um conceito dialético que se estabelece entre capital-trabalho. Basta estar em um dos dois lados para compor planos de resistência. Quem segue essa lógica busca compreender a *narração como interpretação incorporada*, que expressa a pretensão do objetivo histórico:

A ciência burguesa não atribui ao fato operário e, por conseqüência, à luta operária, nenhuma autonomia. A história é sempre história do capital. A classe operária, como trabalho ou como salário, como mecanismo vivo complexo ou

---

<sup>23</sup> Tronti, 1971, p.320

<sup>24</sup> Os termos foram cunhados por Thompson na sua grande obra *A Formação da Classe Operária Inglesa* (Ed. Paz e Terra).

como simples energia natural, como função do sistema ou como contradição da produção, joga sempre um papel subalterno, não gozando de luz própria e refletindo nos seus movimentos o movimento do ciclo de capital. Exatamente o oposto da verdade, segundo o nosso ponto de vista. [...] É hoje necessário introduzir no discurso teórico esta nova forma de periodização histórica, encontrar novas datas, novos nós temporais.<sup>25</sup>

Negri compreende a subjetividade como a maneira política com que o trabalho se realiza. Mas Negri faz isto a partir de um “método tendencial”. A tendência seria o motor de futuras transformações, um paradigma que, num certo momento histórico, define “nossos modos de pensamento, nossas estruturas de conhecimento, o que parece normal e anormal, o que é evidente e obscuro, e até mesmo o que é imaginável ou não”.<sup>26</sup>

Nesse sentido, a produção contemporânea capitalista é feita de passagens, de um paradigma estável a outro. É pela análise das tendências que a liberação – ou a emergência da subjetividade antagonista – pode ser apreendida, segundo o método de Negri. É um método então materialista, à medida que ancorada no pressuposto que a matéria sofre mutação, que é provocada pela ação dos sujeitos, porque é daí que “o verdadeiro brota”.

Antonio Negri recorta sua história subjetiva do trabalho dois ciclos de mutação social. O primeiro recobre o período da “grande indústria”, em que, numa primeira fase, a subjetividade hegemônica orbita em torno da figura do operário profissional. Vai de 1870 à Primeira Guerra Mundial, da Comuna de Paris à Revolução Russa; e, numa segunda fase, reduz-se à figura do operário-massa. Vai do fim da Primeira Guerra Mundial a maio de 1968.

O segundo ciclo cobre o período do capitalismo cognitivo, em que as subjetividades se tecem de acordo com a figura do operário social. Vai dos acontecimentos posteriores a maio de 68 até o atual presente histórico.

Todo esse recorte temporal busca identificar “as diferenças (as transformações) que qualificam o sujeito proletário (sua composição técnica e política) nas diversas formas

---

<sup>25</sup> Tronti, 1971, p.299

<sup>26</sup> Hardt e Negri, 2005, p.190

de organização do trabalho e da sociedade”. Os parâmetros para análise desses contextos históricos são; a) “o ponto de vista dos processos laborais e de sua modificação”; b) “as normas de consumo e de reprodução social”; c) “os modelos de regulação econômica e política”; d) “a transformação da composição política de classe”.



## 1.2

### Da formação da subjetividade fabril: a subjetividade-profissional

---

*Os homens parecem mais com os seus tempos  
do que com os seus pais.*

*Guy Debord*

*Agir de acordo com objetivos significa fazer funcionar  
mecanicamente o utensílio, a máquina, para atingir a meta pré-fixada  
A comunicação é do tipo monológica, vai a uma só direção: do  
projeto ao resultado final, o produto.*

*( Christian Marazzi )*

Até antes do capitalismo manufaturado do século XVIII, as atividades estabeleciam-se numa esfera do trabalho marcada pelas dimensões tradicionais dos grupos sociais. A produção dos sujeitos era uma atividade artesanal e especializada em um ambiente familiar e doméstico. Nas sociedades pré-modernas ele era uma atividade que demarcava um processo de exclusão, uma ocupação servil que suprimia os indivíduos da cidadania (da participação da arena pública, ou seja, das decisões políticas): “O trabalho era indigno do cidadão, não porque fosse reservado às mulheres e aos escravos, mas, ao contrário, era reservado às mulheres e aos escravos porque trabalhar era sujeitar-se à necessidade”<sup>27</sup>.

Nas sociedades pré-modernas, o trabalho se restringia ao convívio familiar, à esfera privada. A casa era o espaço da produção material<sup>28</sup> e das necessidades da vida (reprodução). A liberdade, ao contrário, se localizava na *pólis*. “Nesse contexto, era inconcebível a idéia de ‘trabalhador’: servil e restrito ao doméstico, o ‘trabalho’, longe de

---

<sup>27</sup> Gorz, 2003, p.22

<sup>28</sup> A etimologia da palavra economia sintetiza bem a idéia do espaço doméstica como locus produtivo. *Oikos* (casa), *nomos* (administração, organização, distribuição).

conferir uma 'identidade social', era algo que pertencia à existência privada e excluía da esfera públicas aquelas e aqueles que a ele se viam assujeitados"<sup>29</sup>. Assim, a racionalidade pré-moderna constituía-se como sendo incontestavelmente tradicional (economia das necessidades).

Quem primeiro estruturou a passagem do tradicional ao moderno, do ponto de vista sociológico, foi o filósofo alemão Max Weber. Ele considerava que, antes da Revolução Industrial inglesa, no século XVIII, um industrial organizava seus negócios sem a contratação direta de uma força de trabalho. Ele comprava o produto acabado ao invés de produzi-lo. "O industrial que utilizava operários em domicílios dava-lhes ampla autonomia em relação às formas de organização, ao número de horas de trabalho e à melhor organização das relações intra-familiares para levar a produção a termo. O empresário só aparecia com a produção acabada"<sup>30</sup>

Cabia ao industrial receber do produtor a encomenda em sua residência ou ir diretamente ao vendedor (geralmente camponês e/ou artesãos) para comprar as mercadorias. "... os camponeses traziam seus tecidos, geralmente feitos (no caso do linho) principalmente ou estritamente, de matéria prima que eles próprios produziam, à cidade onde vivia o produtor, e depois de uma cuidadosa avaliação da qualidade, freqüentemente oficial, recebiam por ela o preço costumeiro"<sup>31</sup>.

## **A racionalidade econômica, marca do moderno**

Esse modo de produção econômica só se alterou por conta de um "espírito moderno do capitalismo", diz Weber. Quando o industrial constituiu uma subjetividade moderna. Ou seja, quando a conquista do lucro se sobrepôs ao conforto da vida como

---

<sup>29</sup> Gorz, 2003, p.24

<sup>30</sup> Marazzi, 1997, p.43

<sup>31</sup> Weber, 1987, p.45-6

principal valor que demarcava a subjetividade da época 惘 uma mutação que exigiu um trabalho mais intensivo do empreendedor.

Esse “espírito moderno”, garante Weber, foi determinante para que a industrialização ocorresse na sociedade, pois, antes mesmo da invenção da máquina de descaroçar algodão da indústria têxtil inglesa, em 1750, esse “espírito moderno” estava interiorizado no homem.

O que sucedeu foi, geralmente, apenas isto: um jovem qualquer, de uma das famílias produtoras sai para o campo, escolhe cuidadosamente tecelões para empregados, aumenta grandemente o rigor de sua supervisão sobre seu trabalho e transforma-os, assim, de camponeses em operários. Por outro lado, começa a mudar seu método de mercado, buscando tanto quanto possível o consumidor final, toma em suas mãos os mínimos detalhes, cuida pessoalmente dos fregueses, visitando-os anualmente, e, principalmente, ajusta diretamente a qualidade do produto às necessidades e desejos destes fregueses. Ao mesmo tempo, ele começa a introduzir o princípio dos ‘baixos preços’ e de ‘grande giro’.<sup>32</sup>

Esse “espírito moderno” então, diz Weber, estruturaria – a partir do século XVIII - um novo regime de subjetividade baseada numa racionalidade econômica, que se emanciparia de todas as outras subjetividades, as tendo sob domínio. A curiosidade dessa subjetividade moderna é que se alicerçava em um elemento de irracionalidade, um elemento exterior ao próprio sujeito: o “homem econômico escolhe, de agora em diante, existir em função de seu trabalho, de sua empresa, e não o contrário”.<sup>33</sup> A subjetividade humana continha agora, de forma hegemônica, um desejo de “agir com objetivos”.

E viver em função do trabalho estabelecia compor a sua vida a partir de uma relação de capital, como bem sinalizou Karl Marx ao nomear essa fase de acumulação primitiva do capital. As condições, portanto, para a emergência da relação salarial estavam dadas, já que agora o industrial precisava organizar um comando sobre o trabalho (por meio

---

<sup>32</sup> Weber, 1987, p.44.

<sup>33</sup> Marazzi, 1997, p.42.

da relação salarial) que o permitiria se libertar dos múltiplos produtores espalhados pelos territórios e submetê-los disciplinarmente à sua fábrica. Isso foi uma verdadeira invenção social.

A atividade produtiva desfazia-se de seu sentido original, de suas motivações e de seu desejo para tornar-se o meio de ganhar um salário. Deixava de fazer parte da vida para tornar-se o meio de ganhar a vida. O tempo do trabalho e o tempo de viver foram desconectados um do outro; o trabalho, as suas ferramentas, seus produtos, adquiriram uma realidade separada do trabalhador e diziam agora respeito a decisões estranhas a ele.<sup>34</sup>

## **A fábrica organiza a sociedade**

Até o século XVIII, como vimos, o *locus* majoritário da produção fabril era as pequenas oficinas domiciliares. Foi somente na última metade do século XIX, quando toda uma geração de artesão (que dominava todo o ciclo produtivo da produção) foi substituída por essa invenção do século XIX: o operário 工人 um profissional criado e comandado pela indústria. O operário constituiu-se uma das principais expressões da fase da grande indústria moderna, agora elétrica, especializada, com macro divisão social do trabalho e com forte apoio dos novos tipos de transporte, particularmente, o ferroviário. E a mais nova novidade: trabalhadores organizados.

O operário se torna parte da maquinaria, ou melhor, seu apêndice. É força de trabalho que paulatinamente se qualifica, inserida em um *learning process* que, vagarosamente, lhe permite certo conhecimento do ciclo laboral. Podemos chamar esse período de operário profissional (grifo nosso).<sup>35</sup>

Como primeiro momento da modernização, essa fase conhece uma composição técnica modificada nos processos laborais, já que o operário profissional “é formado

---

<sup>34</sup> Gorz, 2003, p.30

<sup>35</sup> Negri, 2003, p.61

diretamente na fábrica”, já não é mais um artesão trazido para trabalhar no interior dela. O artesão agora só se manifestará como resíduo da manufatura. “Sua qualificação [*a do operário*], antes independente na manufatura, torna-se, por sua vez, prótese de uma maquinaria sempre maciça e complexa”<sup>36</sup>. O operário, pois, não chega pronto para o ofício. Ele o aprende no chão da fábrica. É a partir desse acontecimento que surge a noção de “indústria”, um espaço que produz capital incondicionalmente à base da separação do trabalhador e dos meios de produção do seu trabalho.

A separação das atividades produtivas do resto dos objetivos da vida permitiu que o “esforço físico e mental” se condensasse num fenômeno em si mesmo – uma “coisa” a ser tratada como todas as coisas, isto é, a ser manipulada, movida, reunida a outras “coisas” ou feita em pedaços.<sup>37</sup>

As formas de reprodução social – as normas de consumo – se adequam à crescente produção de massa, então unicamente regulada pela capacidade salarial de consumo. O ciclo econômico torna-se então irregular, já que num contexto em que o operário recebe um subsalário, que, por sua vez, não lhe possibilita consumir todo espectro crescente de mercadorias, a presença da superprodução é uma bomba sempre prestes a estourar.

Isso significa que, nessa primeira fase do ciclo do operário profissional na grande indústria, o Estado-Nação registra uma ação produtiva do capital que objetiva um máximo de exploração de força de trabalho, e mostra uma menos que relativa capacidade de criar equilíbrio interno ao desenvolvimento. É na onda dessa crise na produção de massa que nasce a busca de mercados externos, de desembocaduras imperialistas e coloniais<sup>38</sup>.

A conseqüência desse padrão de acumulação será a inauguração do Estado-Nação como modelo de regulação que sustenta um capitalismo monopolista e imperialista.

---

<sup>36</sup> Negri, 2003, p.61

<sup>37</sup> Bauman, 2001, p.162

<sup>38</sup> Negri, Antonio, 2003, p.62

“Estamos na fase das grandes análises do imperialismo, de Hllferding a Lênin, que seccionam e tornam, teoricamente, de maneira absolutamente precisa, as características desse período”<sup>39</sup>.

Nesse mesmo período, no que concerne a composição política do proletariado, assiste-se a emergência de uma organização dual: de massa e de vanguarda, sindical e partidária. O projeto que amalgama essa organização é a gestão operária das fábricas (reproduzindo a lógica da sua profissionalização) e a emancipação socialistas das massas. *“A composição técnica do operário encontra, portanto, uma tradução adequada na composição política da organização socialista e no ideal dos conselhos de fábrica, que deveriam substituir-se ao patrão quando a revolução for concluída”*, diz Toni Negri. Assim, os valores do trabalho e a capacidade do trabalho produtivo da fábrica para dominar e dotar de sentido qualquer outra atividade e estratificação social se assume como fundamentais.

O antagonismo dessa nova figura da subjetividade – o operário profissional – produzirá um forte movimento de tomada da fábrica. O domínio especializado das atividades industriais trazem a possibilidade real da hegemonia operária dentro da indústria. É ainda um maquinismo dependente da atuação humana, por isso ser esse período histórico um tempo de profundas sabotagens, longas greves e revoluções sociais.

Nesse processo prevalece um modelo de reapropriação, pela parte operária, do desenvolvimento capitalista enquanto tal, porque a organização se fundamenta no profissionalismo das massas dos trabalhadores e no relativo controle do ciclo. E é a partir disso que poderá dar-se o desenvolvimento socialista da organização social. A composição técnica do operário encontra, portanto, uma tradução adequada na composição política da organização socialista e no ideal dos conselhos de fábrica, que deveriam substituir-se ao patrão quando a revolução for concluída.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> Negri, Antonio, 2003, p.62

<sup>40</sup> Negri, 2003, p.63.

## a fotografia e o operário profissional

O veículo de comunicação que melhor representa a “subjetividade profissional” é a fotografia. Como bem analisou Mcluhan, a fotografia representa a ruptura entre o industrialismo meramente mecânico e a era gráfica. “O passo da era do homem tipográfico para a era do Homem Gráfico foi dado com a invenção da Fotografia”.<sup>41</sup> A fotografia irrompe a lógica do artesão para se expressar como trabalho maquinal especializado. A composição, que antes era somente possível ao engenho do artista, agora passava ser automática. É a luz que pinta e desenha, diz Couchot.<sup>42</sup>

A experiência passava agora pelo registro automático do instante. A fotografia foi a primeira forma de comunicação que se industrializou. “A possibilidade de reprodução deveria mudar completamente o *status social* da imagem, sua difusão e sua conservação. A possibilidade de reprodução potencialmente infinita arremessou a imagem fotográfica na dependência imediata da indústria e fez dela uma verdadeira mercadoria”.<sup>43</sup> A invenção do half tone, das máquinas descartáveis, do filme fotográfico e do processo de revelação química dos filmes levaram a percepção a ser cada vez mais imbricada numa relação homem-máquina mediada por inovações industriais. Como um operário que realiza o seu trabalho no interior do maquinário, o fotógrafo estará sempre defronte “à presença real do objeto” no interior desse mesmo sistema. Como no industrialismo em que a produção humana é saber trabalhar com a máquina, a comunicação humana será, a partir da fotografia, um saber comunicar com as máquinas.

---

<sup>41</sup> Mcluhan, 2006.

<sup>42</sup> Couchot, 2003.

<sup>43</sup> Couchot, 2003, p.33

## 1.3

### de como a vida se tornou abstrata: a subjetividade-massa

---

*Durante a época fordista, a esquerda quase esqueceu a definição libertária de liberdade de expressão. Por razões econômicas e técnicas, as pessoas comuns pareciam ser incapazes de fazer sua própria mídia.*

Richard Barbrook

Como vimos anteriormente, na fase do operário-profissional a forma hegemônica de subjetivação residia na consciência de uma poética comum. O ofício era uma inteligência em dar respostas rápidas aos desafios que a matéria colocava à força maquínica do trabalho. A experiência ocorria de uma vivência em saber se antecipar às alterações aos espontaneísmos e irrupções da matéria, por isso, que num certo sentido, este era um trabalho que não se deixava formalizar. Ele acontecia *in process*, num “corpo a corpo com a máquina”. “Era uma inteligência manual impossível de ser formalizada”<sup>44</sup>.

Essa subjetivação vai ser profundamente alterada na segunda fase da grande indústria (entre o final da Primeira Guerra Mundial até 1968), com o advento, nas economias centrais e periféricas, do sistema fordista (taylorista e keynesiano), o que Negri denomina de era do *operário-massa*,<sup>45</sup> quando o trabalho se torna objeto de racionalização científica, que busca – na lógica do cálculo e da previsibilidade – tornar as atividades produtivas de diferentes indivíduos em atividades rigorosamente idênticas, tornando-as mensuráveis e intercambiáveis para que a tarefa pudesse ser realizada por qualquer um, independente de qualquer qualidade diferenciada das subjetividades.<sup>46</sup>

A fábrica fordista – com a meticulosa separação entre projeto e execução, iniciativa e atendimento a comandos, liberdade e obediência, invenção e

---

<sup>44</sup> Gorz, 2003, p.60

<sup>45</sup> Negri aponta os acontecimentos de maio de 68, na França e seus rebatimentos no mundo, como o momento de transição para um outro modo de produzir a vida, o que vai desencadear a forte crise do sistema fordista.

<sup>46</sup> Sobre isto, ler Gorz, 2003, p.60-64



determinação, com o estreito entrelaçamento dos opostos dentro de cada uma das oposições binárias e a suave transmissão de comando do primeiro elemento de cada par ao segundo – foi sem dúvida a maior realização até hoje da engenharia social orientada pela ordem.<sup>47</sup>

Esta será uma fase<sup>48</sup> em que o trabalho se subsumirá ainda mais a ordem da maquinaria. Diferente do maquinismo, em que era o sujeito que dominava e tornava a máquina ainda mais produtiva, graças ao seu engenho para acelerá-la, durante o fordismo, o indivíduo é reduzido a um “acessório vivo da maquinaria” ou a membros conscientes da maquinaria. O fordismo é o apogeu da modernização (ou seja, da industrialização).

A modernização é industrialização. [...] A própria sociedade tornou-se, aos poucos, industrializada, a ponto de transformar as relações humanas e a natureza humana. A sociedade tornou-se fábrica. Os processos para nos tornarmos humanos, e a própria natureza do humano, foram fundamentalmente transformados na passagem definida pela modernização.<sup>49</sup>

No âmbito da modernização fordista, a característica do trabalho é de ser uma pura energia humana transmitida à maquinaria, uma atividade, portanto, determinada pelo movimento da máquina. Uma pura abstração levada ao extremo pela racionalização científica: “a força de trabalho é abstraída de qualquer qualidade concreta e anexada, como tal, ao processo industrial, nas formas de taylorismo”.<sup>50</sup> A lógica de poder do taylorismo é da uniformização das máquinas, logo da uniformização do processo de trabalho, por

---

<sup>47</sup> Bauman, 2001, p.68

<sup>48</sup> “A periodização clássica é a seguinte. Nas décadas de 20 e 30, a crise emerge como horizonte imanente da regulação pelo mercado das dinâmicas econômicas. A crise de liberalismo, do *laissez-faire* e de seu sistema de governança internacional culminou na grande depressão. Esta anunciou a ‘catástrofe’, isto é, as diferentes formas de ressocialização dramática do campo econômico que se concretizavam no nazi-fascismo e prepararam a segunda conflagração mundial. A partir da segunda metade dos anos 30, afirmam-se nos Estados Unidos, a heterodoxia econômica keynesiana e os compromissos sociais dinâmicos da administração Roosevelt. Com a derrota da Alemanha, o modelo americano torna-se o paradigma de referência de um processo de reconstrução das economias européias fortemente marcado pela ativa intervenção do Estado na regulação econômica. Começa a revolução invisível das três décadas gloriosas de crescimento rápido e regular descritas por Jean Fourastié”. (Cocco, 2000, p.62)

<sup>49</sup> Negri e Hardt, 2001, p.306

<sup>50</sup> Negri, 2003, p.64

consequente da uniformização dos produtos. O projeto se realiza então como a uniformização dos sujeitos.<sup>51</sup>

As normas do regime taylorista inseriam grandes massas de trabalhadores sem qualificação em processos de trabalhos complexos, fragmentados e alienantes. Baseado num regime em que primeiro se produzia as mercadorias para depois as vender, o fordismo-taylorismo fez a produção comandar ainda mais a reprodução.

A eliminação do “fator humano”, a substituição do trabalho vivo e do operário livre por um trabalho e um trabalhador rigorosamente programados, são exigências, ao mesmo tempo, da racionalização econômica e do funcionamento da mega máquina: ambos requerem submissão do vivo ao inerte, do trabalho vivo ao morto (quer dizer, às máquinas, ao capital).<sup>52</sup>

Ser produtivo, no regime taylorista-fordista, é então utilizar a energia física e a habilidade manual no interior da maquinaria do labor industrial. O valor estava, portanto, no máximo de repetição, de medição, de padronização, de intensidade rítmica, de parcialização do trabalho, através de um trabalho que dá conta apenas de uma parte do ciclo produtivo. A produção é apenas abstrata, reduzido a uma atividade parcial e de “pura força”.

A transição do operário-profissional para o operário-massa se traduz na substituição de um sujeito que reconhece o ciclo completo de uma mercadoria para um outro que, reduzido a um trabalho que é pura energia (abstração, portanto), se torna apenas uma peça de uma imensa engrenagem fabril.

A temporalidade que conhecemos (pelo menos em meu caso que já sou bastante velho, vivi a época do trabalho taylorista) era caracterizada por uma extensão temporal da jornada de trabalho: se entrava às seis e se saía às duas da fábrica; depois havia o turno das duas da tarde às dez da noite e outro das dez à seis da manhã. A jornada de trabalho, como na das cidades - de minha

---

<sup>51</sup> Gorz, 2003, p. 63

<sup>52</sup> Gorz, 2003, p. 49

infância - próximas de Veneza, era caracterizada assim: a rotina da vida passava pelas horas dos turnos dos trabalhadores.<sup>53</sup>

## **o consumo compensa a perda de autonomia**

Em relação às normas de consumo, o operário-massa vive a realidade do fordismo, então, “uma prática capitalista do salário como antecipação adequada à aquisição e ao consumo dos bens produzidos pela indústria de massa”<sup>54</sup> O salário é condição para se integrar ao mercado. A lógica é gerar primeiro valor para depois obter os ganhos salariais. O valor se encontra reduzido ao comando do capitalismo fordista. Os níveis de distribuição de renda proporcionada pelos salários fordistas são exatamente a marca que distingue as economias centrais das periféricas, já que, nas primeiras, essa distribuição foi presente tanto diretamente (nos ganhos reais nos salários), quanto indiretamente (por meio das políticas do Estado de Bem-Estar Social). O salário, portanto, é o instrumento que dá acesso aos direitos, ou seja, à cidadania. Assim se constitui o pacto fordista.

O fordismo baseou sua força homogeneizadora mais nas novas características da relação salarial do que nas próprias políticas econômicas. [...] Todos os outros elementos (concorrência monopolista, mercado autocentrado, economias de escala) mostram-se tão importantes quanto determinados, em última instância, pela relação salarial fordista.<sup>55</sup>

Como bem analisou Gorz<sup>56</sup>, coube ao salário a construção de uma educação ao consumismo, à medida que o operário-produtor se converte em um trabalhador-consumidor. Essa seria a tarefa da regulação fordista.

[...] educar o indivíduo para que adote diante do trabalho uma atitude instrumental do tipo: “o que conta é o pagamento que cai no fim do mês”; e

---

<sup>53</sup> Negri, Antonio. A Constituição do Comum. In Cocco, Malini. *O comum*, no prelo.

<sup>54</sup> Negri, 2003, p.64

<sup>55</sup> Cocco, 2000, p.63

<sup>56</sup> Gorz, Andre, 2003, p.51

ensiná-lo, como consumidor, a cobiçar as mercadorias e os serviços mercantis como se estes fossem a própria finalidade de seus esforços e significassem os símbolos de seu sucesso.<sup>57</sup>

Gorz (2003) ainda destaca que o consumo ainda serve como recurso ideológico para justificar que os desempregados realizem esse trabalho abstrato: o consumo é então compensatório, pois esse trabalhador não busca no consumo de bens e serviços um refúgio a sua condição de autômato e funcional a uma ordem fabril, ao contrário, “almeja obter trabalho funcional para poder pagar o consumo das mercadorias”.<sup>58</sup> A esfera do consumo privado torna-se assim um oásis para esse indivíduo que é pressionado pela regulação fordista em se manter afastado de universos coletivos de solidariedade, militância e pertencimento. Como afirma Gorz, o indivíduo só precisa “ser ele mesmo”.

O Estado-protetor, o Estado-providência oferece ao trabalhador-consumidor funcional compensações sociais pela perda de autonomia. Essas compensações adquirem a forma do direito a pensões e serviços sociais. Devem suprir o declínio das relações sociais auto reguladas e das solidariedades familiares provocadas pela socialização pelo consumismo. Assumindo que serviços que as pessoas, até então, cumpriam e satisfazendo necessidades de que antes eles mesmos se incumbiam, o Estado-providência assegura-lhes não apenas um apreciável grau de segurança, mas também aumenta o tempo que pode ser consagrado à socialização (escolarização), ao trabalho assalariado e ao consumo mercantil.<sup>59</sup>

Do ponto de vista do mercado, o fordismo significa um período de políticas sociais e econômicas<sup>60</sup> de forte massificação dos bens e serviços sociais. A produção em massa *denota* uma standardização dos produtos e sua elevada escalabilidade econômica. A frase clássica de Ford, “todos podem comprar o carro que quiserem, desde que seja um

---

<sup>57</sup> Gorz, Andre, 2003, p.50

<sup>58</sup> Idem, p.53

<sup>59</sup> Idem, p.55

<sup>60</sup> O fordismo periférico isso tornou-se algo contraditório, à medida que não alcançou o conjunto dos grupos sociais. Na versão desenvolvimentista dos países do Sul, somente, uma tecnocracia e os trabalhadores urbanos formalizados que obtiveram para si e seus grupos familiares direitos relacionados ao desejado Estado de Bem-Estar Social. Sobre isso ver Cocco e Negri, 2005.

ford preto e modelo T”, sintetiza muito bem a lógica da massificação. A ideologia do consumo de massa trazia em seu bojo um quê de universalismo, dado que bens, antes restritos à minoria, passaram a ser objeto de um mercado de massa. “O que antes era um luxo tornou-se o padrão de conforto desejado, pelo menos nos países ricos: a geladeira, a lavadora de roupas automáticas, o telefone”.<sup>61</sup>

## **o pacto fordista e a estrutura do keynesianismo**

Esse sistema de regulação fordista prescinde também de um pacto que altera os processos de subjetivação do capital e do trabalho. Isto porque resultou na organização de elites empresariais que se reconheciam no Estado intervencionista e no keynesianismo<sup>62</sup>; ao mesmo tempo organizou um novo modelo de sindicato. “O Estado planejador (fordista-keynesiano) afirmou-se como dispositivo de integração do conflito social. [...] O fordismo qualifica-se, portanto, pela articulação entre um 'regime de acumulação (taylorista)' e um 'modo de regulação' da repartição dos ganhos de produtividade”.<sup>63</sup>

Esse estado planejador, segundo Negri, seria um Estado-Crise, já que sua particularidade reside na construção de um pacto (*new deal*) entre capital-trabalho, logo, a própria crise (como conflito de classe) foi resolvida no interior de um modelo de regulação estatal em que se “integra o conflito reconhecendo-o e transformando-o no próprio vetor do crescimento econômico”.<sup>64</sup> Assim, o fordismo se constituirá numa fase capitalista em que o alto nível de autonomia da classe operária é conjugado com a simultânea elevação da produtividade e dos ganhos do capital, ambos fenômenos geridos pelas políticas keynesianas de um Estado intervencionista.

---

<sup>61</sup> Hobsbawn, 1997, p. 259

<sup>62</sup> Keynesianismo remete a economia política de Keynes, economista inglês responsável pelo *new deal*: intervenção do estado como forma de regulação do mercado e da sociedade, geração de pleno emprego e estruturação de uma larga rede de proteção social como forma de regulação do trabalho.

<sup>63</sup> Cocco, 2000, p.64

<sup>64</sup> Cocco, 2000, p.72

Aliada ao taylorismo e ao fordismo, a estrutura da “era de massa” se fechava com o modelo de regulação keynesiano. “Um modelo que procura fixar e manter, de forma contínua, um equilíbrio entre capacidades produtivas e demanda efetiva por parte dos trabalhadores”.<sup>65</sup> A figura emblemática do keynesianismo era o Estado intervencionista, que sustentaria o pleno emprego (com suas fartas obras públicas) e as políticas de assistência social (que ampararia o trabalhador nos momentos de desemprego, mantendo os níveis de pleno emprego como “gasto de salário postergado”).

## **Mídia, espetáculo e subjetividade-massa**

Uma terceira forma de disciplina dos corpos, no interior do período do operário-massa, era o espetáculo. Espaço da conformação do *indivíduo fora do trabalho*, o espetáculo construiu a lógica da comunicação mediada por linguagens fabricadas.

O espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana – isto é, social – como simples aparência. [...] O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não é nada além de 'o que aparece é bom, o que é bom aparece. [...] a abstração de todo trabalho particular e a abstração geral da produção como um todo se traduzem perfeitamente no espetáculo, cujo modo de ser concreto é justamente a abstração.<sup>66</sup>

A tríade *espetáculo-welfare-taylorismo* constitui o auge da forma de estruturação do poder disciplinar do capitalismo moderno. Como bem conceitua Lazzarato (1998)<sup>67</sup>, esse triunvirato era o dispositivo de “maximização” das forças sociais, para “extraí-las” no trabalho. O tempo do trabalho e o tempo da vida estão cindidos, pois é no primeiro que se gera a riqueza e no segundo, a sujeição.

---

<sup>65</sup> Negri, 2003, p.64

<sup>66</sup> Debord, 1997, pp 16, 23.

<sup>67</sup> Lazzarato, 1998, p.87

Na fábrica, o taylorismo radicaliza “cientificamente” a redução do corpo a organismo (sua redução aos esquemas sensores-motores). O *welfare* articula e dispersa a “população” em processos de reprodução, multiplicando as figuras da “sujeição” (controle e instituição da família, das mulheres e das crianças, da saúde, da informação, da velhice etc). O espetáculo articula e multiplica o público em uma relação cada vez mais estreita entre comunicação e consumo, requalificando também o “político”.<sup>68</sup>

Para as análises da comunicação social, o projeto de massificação fordista resultou na industrialização dos processos de comunicação e cultura, criando aquilo que os teóricos de Frankfurt denominaram de “indústria cultural”, cunhado no bojo da utilização da propaganda política pelos regimes totalitários e democráticos em Guerra para ser um sinônimo de “cultura de massa”. Um dos teóricos de Frankfurt mais influentes, Theodor Adorno, denunciava que a cultura, ao ser objeto de padronização industrial, transformava-se em mercadoria como qualquer outra. Reificada, a cultura alienava os processos históricos e as experiências críticas nelas contidas. Nesse sentido, o gosto cultural industrializado era esvaziado de qualquer subjetividade, e fazia com que os novos objetos e processos culturais por ele fosse atravessado, criando assim uma tautologia niilista infinita.

As massas não são, então, o fator primeiro, mas um elemento secundário, um elemento de cálculo: acessório da maquinaria. O consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é sujeito dessa indústria, mas seu objeto. O termo *mass media*, que se introduziu para designar a indústria cultural, desvia, desde logo, a ênfase para aquilo que é inofensivo. Não se trata nem das massas em primeiro lugar, nem das técnicas de comunicação como tais, mas do espírito que lhes é insuflado, a saber, a voz do seu senhor.<sup>69</sup>

Do ponto de vista da teoria crítica, os *mass media* não poderiam ser analisados por suas qualidades materiais, mas pelas dimensões políticas que os direcionavam. “O imperativo categórico da indústria cultural nada tem em comum com a liberdade. Ele enuncia: 'tu deves submeter-te'; mas sem indicar a quem – submeter-se àquilo que de

---

<sup>68</sup> Idem, p.87

<sup>69</sup> Adorno in Cohn, 1987, p.288.

qualquer forma é e àquilo que, como reflexo do seu poder e onipresença, todos, de resto, pensam”.<sup>70</sup>

Mal compreendido por alguns, mal-lido por outros, o pensamento crítico *adorniano* foi logo cunhado de anti-humanista, por tentar relacionar a ação humana à pura passividade. No entanto, o valor da obra da teoria crítica residiu na denúncia da tentativa de construção do automatismo cultural pelo regime industrial fordista do *mass media*. Ao contrário de Benjamin, Adorno não pensou as massas, mas o modo político de sua fabricação.

Não resta dúvida que novos esquemas perceptivos foram trazidos pelas mídias eletrônicas. Em especial, a televisão tornou presente (pela lógica do *ao vivo*) aquilo que antes só era representado. Fez nascer a própria idéia de acontecimento – ao “provocar uma forte aderência do espectador ao presente” - e fundou toda uma cultura acústica, desenvolvendo no espectador uma capacidade aguda para captar uma multiplicidade de acontecimentos paralelos e caóticos. Mas acabou sendo o protótipo do próprio funcionamento da subjetividade-massa: um produto, um consumo. Sua natureza política acabou sendo a de despertar no espectador a “sensação confortável que o mundo estava em ordem”.

Se a fotografia foi uma mídia que demarcou o ingresso da percepção ao maquinismo da indústria, a televisão inaugurou a passagem para a industrialização maquínica da percepção.<sup>71</sup>

---

<sup>70</sup> Adorno in Cohn, 1987, p.293.

<sup>71</sup> Isso porque, no âmbito da teoria da comunicação, haverá todo um legado que vai relativizar o papel dos *mass media* na produção de sentidos social, embora o dilema difusionista continuaria: um produtor e muitos receptores.



## 1.3

### Contra a disciplina, o “operário social”

---

*Hoje construir riqueza e ter direitos deve se transformar na mesma coisa. Portanto, construir o pacto é organizar os movimentos. Organizar os movimentos é mobilizar produtivamente a sociedade.*

Giuseppe Cocco e Antonio Negri

A fase do operário-massa, dentro da periodização histórica de Toni Negri, começa se esgotar nos acontecimentos de Maio de 68<sup>72</sup>, quando todas as formas de disciplinamento social são contestadas por meio de múltiplos movimentos: contra o patriarcalismo emerge o feminismo; contra a fábrica fordista, a recusa do trabalho; contra o exame escolar, o movimento estudantil; contra a família, a revolução sexual; contra a cidade, a vida natural; contra a guerra, a contracultura; contra a arte burguesa, a arte das

---

<sup>72</sup> “Em Maio de 1968 (neste contexto usualmente se diz Maio de '68) uma greve geral aconteceu na França. Rapidamente ela adquiriu significado e proporções revolucionárias, mas em seguida foi desencorajada pelo Partido Comunista Francês, de orientação Stalinista, e finalmente foi suprimida pelo governo, que acusou os Comunistas de tramarem contra a República. Alguns filósofos e historiadores afirmaram que essa rebelião foi o acontecimento revolucionário mais importante do século XX, por que não se deveu a uma camada restrita da população, como trabalhadores ou minorias, mas a uma insurreição popular que superou barreiras étnicas, culturais, de idade e de classe. Começou como uma série de greves estudantis que irromperam em algumas universidades e escolas de ensino secundário em Paris, após confrontos com a administração e a polícia. À tentativa do governo de de Gaulle de esmagar essas greves com mais ações policiais no Quartier Latin levou a uma escalada do conflito que culminou numa greve geral de estudantes e em greves com ocupações de fábricas em toda a França, às quais aderiram dez milhões de trabalhadores, aproximadamente dois terços dos trabalhadores franceses. Os protestos chegaram ao ponto de levar de Gaulle a criar um quartel general de operações militares para lidar com a insurreição, dissolver a Assembléia Nacional e marcar eleições parlamentares para 23 de Junho de 1968. O governo estava próximo ao colapso naquele momento (de Gaulle chegou a se refugiar temporariamente numa base da força aérea na Alemanha), mas a situação revolucionária evaporou quase tão rapidamente quanto havia surgido. Os trabalhadores voltaram ao trabalho, seguindo a direção da Confédération Générale du Travail, a federação sindical de esquerda, e do Partido Comunista Francês (PCF). Quando as eleições foram finalmente realizadas em Junho, o partido Gaullista emergiu ainda mais poderoso do que antes. A maioria dos insurretos eram adeptos de idéias esquerdistas, comunistas ou anarquistas. Muitos viram os eventos como uma oportunidade para sacudir os valores da "velha sociedade", dentre os quais suas idéias sobre educação, sexualidade e prazer. Uma pequena minoria dos insurretos, como o Occident, professava idéias de direita” (Wikipedia. Verbete Maio de 68. Disponível na Internet: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Maio\\_de\\_68](http://pt.wikipedia.org/wiki/Maio_de_68)> acesso em 05/01/2007.

ruas; ou ainda contra o espetáculo, as mídias comunitárias e a microinformática. Um dos lemas de 68, “quando penso em revolução, penso em fazer amor”, mostrava bem essa dimensão de revolta contra a norma e a disciplina (“é proibido proibir”) que se estabelecia a partir daqueles anos.

Do ponto de vista laboral, a recusa à disciplina acabou produzir um duplo processo sincrônico: a automação das fábricas e a informatização do social. O primeiro levado a cabo pelo poder, o segundo, pelas resistências. O primeiro iniciou o processo de liberação do indivíduo do trabalho repetitivo para transferi-lo para aos robôs, o que viabilizou o aumento de produtividade e diluiu o conflito trabalhista no interior da fábrica, embora fez-se dependente das inovações técnicas e sociais que se davam agora fora da indústria. Já a informatização do social fez com que toda matéria começasse a ser transformada em informação, tornando a atividade produtiva cada vez mais um “manuseio de símbolo”, relacionamento em rede e geração de serviços. Assim, cada aumento de produção nascia da expressão de atividades intelectuais, da força produtiva da descoberta científica e sobretudo da estreita aplicação da ciência e da tecnologia à elaboração da atividade de transformação da matéria. Nesse sentido, toda a sociedade é mobilizada a produzir.<sup>73</sup>

A fase do operário-social<sup>74</sup> é herdeira da longa marcha por autonomia do trabalho. Ela não nasce de um novo posicionamento empresarial. Origina-se, antes mesmo, de uma situação de luta dos sujeitos sociais contra todo tipo de disciplinamento. Para resistir às dinâmicas silenciosas, disciplinadoras, autômatas e assubjetivas impostas pela racionalização taylorista, os sujeitos constituíram, principalmente a partir das lutas sociais de 1968, ações de rompimento com todo e qualquer modalidade disciplinar.

A alternativa a esse modelo de sociedade estrutura então uma nova subjetivação, ao mesmo tempo, negativa (antidisciplinar) e positiva (força-invenção) que se ampara numa busca incessante de uma autovalorização coletiva que antecede à

---

<sup>73</sup> Negri, 2003, p.92-3

<sup>74</sup> O termo operário-social vai ser logo substituído pelo o de trabalho imaterial, a partir das análises de Lazzarato e Negri (2001).

valorização das redes do capital: com a implantação dos processos de automação e da informatização do social, a produtividade se orienta menos pela força física da corporalidade (a pura energia do trabalho) e cada vez mais pela capacidade do trabalho de produzir invenção, inteligência, relações, afetos e comunicação, enfim, toda uma soma de dispositivos que permitem inserir na mercadoria estilos, gostos, atitudes, valores. Assim, o capital torna-se dependente dessa gama de produção de subjetividade – quer dizer, da própria vida – que se encontra *fora* dos seus mecanismos de apropriação do valor, das suas redes de comando sobre o trabalho.

A crise do fordismo precisa então ser explicada principalmente como uma crise subjetiva. Os acontecimentos políticos de 68 inauguram, aos poucos, a hegemonia de novos paradigmas, denominados de pós-fordistas. Diferentemente dos modelos antecedentes, baseiam-se em pôr toda a nossa capacidade expressiva como condição *sine qua non* para a produção de riqueza.

A ontologia marxista se une à nietzschiana, pois como crê a primeira ainda é o trabalho o que demarca o ser no humano, mas, como reputa a segunda, é a força expressiva que o singulariza. Assim, na nova ontologia do paradigma pós-fordista, o *humano é aquele que expressa o seu trabalho*.

Cada paradigma, para funcionar de maneira eficaz, desenvolve uma lógica de coerência interna que se baseia em uma simplificação do mundo, sobre uma redução do espaço de possibilidades. O capitalismo do século dezenove, por exemplo, simplificava o mundo em termos da abstração real descrita por Marx: cada coisa é reduzida ao dinheiro – o dinheiro necessário para produzi-las. No paradigma fordista, o princípio unificador é o poder organizador: cada comportamento, cada objeto, tem um valor porque faz parte de um programa, de uma seqüência pré-ordenada, de um sistema pré-constituído. No pós-fordismo, ao contrário, o critério unificador é de tipo lingüístico: os comportamentos e as coisas têm um valor, posto que são expressável, coordenável, orientável através da interação comunicativa.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> Rullani, online

No pós-fordismo, o trabalho vai determinar o capital e não seu inverso - como acontecia no modelo taylorista de produção, quando o capital disciplinava todo o trabalho com o seu comando nos espaços da fábrica, aliás, esta era o único espaço possível em que o valor era produzido. Agora, numa perspectiva pós-fordista, todo território passará a produzir, já que é a vida é posta a trabalhar num regime de comando capitalista que não consegue capturá-la totalmente.

Como diz Toni Negri, agora é a alma do trabalhador que é posta a trabalhar, não mais o corpo, que apenas lhe serve de suporte. Por isso, quando trabalhamos nossa alma se cansa como um corpo, pois não há liberdade para a alma. [...] Em todo caso, que a alma trabalhe significa que é a vitalidade cognitiva e afetiva que é solicitada e posta a trabalhar. [...] Agora sua inteligência, sua ciência, sua imaginação – isto é, sua própria vida – passaram a ser fonte de valor.<sup>76</sup>

A ontologia social, portanto, se metamorfoseia. A figura do trabalho se atualiza: sai o operário-massa, emerge o *operário social* na forma de trabalho cognitivo. Nessa nova ontologia social, o valor das mercadorias, dos processos e dos movimentos sociais está diretamente ligado à quantidade de cultura, subjetividade e a ideologia inserida na produção social. A produção do ser contemporâneo então se condiciona inteiramente ao emprego do social no trabalho.

---

<sup>76</sup> Pelbart, 2002, p.38-9

**Tabela 01 – Periodização Histórica da Subjetividade do Trabalho**

<b>PERIODIZAÇÃO HISTÓRICA DO TRABALHO</b>			
	<b>ERA DA GRANDE INDÚSTRIA</b>		<b>ERA DOS SERVIÇOS</b>
			<b>Operário social 1968 ao tempo atual</b>
<b>Processo laboral</b>	<p>- O operário faz parte da maquinaria. É um apêndice.</p> <p>- em termos de suas habilidades (composição técnica), o trabalhador é formado na própria fábrica. Não chega pronto para o trabalho. Aprende o ofício no chão de fábrica.</p>	<p>- a composição técnica (habilidades) torna-se força de trabalho abstrata. O taylorismo padroniza as atividades, destituindo a diferença como necessária à produção.</p> <p>- o operário perde a visão do ciclo produtivo.</p> <p>- O taylorismo insere uma massa de trabalhadores em uma atividade que não demanda qualificação. Só força de trabalho mecânica. Abstrata.</p>	<p>- automação da fábrica; informatização do social.</p> <p>- hegemonia do trabalho imaterial.</p> <p>- o que se é vendido é uma relação social, não mais um bem material. A comunicação é o elemento central que antecipa o valor.</p> <p>- a linguagem torna-se força produtiva.</p> <p>- Produção hegemônica de serviços mais do que a fisicalidade da matéria. Assim, toda a sociedade é posta em movimento para se produzir inovação e serviços à mercadoria.</p>
<b>Normas de consumo</b>	<p>- subsalário e superprodução.</p>	<p>- Emergência do fordismo: o salário como antecipação para a aquisição dos produtos da indústria de massa.</p> <p>- alienação consumista.</p>	<p>- boom da diversidade de escolhas na sociedade do consumo. Diferença se sobrepõe ao padrão.</p> <p>- Advento da mass customization.</p>
<b>Modelos de regulação econômica e política</b>	<p>- Expansão do Imperialismo, monopólios, Estado se integra ao capitalismo financeiro.</p>	<p>- keynesianismo: busca manter um equilíbrio entre capacidades produtivas e demanda efetiva por parte dos trabalhadores.</p> <p>- Estado intervencionista: sustenta a atividade produtiva para a manutenção do pleno emprego e da assistência social (gasto do salário postergado).</p>	<p>- Hegemonia das multinacionais, passando pela posição dominante do mercado financeiro até à união desses dois aspectos na figura do Império, nova forma de soberania capitalista.</p> <p>- Sociedade do controle regula a sociedade mais que a disciplinar (emerge portanto a comunicação como disciplina fundamental da sociedade imperial).</p>
<b>Transformação da composição política de classe (operária)</b>	<p>- Organização dual: de massa e de vanguarda; sindical e partidária;</p> <p>- ideal dos conselhos de fábrica: autogestão substituiria o patrão.</p> <p>- há uma identificação dos partidos e sindicatos com o Estado-Nação, à época, determinante na produção de ideologias.</p>	<p>- prolongamento das experiências de organizações operárias socialistas.</p> <p>- recusa ao trabalho.</p> <p>- recusa a qualquer figura de delegação e reapropriação do poder.</p> <p>- igualdade sindical.</p>	<p>- Trabalho Imaterial. Sendo proletário, toda a sociedade, já que é ela que é posta a produzir estilos, cultura, subjetividades, gostos, atitudes e valores, enfim, todos elementos que vão compor a valorização capitalista.</p> <p>- Trabalho se torna móvel, multiforme e flexível do ponto de vista de suas formas.</p> <p>- Novas formas de produção de precariedade do trabalho: expropriação da mais-comunidade.</p>
<b>Mídias</b>	<p>- fotografia</p> <p>- telégrafo</p>	<p>- rádio</p> <p>- televisão</p> <p>- cinema</p>	<p>- redes interativas</p> <p>- internet</p> <p>- computador</p> <p>- aparelho</p>

**INTERVALO**

**O PÓS-FORDISMO COMO CRISE DO FORDISMO**

## o acontecimento inaugural do pós-fordismo

O pós-fordismo surge inicialmente como uma categoria inteiramente política, num contexto de violentos conflitos entre capital e trabalho, principalmente nas décadas de 60 e 70 – situação que alguns teóricos do operáismo italiano, como Paolo Virno, chamam de *êxodo da fábrica e recusa do trabalho*. “A recusa do trabalho é, antes de tudo, sabotagem, greve e ação direta”.<sup>77</sup> O pós-fordismo é ainda crise do fordismo.

A relação entre capital e classe operária, principalmente na Europa Ocidental e nos EUA, se constitui num estado de tensão desde da década de 60, quando a recusa do trabalho é um valor que fundamenta as lutas pós-68. A reação capitalista a elas foi iniciar um processo de descentralização dos centros produtivos como estratégia de diluição das revoltas do trabalho contra o trabalho taylorista. Era a chamada *reestruturação produtiva*, cujas ações como descentralização, a terceirização e a automação são apenas seus subprodutos.

O efeito desse processo de reestruturação, na composição de classe, foi a da formação de dois tipos do proletariado. O primeiro com proteção sindical, pois ainda se realiza como “trabalho empregado pelo capital” e, assim, coberto pelas políticas de *Welfare*. Para as organizações sindicais, era esse proletariado a vanguarda que conduziria todos ao socialismo. O segundo tipo é um proletariado periférico e profundamente explorado. São os chamados precários, aqueles que recusaram e se colocaram em êxodo da fábrica. Transformaram-se em milhares de pequenas e médias empresas e trabalhadores autônomos que compunham suas forças produtivas a partir da lógica dos saberes adquiridos em diferentes redes sociais. Contudo, acabaram por estar marginais às políticas estatais do *welfare* (tanto da esquerda, quanto da direita).

---

<sup>77</sup> Negri, Antonio. El dominio y el sabotage. Sobre o método marxista de la transformación social. In: *Los libros de la autonomía operaria*. Barcelona: Akal, 2004 [Este livro de Negri foi escrito no auge dos conflitos das lutas operária contra capital e contra o Partido Comunista da Itália no ano de 1977]

É essa *figura do precário* que emergirá como um novo sujeito das lutas no interior da crise do sistema fordista. O precariado vai emergir como novo sujeito do trabalho pela primeira vez na Itália no então chamado *Movimento de 77*, quando o movimento estudantil mobilizado nacionalmente critica e se antagoniza tanto em relação ao conservadorismo da Democracia Cristã, quanto ao do Partido Comunista Italiano. O conflito não ficou somente no campo das idéias, mas em enfrentamentos armados nas ruas, principalmente, de Roma, Milão e Bolonha. Toni Negri assim caracteriza o movimento:

O movimento de 77 representa o último estágio da revolta juvenil e estudantil iniciada em 1968. Desta vez, contudo, o movimento se defronta diretamente com o PCI (Partido Comunista Italiano), que no ano anterior havia chegado ao governo. A motivação imediata do protesto foi a agressão de um estudante de esquerda na Universidade de Roma, no dia 1º de fevereiro, feita por jovens neofascistas. No dia seguinte, uma manifestação que saiu da universidade invade a sede do movimento jovem do MSI, a Frente da Juventude. Durante o período de tiroteio entre manifestantes e polícia, dois estudantes e dois policiais são feridos gravemente. No final da manifestação decide-se ocupar toda a cidade universitária romana. O novo movimento não economiza críticas aos grupos da esquerda extraparlamentar, acusados de terem ficado reduzidos a pequenas partidos burocráticos, e retoma muitas das propostas lançadas pelos movimentos de mulheres, a partir do nexos indissociável entre comportamentos individuais e posições políticas. Os principais alvos dos movimentos são o PCI e os sindicatos. Em 17 de fevereiro, o secretário geral do CGIL, Luciano Lama, ao dar um discurso na universidade – que tinha sido ocupada antecipadamente – se vê obrigado a interrompê-lo e sair rapidamente da universidade, enquanto os ocupantes destroem a tribuna. O enfrentamento entre esquerda institucional e movimento se repete poucas semanas depois. Em Bolonha, a menina dos olhos das administrações locais dirigidas pelo PCI, um estudante, Francesco Lo Russo, é assassinado pela polícia em 11 de março. Nos dias seguintes, toda a cidade se converte em cenário de violentos enfrentamentos, que obrigam o primeiro ministro do Interior, Cossiga, a ordenar a intervenção dos tanques blindados na cidade. No dia 12 de março, em Roma, ocorre uma manifestação nacional do movimento que, após ter invadido e roubado uma loja de armas, abre fogo contra a polícia. Durante toda a primavera, em Roma e em Milão, se repetiram enfrentamentos com vítimas em ambos os lados. O movimento, durante uma conferência que se desenvolveu em Bolonha durante o mês de setembro, obtém a solidariedade de numerosos intelectuais franceses, entre eles



se encontravam Foucault, Guattari e Deleuze, que denuncia a tentativa de eliminar toda oposição posto em marcha pela aliança entre DC e PCI. Diferentemente do que ocorreu em 1968, o Movimento de 77, privado de qualquer tipo de referência e de qualquer base, se apagará imediatamente depois da conferência de Bolonha, deixando o espaço livre aos grupos armados.<sup>78</sup>

Para Virno, é o Movimento de 77 que inaugura a fase pós-fordista na Itália, servindo de referência para um novo paradigma para o restante do mundo. Ele foi o marco da inauguração do pós-fordismo, porque os tumultos da força de trabalho escolarizada, precária, móvel, que odiava a ética do trabalho e se opunha frontalmente às tradições e à cultura da esquerda histórica, marcou uma clara descontinuidade com o operário de linha de montagem, seus usos e costumes, sua forma de vida.<sup>79</sup>

Os estudantes-trabalhadores, os trabalhadores-estudantes, os “intelectuais descalços” e todos os tipos de precarizados participantes do Movimento de 77 chegaram a ser cunhados, na época, pelas autoridades estatais (inclusive, pelos comunistas), de *marginalizados* e *parasitas*, justamente porque essas autoridades aceitavam como *centrais* e *produtivos* somente os sujeitos que então produziam nas indústrias de bens duráveis<sup>80</sup>. Contudo, os precários manifestavam uma nova composição política da força de trabalho: nem trabalho disciplinar taylorista, nem regulação salarial do Estado de bem-estar social.

Por volta de 1976, e sobretudo 1977, é a própria universidade, enquanto “máquina” de produção em massa de uma força de trabalho intelectual, polivalente e flexível, destinada a alimentar um modo de produção cada vez mais sofisticado, automatizado e flexível, que se torna o epicentro de conflitos sociais de tipo novo, embora mal apreendidos. Assim o movimento italiano, que já tinha chegado a níveis de enraizamento social desconhecidos pelos outros grandes países europeus, experimentou, de março a outubro de 1977, uma nova explosão generalizada. Ponto culminante de um ciclo de lutas iniciado no final dos anos 60 e, também, ponto de ruptura e antecipação social das novas condições das lutas na crise do fordismo, o movimento de 1977 tanto superou

---

<sup>78</sup> Negri, 2004, pp 374-5

<sup>79</sup> Virno, online

<sup>80</sup> Virno, online

efetivamente nossos instrumentos teóricos de análise quanto desdobrou a crise do “político” que o havia precedido. Com efeito, a interpretação das características do movimento de 1977, não como protesto dos “marginalizados” e dos excluídos, mas como de sujeitos centrais no novo modo de produção, representou uma antecipação teórica considerável.<sup>81</sup>

Todos esses sujeitos já estavam inseridos na produção, ora como trabalho terceirizado, ora como trabalho precário, ora como militantes em luta cidadã para ter acesso aos serviços públicos urbanos. No interior das lutas de 77, portanto, assumia-se como realidade a fluidez do mercado de trabalho e a mobilidade (o êxodo da fábrica) como condição imposta à produção. Isto tornava confusa a compreensão do que seria essa nova subjetivação do trabalho, já que esta se estruturava numa relação para além do salário. Como diz Virno: “Os jovens de 77 se tornaram indecifráveis para a tradição do movimento operário. Eles transformaram o crescimento da área do não trabalho e da precariedade em um movimento coletivo, numa migração consciente do trabalho de fábrica”.<sup>82</sup>

O Movimento de 77 consagra então o nascimento do pós-fordismo porque mostra uma classe que não mais se estrutura a partir de uma lógica de dualização, já que produtivo e improdutivo agora não são categorias que explicam como se constitui o trabalho contemporâneo. A nova classe busca incessantemente mecanismos de valorização independente de estar dentro de uma relação salarial (“produtiva”). A contribuição desse movimento foi, portanto, ter convertido inclinações sociais, tais como o êxodo da fábrica, a recusa do emprego estável<sup>83</sup>, a familiaridade com os saberes e as redes comunicativas, em partes constituintes do novo profissional pós-fordista. Em linhas gerais, o que os precários começam a sinalizar é que o terreno da reprodução se torna o próprio núcleo de qualquer

---

<sup>81</sup> Cocco, In: Negri e Lazzarato, 2001, p.20-1

<sup>82</sup> Virno, Paolo. La Gramatica de la Multitude, online

<sup>83</sup> A recusa do emprego estável surge pelo movimento compreender a verdadeira confusão entre trabalho e assistência que então se configurava no início da crise do Estado de Bem Estar Social. Por um lado, o salário se apresentava mais como uma assistência, e por um outro, a assistência do Estado de Bem-Estar como um salário. De forma que, ironicamente, a crise do Estado de Bem-Estar Social será deflagrada não pelo excesso de não-trabalho, mas pela falta dele. O não-trabalho aqui, é claro, compreendido como o conjunto de trabalho que se produz fora da relação salarial. Ver Virno, online.

produção de bens e serviços, e mais tarde, o espaço da própria lógica de valorização (e exploração) da mercadoria capitalista. O cuidado, a estética, o relacionamento, a criatividade – enfim, a comunicação social - tornam-se elementos que requalificam constantemente o trabalho, a mercadoria e o capital. Paradoxalmente, até hoje, a interpretação hegemônica da esquerda e da direita mantém-se voltada para a noção de que o valor está no “trabalho empregado”, ou seja, no âmbito restrito da produção.

A aceitação da mobilidade se une à busca de uma renda garantida como uma idéia de produção mais próxima à exigência de auto-realização. [...] Ganha um peso decisivo a opção pela “formação ininterrupta”, quer dizer, a continuação da formação acadêmica, mesmo depois de se conseguir emprego: isto alimenta a assim chamada rigidez da oferta de emprego, mas sobretudo faz com que a precariedade e o trabalho precário tenham como protagonistas sujeitos cuja rede de saberes e informações são sempre exorbitantes em relação às profissões novas e modificantes.<sup>84</sup>

O movimento italiano explicitava, em seu mais alto grau, a desvalorização do trabalho fabril. De um lado, a força de trabalho mais qualificada fugia da fábrica por compreender que a sua composição técnica já não dependia da relação salarial, já que a incorporação de saber no âmbito da produção da mercadoria – (saber na forma de inteligência artificial, de informatização e de automação etc), algo típico à *reestruturação produtiva* – fazia com que a produtividade fosse um fato anterior ao processo de produção de mercadoria, por isso não mais mensurável somente ao tempo da produção. “Setores inteiros das forças de trabalho saíram dos pólos de industrialização metropolitana para desenvolver micro-atividades industriais (formais e informais) nos territórios”.<sup>85</sup>

Por um outro lado, esse sujeitos abrem um espaço de antagonismo com o Estado de Bem Estar social, reivindicando o “direito a ter direitos”, o que equivalia, no plano da produção, à conquista de mínimos sociais – como acesso incondicional à serviços e infraestrutura básica: telecomunicações, habitação, transportes, etc. Somente mobilizando

---

<sup>84</sup> Virno, online

<sup>85</sup> Cocco, 2001, p. 95

os direitos do *welfare* (como o auxílio-desemprego, que garantia uma renda por um médio prazo a indivíduos que estava fora da relação salarial) que a produtividade se tornava possível. Os direitos, portanto, deveriam ser estendidos a todo um coletivo que não se expressava nem como operariado, nem como empresariado.

Essa mentalidade de recusa do trabalho do movimento de 77 vai redundar em um outro acontecimento paradigmático para o pós-fordismo: as greves na fábrica da Fiat, em Mirafiori, na Itália (em 1979). Segundo Paolo Virno<sup>86</sup>, esse seria o último grande episódio das lutas operárias italianas dos anos 70. O curioso dessa greve é que ela foi produto das lutas de 77, já que os seus protagonistas eram os 10 mil novos contratados pela Fiat. “Tratava-se de operários extravagantes, que se se pareciam em tudo (mentalidade, costumes metropolitanos, escolarização) com os estudantes e os precários que haviam ocupado às ruas em 1977”, afirma Virno. A greve – que não tinha o apoio nem do sindicato, nem do Partido Comunista Italiano – se caracterizava por um sabotagem: a lentidão. São 35 dias de uma espécie de “operação tartaruga”. Um ano depois, a Fiat realiza um plano de reestruturação que prevê a demissão de 30 mil empregados. “Desmantela-se a fábrica fordista”, diz Virno. Nesse sentido, o Movimento de 77 foi emblemático, já que vocalizava a luta desse terceiro sujeito, então, os precários produtivos – sujeitos que, para produzir, mobilizam todo um conjunto de saberes, relações, comunidades e instituições, que estão presentes fora da relação salarial.

Tudo aquilo que estava no espaço do consumo e da reprodução torna-se objeto então de valorização. Produtos e processos sociais que se localizam fora da fábrica tornam-se essenciais para compor as condições de aumento de produtividade empresarial. A maior parte do trabalho está fora da indústria, numa rede de empresas terceirizadas, numa rede de pequenas empresas inovadoras que produzem novas soluções e serviços, numa rede de trabalho autônomos focados no desenho de produtos e na criação de tecnologias sociais. Somado a isso o próprio conhecimento a ser aplicado nas empresas, sob a forma de

---

<sup>86</sup> Virno, *online*

coordenação, criatividade, comunicação, gestão da informação, são oriundos de espaços exteriores à fábrica: universidades, relações comunitárias, saberes tácitos, instituições culturais etc. É o território a grande fábrica social. Por conta disso, o capitalismo vai passar a ser um fabuloso aparelho de captura desses processos e produtos provenientes dos movimentos de auto-valorização do trabalho, agora, compreendido como *produção virtuosa de atividades (pós-fordista) e menos como produção disciplinar de mercadorias (fordista)*.

O pós-fordismo emerge então como desmantelamento fordista, sendo proporcionado, por um lado, pela emergência de uma nova subjetividade operária, e por outro lado, pelo intenso processo de reestruturação cujo modelo é o da Fiat do início da década de 80.<sup>87</sup>

---

<sup>87</sup> “A longa fase do conflito social, inaugurada na Itália em 1968, se conclui no outono de 1980, depois de um dramático conflito que dura trinta e cinco dias e que concluirá com uma clara derrota da qual o sindicato não se recuperará por mais de uma década. O campo de batalha é a FIAT, vanguarda tanto dos sindicatos quanto da autonomia operária durante toda década de 1970. A conflitividade permanente dos primeiros anos da década de 1970 se transformou, depois de 1974, em formas de enfrentamento diferentes, muito mais prejudiciais para a empresa. O contrapoder operário nas fábricas se manifesta sob formas de absentismo, recusa do trabalho e auto-redução dos ritmos de produção. A empresa, como revelará anos depois o administrador delegado Cesare Romiti, em uma longa entrevista, se prepara para o enfrentamento decisivo durante anos, por meio da intervenção na estrutura logística da fábrica e acumulando reservas com vistas ao iminente enfrentamento. Em 1979, a direção da empresa decide fazer um teste: demite 69 operários com a acusação de colaboração com os terroristas. Em alguns casos a acusação era certa, em muitos outros se tratava somente de sujeitos insubordinados e acostumados a dirigir enfrentamentos internos. Como explicaria mais tarde Romiti, o objetivo do teste não era tanto o de se livrar dos 69 operários extremistas, senão de valorar a decisão e a capacidade de reação dos sindicatos. A reação substancialmente débil dos três sindicatos, devida sobretudo à fortíssima hostilidade das cúpulas sindicais contra os extremistas, é interpretada como sinal verde para a direção da FIAT. Um anos mais tarde, em 10 de setembro de 1980, a FIAT anuncia a demissão de 14.496 trabalhadores. A reação operária lembra a mobilização de 1969: manifestações internas, bloqueios da produção e manifestações cidadãs. O Partido Comunista Italiano (PCI) [...] oferece sua solidariedade ao movimento, até o ponto em que, em 26 de setembro, durante uma assembléia ao redor de [a fábrica] Mirafiori, o secretário Enrico Berlinguer garante o pleno apoio do seu partido no caso de ocupação da fábrica. A primeira fase do enfrentamento se conclui em 29 de setembro, quando a FIAT retira os demitidos substituindo-os pela abertura de expedientes de regulação do emprego a 23.000 operários de Mirafiori a parti de 6 de outubro. A lista de operários nesta situação inclui a toda a direção do movimento na FIAT. No mês de outubro de 1980, a FIAT demite 61 operários de Mirafiori acusando-os de ter protagonizado desordens e praticado violência na fábrica: entre eles se encontram indistintivamente líderes do ciclo de protestos dos anos anteriores pertencentes ao setor da autonomia [operária], simpatizantes das organizações clandestinas ou os quadros sindicais mais combativos. Os sindicatos reagem com o bloqueio total das fábricas. Todas as entradas são controladas 24 horas por dia com piquetes inflexíveis e impenetráveis. Em 14 de outubro, depois de 35 dias de bloqueio da produção, a Coordenadora dos Dirigentes e dos Quadros Intermediários, que se constituiu na semana anterior com o apoio explícito da direção da FIAT, convoca uma manifestação contra os bloqueios das entradas no Teatro Novo. A participação supera amplamente a capacidade da sala (2000 lugares) e se forma uma manifestação silenciosa de dezenas de milhares de dirigentes. Pela

## os paradigmas sociais do pós-fordismo

Partindo do pressuposto que a empresa é cada vez menos capaz de acumular as funções complexas de um processo integrado de concepção-inovação-criação-produção, Cocco & Vercellone (2001), apoiados em ampla bibliografia sobre a economia após a crise fordista, argumentarão que as performances das empresas dependerão cada vez mais do trabalho dos territórios, já que é toda a sociedade que é posta a produzir. Por isso que os autores insistem em interpretar o pós-fordismo com um conjunto de paradigmas sociais.

O paradigma pós-fordista é, antes de mais nada, um paradigma social e qualifica-se pela integração produtiva dos consumidores como produtores, pois eles participam da produção, desde o momento da concepção, em dois níveis: pela integração em tempo real dos comportamentos de consumo; e pela proliferação disseminada dos atos criativos, lingüísticos e comunicativos.<sup>88</sup>

Cocco e Vercellone (2001) interpreta os modos de organização do pós-fordismo a partir de quatro perspectivas: o paradigma da especialização flexível, os enfoques neoshumpeterianos, o paradigma japonês e a escola da regulação.

Quanto ao **paradigma da especialização flexível**, se caracteriza como um modelo de produção multi-produto e flexível em substituição às formas fordistas<sup>89</sup> do mono

---

primeira vez uma manifestação de massas ocupa Turim não a favor mas contra os operários em luta. O impacto produzido por esta situação é fortíssimo para a opinião pública e devastador para a resistência dos sindicatos. Poucas horas depois da manifestação, o juiz de Turim ordena o fim dos piquetes nas portas da fábrica. À noite, em Roma, os sindicatos firmam um acordo perverso que prevê a abertura de 36.000 expedientes de regulação [*flexibilização das leis trabalhistas*] do emprego durante três anos, sem nenhuma garantia de reincorporação ao fim dos mesmos. Em 15 de outubro, o Conselho de Fábrica, reunido com os secretários nacionais das três confederações, recusa o acordo, que se imporá igualmente no dia seguinte, no curso da assembléia-farsa nas quais não se contam os votos contrários, ainda que fossem maioria. O resultado é desastroso. Na FIAT, onde o controle patronal volta rapidamente aos níveis da década de 50, o poder dos sindicatos será anulado completamente em poucos meses, e em poucos anos desaparecerá de todas as demais empresas. (Negri, 2004, pp 375-7)

<sup>88</sup> Cocco, Giuseppe, 2001, p. 88.

<sup>89</sup> "O fordismo como produção em massa se organizava para produzir em grandes volumes um único bem. Deste binômio, produção em série/consumo em massa, se desprendia uma organização corresponde do trabalho (e portanto da relação salarial) baseada na dupla hierarquização taylorista: horizontal (parcelização das tarefas) e vertical (entre concepção e execução)", in Cocco e Vercellone, online

produto e da rigidez. Cocco e Vercellone (2001), citando Piore e Sabel, argumentam que a existência da produção em série/consumo de massa fez com que se formasse verdadeiros oligopólios sobre os produtos, tornando as pequenas e médias empresas marginais ao processo de produtos, já que estas se circunscreviam ora à produção de equipamentos ou à de bens de luxo. Essa marginalização também se repetiu no mercado de trabalho, onde quem atuava nas grandes plantas fabris tinha um trabalho com garantias sociais, ao contrário daqueles que aí não estavam que se configuravam como um setor precário não-protégido.

A inversão dessa situação nos principais centros produtivos aconteceria a partir do momento em que os produtos passam por uma rápida obsolescência, derivado, de um lado, de uma demanda crescente por variedade, e de um outro, de uma aceleração do tempo de giro da produção por conta de uma interação cada vez mais intensa entre produção, troca e consumo, condicionada pelos processos de automação fabril, pelo aumento considerável do consumo de serviços (particularmente, o entretenimento) e pelo mercado massificado de moda (em contraposição a mercados de elite)<sup>90</sup>. Isto vai constituir um padrão de processo de produção que se orientará menos na uniformidade e padronização e mais na produção flexível e em pequenos lotes de uma variedade de tipos de produtos. De um lado, a economia de escala fordista; de um outro, a economia de escopo da especialização flexível.

Graças a sua flexibilidade, inclusive sua capacidade de reagir quase instantaneamente às flutuações da demanda, as pequenas e médias empresas superariam às grandes empresas rígidas. Daí a afirmação de uma nova forma de especialização maleável. Trataria-se da instalação tendencial de um novo paradigma industrial, mais descentralizado e mais inovador, cujas condições técnicas e relações sociais representariam uma verdadeira superação do modelo fordista.<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> Harvey, 2000, p.258

<sup>91</sup> Cocco, e Vercellone, online

O protagonismo da especialização flexível – em particular das PME – será questionado na década de 80 pela **literatura econômica neo-shumpteriana**, que demonstrará que o paradigma emergente do pós-fordismo se desloca da “produção rígida de massa” para a “produção flexível em grandes volumes” (*mass customization*). Para essa perspectiva o sucesso da especialização flexível deriva do esgotamento dos recursos tecnológicos fordistas. Mas, com a difusão das novas tecnologias de automação e controle, as economias de escalas retomaria sua fase oligopolista, submetendo as pequenas empresas numa relação de submissão às grandes (Cocco & Vercellone, 2001).

A empresa se propõe a gerir em um tempo determinado não mais um bem, mas sim uma gama de bens. Cada um desses bens, cujo ciclo de vida se reduz, responde a um espectro muito vasto de necessidades. Em termos de organização da produção, os processos lineares, organizados em paralelo para a produção de bens homogêneos, se vêem substituídos por uma produção múltipla “assincrônica” que dispõe ao mesmo tempo de determinadas fases comuns a fim de explorar também as vantagens da especialização.<sup>92</sup>

Paralelo a esses dois modos de produção havia ainda o **toyotismo**, modelo japonês que inverte a lógica clássica do taylorismo: primeiro deve-se vender para depois produzir, e não o contrário, tal como preconizava a produção fordista. A lógica do *just in time* (fluxos imediatos) melhor caracteriza esse pressuposto que se orienta para capturar os novos fluxos do consumo. O método também servia para tornar o estoque mínimo para a produção não ficar refém da superprodução.

Contudo, para isso, o toyotismo teve que estabelecer um processo de horizontalização da produção, transferindo para as chamadas empresas “terceiras” alguns elementos básicos da produção. O modelo japonês, ao pretender responder rapidamente e com qualidade as exigências mais individualizadas do consumo, institui um regime de produção flexível, tanto em relação aos processos, quanto em relação à figura do trabalhador almejado. Este deveria saber manipular diferentes tipos de máquinas,

---

<sup>92</sup> Cocco e Vercellone, online.



caracterizando-se por uma mão-de-obra polivalente. Além disso, para tornar o processo mais ágil, multifuncional e qualitativo e o produto ainda mais conectado com os anseios das demanda, cabe ao trabalhador comunicar-se, expressar-se, expor-se, informar e informar-se. Como aponta Gorz, o trabalhador teve de transformar-se em “fabricante, tecnólogo e administrador”.

Os operários devem, então, entender aquilo que fazem; mais ainda ; todo o processo e todo o sistema de fabricação deve (em princípio) tornar-se um todo inteligível do qual assumem a responsabilidade e do qual tornam-se e sentem-se senhores. Devem refletir sobre os meios de incrementar e racionalizar a concepção; devem propor as possíveis melhorias nos procedimentos e na organização do sistema. Para tanto, precisam discutir entre si, entrar em acordo, saber exprimir-se e saber escutar, prontos continuamente a questionar, a aprender, a evoluir.<sup>93</sup>

O pós-fordismo, como uma reunião desses distintos modos de produção, se caracteriza por buscar a submissão da riqueza da cooperação social à dimensão capitalista da fábrica, provocando uma mutação global paulatina nos rígidos mecanismos tayloristas de produção. “O novo paradigma não se define na fábrica, senão nas condições globais e portanto essencialmente sociais nas quais se determinam às formas de cooperação e inovação”.<sup>94</sup> A introdução da capacidade cooperativa, relacional, cognitiva, enfim, da *produção de subjetividade* no âmbito da produção fabril industrial produz uma mudança qualitativa na composição do trabalho. Qualitativa porque a partir desses modelos pós-fordistas consagra-se um trabalho em que seu aspecto manual é uma aplicação material de uma atividade cada vez mais imaterial, intelectual, cognitiva, “de reflexão, de concerto, de troca de informações, de partilha de observações e de saberes”, como aponta Gorz.<sup>95</sup>

A produtividade empresarial dependerá, a partir das alterações pós-fordistas das décadas de 70, 80 e 90, em grande parte do conhecimento social presente nas redes que

---

<sup>93</sup> Gorz, 2004, p.41

<sup>94</sup> Cocco e Vercellone, 2001

<sup>95</sup> Gorz, 2004, p.41

compõe a vida dos sujeitos sociais, dado que ser criativo, conhecedor, comunicativo, empreendedor, líder, são capacidades formadas principalmente nos chamados espaços da reprodução social. Os modelos do pós-fordismo se interessam por essa multiplicidade de habilidades porque elas são determinantes para imputar as mercadorias de formas de vida mais próximas às dos grupos sociais que as consomem. Assim, pelo menos potencialmente, todos os sujeitos são produtivos. Todos somos operários. Todos os territórios são eminentemente produtivos.<sup>96</sup>

Ora, quando as capacidades comunicacionais, relacionais, cooperativas, criativas passam a fazer parte da força de trabalho, estas capacidades, que implicam a autonomia do sujeito, não podem por essência ser *comandadas*: elas existirão e serão desenvolvidas não *sob ordens*, mas em virtude de iniciativas vindas do sujeito. A dominação do capital não pode então exercer-se diretamente sobre o trabalho vivo por coerções hierárquicas. Ela só pode exercer-se por vias indiretas: deve deslocar-se da fábrica e tomar a forma de um condicionamento que conduz o sujeito a aceitar ou a escolher ele próprio exatamente isto que se trata de impor-lhe.<sup>97</sup>

Não é à toa que o papel das externalidades<sup>98</sup> na afetação das decisões sócio-econômicas se torna central para compreensão de como a produtividade é dependente de recursos que escapam à fábrica. Hoje, por exemplo, as empresas prescindem cada vez mais de externalidades, como: capital humano (a capacidade inventiva do trabalho), o desenvolvimento da informática e das telecomunicações; a estruturação da logística urbana (o que equivale manter, do ponto de vista da empresa, níveis de relacionamento com o entorno comunitário para que ele evite sabotagem contra a circulação das mercadorias), como o afrouxamento das leis ambientais conjugado com uma política cosmética de desenvolvimento empresarial sustentável, como a existência de fornecedores terceiros que obedeçam padrões de qualidade institucional etc. O que se percebe, então, é que o valor da mercadorias não somente se resume a intensividade do trabalho empregado à produção,

<sup>96</sup> Para melhor compreensão do território como espaço de produção, ver Cocco, *op cit*, 2001

<sup>97</sup> Gorz, 2004, p.53

<sup>98</sup> Sobre o debate sobre o papel das externalidades nos modos de acumulação pós-fordistas, ver Boutang, 2000

mas também às externalidades positivas mobilizadas pelos territórios, que acabam sendo compreendidas a cada dia que passa “como internalidades da esfera de produção de conhecimentos” (Corsani in Cocco et al, 2003).

A fábrica, o local de trabalho, deixam então de ser o principal terreno do conflito central. A frente de batalha estará ali onde a informação, a linguagem, o modo de vida, o gosto, a moda são produzidos e modelados pela força do capital, do comércio, do Estado, da mídia; alia onde, dito de outro modo, a subjetividade, “a identidade” dos indivíduos, seus valores, as imagens que fazem de si mesmos e do mundo são perpetuamente estruturadas, fabricadas e moldadas.<sup>99</sup>

Enfim o que esses primeiros modelos pós-fordistas inauguram é a implantação de um sistema de comunicação entre produção e consumo contra a mudez do sistema fordista. A fábrica fordista é vencida pelas lutas sociais. O *feedback* entre produção e consumo precisa ser rápido para que haja estoque zero das mercadorias, pois a decisão da produção vem depois da do mercado. Assim, “este contexto industrial oferece um primeiro exemplo em que a comunicação e a informação desempenham um novo papel central na produção”.<sup>100</sup>

---

<sup>99</sup> Gorz, 2004, p.53

<sup>100</sup> Negri e Hardt, 2001, p.311

## **CAPÍTULO II**

### **O CAPITALISMO COGNITIVO**

**economia das redes, conhecimento e comunicação**

## 2.1

### Capitalismo cognitivo: conflitos na nova economia

---

*“O trabalho já é produção do cérebro, e o cérebro é de todos”  
Antonio Negri*

Como vimos o modelo japonês é o que foi mais longe na incorporação da subjetividade operária nos processos produtivos e no monitoramento dos fluxos de consumo. Contudo, ainda mantinha a fábrica como protagonista da produtividade social. “As inovações do toyotismo, mesmo se elas antecipavam aspectos das transformações paradigmáticas determinadas pela emergência da economia da informação, ficavam dentro de uma dinâmica que ainda privilegiava a produção material”<sup>101</sup>.

A perda da hegemonia global japonesa ocorrerá com o advento, nos anos 90, da economia da informação. Antecedido por uma fase que Cocco denomina de convergência externa, em que o crescimento da indústria de informação é orientado por capital externo – principalmente o publicitário – , sem a integração entre as mídias, a fase de convergência interna (“um regime de acumulação endógeno de desenvolvimento do setor global da comunicação, da informação e das telecomunicações”) é antecipada, em 1993, a partir da construção das *Information Superhighways*<sup>102</sup>, um marco do deslocamento do regime de produção que possibilitará aos Estados Unidos a retomada da hegemonia internacional, até então, sob o domínio do Japão, com seu modelo toyotista de produção. Pois, enquanto o Japão produz o meio (material), os Estados Unidos, o meio e, principalmente, o conteúdo (imaterial).

---

<sup>101</sup> Cocco, 1995, p.6

<sup>102</sup> Cocco (1995) divide em três constatações que constituem a emergência das superinfóvias: 1) investimento em pesquisa e desenvolvimento norte-americano na indústria da informática pelo Departamento de Defesa, após o fim do socialismo real; 2) ao fim dos anos 80, o setor de telecomunicações busca novos mercados e “reservatórios” de valor; 3) a integração das mídias.

A atual estratégia americana visa pensar e organizar, ao mesmo tempo, a economia, a tecnologia digital e a formação-constituição de uma força de trabalho adequada. Mesmo se os japoneses conseguiram ir mais longe que todo mundo na integração industrial da subjetividade operária, eles têm, hoje em dia, que se confrontar com o superamento definitivo do papel específico da fábrica.<sup>103</sup>

A economia da informação trata-se de uma “uma nova geração de serviços baseados nas tecnologias digitais, nas redes continentais em fibra ótica e nas redes de satélites planetários” (Cocco, 1995, p.6). Essas transformações não só consolidam a emergência da indústria multimídia e das superestradas da informação, mas também determinam um novo regime de produção, o que os autores operaístas denominam de capitalismo cognitivo, uma nova fase produtiva marcada pela informatização da produção. Nesse regime, a lógica de reprodução é substituída pela lógica da inovação, e o regime de repetição, pelo da invenção. “Quer dizer que a produção cultural e o desenvolvimento das redes de difusão – *networks* – e das tecnologias de *two ways [interativas]* não atravessam somente o mercado de multimídia, mas o conjunto das atividades econômicas” (Cocco, 1995, p.03).

A característica produtiva dessa “nova economia” será a interatividade, capitaneada pela integração da forma (indústria de hardware e eletrônico), do conteúdo (indústria de software, cinema, programas televisivos) e da difusão (indústria de telecomunicações e informática).

As redes não funcionam como as infra estruturas rodoviárias que sustentaram o desenvolvimento fordista. As infovias não são um espaço de circulação de produtos produzidos pela indústria ou pelo setor terciário, mas elas são o próprio espaço de produção de relações de serviços, isto é, de bens imateriais nos quais produção e reprodução coincidem.<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> Cocco, 1995, p.04.

<sup>104</sup> Cocco, op cit, p.7

A passagem da hegemonia do taylorismo para o toyotismo, e depois deste para a economia da informação, realiza a transição do fordismo ao pós-fordismo, cujo paradigma se orientará por novas relações entre fábrica e território, entre subjetividade e máquina, entre os serviços e usuários.

O caráter *novo* do capitalismo cognitivo é ser um modo de produção amplamente socializado, “baseado portanto sobre a comunicação social (esta é que alimenta a inovação, as tecnologias da informação e a chamada economia do conhecimento) de atores flexíveis e móveis”<sup>105</sup>. O regime capitalista, no final do século XX, não orientará seus ganhos preponderantemente na subsunção da energia do trabalho, e sim, no aspecto cognitivo deste, o que obviamente provoca profundas alterações nos papéis, nos processos e no modo de produção econômica. A despesa material de uma mercadoria como o sapato Nike é de 10 a 15%. O seu principal custo advém da política de gestão da marca (*o ex-jogador de basquete Michael Jordan chegou a receber anualmente mais do que todos os funcionários asiáticos da marca receberiam em um ano*). A política de marketing (*branding*) e as inovações técnicas – ou seja, suas dimensões imateriais – que são adicionadas ao calçado são o que compõem o principal vetor de valorização dessa mercadoria. A noção de bens intangíveis não só deve ser usada para caracterizar os bens informacionais (software, por exemplo), mas para denotar como a inovação e a inventividade dão a forma e o valor das mercadorias no capitalismo atual.

É a tradicional separação entre produção e consumo que entra em crise. O paradigma pós-fordista define-se como “paradigma social” exatamente porque o novo modo de produção integra estes dois momentos e faz com que a circulação e a comunicação se tornem imediatamente produtiva.<sup>106</sup>

---

<sup>105</sup> Cocco, 2002, p.46

<sup>106</sup> Cocco, 2002, p.47.

Neste contexto, a função do empresário desloca-se na gestão empresarial para uma função de coordenação, à medida que registra e gere a organização autônoma da força de trabalho. O capital será controle da linguagem.<sup>107</sup>

O que as empresas consideram como seu capital humano é, pois, um recurso gratuito, uma “externalidade” que se produz sozinha, e que continua a se produzir, e da qual as empresas apenas captam e canalizam a capacidade de se produzir.

Como ressalta Negri & Hardt (2005), organizar a produção ocorre menos na linearidade das linha de montagem do que nas relações difusas das redes. A *fábrica* então é tornada eixo da produção, e não mais em seu centro (Cocco, 1997). O capitalismo cognitivo representa assim o paradigma da produção em rede.

Hoje, em contrapartida, vemos redes por toda parte – organizações militares, movimentos sociais, formações empresariais, modelos de migração, sistemas de comunicação, estruturas fisiológicas, relações lingüísticas, transmissores

---

<sup>107</sup> O primeiro momento do trabalho cognitivo acontece fora da fábrica, quando se constitui no interior da socialização do conhecimento, da formação educativa, na participação em redes culturais, políticas e sociais. O *segundo momento*, já no interior de relações de produção de valor, ocorre quando aplica essas habilidades de pensar, comunicar, decidir, solucionar e atuar em grupos (times, no linguajar empresarial) num tempo e num espaço estipulado por regras flexíveis na teoria, mas duras na prática: “O relacionamento entre trabalhadores de chão de fábrica será, cada vez mais, regido por eles próprios”, diz o consultor suíço Heinrich Zetlmayer, chefe da área de gestão operacional global da Arthur Little. Um excepcional exemplo disso é a fábrica de turbinas de aviões da General Electric, em Durham, no Estado americano da Carolina do Norte. Cerca de 170 pessoas trabalham lá, mas há apenas um chefe: a diretora da fábrica. [...] Em Durham, as turbinas são produzidas por nove times. Seus integrantes recebem uma única orientação: fazer a melhor turbina possível, com a melhor qualidade e os menores custos. O restante das decisões – quem ficará responsável por essa ou aquela tarefa, férias, treinamentos, como aumentar a eficiência da manufatura – fica por conta deles. Não há horários fixos. Cada um faz o seu. Cada técnico possui um endereço eletrônico, acesso à internet e cartão de visitas. [...] Durham é uma combinação feliz de democracia e controle espontâneo. “Cada vez mais, meu trabalho envolve escutar as pessoas, os times, as idéias e tentar achar soluções comuns”, disse a diretora Paula Sims. (...) [Neste contexto], os funcionários precisam ser permanentemente desafiados. Para isso, as linhas de produção precisam se transformar em espaços de desenvolvimento contínuo, onde a gestão do conhecimento seja mais do que um termo da moda. “Não podemos oferecer um emprego para toda vida, mas podemos dar condições para que nossos funcionários se tornem profissionais e pessoas melhores”, diz o gaúcho Carlos Renck, 40 anos, presidente da Carrier para a América Latina. (Revista Exame, 2001, p.46) Embora a reportagem da *Exame* ilustra ainda uma gestão empresarial em processo de mutação, é forte em difundir para o público da revista a convicção de que o trabalho tornou-se “menos atividades das mãos e mais da cabeça”, mas desde que seja uma atividade de “compartilhar idéias, problemas e objetivos” para a expropriação da sua própria carne.



neurológicos e até mesmo relações pessoais. Não é que existissem redes anteriormente ou que a estrutura do cérebro tenha mudado. E que a rede tornou-se uma forma comum que tende a definir nossas maneiras de entender o mundo e de agir nele. E sobretudo, da nossa perspectiva, as redes são a forma de organização das relações cooperativa e comunicativas determinadas pelo paradigma imaterial da produção. A tendência dessa forma comum para se manifestar e exercer sua hegemonia é o que define o período (Negri & Hardt, 2005, p.191)

## 2.2

### **o papel do conhecimento no capitalismo cognitivo**

---

*O trabalho é por um lado trabalho vivo. O trabalho que expressa. É um trâmite de expressão da existência singular de cada um de nós. E por outro lado é trabalho morto. É trabalho que se acumulou sob o comando capitalista determinando toda uma série de condições mortíferas da nossa existência, da nossa vida.*  
(Antonio Negri)

Mas por que falamos hoje de um capitalismo cognitivo, se, desde o momento que a produção se industrializou, o conhecimento (como ciência e tecnológica) já era aplicado nas máquinas? Por que se falar disso se o conhecimento também aparece como administração científica do trabalho no sistema taylorista de produção?

Em uma análise consistente, Enzo Rullani<sup>108</sup> responde a essa indagação ao investigar as características e finalidades do conhecimento desde o início do industrialismo. Para Rullani o *primeiro conhecimento* que foi aplicado na produção industrial era de tipo determinista, pois sua tarefa era “de controlar a natureza através da técnica e os homens através da hierarquia”. Esse conhecimento industrialista impulsionou um notável crescimento da produtividade e dos empregos, mas às custas da neutralização da força viva do trabalho e à sua transformação em atividade mecânica e utilitária. Era um conhecimento objetivo, pois subjugava o homem e à natureza ao domínio da produção de valor ao capital: o conhecimento era as máquinas, os mercados e o cálculo econômico.

Reduzindo o conhecimento a um simples modo de cálculo e de controle técnico, a modernização reprimiu a variedade, a variabilidade e a indeterminação do mundo, para conformá-lo às exigências da produção. [...] A modernidade reduziu de maneira forçosa a complexidade do entorno natural, do organismo biológico,

---

<sup>108</sup> Rullani, 2004, p.99-128

do espírito pensante e da cultura social, às dimensões toleradas pela fábrica industrial.<sup>109</sup>

A modernização prescinde de um conhecimento que é tido como um fator intermediário da produção. O conhecimento é necessário então como o dispositivo que governa as máquinas e administra os processos. Neste sentido, é produtor de valor à medida que produz novos usos para as máquinas e novos processos de produção para o trabalho. Mas claro que num ritmo ainda lento de inovação, dado à característica padronizada dos produtos típicos do industrialismo.

O que vemos então em retrospectiva – quando analisamos o capitalismo industrial (das fábricas inglesas até à crise fordista) – é que, quanto mais se avançou a produtividade capitalista e quanto mais as mercadorias se tornaram bens de curta durabilidade, dado à rapidez do ciclo de consumo, maior se tornou a dependência por conhecimentos que permitissem ao produto se modificar, incorporando os novos desejos do consumo e novas técnicas de produção, a ponto de então *primeiro conhecimento* começar a se manifestar, nas fábricas industriais, como força autônoma ao próprio trabalho humano empregado (puro trabalho abstrato), conduzindo o capital a instituir novos mecanismo de subsunção do trabalho vivo, mirando no conhecimento que este gera e o que põe em circuito. Em síntese, a dependência e o investimento constante em ciência e tecnologia acabaram por liberar o trabalho vivo da própria subsunção ao maquinismo e transformando ele próprio na fonte de produtividade desse maquinismo. É quando as mercadorias têm curta sobrevida, e a inovação torna-se a mediação primária para a produção, não adianta tornar o trabalho apenas a “parte viva” da máquina. É necessário torná-lo o capital fixo, função até então ocupado pelo sistema maquinário. Mas o cérebro é o próprio núcleo desse maquinismo. Por isso que falamos de capitalismo cognitivo.

A máquina então só funciona se o trabalho, na forma de saber, a programe. Uma inversão total à lógica anterior do maquinismo. Ocorre, dessa forma, uma forte dobra na

---

<sup>109</sup> Idem, p.100

história do capitalismo, pois a produção de mercadoria por meio de conhecimento é ultrapassada por uma produção de conhecimento por meio de conhecimento. Chegamos aqui no coração do capitalismo cognitivo, analisa Rullani.

Esse conhecimento-software, ou esse *segundo conhecimento*, se apresenta, ao mesmo tempo, no produto e separado dele. Com a virtualização da matéria, provocado pelas tecnologias numéricas da informática, o conhecimento passa a existir também separado do seu suporte material, tornando-se reproduzível, mutável e utilizado de maneira distinta. Assim, o conhecimento se separa tanto do capital, quanto do trabalho empregado para produzi-lo.

Além disso, com a generalização das tecnologias interativas, o acesso aos saberes presentes no tecido social global (nos fluxos e redes sociais) é facilitado, o que dispara um armazenamento de saberes nas diferentes redes cognitivas, cuja internet é a principal delas, mas não a única - há redes comunitárias, redes de empresa, redes territoriais, redes sociais etc. Esse *capital imaterial* nada mais é que um saber geral presente no trabalho vivo. É portanto um *general intellect*, que tem como principal meio de produção a força-cérebro, e o computador como seu principal instrumento, porque é por meio dele que todos os conhecimentos e saberes sociais passam e são distribuídos em rede.

Para Gorz (2005), termos, como *sociedade do conhecimento*, *economia do conhecimento* ou *capitalismo cognitivo*, surgem à reboque da informatização da produção, que se caracteriza por tender transformar o trabalho (mas também atividades como entretenimento, as relações íntimas, a troca e a busca de informação etc) em capacidade de gerir um fluxo contínuo de informações. E isto implicaria numa entrega subjetiva a essa gestão. Assim, a informatização revaloriza as formas não substituíveis e não formalizáveis do saber: como o saber da experiência, o afeto, o discernimento, a capacidade de coordenação, de auto-organização, de comunicação e de atuar em grupos sociais – então presentes no espaço antes considerados improdutivo, o cotidiano. De novo, o *general intellect*. Por isso que Gorz (2005) denomina o trabalho no capitalismo cognitivo como

**produção de si**, um auto-emprego. “A pessoa deve, para si mesma, tornar-se uma empresa; ela deve se tornar, como força de trabalho, um capital fixo que exige ser continuamente reproduzido, modernizado, alargado, valorizado” (idem, p.16).

O conhecimento hospedado nessas redes sociais torna-se insumo para que haja criações e recriação, que, depois de produzidas, retornam em parte para as mesmas redes de onde saíram suas bases e referências. Isso gera um rendimento em escala sempre crescente: quanto mais se sabe, mais se é capaz de saber. E provoca a intensificação do *trabalho imaterial* sob a forma de *trabalho reticular e cooperativo* – porque se processa a partir das capacidades de auto-organização, de comunicação e de cooperação em rede entre os sujeitos.

Para Weissberg (in *Cocco et al, 2003*), um sub-produto desse trabalho reticulado é as novas formas autorais distribuídas, concretizadas em manifestações como: assinatura coletiva, recusa a exibir-se, impossibilidade de distinguir o que é de quem, assinatura coletiva com atribuição individual por todo ou parte. Isto paralelamente a intensidade de novos autores únicos que surgem nas redes por conta da novidade de suas linguagens singulares. As novas tecnologias interativas são uma verdadeira ruptura na história das técnicas, pois une aquilo que sempre esteve separado, a máquina (*hardware*) e a sua programação (*software*). O instrumental e a comunicação. Essa recomposição – para além de todo maniqueísmo manual versus intelectual – exprime uma produção que se tornou “criação de usos”, pois o seu instrumento primordial, as tecnologia multimídias e o computador, são metamáquinas relacionais. “O PC em rede é literalmente uma caixa vazia: a metamáquina não tem mais função nem valor-utilidade em si; apenas a maneira como é aplicada e o uso que dela se faz lhe conferem função e utilidade”.<sup>110</sup>

Ao ter como principal valor de uso a “criação de usos” ou a “criação através dos usos criados”, a produção – atravessada pelas novas tecnologias multimídias – compõe-se de sujeitos com capacidade heterogênea de adquirir, tratar, manipular, transferir

---

<sup>110</sup> Corsani, *op. cit.*, p.22

conhecimentos a ponto de dar lhes uma forma que se finda em serviços. Além disso, essas novas tecnologias (em particular a internet) permitem que a produção, a circulação e a acumulação de conhecimento exista potencialmente em escala global.<sup>111</sup>

Graças às novas tecnologias de informação e comunicação, os conhecimentos podem circular independentemente do capital e do trabalho. Porém, ao mesmo tempo, esses conhecimentos nascem e se difundem por heterogêneses (ou seja, ao longo de trajetórias desenhadas por aportes criativos cumulativos, cooperativos e largamente socializados) nos contextos de produção e uso. É por isso que se pode falar a justo título de produção de conhecimento por conhecimentos, o que traduz e denota a idéia de que se passa de um regime de reprodução a um regime de inovação.<sup>112</sup>

Para Rulanni (in *Blondeau et al*, 2004), a novidade histórica não é então a centralidade do conhecimento como força produtiva, nem tampouco a emergência das tecnologias virtuais também como força produtiva, mas no fato de o conhecimento ser um recurso e um produto, mas desincorporado de qualquer recurso e produto, que é capaz de produzir o principal valor da produção. O conhecimento sempre esteve presente nos modos de produção anteriores, contudo, existia em funções externas ao processo produtivo. Segundo Bifo(2005), o conhecimento se explicitava em um papel de organização do consenso e de elaboração ideológica. Só depois do desenvolvimento de um sistema de conexão telemática que o trabalho entre força-cérebros tornou-se interno ao próprio processo produtivo, assumindo assim uma característica de produção de informação.

Atualmente, a produção torna-se fortemente marcada pelo comunal, isto porque todo conhecimento carrega consigo a sua natureza coletiva e comunitária. Assim, uma inovação na química fina para a indústria, a alteração de um processo de trabalho para uma indústria automobilística ou ainda uma nova função (como serviço) no celular para a indústria das telecomunicações, são fatos que têm em comum a existência da inovação no núcleo da construção de novos valores sociais e econômicos. A inovação é

---

<sup>111</sup> Idem, p.22

<sup>112</sup> *idem*, p.27

permanentemente desenvolvido por comunidades, que, por conseguinte, devem suas invenções aos saberes sociais inscritos no tecido social.

O conhecimento inventado acaba enriquecendo não somente a indústria que o aplicou, mas derramando sobre a sociedade novos usos, novos procedimentos, em suma, novos saberes sociais, que vão redundar em novos usos e assim sucessivamente num ciclo virtuoso sempre estruturado na lógica da inovação. Portanto, aquele conhecimento que está incorporado no celular, no petróleo e no automóvel, tem a característica de também estar desincorporado deles e reunido e diluído em uma multiplicidades de agentes sociais. Assim, o conhecimento, estando na forma de informação (*quando um serviço*) ou na forma de saber (base cognitiva da sociedade), tem o dom da repartição e da ubiqüidade. Torna-se social.

Para Gorz,<sup>113</sup> os saberes, como competência e procedimentos técnicos e científicos, diferentemente da capacidade artística e da inovação, podem ser transmitidos e formalizados por quem quer que faça uso deles. “Podem ser transcritos em formato digital e informatizados para fins produtivos sem a necessidade de se agregar qualquer outro aporte humano”<sup>114</sup>. Assim o saber torna-se um capital fixo, ou seja, é meio de produção. À diferença do meios de produção do industrialismo, o saber agora pode ser reproduzido, praticamente a custo zero, em quantidades ilimitadas. Como realça Jollivet (in *Cocco et al*, 2003) o verdadeiro trabalho é a atividade da primeira peça, do *original*. “Isto vale para os programas de software, bem como para o conteúdo de saber embutido nos medicamentos”, aponta Gorz.

Esse possibilidade do “custo zero” remete a uma crise na idéia de *rendimento decrescente* presente na visão econômica do capitalismo industrial. Essa idéia se sustentava na assertiva de que os acréscimos de produção de um bem vão se tornando cada vez menores à medida em que se adiciona mais unidade de determinado fator produtivo, mantendo a quantidade dos restantes fatores produtivos constante.

---

<sup>113</sup> Gorz, 2003, pp. 35-38

<sup>114</sup> Idem, p.36

Ao contrário, na atual fase do capitalismo cognitivo, os rendimentos são sempre crescentes, pois a cada novo aporte de força produtiva, na forma de conhecimento incorporado, maiores são os ganhos de determinado produto. Na verdade, a condição para a produtividade é a incorporação constante de novos conhecimentos produtivos: “o objeto técnico inovador, seja ou não NTIC, se transforma e, com freqüência, através de sua difusão, de suas adoções, de seus usos ativos”, argumenta Pascal Jollivet<sup>115</sup>.

Quando adquirimos um software isto não se expressa como um consumo destrutivo do produto. É um consumo produtivo, pois criam-se novos usos. Outro caso emblemático é a internet. Ele é construída internamente por cada novo usuário que a acessa. Assim, a rede é conseqüência de uma variável quantitativa (o aumento constante de usuários) e de uma qualitativa (a capacidade de geração de inovações desse quantitativo – dessa multidão de usuários – que socializa as criações que ocorrem na rede). A atividade produtiva do consumo proporciona, como vemos, que os bens do capitalismo cognitivo tenha rendimentos sempre crescentes, dado que em boa parte as novas funções desse bem são criadas pelo seu próprio usuário, na forma de necessidade ou na forma de inovações. Isso não explica somente os produtos *high tech*, mas toda economia que depende da força-invenção do trabalho para garantir altos níveis de produtividade. Neste sentido, como já dissemos, o monitoramento dessas utilizações inovadoras das mercadorias será uma tarefa difundida nas empresas contemporâneas. A essa iniciativa de monitoramento os teóricos da sociologia do trabalho conceituarão como *trabalho de interface*, neste caso, entre produção e consumo (utilização). Esse *trabalho de interface* é então atividade de redução de incerteza e um domínio maior da complexidade.<sup>116</sup>

O capitalismo cognitivo acaba portanto sendo uma “inversão política e epistemológica das classificação sociológicas em uso”, porque assinala uma profunda mudança no modelo técnico do trabalho, pois o que é posto a produzir é uma constelação de saberes e conhecimentos – logo, cooperação entre cérebros – que estão presentes em

---

<sup>115</sup> Jollivet, 2004, pp.149-151

<sup>116</sup> Corsani, Antonela, op cit, p.24



um novo espaço (todo território social e não mais somente na fábrica), em um novo tempo (o tempo da virtualidade) e em um novo sujeito (a inteligência coletiva que se constitui como uma multidão de singularidades produtivas, que vai desde os precários miseráveis aos trabalhadores empregados).

Este “capitalismo cognitivo” é assim irmão gêmeo de um “capitalismo relacional” e de um “capitalismo dos afetos” que põe sobre a nova cadeia produtiva o indeterminado conjunto de mediações sociais, que chega inaugurando e ampliando ciclos de negócios concretos desde há pelos menos 30 anos: desde o cuidado de idosos à atenção telefônica, desde à velha indústria cultural à nova indústria do design. [tradução nossa] <sup>117</sup>

Segundo Rodríguez & Sanchez (2004), essa infinidade de serviços e inovações produzidos pela multiplicidade de sujeitos produtivos constitui um cisma no modelo liberal da explicação econômica, que, fundado no paradigma da escassez, se vê defrontado com elementos totalmente não-econômicos ou anti-econômicos: excesso, abundância, ilimitação da riqueza – algo que provoca uma: “diminuição do valor monetários da riqueza total produzida, assim como uma diminuição do volume dos lucros” A economia da abundância tende por si só a uma economia da gratuidade; tende a formas de produção, de cooperação, de trocas e de consumo fundadas na reciprocidade e na partilha, assim como em novas moedas. (Gorz, 2005)

Para Gorz (2005), essa situação revela que o capitalismo cognitivo é a crise do capitalismo em seu sentido mais estrito. Crise porque a economia capitalista precisa lidar com a diminuição da demanda para as mercadorias produzidas sem trabalho (sem conhecimento), e o rápido processo da capitalização do conhecimento, o que significa a transformação do conhecimento em *capital imaterial*. Contra isso o comando busca se apropriar dos meios de acesso que geram o conhecimento (*as redes telemáticas, o sistema educacional, etc*) para não deixá-lo se tornar um bem coletivo. Do ponto de vista econômico, a materialização das mercadorias “se torna secundária”. Empresas – principalmente as

---

<sup>117</sup> Corsani, Antonela, op cit, p.14

corporações - passam alugar os “espaços físicos, máquinas e meios de transporte, além de terceirizar a produção dos seus bens”. E se limitam a atividades de concepção, de design, de publicidade, de logística distributiva e de marketing. E isto não constituiria estratégias de alívio da produção (*lean production*), mas “de uma nova divisão social do trabalho, não somente entre prestadores de trabalho, mas entre empresas e capitais”. É uma nova relação de suserania e vassalagem, como argumenta Gorz. As grandes corporações ficam com a produção imaterial, comprando sempre muito baixo do vassalo, que intensifica a exploração da mão-de-trabalho, explodindo os lucros do suserano, que revende as mercadorias já com a sua marca (*branding*) por altos valores.

Isto explica em parte o fato de o mercado de ações das bolsas de valores ficar cada vez menor para as empresas ligadas ao “capital fixo material”. E ser ocupado majoritariamente pelas corporações que administram e possuem *goodwill*, ativos intangíveis criados pela política de marca (*branding*). Não é à toa que as franquias (*franchising*) de empresas nascem neste contexto: *franquiar* significa alugar uma imagem, alugar uma forma singular de conhecimento. No final das contas, a própria valorização do capital é uma estratégia de franqueamento do social, mas sem pagar a ele o direito ao copyright. “A marca deve funcionar da mesma maneira que funciona a assinatura de uma reputação, atestando que o objeto não é uma mercadoria vulgar, mas um produto raro, incomparável” (Gorz, 2005, p.47). Uma das estratégias de sucesso do *mundo das marcas* é ser resultado de uma indústria que não busca mais vender produtos, diz Gorz, mas a alugá-lo a sua clientela. O consumidor passa a ser usuário (de modas, comportamentos, estilos, atitudes – uma série de valores promovidos e disponibilizados pela logomarca). Ao usá-la, o cliente obtém esse serviço prestado pela marca. O valor se concentraria nessa distinção social criada pela *logo* e no fato desta ser um capital imaterial que é monopólio de uma corporação:

Do ponto de vista econômico, a marca deve dotar o produto de um valor simbólico não mensurável que prevalece sobre seu valor utilitário e de troca. Ela deve tornar o artigo de marca não permutável por artigos destinados ao mesmo uso, e dotá-lo de um valor artístico ou estético, social e expressivo. (idem, p.47)

A nova economia, portanto, não se limitaria a uma economia *high tech*, mas expressa uma economia do simbólico, porque é a marca a geradora do valor do produto, e não o seu inverso (Gorz, 2005). O efeito disso é que, nas bolsas financeiras, o capital financeiro quer e busca ações de empresas que possui maiores ativos intangíveis: possuam potencialidades de estrutura de marketing, força de venda, força futura de produção, capacidade organizacional de sua direção, a força invenção do quadro pessoal, bom relacionamento com a comunidade de consumidores, etc. O patrimônio material, no mercado financeiro, é somente consequência do aumento do capital imaterial das empresas. Dessa forma, o capital torna-se uma *ficção real*.

A separação do capital imaterial e do capital material se situa assim num contexto em que a massa de capitais fictícios já se deslocou da economia real e, sobre o mercado de derivados, pôs-se a fazer dinheiro comprando e vendendo dinheiro fictício centenas de vezes por dia. A ficção ultrapassa a realidade e se passa por mais real do que o real, até o dia em que , imprevisível e inevitável, a bolha estoura.<sup>118</sup>

---

<sup>118</sup> Gorz, 2005, p.42.

## 2.3

### o comum e a produção de conhecimento

---

*É preciso tornar comuns “as economias externas” do desenvolvimento capitalista, ou seja, reconhecer valor comum à cultura, à civilização, ao saber, às habilidades profissionais e a todas as condições ecológicas, associativas, urbanas que pré-constituem condições da economia capitalista. Ora, os capitalistas nunca pagam essas pré-condições, aliás, fazem com que seja o público quem paga: no entanto, elas são comuns, são a projeção viva do trabalho[...] O paradoxo consiste no fato de que somente o trabalho vivo pode utilizar, ou melhor, tornar operativa e presente essa massa de trabalho passado.*

*Antonio Negri*

Isto acaba por gerar uma enorme dificuldade do comando capitalista em governar a “dimensão cognitiva nova - porque central e generalizada – do trabalho vivo”, pois que trabalhador torna-se co-detentor do conjunto de ferramentas que o próprio comando lhe oferece para trabalhar. Como analisa Blondeau,<sup>119</sup> o custo quase zero de reprodução do conhecimento torna possível a constituição de um mercado em que o conhecimento é objeto de livre acesso.

Na medida que a digitalização e o barateamento dos custos de reprodução é tendencialmente zero, a difusão potencial dos mesmos é tão grande que torna-se materialmente possível uma completa liberdade de acesso. Por outro lado, a própria difusão deste tipo de bens proporciona um valor de uso agregado que deriva das possíveis espirais de criações derivadas, ou em outras palavras, de que sua socialização incorpore o bem informacional como rotina e linguagem comum de novos usos e de outras criações. [tradução nossa] <sup>120</sup>

Quando o produto da cooperação entre cérebros é tornado comum, dar-se-á uma garantia para que a riqueza cognitiva seja expandida. O espaço da produção em

---

<sup>119</sup>Blondeau, 2004, p.14

<sup>120</sup> Blondeau, 2004,, p.17

comum (*commons*) torna-se um espaço liso – “um espaço aberto a todas as travessias e modificações”<sup>121</sup> – que não estão presente nem o sistema mercantil de concorrência, nem a soberania antiga e burocrática do Estado. A esse sistema o comando responderá com a privatização do próprio comum – equivale dizer transformá-lo em raridade - consubstanciada na ampliação das patentes e da propriedade intelectual das formas de vida que constituem o comum - a ecologia e o meio ambiente, a cultura, o pensamento, o conhecimento etc - então o principal fator produtivo da economia contemporâneo, ou seja, os verdadeiros meios de produção de nossa época. Quanto mais se aumenta o regime das patentes, menor é a capacidade produtiva do trabalho em produzir futuras inovações.

Os direitos sobre a propriedade intelectual intervêm então para assegurar àquele que a detém uma “freagem” do processo de socialização. Todavia, os conhecimentos desmaterializados se enriquecem permanentemente com os aportes criativos, ao longo de todo o seu processo de difusão/socialização. E é justamente este processo que assegura uma dinâmica de crescimento de riquezas. Consequentemente, os direitos sobre a propriedade intelectual introduzem um princípio de raridade em um mundo possível da “não-raridade”.<sup>122</sup>

Como analisa André Gorz (2003), para que o saber funcione como capital fixo e possa com isso extrair “mais-valia”, o saber deve se converter em propriedade monopolista, tutelada por uma patente que assegure a seu possuidor uma renda por esse monopólio.

Os setores estratégicos de todas as economias se encontram em jogo: a alimentação e a saúde pelas patentes sobre a vida e sobre os fármacos; a educação pelos processos de privatização e pela vinculação da investigação pública às grandes companhias; o software e a rede pelas patentes sobre os métodos de programação e pela privatização da internet; os bens culturais pela aplicação restritiva e reativa dos direitos do autor [*tradução nossa*].<sup>123</sup>

---

<sup>121</sup> Blondeau, 2004, p.17

<sup>122</sup> Blondeau, 2004, p.30

<sup>123</sup> Blondeau, 2004, p.18

Se antes a propriedade intelectual foi inventada para que a obra sobrevivesse ao seu autor, agora, num capitalismo pós-moderno, a ampliação dos marcos jurídicos que endurecem as leis das patentes é uma tentativa de o dono delas sobreviver à sua obra. Com isso o comando acaba criando um novo regime de escassez, agora voltado para a produção de conhecimentos a ser aplicados nas mais distintas formas de produção imaterial. E com isso acaba por limitar a “cooperação entre cérebros”. Essa limitação da inteligência coletiva redundando no fato de a atividade criativa ter como insumo a propriedade intelectual já privatizada, o que reproduz ainda mais os lucros para o comando, que institui “uma gestão puramente financeira dos recursos científicos, tecnológicos ou culturais, com numerosos efeitos perniciosos” (Blondeau, 2004, p.31).

Na verdade, o capitalismo cognitivo não se limita a apoderar-se do saber no qual teve origem, quer também privatizar aquilo que é incontestavelmente bem comum, como o genoma de plantas, animais e o humano. E se apropria a custo zero do patrimônio cultural comum para utilizá-lo como capital cultural ou capital humano. O termo capital humano designa principalmente as capacidades humanas e as formas de saber não-formalizáveis que os indivíduos desenvolvem diariamente em suas relações interpessoais. São instrumentalizadas e exploradas no capitalismo cognitivo como o definem na França os teóricos próximos a Toni Negri – não apenas as horas de trabalho prestadas, mas também o tempo invisível dedicado ao próprio crescimento cultural e humano. Todas as atividades individuais desenvolvidas fora do tempo de trabalho e dedicadas à realização pessoal podem ser, portanto, consideradas atividades produtivas.<sup>124</sup>

Mas tornar raro aquilo que é comum não é uma operação tão simples a ponto de ser resolvida com os anteparos legais. Minimamente por duas questões. A primeira é lógica. Para Enzo Rullani<sup>125</sup>, o novo conceito de propriedade busca enclausurar o uso do conhecimento a um espaço físico protegido, excluindo o direito de acesso a possíveis usuários. Contudo, “ao contrário, a propriedade de um conhecimento não pode ser protegida

---

<sup>124</sup> Blondeau, 2004, p.37

<sup>125</sup> Rullani, online

fechando o conhecimento em um lugar”.<sup>126</sup> Numa economia da informação, o conhecimento pode ser imitado, copiado e reinventado independente do fato de ser patenteado. Para que não haja cópia ou imitação, diz Rullani, seria necessário manter totalmente em segredo o conhecimento, o que significa não possibilitar a sua difusão, algo que é um paradoxo ao capitalismo cognitivo, já que este extrai o valor de seus produtos exatamente quando é capaz de difundir inovações a uma velocidade contínua em relação ao seu concorrente. Há ainda outra alternativa para não fazer o conhecimento circular: controlar toda e qualquer obra derivada do original patenteado, o que torna o custo desse controle muito mais elevado do que a produção da própria inovação. Em ambos os casos, a privação do conhecimento acaba tendo um efeito bumerangue: ao reduzir a difusão do conhecimento, a empresa acaba não oportunizando os rendimentos provenientes da socialização desse conhecimento.

O controle da cornucópia ainda gera uma situação contraditória ao capital. Este sabe que, como o custo de reprodução do conhecimento é quase zero, qualquer inovação pode ser difundida gerando baixos rendimentos para o criador do original. Mas o problema é que o custo de produção do original é infinito, dado que a produção necessita de investir na capacidade criativa e existencial do trabalho vivo. Assim, cada vez que uma inovação circula livremente, a sociedade acaba por reinventá-lo e, por conseguinte, disponibiliza novos saberes que são capazes de fazer diminuir o tempo de produção de “novos originais”. De infinito, o custo de produção passa a ser finito. O capital, portanto, vive um impasse. O custo de produção de conhecimento é inversamente proporcional ao grau de difusão livre do conhecimento ou diretamente proporcional ao grau do valor das mercadorias. Essa contabilidade acaba o asfixiando em uma situação pesada de concorrência, principalmente, quando esta se baseia na capacidade inovadora da corporação, isto é, na necessidade de encurtar o tempo de difusão de novos conhecimentos e serviços incorporados a seus produtos.

---

<sup>126</sup> Rullani, online

Para complexificar ainda mais, um segundo aspecto. Há, na prática, novos processos de gestão desse conhecimento tornados fundamentais para a dinâmica concorrencial de mercado e que escapam à lógica privatista. A particularidade desses processos é difundir inovações sem fazer com que organizações percam a vantagem competitiva que estas lhes fornecem. Para Rullani, conseguem isto de três maneiras:

1) de um diferencial de velocidade na produção de novos conhecimentos, ou melhor na exploração de seus usos; 2) de um domínio do contexto superior ao dos outros; 3) de uma rede de alianças e de cooperação que permita negociar e controlar as modalidades de uso do conhecimento no seio de todo o circuito de repartição.<sup>127</sup>

De forma curiosa, todas essas maneiras são formalizadas por um direito que não é produzido pelo Estado, mas é resultado de uma política ativa que busca multiplicar o valor através da difusão, mas sem restringir a sua socialização. É por isso que a principal subversão dos nossos dias é a emergência de movimentos que vão permitir a socialização do saber que o comando quer sempre financeirizar. Exemplos como a luta dos programas de software livre, dos usuários de mídias colaborativas, dos ambientalistas que combatem a biopirataria das corporações, dos produtores culturais que constituem redes públicas de difusão e troca de suas produções, são apenas alguns exemplos de uma centena de reivindicações criativas de sujeitos que, assumindo a condição de operário social, requer para si e não contra si o *general intellect*.

---

<sup>127</sup> Rullani, online



## **CAPÍTULO III**

### **O TRABALHO IMATERIAL**

**informação, afeto e serviços**

### 3.1

## ***o general intellect e o virtuosismo do trabalho***

---

A base que estrutura essa transição do capitalismo industrial para o cognitivo-que buscamos apenas constatar – é a constituição de uma nova ontologia social do trabalho. Um novo sujeito, portanto. Neste caso o trabalho se transforma integralmente em trabalho imaterial, e a força de trabalho em *general intellect*. Essa hipótese é uma realização empírica do que Karl Marx escreveu no texto *Fragmento sobre as máquinas*, contido nos seus *Grundrisse*. Neste texto antecipador, Marx afirma que a principal fonte de valor não mais se caracterizaria como trabalho abstrato aplicado à máquina. O “furto do tempo alheio” não garantiria que a riqueza se multiplicasse. O fato do trabalho vivo ter sido objetivado nas máquinas – se tornado apenas órgão consciente delas – reduzira o tempo de trabalho necessário como fator de criação de mais trabalho. O “tempo do trabalho” se torna apenas necessário à pura repetição maquínica, e com o desenvolvimento industrial, cessa de ser a base da produção da riqueza, dependente cada vez mais da ciência e tecnologia empregada no desenvolvimento do maquinário e nas formas de como se processam a cooperação produtiva.

### **O trabalho como intelectualidade difusa**

O paradoxo atual, reflete Negri & Lazzarato (2001), está no fato de o capital reduzir a força de trabalho a capital fixo, submetendo-a intensamente a um processo produtivo, ao mesmo tempo que o ator fundamental desse processo de produção é tornado

agora o *general intellect* – o *saber social geral* (“seja na forma de trabalho científico geral, seja sobre a forma do pôr em relação as atividades sociais: cooperação”).<sup>128</sup>

Não mais o trabalho repetitivo é elemento central do valor de uma mercadoria, mas a capacidade do trabalho de incorporar dispositivos de produção de subjetividade (a imaginação, a ciência, a inteligência, a comunicação, o afeto, o cuidado, enfim, é requerido para produzir a força invenção do trabalho). O capitalismo – na sua forma pós-fordista – é então a realização da hipótese de Marx. “Nesta época cognitiva, a produção do valor depende sempre mais de uma atividade intelectual criadora que não só se situa além de qualquer valorização, ligada à raridade, como se situa além da acumulação de massa, de fábrica etc”.<sup>129</sup>

Tendencialmente o trabalho assume cada vez mais um caráter de atividade intelectual, algo que se torna hegemônico em relação às outras formas de se produzir.

Que significa trabalho intelectual? Significa trabalho inteligente, certamente. Significa trabalho móvel no espaço, significa trabalho flexível no tempo. Mas significa sobretudo uma outra coisa. Significa trabalho que se torna sempre mais autônomo. Trabalho que se torna autônomo porque é trabalho que se reapropria, por assim dizer, do instrumento de trabalho. Na história do capitalismo o instrumento do trabalho é alguma coisa que é oferecida pelo patrão capitalista ao trabalhador, e este instrumento representa, apresenta uma dialética específica, uma dialética de reapropriação. Esta dialética vem se concluindo com o trabalho intelectual. O trabalho intelectual é o trabalho do cérebro. É o trabalho em que o instrumento é o instrumento que não se gasta mas se reproduz cognitivamente. É um instrumento que é um instrumento reapropriado. Por isso é o trabalho vivo como trabalho que se torna sempre mais autônomo.<sup>130</sup>

O trabalho experimenta então esse paradoxo que bem antecipa Marx: é o máximo de exploração, pois a própria vida é posta a produzir; mas, ao mesmo tempo, experimenta uma constituição potente de liberação dialética com o capital, já que a força invenção se constitui independente do capital. Este agora se apresenta como um aparelho

---

<sup>128</sup> Negri, 2001, p.30

<sup>129</sup> Negri, 2003, p. 94

<sup>130</sup> Negri, [online](#)

de captura desse saberes, conhecimentos, relações e redes sociais. Assim no núcleo do novo espírito do capitalismo, o Capitalismo Cognitivo, se processa o desenvolvimento da ontologia do trabalho imaterial, em que o *ser é um produtor de obras desde que contenha “uma capacidade de conhecer”*. Essa é a principal transformação das forças produtivas no contexto da pós-modernização. E é nessa capacidade de conhecer que tanto se chega à produção, quanto às relações inter-humanas, porque o conhecer é um ato cooperativo. O trabalho imaterial, portanto, é a união de atividades inovadoras que produzem o valor. Desta forma, como aponta Corsani in Cocco et al (2003), a valorização repousa então sobre o conhecimento, sobre o tempo de sua produção, de sua difusão e de sua socialização.

A dimensão imaterial do trabalho no pós-fordismo quer dar conta exatamente de seu caráter relacional, comunicativo e cooperativo. Ela não se opõe ao material, pois o trabalho imaterial é a condição da produção de bens e serviços. Mas ela dá conta da qualidade nova de um trabalho vivo que, para se concretizar, não precisa mais de sua subsunção dentro do sistema de máquinas, no trabalho morto. O trabalho imaterial é, como dizia Marx, o trabalho não-materializado mas vivo, que existe como processo e ato” (Cocco, 1999, p.274).

Essa competência cognitiva e comunicativa não-objetivável na máquina se encontra difusa em todo conjunto de trabalho vivo no pós-fordismo - manifesta-se tanto no operário qualificado, quanto no precarizado (dado como virtualidade, ou seja, fruto da “luta contra o trabalho” fordista, e favor da socialização do trabalho, qualificação profissional e autovalorização cultural). Para Virno, o que se sobressai nessa produção imaterial é o intelecto geral (*general intellect*), isto é, as atitudes mais genéricas da mente: a faculdade de linguagem, a disposição à aprendizagem, a memória, a capacidade de abstração e correlação, a inclinação para a auto-reflexão.

A intelectualidade de massas não faz mais que tornar verdadeira, pela primeira vez, a já citada definição marxiana de força de trabalho: ‘a soma de todas as atitudes físicas e intelectuais existentes na corporeidade’. [...] Afirimo que a intelectualidade de massa, em sua totalidade, é trabalho complexo, mas trabalho complexo irreduzível a trabalho simples. A complexidade, e também a

irreducibilidade, derivam do fato que esta força de trabalho mobiliza, no cumprimento de suas tarefas, competências lingüísticas-cognitivas genericamente humanas. Estas competências, ou faculdades, fazem com que as obrigações do indivíduo estejam sempre marcadas por uma elevada taxa de sociabilidade e inteligência. (...) O que não é redutível a trabalho simples é a qualidade cooperativa das operações concretas executadas pela intelectualidade de massas. (p.37).<sup>131</sup>

Nessa mesma perspectiva, de nomear o *general intellect*, Bifo (2005)<sup>132</sup> arrisca em chamá-lo de *cognitariado*, que denota um vasto conjunto de trabalhadores submetidos a um “ciclo de semiprodução”, isto é, subsumidos à tarefa de produzir significados para as mercadorias capitalistas.

A noção de cognitariado é o ponto de chegada de uma reflexão que perpassa todo o processo de transformação produtiva, tecnológica e social da modernidade tardia. Na origem desta reflexão está, evidentemente, uma noção marxista, a do *general intellect*. [...] *General intellect* quer dizer apenas que aquilo que pretende dizer: a forma geral da inteligência humana enquanto se torna produtiva, na esfera do trabalho social global e da valorização capitalista. Os poderes da ciência e da tecnologia postas em ação pela cooperação social e finalizadas na intensificação da produtividade e, portanto, do aumento da mais valia.

O fato de ser cognitivo não significa que antes o trabalho humano assim não era. A provocação de Bifo se justifica pois, na teoria do movimento operário, a cognição sempre esteve separada do processo produtivo de mercadorias, sendo circunscrita em uma função de controle, de governo, de organização ideológica do consenso: em suma, a cognição era uma função de tipo dirigente e político. Para Bifo (2002, p.21):

Na sociedade industrial clássica, o trabalhador se sentia expropriado da própria intelectualidade, da própria individualidade e da própria criatividade. Esta despersonalização tinha desencadeado uma reação cultural, social e, por fim, abertamente política, contra a forma de trabalho industrial massificado. O modelo

---

<sup>131</sup> Virno, online

<sup>132</sup> Bifo, DP&A, 2005

infoprodutivo que aparece nas últimas décadas parece interpretar e acolher exatamente aquele protesto. Na produção *high tech*, de fato, são exatamente as faculdades cognitivas que são aplicadas ao trabalho, e as peculiaridades pessoais são valorizadas.

Fiel à dimensão crítica operáista, Bifo não é embalado por qualquer visão felicista em que deposita na nova economia um período áureo em que as inteligências humanas em colaboração constituiriam uma inteligência coletiva. O cognitariado não é feito somente de *virtualidades*, mas de um corpo concreto que realiza trabalho cognitivo num estado de tensão, tão bem expresso na imagem do corpo atento às informações interativa que aparecem nas mais variadas telas de computadores. É claro que esse “corpo atento” não é somente típico do trabalho high tech, mas de infinitas atividades que envolvam tomada de decisão, gestão e comunicação.

## **Cooperação e virtuosismo**

O trabalho imaterial é a realização, como conceitua Virno, de uma atividade *virtuoso*, por reunir uma ação política (que incide sobre as relações sociais), uma atividade (que incide sobre a matéria) e um intelecto (que incide sobre si e sobre o outro).

A ação política do virtuosismo é uma atividade que tem a ver em lidar com o possível e o imprevisto. A ação política é a capacidade humana de começar de novo qualquer coisa. A exigência atual para que o sujeito tenha sempre uma *performance* enquanto produz demarca muito bem essa noção de ação política que descreve Virno. E para haver performance é necessário “um espaço de estrutura pública”, ou seja, uma atitude frente a presença dos outros. No pós-fordismo, o virtuosismo, como *general intellect*, se constitui como uma atividade pública. Marx denominou isto de cooperação. Esta se caracterizaria por dois modos: objetivo e subjetivo. A cooperação objetiva se exprime quando cada indivíduo faz coisas diferentes e específicas sendo concatenadas pela

engenharia de produção. Neste caso essa atividade cooperativa é mecânica. E só é relevante no próprio ambiente do trabalho.

Já a cooperação subjetiva envolve a produção e o desenvolvimento da própria cooperação, ou seja, ela ocorre quando são os próprios indivíduos que inventam novos processos de cooperação, opinando sobre como melhor atuar, como melhor acelerar os processos produtivos, como incorporar novos valores e conhecimentos produzidos em outras redes de produção, como melhor adaptar o corpo e a mente a um modelo de ergonomia que atua na minimização do impacto da intensidade do trabalho, ou ainda como melhor incorporar ao trabalho um processo criativo, comunicacional e lingüístico, que tornarão a atividade um processo constante de auto-valorização. Para Virno, essa modalidade de cooperação é a que demarca a fase pós-fordista. É uma cooperação eminentemente política que “... diminui o caráter monológico do trabalho: a relação com os outros é um elemento originário, básico, e nada acessório. Ali onde o trabalho parece *junto* ao processo produtivo imediato, antes de ser um componente, a cooperação produtiva é um 'espaço de estrutura pública'. Esse espaço - configurado no processo laboral – mobiliza atitudes tradicionalmente políticas. A política (em sentido amplo) torna-se força produtiva, tarefa, caixa de ferramentas”.<sup>133</sup>

E aliado a essa ação política, a virtuosidade do trabalho leva em conta, no pós-fordismo, a atividade do Intelecto, como ressalta as análises de Paolo Virno: “em termos de Marx, a partitura dos virtuosos modernos é o *general intellect*, o intelecto geral da sociedade, o pensamento abstrato tornado coluna cerebral da produção social”.<sup>134</sup> A inteligência tornada cada vez mais pública e coletiva. Virno insiste em nomear essa nova força produtiva que é o *general intellect* como uma abstração real, termo marxista que expressaria a fase na qual já não são mais certos fatos que assinalam o valor e o estatuto de um pensamento, mas sim são os nossos pensamentos, como tais, que imediatamente fixam o valor aos fatos materiais. É por isso que na nossa contemporaneidade os

---

<sup>133</sup> Virno, 2003, p. 17-18

<sup>134</sup> Idem, p.18

economistas vão reivindicar a necessidade de se fazer uma gestão do conhecimento, como uma forma de estocagem de toda inventividade produzido pelo pensamento humano que imediatamente possa garantir a criação de novos serviços, bens e relações.

À diferença de Marx, Virno mostra que o *general intellect* não se objetiva somente no sistema de máquinas (algo que tornaria as máquinas *tecnologias da inteligência*), mas existiria como afeto, linguagem e comunicação, todos atributos do trabalho vivo. “O *general intellect* se apresenta hoje, antes de mais nada, como comunicação, abstração, auto-reflexão dos sujeitos vivos”<sup>135</sup>.

Um terceiro aspecto do virtuosismo consiste em ser *atividade sem obra* – “uma atividade que encontra seu próprio fim em si mesma, sem se objetivar em uma obra duradoura”. Virno lembra que, se a atividade produtiva se organiza a partir de uma cooperação subjetiva, e a linguagem emerge como principal mediação para produzir, logo, a atividade é sem obra, porque a linguagem assim o é. Isto acaba por provocar a constituição de classe em que a atividade sem obra se converte na organização produtiva pós-fordista, ou seja, no modelo de trabalho assalariado em geral (Virno apud Blondeau, 2004).

## **a produção como linguagem e comunicação**

Produzir significa então ativar nossos esquemas semióticos. Na fábrica, o operário programa a máquina que faz o parafuso. Em seguida, ao ver o parafuso pronto, o operário pega-o entre o indicador e o polegar, mira-o com seus olhos, avaliando se aquela peça possui algum tipo de defeito. Essa checagem se faz entre a peça e a imagem mental de perfeição da peça que possui o operário. Isso demarca uma mudança radical no seio social, já que a habilidade maior do produtor reside na sua capacidade de tornar ativa a sua linguagem.

---

<sup>135</sup> Idem, p.19



Será um indivíduo social e coletivo que determinará o valor da produção, pois, sendo o trabalho organizado em formas comunicativas e lingüísticas, e o saber sendo algo cooperativo, a produção dependerá sempre mais da unidade de conexões e de relações que constituem o trabalho intelectual e lingüístico, isto é, dependerá, então, deste indivíduo coletivo. <sup>136</sup>

A questão dramática se estabelecerá a partir do momento em que o comando reduz a potência da linguagem humana à linguagem comandada, de forma que a vida seja reduzida aos poucos signos criados e disseminados pela lógica do espetáculo. É como aquela experiência confusa de muitos usuários de Internet, que após verificarem seus *emails*, seguem para um agente de busca, como o Google, e ficam inertes, olhando para tela, pensando *para onde ir?* Isso é a constituição clara de um sintoma da transformação da linguagem em linguagem comandada que esvazia a capacidade das subjetividades de constituir novos signos. É, na definição de Virno, um virtuosismo servil.

Para Christian Marazzi<sup>137</sup>, a linguagem no pós-fordismo é a linguagem que produz organização no interior da esfera do trabalho, no interior da empresa. É uma linguagem que precisa ser formal e lógica. Formal porque feita de símbolos, signos, códigos abstratos, permitindo a todos imersos no trabalho na empresa em decodificá-los instantaneamente. Lógica porque deve permitir a sua reutilização, ou seja, o agir de um não deve obstruir o agir do outro, mas potencializá-lo. <sup>138</sup>

O que percebemos então é que a linguagem é a linguagem pertencente sempre aos outros, nesse sentido, à inteligência coletiva (*general intellect*), que nos estudos de Virno e Marazzi, se exprimem ao mesmo tempo como ação política, trabalho e intelecto, possui como paradigma “a produção de comunicação por meios de comunicação” desenvolvida na indústria cultural. Para esses autores, antes mesmo da emergência do pós-fordismo, o virtuosismo existia como atividade produtiva no interior da indústria cultural. Isto porque na conformação do espetáculo a indústria da comunicação sempre disseminou

---

<sup>136</sup> Idem, p.92

<sup>137</sup> Marazzi, 1997

<sup>138</sup> Virno, online

competências lingüísticas, saber, imaginação, desejos etc. É por isso que, para Virno, é da indústria cultural que se sai os meios de produção necessários para que ocorra a cooperação social. Isso porque na perspectiva dos estudos sobre o virtuosismo, a produção de opinião, de imagens, de saberes, tecnologias da comunicação, são tornados meios de produção para todos os outros ramos de atividade.

Minha hipótese é que a indústria da comunicação é uma indústria dentro das outras, com sua técnica específica, seus procedimentos particulares, seus peculiares rendimentos, etc, mas que, por outra parte, tem também o papel de *indústria dos meios de produção*. Tradicionalmente a indústria dos meios de produção é a que produz máquinas e outros instrumentos, para ser empregados logo nos mais diversos setores produtivos. Contudo, numa situação na qual os instrumentos de produção não se reduzem às máquinas, mas que consistem em competências lingüístico-cognitivas do trabalho vivo, é lícito pensar que uma parte conspícua dos denominados “meios de produção” consista em técnica e procedimentos comunicativos. Onde são forjadas estas técnicas e estes procedimentos senão na indústria cultural? A indústria cultural produz (inova, experimenta) os procedimentos comunicativos que são logo destinados a fazer às vezes de meios de produção para setores tradicionais da economia contemporâneo.

## 3.2

### O imaterial como qualidade da produção no capitalismo cognitivo

---

*Pode-se justificadamente dizer que se viveu, na segunda metade do século XX, uma transição no seio da qual o trabalho se emancipou. E emancipou-se pela sua capacidade de se tornar intelectual, imaterial; ele se emancipou da disciplina da fábrica.*  
(Antonio Negri)

*Mais do que reprodução física, há reprodução do ideário, do universo cultural, de quem produz e consome bens imateriais.*  
(Negri & Lazzarato, 2000).

O trabalho imaterial - como *general intellect* - é o “valor de uso do trabalho vivo”, envolvendo habilidades intelectuais, manuais e empresariais em atividades de coordenação, gestão, de pesquisa e de inovação (Cocco, 1999). Negri e Hardt (2001) complementa essa definição ao conceituar o trabalho imaterial como uma produção que não resulta em bens duráveis e materiais, mas em *informação (produção de conhecimento)*, *serviços (produção de relações)* e *afeto (produção erótica)*. O trabalho imaterial é então, como afirma Cocco (1997), uma recomposição do trabalho manual e do intelectual, mas que ultrapassa essas duas visões. A nova economia é assim baseada no trabalho da mente humana que determina sempre mais a ação física do corpo que produz.

Como analisou Pelbart,<sup>139</sup> citando Negri, nesse regime produtivo em que o cérebro é determinante, é a alma do trabalhador que é posta a trabalhar, não mais o corpo, que apenas lhe serve de suporte. “Por isso, quando trabalhamos nossa alma se cansa como um corpo, pois não há liberdade suficiente para a alma, assim como não há salário suficiente para o corpo”.<sup>140</sup> Todos os elementos da vida se tornam instrumentos de

---

<sup>139</sup> Pelbart, 2002

<sup>140</sup> Negri & Lazzarato, 2001

valorização capitalista, de forma que cada vez mais consumimos toneladas de subjetividade e de formas de vida, argumenta Pelbart (2002).

## **afeto, informação e serviços**

Para Negri & Hardt<sup>141</sup>, o trabalho imaterial congrega habilidades envolvendo cibernética e controle computacional, além da comunicação horizontal e vertical. É um trabalho simbólico-analítico cujas tarefas principais envolvem “a resolução e a identificação de problemas, e atividades estratégicas de intermediação”.<sup>142</sup> O imaterial aqui significa uma atividade informacional no espaço virtual e interativo do computador, que, presente de forma generalizada na vida social, tornou homogêneos os processos de produção. Isto porque o computador se tornou um instrumento de produção que absorve diferentes atividades. Escrever uma carta, criar uma planta arquitetônica, ampliar uma foto, etiquetar uma mercadoria de um supermercado já não são mais, respectivamente, tarefas oriundas de instrumentos como a máquina de datilografia, prancheta, química laboratorial e máquina de etiquetagem. São funções elaboradas pelo computador. “O computador se apresenta como a ferramenta universal, ou melhor, como a ferramenta central, pela qual deve passar toda e qualquer atividade”.<sup>143</sup>

A especificidade do computador é que ele só funciona se a inteligência das pessoas ativá-lo. o computador ligado não funciona por si. Contudo, todo o seu uso é também “conteúdos (culturais, artísticos, ideológicos, técnicos) que veiculam. Logo, por conjunto complexo de saberes” que as NTIC determinam. Para Lazzarato (2001), esta circulação entre os planos de saberes distintos – o singular e o maquínico - é criativo porque

---

<sup>141</sup> Negri & Hardt, 2001.

<sup>142</sup> Negri e Hardt, 2001, p.312

<sup>143</sup> Negri e Lazzarato, 2001, p.312

coloca em interação a memória situada da máquina e a memória intelectual “não-situada” do homem, criando um plano de intersubjetividade.<sup>144</sup>

Mas a transição para a economia informacional se processa quando os computadores tornam-se interconectados entre si, formando dispositivos de produção em rede, o que faz alterar as formas de cooperação e comunicação dentro de cada lugar que produz e entre os lugares de produção. A informação será então um bem resultante de novos processos de cooperação, por ser a rede, relacional e colaborativa, por natureza.

A fábrica industrial definiu circuitos de cooperação no trabalho basicamente por meio da ordenação física de operários na oficina. Cada operário se comunicava individualmente com seus vizinhos, e a comunicação era, de modo geral, limitada pela proximidade física. A cooperação entre lugares de produção também exigia a proximidade para coordenar os ciclos produtivos e para reduzir os custos de transporte e de tempo das mercadorias produzidas. [...] Diversamente, a passagem para a produção informacional e para a estrutura da rede da organização faz com que a cooperação e a eficiência produtivas deixem de ser tão independente da proximidade e da centralização. As tecnologias da informação tende a tornar as distâncias menos relevantes. Operários envolvidos num único processo podem, com efeito, se comunicar e cooperar em pontos remotos, não dependendo da proximidade. De fato, a rede de cooperação no trabalho não requer território nem centro físico.<sup>145</sup>

Mas não é só de informação que o trabalho imaterial dota a mercadoria. Ele fixa no produto a cultura: estéticas, modas, preferências, normas de consumo e, mais estrategicamente, a produção de opinião pública. Pelo que vemos, não é somente de aspectos informacionais e cooperativos que se compõem um bem intangível (imaterial), mas uma dimensão cultural e afetiva. Como aponta Negri,<sup>146</sup> a produção de riqueza depende cada vez mais de conhecimentos, a produção de conhecimentos depende cada vez mais da produção de subjetividade, e a produção de subjetividade cada vez mais da reprodução social de processos vitais ricos em relações intelectuais e valores afetivos. O valor-afeto do bem intangível se estabelece no contato e na interação humana. E durante essa interação o

---

<sup>144</sup> Lazzarato e Negri, 2001, p.27

<sup>145</sup> Negri e Hardt, 2001, p.316

<sup>146</sup> Negri, 1998.

sujeito realiza uma atividade de, ao mesmo tempo, *dar e reter conhecimentos tácitos ou formais*. Como bem analisou Lazzarato, essa capacidade de dar e reter é “ao mesmo tempo, uma qualidade específica da memória, na condição de força psicológica; e da atenção, considerada como esforço (*conatus*) intelectual” (Lazzarato, 2003, p.63).

Na acepção do sociólogo italiano, quando a memória é ativa ela produz uma energia afetiva. Não se trata de uma energia física. Ao ser força-invenção, a produção passa ser cada vez mais dependente desse “espírito humano”. E a memória, como analisa Lazzarato, é ao mesmo tempo diferença e repetição, pois

[...] possui a faculdade de criar algo novo (uma imagem, uma sensação, uma idéia) e a faculdade de reproduzi-lo ao infinito (perpétua tiragem de imagens, sensações e idéias). Portanto, para que alguém que produz idéias e conhecimentos deles se despoje, seria preciso supor que esse alguém não consegue se lembrar do que pensa, sente ou diz, ou seja, que esse alguém se esquece.<sup>147</sup>

Não é então surpreendente que a produção convoque os consumidores a tecerem relações mnemônicas com a mercadoria. Termos do *management*, ou ativos imateriais, tais como, fidelização, personalização, bem-estar, confiança, segurança, conforto, satisfação ou ainda paixão, são dispositivos que têm uma marca, uma imagem, uma sensação, um conteúdo e uma história, que possam reproduzir a própria subjetividade de quem a consome.

O afeto, como analisa Negri, é capaz de produzir comunidades de sujeitos. Dessa forma, o trabalho imaterial se faz e se expande a partir da capacidade humana de vincular-se, de tornar-se comum. Toda mercadoria, como também todas as práticas sociais contemporâneas, carregam consigo um valor-afeto, que é a substância que possibilita que haja produção de uma relação ou de relações de produção.

---

<sup>147</sup> Idem, p.70

Para produzir precisa-se cada vez menos de razão e sempre mais de afeto: não apenas as teorias e as práticas tecnológicas nos confirmam isso positivamente: negativamente também nos dizem as doutrinas psicológicas e psiquiátricas. [...] é cansativo: nosso corpo em geral não está à altura da alma e vice-versa. Quando trabalhamos, verificamos nossa tensão construtiva, nossa alma se cansa como um corpo; é de fato miserável!<sup>148</sup>

Sobre essa dimensão afetiva do trabalho, Negri & Hardt (2005) conceituaram como sendo um devir-mulher, no sentido de ser constituída por uma função que visa produzir diretamente relações sociais e formas de vida, mas também um trabalho dotado de menos autoridade e menos bem pago, continuando ser desempenhado freqüentemente por homens e mulheres em situação de subalternidade – para isso é só checarmos a realidade de trabalhadores ligados à assistência, ao cuidado, ao relacionamento com o cliente etc. Negri & Hardt (2005) cuidadosamente revelam que, quando o trabalho possui como função ser afetivo, passamos por uma nova fase alienante, pois o que se é vendido é a “*capacidade de estabelecer relações humanas*”. Portanto, é toda a disposição *do íntimo* que é trazida à cena produtiva. Intelectualizado o trabalho possui um segundo elemento: a competência de criar vínculos.

O segundo elemento [*do trabalho imaterial*] que nós temos é o trabalho que não só se torna intelectual mas o trabalho que se torna também sempre mais mulher, feminino. O que significa isto? Significa que a diferença do trabalho se torna sempre mais importante na singularidade dos trabalhadores. O trabalho se torna aquilo que é o trabalho clássico da tradição doméstica. O trabalho afetivo, o trabalho cuidadoso, o trabalho da relação. Torna-se sempre mais próprio do trabalho nos serviços, na informática... do trabalho mais alto, do trabalho de capacidade de valor mais alto.<sup>149</sup>

Para a perspectiva do capitalismo cognitivo, o paradigma do trabalho se funda então em relações de comunicação. E, como sabemos, a comunicação é uma operação humana que só se realiza mediante a existência do outro. Ao mesmo tempo que é produção

---

<sup>148</sup> Negri, 2001, p.11

<sup>149</sup> Negri, 2003, p.12

de símbolos, é também relação afetiva. A comunicação então estar sempre *entre*. E o trabalho imaterial assim também se caracteriza: é uma atividade que produz encontros, instaurando, assim, uma cultura da interface: entre diferentes funções, entre consumidor e empresa, entre diversas equipes, entre os níveis de hierarquia, entre mente e máquina etc .

## **O comum é a base da produção**

Sabemos que atualmente o trabalho não tem o resultado apenas a criação de um bem material (um celular como carcaça material), mas fundamentalmente relações sociais (os serviços oferecidos por aparelho celular, que se resumem como pura linguagem: torpedos, acesso à internet, transmissão de dados em bluetooth, máquina fotográfica, câmeras de vídeo, além, é claro, de ser telefone). O homem e sua linguagem interage com o conjunto lingüístico da informação maquinal, de forma que toda a sua vivacidade, memória e inteligência são ativadas na produção. Então é o comum – a linguagem – que se torna produtivo.

No trabalho imaterial, portanto, o comum se torna a principal mediação para ser produtivo. E ele requer um processo falante, de contato, condicionando a priori a constituição de uma produção absolutamente relacional na produção, no consumo e entre produção-consumo. O produto principal da economia, portanto, desloca-se pela quantidade e qualidade de inovações na forma de conhecimento que o trabalho consegue produzir.

Esse *comum* é um conceito materialista, e não transcendental. Negri & Hardt (2005) faz uma analogia da noção de comum a de *hábito*, porque esta como aquela revela-se como uma subjetividade na experiência e não na profundidade do eu. O *hábito como o comum* serve como base para os nossos atos: “são como funções fisiológicas, como a respiração, a digestão e a circulação sangüínea” (idem, p.257). Não há vida social sem a existência dos hábitos, por isso que eles “nunca são individuais ou pessoais”. Eles se manifestam como um construção social contínua apontando sempre para o futuro. E uma



construção que é produzido através de relações de comunicação, no “agir em comum” (idem, p.257). Dessa forma, a “vida se torna o capital mais valioso”.

Isto nos permite arriscar que, na fase pós-fordista, não há somente acumulação do capital. Devemos também falar em *acumulação do trabalho*, à medida que a cada inovação – tecnológica ou cultural -, o trabalho reúne novos valores de uso, que se traduzem em novas capacidades produtivas e novas especializações. Esse novo acaba por permitir a constituição de conhecimentos futuros numa espiral infinita.

Isto talvez possa ser mais facilmente entendido em termos do exemplo da comunicação como produção: só podemos nos comunicar com base em linguagens, símbolos, idéias e relações que compartilhamos, e por sua vez os resultados de nossa comunicação constituem novas imagens, símbolos, idéias e relações comuns. Hoje essa relação dual entre a produção e o comum – o comum é produzido e também é produtivo – é a chave para entender toda atividade social e econômica.<sup>150</sup>

---

<sup>150</sup> Negri, Antonio, Hardt, Michael, 2005, p.257

### 3.3

## O papel do consumo da produção imaterial

---

Num regime em que o conhecimento, comunicação e afeto estão fixados nos produtos, para que haja um volume crescente de vendas, a produção terá cada vez mais de “reaprender a informação (as tendências do mercado) e fazê-la circular (construir um mercado)”.<sup>151</sup> A produção imaterial requer a existência do *tratamento da informação*. As inovações são por conseqüência “resultado de um processo de criação que envolve tanto o produtor, quanto o consumidor”. São cada vez mais produtos de uma relação com o cliente. Um serviço em que o consumidor intervém de maneira ativa na constituição do produto.

A fábrica não concentra sozinha o trabalho, porque este, ao se tornar imaterial, se apresenta como uma faceta intelectual (a inteligência), afetiva (o domínio relacional e assistencial) e técnico-científico (informatizado e cientificizado). Assim não será mais o salário e a máquina que aglutinarão a consciência de classe desse *operário social*, pois “a matéria-prima com que trabalha esse operário, na qual ele estabelece suas formas de cooperação laboral é a comunicação – de informação, de ciência, de saberes – e sobre ela exerce o capital sua expropriação”<sup>152</sup>.

O trabalho imaterial então tem como matéria-prima a subjetividade e o ambiente ideológico no qual esta se encontra. Manifesta-se então como cooperação entre produção e consumo ou como uma relação social com o consumidor, e se materializa “dentro e através do processo comunicativo”, que é mediado pelas tecnologias cibernéticas e telemáticas e pelos fluxos desejantes que atravessam o social. O trabalho é “trabalho de interface”: “do cliente, em sua casa, para a montadora; da montadora para seus fornecedores, dos seus

---

<sup>151</sup> Lazzarato e Negri, 2001, 2001.

<sup>152</sup> Sánchez-Pinilla, e Domínguez, online

fornecedores para outros fornecedores – numa espécie de sinfonia de dados e logística que, levada ao extremo, significaria o *just in time* ideal”.<sup>153</sup>

O valor econômico reside então no grau de velocidade em que é realizado esse movimento de *vai e vem* entre produção e consumo. Codificar o vai e decodificar o vem só poderá ser uma atividade de uma subjetivação que carrega consigo um híbrido de homem e máquina. Um trabalho de ciborgue cuja principal tarefa é controlar, de dentro da máquina, os fluxos de comunicação social, visto que “o processo de comunicação social (e o seu conteúdo principal: a produção de subjetividade) torna-se aqui diretamente produtivo porque em um certo modo ele 'produz' a produção”<sup>154</sup>. Dito de outro modo:

É o trabalho imaterial que inova continuamente as formas e as condições da comunicação (e, portanto, do trabalho e do consumo). Dá forma e materializa as necessidades, o imaginário e os gostos do consumidor. E estes produtos devem, por sua vez, ser potentes produtores de necessidades, do imaginário e dos gostos. A particularidade da mercadoria imaterial [...] está no fato de que ela não se destrói no ato do consumo, mas alarga, transforma, cria o ambiente ideológico e cultural do consumidor. Ela não reproduz a capacidade física da força de trabalho, mas transforma o seu utilizador.<sup>155</sup>

O consumo então passa a ter um papel fundamental no novo atributo do trabalho. O consumo é produtivo. O novo papel do consumo é impulsionado por um somatório de especificidades do ciclo do trabalho imaterial, que Negri & Lazzarato dividem em quatro processos: 1) a submissão à lógica capitalista da forma de cooperação e do “valor de uso” do trabalho não tolhe a autonomia e a independência da sua constituição e do seu sentido; 2) os produtos (tornados ideológicos e efeitos das mercadorias) produzem não o reflexo da realidade, mas novas formas de enxergá-la. Ou como prefere Negri, “novas estratificações da realidade, novos modos de ver, de sentir, que pedem novas tecnologias e novas tecnologias pedem novas formas de vida e de sentir”; 3) as formas de vida

---

<sup>153</sup> Vassalo, Cláudia e Martinelli, 2001, pp 36-54l

<sup>154</sup> Lazzarato e Negri, 2001, p.47

<sup>155</sup> Idem, p.46.

constituem-se como fonte de inovação, ou seja, a inovação é fruto de uma relação de criação social; 4) o público tem uma dupla função produtiva: elemento constitutivo da obra (a quem o produto ideológico é dirigido); e recepção, por meio da qual o produto encontra um lugar na vida (logo integrado na comunicação social) e faz-se viver e envolver-se. A recepção é então um ato criativo e parte integrante do produto.

## 3.4

### poder e potência na luta pelo comum

---

*Na medida em que a vida tende a ser completamente investida por atos de produção e reprodução, a própria vida social torna-se uma máquina produtiva.  
(Antonio Negri)*

Quando a vida – o comum – torna-se o meio no qual o capitalismo pós-moderno obtém sua hegemonia, o trabalho, portanto, se torna biopolítico, mas não mais apenas como Foucault definiu: um poder sobre o corpo no corpo, um poder sobre o biológico). A biopolítica é o trabalho do conjunto de singularidades que a vida apresenta, que sendo capazes de produzir invenção, tornam-se produtivas. E tornando-se produtivas são capazes de, ao mesmo tempo, constituir espaços comuns de produção e ser capturados pelos espaços privados da produção.

#### **biopoder e comando**

A biopolítica se expressa como potência criativa da vida, cujo contraponto são os dispositivos de captura do poder contra a vida. Potência contra poder. A potência da vida permite a desfiguração do trabalho porque, sendo biopolítico, ele funciona como um produtor de afecção. Contém a capacidade de afetar e ser afetado e, conseqüentemente, criar relações, bens e serviços que tenha essa mesma natureza. O *management* muito bem traduziu essa nova qualidade do trabalho, ao divulgar que não se vende mais um produto, mas um conceito. Passamos um tempo em que comprávamos casa, para um outro em que adquirimos qualidade de vida.

Mas em nenhum outro bem explicita, de sobremaneira, a nervura biopolítica do trabalho que as novas tecnologias da informação e da comunicação. Isto porque toda elas são produzidos graças à atividade do seu usuário, de forma que, a cada movimento dele, elas se transformam. O tempo desse movimento é a própria virtualidade que se processa a vida: são os instantes que constituem tanto a produção quanto o consumo. A atividade biopolítica é a fundadora do novo, ao mesmo tempo que o registra na *memória ilimitada computacional* como memória da própria produção da vida.

A economia da informação e seus dispositivos eletrônicos e digitais podem exprimir, utilmente e de maneira empírica, essa implicação extensiva e intensiva do “tempo” (da vida). Intensivamente, as tecnologias eletrônicas e digitais traçam (reproduzindo) esse novo plano de imanência feito de intensidade, de movimentos, de fluxos a-significantes, de temporalidade. Percepção, memória, concepção entram em relação com o novo plano de imanência traçado pelos fluxos dos dispositivos eletrônicos e digitais. As tecnologias realizam (reproduzindo-as) a percepção, a memória, a concepção como diferentes tipos de movimentos, como relação entre fluxos. [...] Extensivamente são sempre essas máquinas que cobrem a totalidade da sociedade e da vida com suas redes. [...] **O coletivo em nós e o coletivo fora de nós interconectam-se através de “máquinas”** que os atravessam e os constituem, assim como atravessam e constituem as condições pré-individuais da produção do real e da subjetividade.<sup>156</sup>

O regime pós-fordista constitui-se, portanto, como um deslocamento da *produção material por meio de disciplina (fordismo)* para a *produção imaterial por meio de comando*, o que significa que as técnicas de poder não concentram seus principais instrumentos sobre o homem-corpo mas sobre o homem-espécie. Já que o corpo fordista é autômato: é um homem a-orgânico, dócil. É só sua energia (como força mecânica ou sua atenção ao espetáculo) que interessa à máquina fordista. Mas no âmbito da informatização da produção, em que pese a rapidez do ciclo de consumo e de produção, o motor da

---

<sup>156</sup> Lazzarato, 1998, p.93-4

produção é a criatividade, e o agente da criatividade é a virtualidade enquanto tempo que “faz com que tudo se faça” (Lazzarato, 1998, p.81).

Portanto é o próprio tempo da vida e espaço dos cérebros em interconexão que constituem o núcleo produtor dos processos inventivos da produção contemporânea, tanto na esfera de uma produção comandada, quanto na da resistente. O poder então mira para o homem-espécie, porque é a vitalidade deste que, no capitalismo pós-moderno, torna-se a principal fonte de riqueza de extração do valor. O jogo biopolítico então se processa num antagonismo entre o comando (que deseja tudo capturar) e a resistência (que quer constituir um mercado financeiro, mas de propriedade comum).

O poder agora é exercido mediante máquinas que organizam diretamente o cérebro (em sistemas de comunicação, redes de informação etc) no objetivo de um estado de alienação independente do sentido da vida e do desejo de criatividade. [...] Quando o poder se torna inteiramente biopolítico, todo o corpo social é abarcado pela máquina do poder e desenvolvido em suas virtualidades. Essa relação não é aberta, qualitativa e expressiva. [...] O poder é, dessa forma, expresso como um controle que se estende pelas profundezas da consciências e dos corpos da população – e ao mesmo tempo através da totalidade das relações sociais.<sup>157</sup>

Assim a produção pós-fordista é um devir infinito de inventividade e inovação. Os produtos – sejam lá uma roupa, um carro ou um site – tendem agora possuir um conceito e uma diferença, portanto, precisam ser capazes de produzir a própria vida social. Não se trata mais de fetiche, porque o consumo não almeja o terreno da fantasia. O consumo precisa dotar o sujeito de diferença, fazendo com que sua subjetividade se altere por conta da interface com outros modos de vida. O fetiche foi substituído pela própria realidade, à medida que a biopolítica da mercadoria precisa ser uma atividade viva que possui um poder de construir a própria vida social. Daí ser esse regime uma sociedade do controle, porque nossa vitalidade, ao mesmo tempo que é capaz de gerar novos códigos de linguagem construindo novos planos de resistência, também é inundada por uma linguagem que nos

---

<sup>157</sup> Pelbart, online

reduz ao próprio signo da mercadoria. Os sujeitos se definem então nesse novo regime em que toda a vida é subsumida nos processos de valorização, já que, por um lado, o trabalho é capaz de produzir novas linguagens que redundam em riqueza, contudo, toda essa riqueza é virtualmente repertório para ser reduzido a signos capitalísticos, que por conseguinte, como linguagem subsumida, é capaz de ativar subjetividades “prontas para o uso”, numa tautologia eficaz do controle. O comando, como expressão de poder, é exercido agora por dentro da própria vida, de forma totalmente imanente.

Desde os gens, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, a criatividade, tudo isso foi violado, invadido, colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes. Mas o que são os poderes? Digamos, para ir rápido, com todos os riscos de simplificação: as ciências, o Estado, o capital, a mídia. Sabemos, no entanto, que os mecanismos diversos pelos quais eles se exercem são anônimos, esparramados, flexíveis, rizomáticos. O próprio poder tornou-se 'pós-moderno': ondulante, acentrado, reticular, molecular. Com isso, ele incide diretamente sobre nossas maneiras de perceber, de sentir, de agir, de pensar, até mesmo de criar. Se antes ainda imaginávamos ter espaços preservados da ingerência direta dos poderes (o corpo, o inconsciente, a subjetividade) e tínhamos a ilusão de preservar em relação a eles alguma autonomia, hoje nossa vida parece integralmente subsumida a tais mecanismos de modulação da existência.<sup>158</sup>

O poder busca assim pauperizar a própria vida para vender uma subjetividade imposta, um signo que já não mais necessita de seu contexto expressivo para se fazer compreendido, mas somente dos dispositivos de mediação maquínica do próprio poder. “Em termos foucaultianos, poder-se-á dizer que na fase pós-fordista o controle passa mais através da televisão do que através da disciplina de fábrica, através do imaginário e da mente, mais do que através da disciplina direta dos corpos”.<sup>159</sup> Ser conectado, ser consciente, ter atitudes, cuidar de si, por exemplo, longe de expressar o resultado da experiência de singularização, são cada vez mais conceitos criados pela forma-mercadoria. De forma que cada novo sentido criado em sociedade tende a ser capturado para logo

---

<sup>158</sup> Pelbart, recuperado em 09 de outubro de 2006

<sup>159</sup> Negri, Antonio, 2003, p.105



receber uma carne mercadológica. A biopolítica do comando realiza uma operação de esvaziar a potência do sentido para atribuir um sentido para o poder.

Por isso que a comunicação ocupa um espaço transversal no modo de produção do capitalismo cognitivo, já que se trata de uma “operação-padrão” de um trabalho que busca cada vez mais interação com os espaços de produção da própria vida. Na economia cognitiva, a valorização não passa por ampliar os níveis de mais valia, mas pelo contínuo monitoramento dos novos usos e valores da recepção que permitam constituir uma diversificação de produtos que possam ser oferecidos a novos mercados de recepção. Por isso que o resultado do trabalho imaterial não se esgota na produção econômica, mas na constituição e na reprodução de subjetividades.

“Em última análise, em termos filosóficos, a produção envolvida aqui é a *produção de subjetividade*, a criação e a reprodução de novas subjetividades na sociedade. Quem somos, como encaramos o mundo, como interagimos uns com os outros: tudo isto é criado através dessa produção biopolítica e social”.<sup>160</sup>

Pelo que vemos, no nosso tempo as relações sociais, econômicas e políticas permanecessem assim emaranhadas. O que quer o *management* não é só investir um produto de valor econômico, mas de dotá-lo de capacidade de influência cultural, política e social. A biopolítica opera como um poder imanente à sociedade, podendo ser utilizada tanto contra ela (quando a subsume em subjetividades pré-moldadas) ou ao seu favor (quando constitui formas de vida capazes de potencializar a vida e é resultado de uma biopolítica do trabalho).

Talvez fosse melhor entender a nova forma hegemônica como “trabalho biopolítico”, ou seja, trabalho que cria não apenas bens materiais mas também relações e, em última análise, a própria vida social. O adjetivo biopolítico indica, assim, que as distinções tradicionais entre o econômico, o político, o social e o cultural tornam-se cada vez menos claras.<sup>161</sup>

---

<sup>160</sup> Negri, 2005, p.101

<sup>161</sup> Idem, p.151

## a biopolítica do trabalho

Ao tornar-se a soma de todas as aptidões físicas e intelectuais existentes na corporeidade, a *intelectualidade de massa (general intellect)* é agora uma potência plena. “Potência significa que não é atual, que não é presente. Pois bem, algo que não é presente (ou real) se torna no capitalismo uma mercadoria de importância excepcional”.<sup>162</sup>

O trabalho imaterial encarna uma capacidade potente do agir: é um poder falar, um poder fazer, um poder criar, um poder pensar, um poder memorizar, um poder cooperar, um poder se adaptar, enfim, um repertório de possibilidades produtivas que compõem a própria vida, por isso que é um conceito biopolítico: porque denota um poder sobre a vida (um modo de regulação) ao mesmo tempo que demonstra a potência da própria vida em se reinventar. Dois processos antagônicos, mas não dialéticos. A reinvenção da vida não é somente um ato de resistência contra a regulação, mas um ato constitutivo da própria potência do ser.

A vida se coloca no centro da política quando se é posto em jogo a imaterial força de trabalho. Por isto e somente por isto é lícito falar de biopolítica. [...] Força de trabalho não designa uma faculdade específica, apenas o conjunto das faculdades humanas que são incorporadas às práxis produtiva. Força de trabalho não é um nome próprio, apenas um nome comum.<sup>163</sup>

O trabalho imaterial então manifesta-se como biopolítico à medida que, com a emergência do conhecimento como o mais importante valor produtivo, toda sociedade é posta a trabalhar, fazendo com que todos atuem na constituição da riqueza social, ao mesmo tempo que se sintam regulados por novos dispositivos de poder.

O trabalho cognitivo de fato cobre todos os aspectos da atividade (aspectos cognitivos, estéticos, comunicativos, afetivos, emocionais, terapêuticos, formativos) enquanto capaz de produzir valor econômico. Assim sendo, ele

---

<sup>162</sup> Idem, p.25.

<sup>163</sup> Idem, p.25-6

assume as infinitas formas da relação entre homem e homem e entre homem e mundo ambiente. Nenhuma categoria geral permite unificar as infinitas manifestações do trabalho cognitivo.<sup>164</sup>

A produção de riqueza depende da existência de comunidades biopolíticas: o trabalho dos movimentos culturais, o trabalho doméstico, o trabalho dos estudantes, o trabalho do empregados e dos precários, enfim, de todo um conjunto de trabalho cujo saberes (formais ou tácitos) que são comuns a um coletivo e não próprio a um só indivíduo. Por um outro lado, a riqueza social não é medida exclusivamente pelo tempo de trabalho. Isto porque as competências lingüísticas-cognitivas são produto de uma elevada taxa de sociabilidade do trabalho em redes de produção difusas no território.

É portanto essa dimensão política da vida que se constrói “novos usos do trabalho” ao mesmo tempo que ela é subsumida não somente como mais-valia, mas como, o que denominam Negri e Lazzarato, mais-comunidade. Na nova tecnologia de exploração pós-fordista, cabe ao poder manter os corpos sãos, ao contrário de como a disciplina tratava o operários-massa, brutalizado pelas lesões repetitivas, atordoados pelo cansaço físico e pelo álcool. Do ponto de vista do comando, a biopolítica requer um corpo ágil, adaptado, móvel, pronto para a interação inter-subjetiva, o que obviamente transformou a própria busca por esse corpo esguio como fator patogênico da subjetividade pós-fordista.

Não é mais um corpo que pode ser posto a trabalhar, não é mais uma alma que pode viver independente de valores e paixões. Dessa vez é a alma que é posta a trabalhar, e o corpo e a máquina são seu suporte. Para produzir precisa-se cada vez menos de razão e sempre mais de afeto: não apenas as teorias e as práticas tecnológicas nos confirmam isso positivamente: negativamente também nos dizem as doutrinas psicológicas e psiquiátricas. [...] é cansativo: nosso corpo em geral não está à altura da alma e vice-versa. Quando trabalhamos, verificamos nossa tensão construtiva, nossa alma se cansa como um corpo; é de fato miserável! [...] Não há liberdade suficiente para a alma, não há salário suficiente para o corpo, e por isso o trabalho (que é cada vez mais alma e cada vez mais

---

<sup>164</sup> Bifo, 2005, p.148

sublima o corpo), nós o experimentamos como separação e exílio. É uma nova experiência de exploração a que vivemos.<sup>165</sup>

Se as nossas comunidades tornam-se externalidades positivas para o comando, significa que, como insiste Paolo Virno em assegurar, toda a sociedade passa a se tornar “exército industrial de reserva”, já que é a partir do conjunto de saberes e repertórios que é produzido pelos indivíduos sociais que o capitalismo produz sua riqueza social.

---

<sup>165</sup> Negri, 2001, p.11

**INTERVALO**

**VALOR E RESISTÊNCIA NO CAPITALISMO COGNITIVO**

## A questão do valor no capitalismo cognitivo

*Se o conhecimento é, por certo, fonte de valor, ele destrói muito mais valor do que serve para criar.*  
( André Gorz )

A desmaterialização dos meios de produção requer um outro tempo produtivo. Um tempo ligado a uma dimensão virtual, como então *possibilidade de tudo vir a ser*. É nele que reside a força-invenção do trabalho. Por estar espalhada pela infinita produção das singularidades, essa força-invenção é descontínua e aleatória. Manifesta-se, portanto, como um devir. Essa virtualidade acarreta uma alteração profunda no *tempo produtivo*, à medida que ele é agora um conceito completamente estendido, pois é um tempo coextensivo e sobreposto à própria vida.

Será evidente, por exemplo, que se torna muito mais importante o tempo dos processos de formação do que o tempo de aplicação imediata à produção; tornar-se-á sempre mais importante o tempo das relações externas que alimentam o conhecimento e o empurram para atos e decisões mentais, mais do que acumulação de pequenas quantidades temporais de trabalho que não constituem, como ocorria no passado, a condição de decolagem da realização capitalista do valor.<sup>166</sup>

Não é só o tempo aplicado à produção direta da mercadoria que explica a própria geração de riqueza e, conseqüentemente, de exploração. Somente uma inovação científica e a força-cérebro inventiva do trabalho é capaz de “reduzir o tempo” no qual o capital circula, imputando nele esse tempo virtual que faz a própria vida.

Se antes, para produzir uma mercadoria, era necessário um certo número maior de horas de trabalho simples ... ou, de qualquer maneira, se para produzir um número maior de mercadorias era necessário um aumento da massa de trabalho, hoje, observamos, ao contrário, que cada aumento de produção nasce da expressão de atividades, intelectuais, da força produtiva da descoberta

---

<sup>166</sup> Negri, 2003, p. 93

científica e sobretudo da estreita aplicação da ciência e da tecnologia à elaboração da atividade de transformação da matéria.<sup>167</sup>

O valor-mercadoria altera-se, dado que não é composto majoritariamente do tempo do trabalho, mas do tempo da formação do trabalho. E esse tempo, contínuo e virtual, é impossível de ser medido, embora seja possível de ser capturado. Contudo essa captura nunca é completa, porque o capital não pode controlar por inteiro a inteligência, as capacitações afetivas, a produção de linguagem e os conhecimentos técnicos da multidão. Além disso, como salienta Gorz (2005), o conhecimento recobre uma grande diversidade de capacidades heterogêneas. Não se trata de ter um trabalho cujo valor é uma medida de um tempo homogêneo, que é medido em horas. Esse é um trabalho que não tem uma medida comum. Ele é “juízo, intuição, senso estético, nível de formação e informação, a faculdade de aprender e de se adaptar a situações imprevistas” (idem, p.29). São heterogeneidades de atividades ditas cognitivas, que formam o *capital imaterial do trabalho*.

Nossas capacidades criativas e de inovação são sempre maiores que nosso trabalho produtivo – produtivo do capital, queremos dizer. A esta altura, podemos reconhecer que essa produção biopolítica é, por um lado, incomensurável, pois não pode ser quantificada em unidades fixas de tempo, e, por outro lado, sempre excessiva no que diz respeito ao valor que o capital pode dela extrair, pois o capital não pode nunca capturar toda a vida.

Capturar as virtualidades será sempre então controlar os fluxos da própria vida. A noção de rede – trazida da realidade das conexões telemáticas – explicitam exatamente a forma organizada de extração desses fluxos. Nas redes virtuais, a vida se processa como interação em tempo real e se mantém sempre registrada na forma de informação. Todo contato com o outro (seja o sujeito ou a própria máquina), na forma de cooperação, acaba por resultar em um conhecimento registrado, então acessível a todos, inclusive aos

---

<sup>167</sup> Negri, 2003, p.92-3

dispositivos do comando. Mas o comando, nesse caso, é uma função da rede e não o sujeito dela. O capital quer ser nômade tão como a cooperação social.

O desenvolvimento capitalista, a criação capitalista do valor se baseia, cada vez mais, no conceito de captação social do próprio valor. A captação da novidade, expressão da atividade criadora, é o resultado de uma socialização crescente da produção. O que significa, ainda: a empresa deve poder valorizar a riqueza produzida pelas redes que não lhes pertencem; a empresa, e portanto a organização do capitalismo cognitivo, se baseia cada vez mais em uma capacidade de apropriação privada, imposta por meio da captação dos fluxos sociais do trabalho cognitivo.<sup>168</sup>

À diferença de outros tempos para agora é que, antes o valor estava dentro de uma relação de comando, hoje é o comando que está dentro de uma relação de valor. Em outros termos, o operário existia dentro do capital, pois eram os patrões que detinham a propriedade dos instrumentos de produção. Mas, no capitalismo cognitivo, a força-cérebro torna-se o principal instrumento da produção. E o capital se encontra dentro do trabalho. E não mais o seu contrário. Daí que ambas as categorias se encontram clivadas e confundidas, produzindo, afinal, uma relação antagônica que redundava em trabalho contra trabalho. Se o conhecimento torna-se o bem primordial do capitalismo contemporâneo, significa que a produção será ligada ao grau de socialização e circulação de saberes que constituem as forças produtivas.

Quando hoje, ao contrário, a Inteligência Coletiva se torna hegemônica na produção capitalística, ou seja, quando o trabalho imaterial e cognitivo se torna imediatamente produtivo, então a força de trabalho intelectual se libera dessa relação de dependência e o sujeito produtivo se apropria ele mesmo desses instrumentos de trabalho outrora pré-constituídos pelo capital. Em outras palavras, o capital variável se representa como capital fixo. O sujeito produtivo traz então consigo, ao nível de Inteligência Coletiva, uma extraordinária energia em condições de romper a relação capitalística, isto é, a estrutura que faz o operário existir no interior do capital. Conclusão: sou produtivo fora da minha

---

<sup>168</sup> Negri, 2003, p.94



relação com o capital, e o fluxo de capital cognitivo e social não tem mais nada a fazer com o capital como estrutura física nas mãos dos patrões.<sup>169</sup>

O fato de o comando se localizar dentro das relações de autovalorização acaba por produzir uma crise na função progressista, modernizadora, do capital: o instrumento do trabalho já não é propriedade dele exclusiva, mas difuso nas próprias redes virtuais e territoriais, que tornadas fábrica, produzem a partir de instrumentos também socializados (o saber, a cultura, a inteligência, a técnica, os processos etc). Assim, a velha dialética se despedaça à medida que o trabalho é produzido por uma força-cérebro que deve ser de todos, como garantia para geração de intelectualidades de massa, que são as bases para a produção do valor. Neste caso, **é a liberdade, e não o comando, que funda o valor**. O dilema ganha contornos de crise para o capital, e de catástrofe para a sociedade. Sem a possibilidade de produzir comando sobre os instrumentos, o capital opta pela guerra como uma mediação fundamental para o exercício do controle sobre as populações.

É catástrofe social porque o capital para manter a sua produtividade captura o valor ao mesmo tempo em que bloqueia o acesso e a socialização do conhecimento, da informação, da cooperação e da comunicação. A guerra então será também de cunho biopolítico: privatizar o conhecimento será uma forma de extrair parte do valor que constitui a própria potência das novas forças de trabalho.

O capital torna-se produtivo somente na medida em que capta valores pré-constituídos do trabalho social. Aqui, então, a função do comando se organiza como ameaça de bloquear a informação, como interrupção dos processos cognitivos, em suma, o capital parasitário é aquele que extrai o valor sobretudo da interrupção dos movimentos de conhecimento, de cooperação, de linguagem. Para viver e reproduzir-se o capitalismo é obrigado a chantagear a sociedade e a bloquear os processos sociais de produção toda vez que apresentem excedente no que concerne a seu comando.<sup>170</sup>

---

<sup>169</sup> Negri, 2006, p.12-5.

<sup>170</sup> Negri, Antonio, 2003, p.95

Essa resposta do comando capitalista só ocorre porque, no processo de autovalorização, o trabalho – e o conhecimento dele derivado – mostra-se como algo pouco dócil, já que se forma a partir de leis econômicas que se diferem profundamente daquelas criadas pelo pensamento liberal, provocando algo que Enzo Rullani (2004) denomina de *mismacthings*: um apanhado de incoerência no processo de valorização, pois:

... o processo de transformação do conhecimento em valor não é, assim, linear e estável no tempo. Ao contrário, implica instabilidade, pontos de descontinuidade, catástrofes, uma multiplicidade de caminhos possíveis. É justamente quando nos situamos em um ponto de vista pós-fordista que os obstáculos encontrados pela valorização do conhecimento tornam-se claramente espaços de crise. Entretanto, nesses espaços, que são também espaços de liberdade, podem ser inseridas soluções novas e transformações institucionais originais. Daí que, com toda razão, se fala tanto de capitalismo cognitivo.<sup>171</sup>

Para Rullani (2004) o “espaço da crise” gerado pelo processo de transformação do conhecimento em valor ocorre porque o conhecimento tem certamente um valor de uso – para usuários e para a sociedade -, mas não tem um valor de custo que possa ser empregado como referência para determinar o valor de troca, de forma que tanto o trabalho, quanto o capital tem ambos pela primeira vez o poder de autovalorização.

O custo de produção do conhecimento é enormemente incerto – o processo de aprendizagem é por sua natureza aleatório – e, sobretudo, é radicalmente diferente do custo de sua produção. Uma vez que uma primeira unidade foi produzida, o custo necessário para reproduzir as demais unidades tende a zero – se o conhecimento é digitalizado. Em nenhum caso esse custo tem haver com o custo de produção inicial.<sup>172</sup>

Essa qualidade de reprodução a custo zero ocorre porque o conhecimento é um bem coletivo indivisível, logo, não-concorrencial (ele pode ser meu e seu ao mesmo tempo). Se o conhecimento não tem valor de troca, ele se deixa compartilhar ao bel prazer,

---

<sup>171</sup> Rullani in Blondeau et al, 2004, p.101

<sup>172</sup> Rullani in Blondeau, 2004, p.102

“segundo à vontade de cada um e de todos, gratuitamente, especialmente na Internet” (Gorz, 2005, p.36).

A transmissão de um conhecimento em nada empobrece aquele que o possui; ao contrário, sua difusão [...] contribui para aumentar o valor próprio do conhecimento. [...] O consumo não é destrutivo, mas criador de outros conhecimentos. Consumo e produção coincidem na produção de conhecimentos.<sup>173</sup>

Há situações, como no caso dos serviços relacionais (educação, cuidados, assistência, moda, design, publicidade, marketing), que o valor assume uma caráter ainda maior de incomensurabilidade, porque quanto maior for a parcela de doação e de produção de si, maior será a marca pessoal contida nesse serviço, assim, lhe confere “um valor intrínseco que prevalece sobre seu valor de troca normal” (Gorz, 2005, p.33).

O cálculo do valor de troca se complexifica no capitalismo cognitivo porque, não tendo o conhecimento um ponto fixo de onde partiria uma estimativa financeira e possuindo uma custo de reprodução que tende a ser nulo, o valor de troca só existirá graças à capacidade do comando de limitar a sua difusão livre. A possibilidade de imitar, copiar, reinventar, de apreender conhecimentos de outros, ficaria então bloqueada por uma atuação de um poder institucional ou legal. O valor de troca então revela-se como a quantidade de tempo que o comando consegue produzir para ficar longe da imitação. Não é a escassez que cria o valor de troca, mas um poder que impõe um tempo para que o conhecimento não circule.

Sendo assim, segundo às análises de Enzo Rullani, essa *new economy* é uma economia da velocidade. A operação para produzir esse novo valor das mercadorias passa primeiro pela aceleração da difusão dos bens, o que garante um valor (ainda de uso) advindo do ineditismo de quem o produz. Mas, do ponto de vista do capital, o valor de troca só acontece, quando quem difunde também consegue impor uma desaceleração da

---

<sup>173</sup> Lazzarato, Maurizio, 2003, p.69

socialização. O valor de troca se encontra nesse *gap* entre aceleração da difusão e desaceleração da socialização. Veja bem, a difusão de um bem deve possibilitar que o conhecimento contido nele seja socializado para todos os concorrentes e todos os usuários potenciais. Mas num ritmo lento de socialização, até que possa difundir uma outra inovação que substitua a tempo o seu conhecimento que acabara de ser incorporado pela concorrência e pelos usuários potenciais. O *up to date* é, na verdade, um dispositivo que já é oferecido tardiamente do ponto de vista do capital. Mas entendendo isto como base para o progresso do capital.

Gorz<sup>174</sup> – tal como Virno e outros autores – identifica a publicidade e o marketing como a maior indústria do capitalismo cognitivo e, portanto, a que mais utiliza essa estratégia de subtração do valor. É uma indústria que conferem às mercadorias qualidades únicas e incomparáveis e, por conta disso, acaba vendendo os produtos, pelos menos por algum tempo, com preços elevados. “[A publicidade e o marketing] detêm uma espécie de monopólio e buscam assim uma renda monopolista, contornando temporariamente a lei do valor. Em outras palavras, freiam a baixa do valor de troca das mercadorias ainda que seu custo de produção seja cada vez menor em termos de horas de trabalho e de pessoal alocado” (Gorz, 2003, p.36).

Essa estratégia de acelerar a difusão e desacelerar a socialização faz com que a riqueza deva ser difusa (pública) ao mesmo tempo que não possa ser socializada (comum). O que é público torna-se aqui antagônico daquilo que é comum.

O público e o comum são mantidos separados. Esta é a força (o público, a difusão: celulares para todo mundo; a internet grátis) [...] e a fraqueza (a discriminação na base do poder de compra do uso real dos serviços; os obstáculos à proliferação criativa dos usos das informações e de suas ferramentas impostas pela lógica proprietária do copyright).<sup>175</sup>

---

<sup>174</sup> Gorz, 2003, pp. 35-38

<sup>175</sup> Cocco, 2003, pp 9-11.

A partir da desse antagonismo entre público e comum, no mínimo, duas tendências de distribuição de conhecimento serão encontradas no interior do capitalismo cognitivo. A primeira é focada no modelo do *collecting* e realça o ponto de vista da publicização. Nessa forma de distribuição, os conhecimentos possuem um caráter fixo e intransferível. A segunda forma de distribuição indica o movimento da socialização do comum e surgiu no interior do campo tecnológico, sendo depois socializado para outras esferas da produção, principalmente a cultural. Graças a um trabalho coletivo, foram criadas dezenas de tecnologias que possibilitaram a transferência de textos, imagens, áudio, vídeos de um computador para outro, os chamados programas peer-to-peer. Estes permitiram a implantação de um modelo alternativo ao *collecting*, intitulado de *downloading*, de caráter móvel e transferível, que distribuem bens e conhecimento de forma livre, sem intermediários. A tentativa de libertação do conhecimento dos aparatos que o confinam acabam demandando desses sujeitos a criação de um modo de comunicar próprio e um meio de comunicação próprio.

O modelo do *downloading* nos permite especular que, bem diferente do capital, o trabalho cognitivo traz a possibilidade de sujeitos comunicativos tomar a produção midiática para si. Essa talvez seja a ação que está no núcleo da inversão do processo de desigualdade social no campo do conhecimento: tomar a produção de midiática para si. E fazê-lo circular, para então começar a produção.

O plano da resistência vai operar aí de dupla forma. Ou cópia, ou sistema livre de produção. A primeira acelera a socialização por meio da imitação. A segunda, por meio de dispositivos cooperativos e públicos, difunde e socializa toda produção. Ambas tem de idêntico o efeito de não ameaçar a propriedade, mas destruir seu caráter privado (Negri & Hardt, 2005, p.234). Esses dois planos do antagonismo fazem reduzir o valor de troca, mas a possibilita que haja aumento de riqueza, à medida que muitos desses produtos são a base para se criarem outros, porém, livres, por meio de um método primário da socialização do

trabalho, marcado pela abundância das trocas e doações e não pela escassez do conhecimento.

O que ocorre nos setores da dita “nova economia” ilustra muito bem o que a disputa entre essas duas lógicas de gestão do conhecimento. Num lado do comando capitalista, todo um sistema proprietário privado transforma cada inovação tecnológica em propriedade intelectual (*copyright*). De um outro, no plano da resistência, um sistema proprietário público (*copyleft*) transforma o saber em um bem comum, resguardando a sua autoria, e exige legalmente que qualquer alteração desse bem ou mesma qualquer obra derivada dele se converta também em bem comum. Isso acaba fazendo com que toda a produção se mantenha livre de apropriações privadas, o que considera o saber, antes de mais nada, como o resultado de um trabalho social e coletivo. Comando e resistência são formas antagônicas que denotam propriedade intelectual e criação coletiva, respectivamente.

Negri & Hardt (2005, p.234-5) demonstram que a difusão a baixo custo dos bens imateriais por meio de tecnologias de reprodução (computador, máquina de fotocópia, gravação digital etc) é a principal utilidade social e econômica da economia cognitiva.

Naturalmente, a reprodução é muito diferente das formas tradicionais de roubo, pois a propriedade original não é tomada de seu proprietário; simplesmente passa a haver mais propriedade para alguém mais. A propriedade privada baseia-se tradicionalmente numa lógica de escassez – a propriedade material não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo; se você a tem, eu não posso tê-la –, mas a infinita reprodutibilidade que é um elemento central dessas formas imateriais de propriedade solapa diretamente qualquer concepção de escassez como esta.<sup>176</sup>

A relação entre valor e conhecimento permanece então complexa porque a difusão possui sempre efeitos multiplicadores – uma inovação sempre é copiada ou adaptada rapidamente em outras inovações, portanto, a difusão é sempre potencialmente

---

<sup>176</sup> Negri e Hardt, 2005, p.235

produção de riqueza. E a socialização possui sempre efeitos divisores – a multiplicidade de cópias e reinvenções diminui o valor de troca. Essa tensão entre a *forma-dinheiro* e a *forma-conhecimento* conserva-se, para o capital, como distintos entre si, produzindo toda uma série de incoerências.<sup>177</sup>

A causa dessa incoerência: (a) o valor que pode ser extraído dos conhecimentos produzidos não é maximizado, já que sua difusão segue sendo inferior à aquela potencialmente possível; (b) se devido precisamente a esta falta de difusão não há suficiente garantias sobre os rendimentos, não se realiza novos investimentos em conhecimentos; ou bem se realizam em quantidade menor em relação ao que teria sido possível e desejável para a sociedade.<sup>178</sup>

Para Rullani (2004), a valorização do conhecimento, no âmbito do capitalismo cognitivo acaba por ser um paradoxo, pois é danoso a trabalhadores e empresários. Em primeiro lugar, essa valorização pode conduzir a uma perda social, pois os recursos cognitivos disponíveis não são plenamente utilizáveis, já que o regime do *copyright* limita a sua apropriação coletiva. Em segundo lugar, como há uma sub-acumulação, derivada do fato de a difusão não permitir que os lucros sejam obtidos em um tempo mais alargado, o investimento de aprendizagem não se torna a preocupação central nem para as empresas, nem para o trabalho. Em suma, essas questões só emergem na atualidade, porque “o conhecimento gera valor se é difuso, mas a difusão tende a reduzir seu grau de apropriabilidade”<sup>179</sup>.

Esse impasse, para o sociólogo André Gorz, só ocorre porque a economia cognitiva e o capitalismo seriam inconciliáveis, pois a principal força produtiva – o saber – não é quantificável, quer dizer, não pode ser medidas por horas de trabalho. Além disso, para Corsani (2002) o fato de o saber ser difuso faz com que o capital “saía de uma lógica de valorização baseada em um controle direto do processo de produção”. Por conta disso, provoca uma crise “de fundo no capitalismo e antecipa uma outra economia, de tipo novo e

---

<sup>177</sup> Negri e Hardt, 2005, p.104

<sup>178</sup> Negri e Hardt, 2005, p.105

<sup>179</sup> Negri e Hardt, 2005, p.105

ainda ser fundada”.<sup>180</sup> Essa *outra economia* a ser fundada estaria, para Gorz, já se constituindo no espaço liso das redes (*freenets*), tanto as empresas já estariam trabalhando nas redes para unir-se nos momentos da tomada de decisão e consumo, quanto os usuários, através de mecanismos de auto-organização, auto-coordenação e a livre troca de saber, estariam produzindo um mercado para um emaranhado de produtos e serviços criados a partir da colaboração em rede sem a necessidade de uma intermediação do mercado.

Os produtores , que se relacionam entre si em redes, colocam-se em comum acordo preventivamente e de maneira pactuada para produzir em função das necessidades, desenvolvendo sua função produtiva como um complexo de atividades essencialmente coletivas, promovendo um intercâmbio de bens e serviços sem que tenha sido previamente acertado o caráter dessas mercadorias. O dinheiro torna-se supérfluo, e o capital teria assim sua própria base capturada.<sup>181</sup>

Seguindo a mesma direção, Franco Bifo analisa que o valor torna-se um desafio para os estudos contemporâneos porque o capital, a terra e o trabalho já não são mais os fatores decisivos do campo econômico. A medida do que seja riqueza não se explica somente por esses três componentes. Se antes essa relação pautava-se num tempo quantificável, hoje se processa em um tempo descontínuo e aleatório.

O tempo de trabalho necessário para reproduzir um sinal de mercadoria pode ser uma quantidade irrisória (como no caso do trabalho necessário a copiar um programa informático) e poder ser uma quantidade enorme (como no caso do trabalho necessário a produzir um programa informático).<sup>182</sup>

Tendencialmente, com o ingresso cada vez maior de empresas e trabalhadores na economia da informação, o valor torna-se impossível de ser medido apenas com o tempo do trabalho, já que a força de trabalho está fora de uma relação dialética com o capital, que

---

<sup>180</sup> Gorz, 2003, pp. 35-38

<sup>181</sup> Gorz, 2003, p.38

<sup>182</sup> Bifo, 2005, p.100



não mais a comanda com seus dispositivos disciplinares, tal como ocorria com o modelo fabril fordista, em que a riqueza era produto mais do automatismo da força de trabalho.

### **A cultura *hacker* e um novo desejo produtivo**

Esse plano de novas subjetivações assentou experiências que se tornaram fundamentais para criar processos de singularização que se mostrassem a base para a construção de estilos de vida, de formas inovadoras de produção de empreendimentos econômicos e sociais, de tecnologias inteligentes de produção, enfim, de todo um conjunto renovado de atividade rica em valor.

Talvez a *cultura hacker* ilustre muito bem isto que queremos dizer. A motivação para criação de inovações tecnológicas residem na construção de meios para que haja circulação de saberes que possa tornar a sociedade mais desenvolvida e mais aproximada. Não se trata, em nenhuma hipótese, de altruísmo. O *hacker* busca o reconhecimento social, então o que torna o seu principal instrumento de valoração do próprio trabalho. Quanto maior é o seu reconhecimento social, maior é o seu acúmulo de capital humano, o que obviamente é traduzido em ofertas crescentes de trabalhos e atividades. A economia política da *cultura hacker* faz residir o valor na circulação (dos seus conhecimentos, mas também dos valores da sua própria vida). A internet, como invenção máxima da cultura hacker, expressa bem essa nova configuração da produção do valor: é o espaço de distribuição, mas também de produção de novos processos, produtos e serviços, que eventualmente se tornam valores para a produção de outros processos, produtos e serviços. A circulação torna-se eminentemente produtiva.

Penso que os hackers valorizam antes de tudo uma relação com o trabalho que não se baseia no dever e sim na paixão intelectual por uma determinada atividade, um entusiasmo que é alimentado pela referência a uma coletividade de iguais e reforçada pela questão da comunicação em rede. São vários os

autores que explicam essa ética hacker e que insistem em pensar que o espírito hacker consiste na recusa das idéias de obediência, de sacrifício e de dever que sempre foram associadas à ética individualista, à ética protestante do trabalho. Os hackers substituem essa ética não de uma maneira egoísta, mas, ao contrário, por um novo valor que prega que o trabalho é mais alto quanto maior seja a paixão que esse trabalho desperte. Falamos de paixão, aderência, interesse e continuidade. Essa maneira de pensar o trabalho une, fundamentalmente e de maneira indissociável, o prazer intelectual a força pragmática e ao compromisso social.<sup>183</sup>

A *cultura hacker* exemplifica como hoje o sujeito constrói o próprio mundo para além de uma definição do valor como tempo, portanto, como repetitividade. Ela expressa um novo modo de viver e gozar o tempo, diz Negri. Por isso que o trabalho será desmedido, já que informação e cultura imputada num bem ou num processo é algo impossível de se mensurar em quantidade de tempo. É algo que está além da medida. O valor de um *modem*,<sup>184</sup> essa invenção *hacker* fantástica, não se expressa somente pelo tempo dispendido para a sua produção, já que reúne um *acúmulo de trabalho* (na forma de saberes) constituído por múltiplas subjetividades em contato: da cultura universitária ao hackerativismo. **O bem da “nova economia” não tem genética.**

Como diz Lazzarato, o trabalho inunda o tempo da vida. Nossos valores, nossas experiências, nossas comunidades, nossos gostos, nossos posicionamentos éticos, tornam-se bases para que o trabalho possa ser processado. O tempo do trabalho que se localiza a cultura *high tech*, mas também na cultura do *preariado urbano*, é um *kairós*: um “tempo como fonte de criação contínua de imprevisíveis novidades, aquilo que faz com que tudo se faça” (Lazzarato, 1998, p.95). A vida e trabalho tornam-se então cada vez mais processos sociais sobrepostos.

---

<sup>183</sup> Negri, Antonio. A Constituição do Comum. In: Cocco, Giuseppe, Malini, Fabio. A Produção do Comum. Rio de Janeiro: no prelo.

<sup>184</sup> O modem foi inventado por dois estudantes de Chicago nos primeiros anos da década de 70. Na época, eles sentiam a necessidade de enviar informações pelo telefone, já que, por conta do inverno da cidade, se via inviabilizados de se encontrar com mais frequência. Criaram juntos aquilo que possibilitou trocas de informação, produção de encontros, criação de processos, bens e serviços etc.

O trabalho é considerado fadiga e condenação, hoje podemos começar a falar do trabalho de todos como atividade e expressão. Isso significa, então, que não se poderá mais falar do trabalho como uma quantidade, como uma repetição, como uma simples alienação, em suma, como uma entidade física. Certamente, a atividade laboral é quantificável, ela expressa maiores ou menores intensidades, é mensurável (e, nessa medida, é alienada), mas não poderá ser simplificada até o ponto de ser reduzida a uma quantidade temporal (e a uma relação fixa atividade-tempo) e portanto a uma dimensão de pura alienação. Para dizê-lo de outra forma, o trabalho que produz valor é antes atividade criativa; depois poderá ser, eventualmente, medido e/ou alienado. Consequentemente, o trabalho real, ou seja, complexo, não poderá mais ser considerado um assemblage de cotas de trabalho simples, mas um concatenação de atividades criativas, isto é, cooperação produtiva.<sup>185</sup>

Paolo Virno chega a afirmar que há, no espírito do novo capitalismo, uma desproporção entre tempo de trabalho e tempo de produção. E essa desproporção se apresenta primeiro na jornada laboral: “O operário vigia e coordena (tempo de trabalho) o sistema automático de máquinas (cujo funcionamento define o tempo de produção); a atividade do trabalhador se resume, frequentemente, em uma espécie de manutenção”<sup>186</sup>. Para Virno, o tempo do trabalho seria o momento de interrupção do tempo da produção. A segunda desproporção se associa ao fato de o tempo de produção conter o tempo do não-trabalho, momento em que a cooperação produtiva se radica.

Nesse contexto em que a produção do valor passa cada vez mais pela captação de elementos que estão fora da jornada laboral, o econômico depende intensamente das “externalidades positivas”, como afirmam os economistas. Em suma, aquilo que está no âmbito da reprodução social a riqueza social (informação, conhecimentos, cultura, estética, gostos, estilos, processos, os territórios etc) é o fundamento do econômico.

A revolução tecnológica das novas tecnologias da informação e comunicação opunha a capacidade criativa e cooperativa das forças sociais à coerência do modelo fordista de organização do trabalho, que se pretendia científico universal, e apostava na massificação—padronização das necessidades e desejos, bem

---

<sup>185</sup> Negri, 2003, p.254

<sup>186</sup> Virno, online

como na cooperação somente entre as grandes empresas e o Estado. Essa revolução faz a cultura, a comunicação, a produção lingüística e a produção social de saber emergirem como meios de produção e como produtos, exatamente o que a economia tinha excluída do seu campo de investigação.<sup>187</sup>

Por isso que não faz mais sentido opor trabalho produtivo do improdutivo. Como diz Negri, o trabalho produtivo já não é de fato o que produz diretamente capital, mas sim o que reproduz o social. Ele se apresenta como uma relação de comando, exatamente, quando busca bloquear o fluxo socializador da cooperação, da informação e do conhecimento. Isso implica em afirmar que o trabalho produz a partir do acesso a um excedente que ele próprio constituiu.

## **O lugar da resistência no capitalismo turbinado**

*A experiência da fuga é como um  
treinamento para o desejo de liberdade.  
Antonio Negri*

*O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e também um  
ato artístico. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a  
forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta dos  
homens.  
(Gilles Deleuze)*

Ao fazer a analítica da questão do valor no capitalismo cognitivo, chegamos a conclusão que as mesmas forças produtivas e relações sociais que mantêm a base do capital tornam-se, ainda mais, condições para explodi-las. Isto porque – numa economia informacional - “é o trabalho que define o capital e não o contrário”; e o processo de produção de subjetividade se constitui “fora” da relação de um comando capitalista. *A resistência vem antes do poder, a luta antes do comando.*

---

<sup>187</sup> CORSANI, 2000

O comando (o Estado, o Capital e seus respectivos dispositivos do poder) é uma resposta às lutas contínuas dos sujeitos políticos. Para Negri, a cooperação não é determinada pelo econômico, porque se trata da própria vida da sociedade. Os elementos criativos, da inovação, são ligados àqueles que só as formas de vida produzem. O econômico tenta (mas tendo muitas resistências) se apropriar das formas e dos produtos dessa cooperação, normatizá-los e padronizá-los, gerir e regular as atividades do trabalho imaterial: criar dispositivos de controle e de criação do público através do controle das TIC's e seus processos organizativos.

[...] o que seja a resistência o sabemos com certa precisão, uma vez que na vida cotidiana uma grande maioria de sujeitos sociais se encontra exercendo-a. Nas atividades produtivas, contra um patrão; nas atividades da reprodução social, contra as autoridades que regulam e contra a vida (na família, o paternalismo...); na comunicação social, contra os valores e os sistemas que fecham a experiência e a linguagem na repetição e os empurram para a ausência de sentido. A resistência interage duramente, mas também criativamente, com o comando, em quase todos os níveis da vida social vivenciada.<sup>188</sup>

O trabalho, entendido como imaterial, é capaz então de gerar um novo enfrentamento político, uma força de trabalho alternativa e não dialética ao capitalismo, já que sua genealogia é externa ou atravessada pelo modo de produção capitalista. Na economia da informação, a crítica radical se manifesta então como autonomia da constituição dos sujeitos.

Preferimos ler o “tempo livre” e as “atividades culturais, relacionais, cognitivas, etc.” não como uma exterioridade dada às relações de mercado e espaço que deveríamos defender contra “a extensão a todos os âmbitos da economia capitalista de mercado”, mas como novo terreno de enfrentamento político. A exterioridade ao capitalismo necessita ser construída através de formas de recusa, de cooperação e de organização que atravessem de modo antagônico o “tempo de vida” colonizado pela produção de mercado (idem, p.26).

---

<sup>188</sup> Negri, 2003, p.197

Quando essa corrente teórica insiste na afirmação de que a resistência vem antes do poder, não significa que o trabalho se constitui fora de uma relação de capital, quer dizer apenas que o trabalho é produtivo independente dos dispositivos disciplinares que o capital transformou em comando: a disciplina fabril e o capital fixo. Mesma a disciplina tornou-se um bloqueador da criatividade, tendo então que ser substituída por outros mecanismos de comando que possibilitem a liberação dos fluxos de criação ao mesmo tempo que os capture.

O que então percebemos é que, por possuir uma capacidade de produzir riqueza, os sujeitos sociais atualizam a dinâmica dos conflitos sociais, agora estabelecido entre um comando que quer privatizar as formas de vida e seus conhecimentos singulares e uma resistência que busca torná-las comuns. Por isso que a exploração torna-se uma experiência de *antagonismo*, marcada por um novo tipo de trabalho (o imaterial) e uma nova apropriação do valor.

Não estamos querendo dizer que para paradigma da produção imaterial é uma espécie de paraíso no qual podemos produzir livremente em comum e igualmente compartilhar a riqueza social comum. O trabalho imaterial ainda é explorado sob as regras do capital, como o trabalho material.<sup>189</sup>

Essa noção de valor – logo, de exploração - no interior do capitalismo cognitivo, conduziu os teóricos a renovar os conceitos de riqueza e de pobreza. Quanto ao primeiro, tal como Bifo (2005) analisou, a riqueza não pode ser interpretada apenas à luz de uma perspectiva econômica, que a conceitua como “meios que nos permitem consumir”. Nesse sentido, riqueza seria a disponibilidade de dinheiro, de crédito e de poder. Contudo, uma outra resposta associa riqueza a “qualidade do gozo que a experiência está em condições de produzir em nosso organismo”. A primeira é uma riqueza objetivada em bens. A segunda subjetivada na experiência. Ambas aparentemente protagonizam mais uma relação de tensão do que de complementariedade. Contudo, ambas repercutem o mesmo efeito sobre

---

<sup>189</sup> Negri, 2005, p.198

a vida: “o aumento da esfera econômica coincide com uma redução da esfera erótica”, reforça Franco Bifo.

Quanto ao conceito de pobreza, nas análises de Negri, aparecerá como o “simples fato de não conseguir dar valor à atividade”. Essa definição resulta em um raciocínio duplo. O primeiro que se remete à idéia de que os pobres não devem ser considerados como excluídos, visto que as suas atividades produtivas (a cultural é a mais expressiva delas) e seus movimentos políticos provocam, em todo coletivo, quando se tornam concretos, um amplo desejo de apropriação, seja na forma de apoio às lutas, seja na forma de aquisição dos seus modos de vida (da culinária à música, da dança à religião, da economia solidária às redes de solidariedade, da formação de novas lideranças políticas ao trabalho informal etc). Os pobres são, junto a todos outros estratos populacionais, portadores do comum.<sup>190</sup>

Por conseqüência, o segundo raciocínio conduz a interpretação da pobreza como uma condição geral, e não somente que acomete aquela franja populacional miserável conhecida como “exército industrial de reserva”, que, antes, na sua existência material e conceitual na economia capitalista, servia como uma chantagem a classe operária para fazê-la produzir a partir de pressões instituídas pelo regime disciplinar do comando.

Negri & Hardt (2005) ressaltam que não é possível usar o termo “exército industrial de reserva” para descrever a pobreza. Em primeiro lugar porque o “industrial” já não se trata mais de uma unidade, já que o trabalho é cada vez menos industrial e multifacetado em diferentes setores econômicos, particularmente, o de serviços. E quem

---

<sup>190</sup> Uma explicação metodológica. Toni Negri e Michael Hardt não aceita a interpretação teórica que a hegemonia de uma forma de trabalho implica um domínio daquela classe na luta política. Quer dizer, o fato de o pobre não ter acesso a meios e bens coletivos não o faz alheio do movimento de construção da História. Ao contrário, é – em muitos casos – o portadora da potência de mutação da própria história, por carregar consigo um desejo de ruptura com as formas de domínio sob eles exercido. Pensar fora dessa perspectiva levaria, no âmbito das lutas, a superdimensionar as reivindicações daquela classe mas formalizada nas relações produtivas. “Pensem em todas as tragédias a que essa lógica levou no passado: colocando a prioridade política dos trabalhadores industriais por sobre os camponeses, assalariados homens sobre o trabalho doméstico feminino e assim por diante. Nossas noções dos pobres e do que é comum nos levam a, pelo contrário, uma concepção expansiva e aberta do proletariado” (Negri, Hardt, 2006, p.105).

possui um emprego industrial está subsumido a sua flexibilidade, o que significa dizer que “nenhum emprego é seguro”. Em segundo lugar, porque, como vimos, o conceito de reserva significaria que há aqueles que não fazem nada. E “não fazer nada”, no capitalismo cognitivo, é apenas a qualidade de um “sujeito em coma”, “sujeito sem vida social”.

No entanto, aqueles que não estão nessa situação e, portanto, produzindo sua atividade social (a cultura, os modos de vida, a subjetividade social) são potencialmente vidas a produzir. A criatividade do pobres torna-se uma potência de produção de valor, independente se isto só faça reproduzir a sua própria condição de exclusão social. “Os pobres, os desempregados e os subempregados de nossas sociedades estão na realidade ativos na produção social, mesmo quando não ocupam uma posição assalariada” (idem, p. 178).

O conhecimento dos indígenas do uso medicinal das plantas; a diversidade cultural das manifestações populares, a organização política comunitária; os estilos de vida das mulheres, jovens, dos negros, dos moradores da periferia e dos centros, das tribos etc, são exemplos gerais da capacidade produtiva de valor daquilo que seria classificado como o improdutivo, o pobre.

Contudo, a pobreza precisa ser extensa a um conceito que a tome como incapacidade de produzir a própria vida. Porque, no cenário contemporâneo do capitalismo, a **pobreza é o avesso da liberdade** (de criar, de se expressar, de produzir em comum, de constituir mercados, de se associar, de se deslocar etc). E sendo avesso da liberdade, a pobreza significa a limitação da produção do comum – a linguagem, a cultura, o pensamento, as idéias, o conhecimento, a ciência etc. Por isso que a encarnação da resistência será a própria insistência desses pobres em produzir a própria vida, mesmo correndo risco do lucro pela produção ir para o outro lado, como diz Negri & Hardt (2005).

Temos percebidos, não só nas inovações tecnológicas criadas e alimentadas pelos usuários das redes virtuais, mas no tecido social, que a novidade do cenário da produção contemporânea é a multiplicidade, com visibilidade global, da criação realizada



pelos sujeitos sociais precários<sup>191</sup> – aquilo que mal ou bem denominamos há algum tempo de *produção independente*, presente nas artes, na política, na economia, na ciência, na comunicação.

Em todos esses setores, há uma diversidade de iniciativas alternativas ao modo vigente de construção desses campos, que se expressam em experiências como o orçamento participativo, a medicina alternativa, a produção do precariado da cultura, as tecnologias colaborativas da Web 2.0 para ficar em exemplos triviais. Em comum, têm o fato de serem tentativas de construir um outro mundo, tal como reza o lema do Fórum Social Mundial. Um mundo do comum.

A tendência é cada vez mais a ampliação e valorização da produção das bordas. A desgraça é que esta se realiza das bordas da produção. Vive com computador doado, vive com a câmera usada, vive com o celular pré-pago, vive com o teatro com goteira, enfim, produzem na “lógica da gambiarra”. Vive num espaço da precariedade, mas que insiste em produzir. O que faz com que essa realidade não seja somente a das periferias pobres, é uma situação real de todos.

A pobreza também é resultado do não-acesso ao excedente que a cooperação social produz, seja porque é necessário comprá-lo, seja porque não se dá acesso à infraestrutura que possibilita à produção do e no comum. A realidade da ontologia do ser imaterial é que mesmo pobre não é um “exército industrial de reserva”, mas uma condição

---

<sup>191</sup> Uma das mais importantes pesquisadoras que se debruçam sobre o tema, a professora de comunicação da UFRJ Ivana Bentes percebe as novas manifestações culturais da periferia brasileira como uma das principais novidades no cenário cultural brasileiro, a ponto de servir de celeiro de artistas para *mainstraipe* e de novo espaço de ativismo cultural, protagonizados por uma multiplicidade de companhias de música (de hip hop e funk, em especial), teatrais, de cinema, de dança, de cultura digital etc, que acabam vitalizando e ressignificando o sentido do que é “ser pobre de periferia”, deslocando – pelos menos em parte – a visão elitista de enxergar o pobre como sujeito-nada-que-tudo-falta. A produção material desses grupos será a difusão de valores culturais que ao mesmo tempo afirma a realidade de exclusão social e denuncia que esta não é os tornam incapazes de serem sujeitos das suas próprias lutas. “*Estamos vendo surgir também novas alianças entre as favelas e grupos antes isolados, como os ativistas do hip hop e a CUFA (Central Única das Favelas), o MPF (Movimento Popular das Favelas) e o MST (Movimento dos Sem Terra) e o Sem Teto, etc. A idéia de constituição de redes, inclusive eletrônicas, pode ser a próxima etapa. [...] Os novos 'marginalizados' lutam para obter o 'copyright' sobre sua própria miséria e imagem...*” (Bentes, Ivana. Artigo publicado na *Revista Global*. Rio de Janeiro: Universidade Nômade, n.0, janeiro de 2003).

geral daqueles que se vêem impossibilitados de produzir porque há a privatização do comum. Além disso, a exploração não se conforma em tomar para si o comum, mas ainda os processos de cooperação produtiva do comum. Tanto o produto, quanto o processo, desde que inovadores, são objetos de captura e de domínio dos dispositivos do comando capitalista. “Se a função da exploração é a de sufocar, reduzir espaço, mobilidade, além da capacidade de cooperação e criação do valor, então o pobre não é somente um excluído, mas é o sujeito exemplar da exploração”.<sup>192</sup>

---

<sup>192</sup> Negri, Hardt, 2006, 111.

**CAPÍTULO IV**  
**O PARADIGMA PÓS-FORDISTA DA COMUNICAÇÃO**

## 4.1

### Mídia, maquinismo e subjetividade

---

*O desejo de agir se consolida na tecnologias.*

*Márcio Tavares D'Amaral*

*Se for possível falar hoje novamente de ciências da comunicação, é na base de uma teoria que reintroduz dimensões ontológicas e subjetivistas, elementos autopoieticos e criativos na descrição das distribuições coletivas que se constituem no tecido da mídia e da comunicação.*

*Antonio Negri*

*Você só sabe aquilo que autonomamente construiu.*

*Piaget*

O maquinismo do paradigma industrial exerceu um forte poder de submissão dos indivíduos, dado que a ciência inclusa nos seus instrumentos produtivos “não existia na consciência do sujeito”. Não existia na consciência do sujeito operário-espectador. Ao contrário, fê-lo dependente dessa maquinaria e, de certa forma, apropriado por ela. A subdivisão infinita de atividades e saberes, que a produção social começou a apresentar após a industrialização, possibilitou que a ciência e o saber se transformassem em um acúmulo crescente de *savoir-faire*, ciências e tecnologias em campos cada vez mais estritos e especializados.

Essa multiplicidade de conhecimentos acabou por fazer com que qualquer produto carregasse consigo uma vasta rede de saberes e técnicas que um ou milhares de sujeitos juntos não conseguiam deter isolada ou conjuntamente. O sujeito-espectador domina apenas uma fração do saber mobilizado para produzir um bem, o que equivale dizer que qualquer possibilidade de os sujeitos se apropriarem e por conta própria produzir a produção seria uma ilusão. A máquina é então individual e individualizante. Não permite

contato entre os sujeitos, ao contrário, só o isola numa relação de cooperação que só existe na forma humana cristalizada de “trabalho morto”, mesmo que seus produtos porventura sejam produtos da imaginação humana. A teoria frankfurtiana foi acertada, nesse ponto de vista, ao mostrar que, quando a cultura ingressa no regime industrial, a criação é submetida a um processo de produção baseado na padronização, na especialização e na alienação social, igualmente a qualquer outra gênero de bens de produção. Assim, um operário da indústria automobilística ou um jornalista da indústria editorial podem, aqui ou acolá, até “conquistar alguns poderes de autodeterminação e controle operário”, mas esses poderes, no paradigma da industrialização, nunca permitirão dominar o destino e o sentido do seu trabalho.

A riqueza das sociedades industrializadas apóia-se precisamente sobre sua capacidade sem precedentes de combinar, por meio de procedimentos organizacionais pré-estabelecidos, uma imensa variedade de saberes parciais que seus detentores seriam incapazes de coordenar através do acordo mútuo e da cooperação consciente, voluntária, auto-regulada.<sup>193</sup>

O maquinismo do paradigma industrial suportou então uma relação muito desigual entre o homem e a máquina, que o conduzia a gestos cronometrados e movimentos repetitivos, a rotinas padronizadas e cooperação programada, a reificação e a despersonalização do trabalho, a repressão de partidos políticos e do Estado.<sup>194</sup> Comportou então um sujeito que não possuía peculiaridade como produtor. Era apenas a fonte de energia para que o sistema social pudesse funcionar. O horror à máquina<sup>195</sup> simbolizava, na verdade, uma vontade de sabotagem à subsunção humana ao sistema de produção assubjetivo e silencioso. Da organização científica do trabalho. No interior desse sistema, o agir humano era, como assinalou Marx, reduzido a uma brutal insignificância. Apesar do

---

<sup>193</sup> Gorz, 2003, p.61

<sup>194</sup> Gorz, 2003, p.65

<sup>195</sup> O conceito de máquina aqui remete a definição precisa de Muniz Sodré. Para ele a máquina não pode ser definida apenas como um mecanismo físico, mas “*precisamente como estrutura lógicas de um mecanismo ou um dispositivo*”.

homem manter-se como sujeito de sua história, o poder se estruturava, até a crise do fordismo, através de técnicas de docilização que adestrava o corpo a um comando. Era um esforço formidável para tornar os sujeitos assubjetivados.

Contudo, contraditoriamente, esse sistema maquinal não carregava somente automatismo a-cooperante. Sua função – como qualquer maquinaria – era de aumentar os fluxos de produtividade e criação da sociedade. O carro, por exemplo. Símbolo da era industrial moderna, ao mesmo tempo que sua produção subordinava o trabalho vivo do homem a um comando disciplinar, também facilitou uma gama de sistema de transporte, de mobilidade, de trocas culturais, sociais e econômicas, que tanto ampliou os níveis de acumulação, quanto permitiu a ampliação da produtividade e mobilidade do trabalho humano. Essa contradição – tal bem descrita por Marx em seu *Fragmentos sobre as Máquinas* – faz com que a força produtiva humana seja “capaz de se autovalorizar e portanto de ser uma força revolucionária”.

Nos estudos de mídia a reprodução desse maquinismo e humanismo comportou, para o pensamento crítico, uma meia-verdade, alicerçada na tese de que o conjunto maquínico da mídia se orientaria apenas por uma função de manipulação e persuasão, que aceita pelos indivíduos atomizados, teria apenas um efeito de “dessubjetivar o sujeito”. É verdade que não há vazio de poder. O poder sempre tem um *telos*. E não se deve abster que a máquina midiática produz, segundo Negri<sup>196</sup>, “código infectos e epidêmicos, destinados a impedir e a curto circuitar os mecanismos de produção simbólica”. É bem verdade também que a relação homem/máquina midiática – da rádio, TV e cinema – sempre manteve muito bem definido os papéis comunicacionais dentro de um moralismo estruturado na idéia de que o popular é inculto: ao sujeito-espectador apenas restava o papel de responder a programação da máquina. A analítica da participação do “receptor” sempre foi muito difícil de refutar porque o maquinário massivo se estabelecia numa relação assimétrica de poder: a máquina teria um poder de disseminação social de signos, sentidos

---

<sup>196</sup> Negri, 1999, p. 173

e significados que não era o mesmo possível para todos indivíduos da sociedade, que apesar de todo esforço de criar um sintaxe própria de recepção, continuava no interior de um processo de soberania moderno: um uno – a máquina - representava e concentrava a opinião e a expressão pública dos muitos.

Contudo, não há como afirmar que esse sistema operava como uma força transcendente. Era - e é - um conjunto maquinístico que se estabelece no interior da vida cotidiana dos homens. Sendo assim, a subsunção no interior desse sistema maquinal precisa estar associado a algum grau de liberdade assegurada para os sujeitos. McLuhan<sup>197</sup> foi um dos teóricos que primeiro compreendeu esse sentido: a passagem das mídias mecânicas - a imprensa - às eletrônicas revelava-se como crise da hegemonia da linearidade da comunicação.<sup>198</sup> Muito a contragosto da teoria crítica e das teorias funcionalistas americanas, McLuhan acertadamente dizia que as máquinas eletrônicas portavam uma revolução cultural porque fazia com que as pessoas *estivesse com as coisas*: “estivessem mais com os acontecimentos do que aprendendo linearmente sobre ele depois”.<sup>199</sup> Nessa nova situação, *estar com* significaria não ter um ponto de vista. E isso comportava um novo grau de liberdade, à medida que *estar com a máquina* significava um ato de participação. “O ato de assistir é em grande parte um ato de participação, como o de ler uma história policial, na qual estamos com ela exatamente porque não nos é dada muita informação narrativa. Temos de preenchê-la”<sup>200</sup>.

Nessa concentração, a maquinaria midiática requer envolvimento e retroalimentação (esse é o sentido da crise do linear). Ela não é feita somente de uma “função manipuladora”. Se fosse só isto, o indivíduo carregaria consigo somente uma

---

<sup>197</sup> O canadense Marshall McLuhan antecipou várias problemas ainda insolúveis para a comunicação. Filósofo brilhante, foi acusado pelo pensamento crítico de enfatizar demais a cultura material dos meios sem questionar as configurações políticas que os engendraram.

<sup>198</sup> A datação dessa passagem se explicita com o advento de máquinas eletrônicas, como o telégrafo, o telefone, o rádio e mais tarde a televisão. Esse meios tem uma mesma periodização história do operário-massa, conceituado por Toni Negri. O computador não é classificado por McLuhan como uma mídia essencialmente eletrônica, mas cibernética, que teriam outros efeitos na conformação material da cultura, segundo McLuhan.

<sup>199</sup> McLuhan, 2005, p.64

<sup>200</sup> McLuhan, 2005, p.65

impotência. A mídia – como um sistema de máquinas – traz consigo a contradição de ser, como qualquer dispositivo maquínico onde há vida humana, aparelhos em contante constituição e transformação. Nesse sentido a máquina midiática não pode ser somente um dispositivo moral. Como analisa Negri, tudo que é ético, político, poético, interativo, não imediatamente discursivo, na relação mídia/público não pode ser eliminado.<sup>201</sup> Há uma potência de mídia que é constituída de baixo para cima. A multiplicação das máquinas midiáticas visam então executar estratégias de poder, mas também permitem ao indivíduo uma pilhagem de linguagens no seu cotidiano. E o efeito disso é que “pela acumulação de comunicação, a consciência do ser humano se transforma e ele se torna capaz de um reconhecimento coletivo dessa ampliação das possibilidades de saber e das capacidades de transformação, únicas que podem lhe assegurar mais liberdade”.<sup>202</sup>

Desde essa metodologia, há então sempre um campo de combate no interior de qualquer processo maquínico. Durante a crise da hegemonia da industrialização – a crise do fordismo -, o mais famoso combate travado pela sociedade civil foi contra a subsunção às dinâmicas silenciosas e assubjetivas da maquinaria imposta pela racionalização taylorista, contra o seu mecanicismo.<sup>203</sup> Na comunicação, por exemplo, movimentos comunitaristas e ansiosos por democratização dos meios da comunicação e por uma livre circulação mundial da informação são datados desse momento. Todos eles são movimentos atravessados por processos de autovalorização individual e coletiva; movimentos que se afirmavam então como um poder constituinte, por buscar liberar a sua “força-invenção” e seu potencial criativo como trabalho social livre “contra a organização científica que o capital [impunha] a sociedade”<sup>204</sup>.

Contudo, a interpretação dessa crise pelo comando capitalista ocorreu através de uma ação política com vigor igual ou superior ao das multidões criativas. Essa ação foi

---

<sup>201</sup> Negri, In PARENTE, 1999, p. 174

<sup>202</sup> Negri, In PARENTE, 1999, p. 174

<sup>203</sup> O feminismo, a luta dos estudantes, o movimento da arte participativa, o ambientalismo, hippie, são apenas pequenas amostras de um devir minoritária fantástico que se constitui pós-68.

<sup>204</sup> Negri, 2004, p. 69



nomeada mundialmente como *reestruturação produtiva*, organizada com a finalidade de dissolução dessas lutas pela autonomia política e produtiva e estruturada em torno de três operações políticas, demonstradas por Negri e Hardt<sup>205</sup>:

“1) em resposta à recusa individual ao trabalho, o capital introduziu a automação das fábricas; 2) em resposta a recusa coletiva à ruptura de relações cooperativas de trabalho associado, o capital incentivou a informatização das relações sociais produtivas; 3) em resposta à recusa geral da disciplina social do salário, o capital introduziu um regime de consumo controlado por fluxos monetários que privilegiam as grandes empresas”.<sup>206</sup>

O capital ainda implantou o processo de terceirização da produção, integrando a indústria a setores colaterais, difuso em vastos espaços territoriais. Essa operação forçava a proletarianização ainda maior dos desempregados ao mesmo tempo que retirava o conflito de dentro da fábrica para transferi-lo para as empresas difusas nos territórios, acabando assim com qualquer concentração trabalhista.<sup>207</sup> O problema é que essa reestruturação seguiu incompleta, porque a composição política de classe mudou e originou uma nova força de trabalho socializada. O deslocamento não se deu somente pelo fato de um êxodo cada vez maior de uma sociedade fordista para uma sociedade informatizada e automatizada, mas do “trabalho regulamentado da fábrica ao trabalho imaterial e criativo da sociedade-fábrica”. A necessidade dos sujeitos não se esgotavam num salário, mas na capacidade de inventar. Nesse sentido, pela primeira vez, não há relação dialética com o capital. Só relação mútua de captura: o capital que absorve inovação social, e, por sua vez, a multidão que vende invenção sem estar submetida a uma relação de comando salarial (lei do valor). Isso significa que o comando não consegue deter os fluxos criativos da sociedade a uma relação de síntese e de equilíbrio. E ainda acaba financiando essa multidão, e não o seu inverso. Por conseguinte, essa realidade acaba por ampliar ainda mais o potencial de liberação das multidões criativas.

---

<sup>205</sup> Negri & Hardt, op cit, p.140

<sup>206</sup> Negri, 2004, p. 197

<sup>207</sup> Negri, 2004, p.197

Nesse horizonte é a força-invenção que move o íntimo da capacidade produtiva das sociedades, ou como analisou Negri, é um desejo que se torna uma força dentro de nós. O cérebro se torna assim a própria máquina. E o paradigma comunicacional se confunde com o próprio paradigma da produtividade contemporâneo, pois “a nova subjetividade se constitui dentro desse contexto de máquinas e trabalho, de instrumentos cognitivos e auto consciência poética, de novo ambiente e nova cooperação”.<sup>208</sup>

A nova subjetividade está então imersa numa Era da Informação. Para o Jacques Robin<sup>209</sup>, este é um período que emerge a partir da invenção da cibernética, nos anos 50, quando a informação, transformada em *bits*, se constitui como o “terceiro elemento da matéria”, ao lado da massa e da energia. Os homens, pela primeira vez na história da civilização, são capazes de dar forma a um objeto sem passar obrigatoriamente pela sua própria energia, algo que inevitavelmente conduz a civilização a um novo processo de alfabetização. É então uma revolução da inteligência porque, pela primeira vez, as relações sociais (a criatividade social) estabelecem qual é a base da produtividade social ao invés dos dispositivos técnico-científico.

Felix Guattari, quando argüido sobre esse novo mundo da informação, apontou que era um mundo muito maior do que a tipologia “era da informação”, porque o trabalho era muito mais que um atividade sobre a informação. O fato de se produzir uma informação (*bits*) revelava algo além, revelava um novo plano subjetivo. E qual subjetividade se estaria modificando? Aquela subjetividade do indivíduo único, construtor único da sua história, do indivíduo projetado. Estaria-se a construir uma subjetividade social, encarnada na forma de multidões criativas. O ser se constituía cada vez mais devido a uma ecologia lingüística cooperativa em torno dele: a capacidade inventiva, a capacidade científica, a capacidade política, a capacidade tecnológica, a capacidade imaginativa, a capacidade interativa, a capacidade de construção de redes de um certo tecido social. Isso significaria que o desenvolvimento, portanto, não era mais autoral, mas resultante de um agenciamento de

---

<sup>208</sup> Negri, 2004, p.175.

<sup>209</sup> Num debate com Felix Guattari.

fluxos. O sujeito já não se bastava em si, ele era muitos. Trata-se de uma ruptura com a lógica moderna da criação e da ciência, inaugurada pela Renascença, que institui o gênio como o mediador da criação. A emergência das novas tecnologias da comunicação - em especial o computador e as redes interativas – são determinados e determinantes para essa nova subjetividade.

A máquina é integrada ao sujeito, não como um apêndice ou uma espécie de prótese – como uma das suas outras qualidades – mas é profundamente incutida no sujeito a idéia de ser, ao mesmo tempo, homem e máquina. [...] O crescente caráter imaterial do trabalho social em geral indicam a nova natureza humana que reveste os nossos corpos. O ciborgue é agora o único modelo disponível para teorizar a subjetividade. Corpos sem órgãos, homens sem qualidades, ciborgues: essas são as novas figuras subjetivas; as únicas figuras subjetivas capazes hoje de comunismo.<sup>210</sup>

No contexto da singularidade-ciborgue, a eficiência do processo produtivo é agora resultado da interação entre homem (em sua singularidade) e sua máquina (as tecnologias da inteligência) – algo que empurra o valor produtivo para a faculdade do sujeito em encarnar na máquina novos usos sociais. “[O indivíduo] não apenas se adapta à máquina, mas tem também a possibilidade de adaptar de modo específico a máquina a ele mesmo, afirmando então o instrumento em sua função do assistente verdadeiramente pessoal”.<sup>211</sup> Nessa nova realidade, para Negri e Hardt, os meios de produção são cada vez mais integrados às mentes e ao corpo das multidões criativas. Por isso estas exigem o *direito à reapropriação dos meios de produção*: querem um livre acesso a (o controle de) conhecimento, informação, cultura, afetos e formas de vida.<sup>212</sup>

---

<sup>210</sup> Idem, p. 30.

<sup>211</sup> idem, p.87

<sup>212</sup> Negri e Hardt, 2001, p.430.

## 4.2

### O computador: simulação digital e manipulação direta

---

*Não tem sentido o homem querer desviar-se das máquinas já que, afinal de contas, elas não são nada mais do que formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas de certos aspectos de sua própria subjetividade*

Félix Guattari

Nesse contexto de uma economia da informação, o computador se transformou na verdadeira ferramenta de produção, à medida que por ele passa toda a atividade social produtiva (direta ou indiretamente). Pascal Jollivet<sup>213</sup> qualifica o computador como uma metamáquina, porque ele é uma caixa vazia que só ganha vida a partir do uso que o sujeito faz dele. A atividade cognitiva de um indivíduo é o que ativa a máquina.

O computador provoca uma ruptura com o paradigma de comunicação de massa porque sua **maquinaria é cognitiva**: gera criação de conhecimentos e informações; bem como **é relacional**, pois é capaz de, em rede, facilitar a produção de relacionamentos, redes sociais e comunidades em um ambiente virtual.<sup>214</sup> Ao contrário da televisão que para funcionar basta que o indivíduo ligue o botão de *power*; com o computador, “o valor está no uso, e este não é mais determinado pela máquina”.<sup>215</sup>

O computador e todas as mídias que são produtos da telemática exigem, portanto, uma interação cognitiva.<sup>216</sup> É por isso que ser um novo usuário quase sempre significa dispendir uma boa quantidade de tempo para entender o funcionamento (a interface) de qualquer tipo de computador, seja lá um aparelho de celular ou um *pc*.

---

<sup>213</sup> Weissberg, 2003

<sup>214</sup> Jollivet, Cocco et al, 2003, p.83-107

<sup>215</sup> Jollivet in Cocco et al, 2003, p.84

<sup>216</sup> Telemática é a fusão social e econômica de dispositivo da indústria das telecomunicações, da microeletrônica e da informática.

Mas o computador não tinha essas características até a década de 60. Era basicamente uma máquina que fazia cálculos balísticos, estatísticas de guerra e atividades de gerenciamento (como a da folha de pagamento) do Estado. Como pesquisou o filósofo Pierre Levy, os computadores eram apenas máquinas de calcular grandes e pesadas, administradas em *“salas refrigeradas por cientistas de uniformes brancos que alimentavam-na com cartões perfurados e que de tempos em tempos cuspiam listagens ilegíveis”*.<sup>217</sup>

Contudo, no começo dos anos 70, após a invenção do microprocessador<sup>218</sup> - que concentrava em um pequeno *chip eletrônico* toda aquela capacidade de cálculo contida nos pesados *mainframes* - o computador transforma-se em tecnologia de alto impacto econômico e empresarial, pois se torna a base dos processos (de automação, da robótica e de maquinário com controles digitais) e para a produção de produtos (eletrônicos, carros, jogos etc). O avanço do microprocessador também estimulou que nascesse todo um movimento social em torno de uma microinformática, ou seja, de *“uma informática muito diferente, que ninguém havia previsto, descentralizada e leve, de baixo custo, que todos, ou quase todos, podem utilizar”*.<sup>219</sup>

A história do movimento social mais inovador dessa época já foi bastante contada: uma multidão criativa localizada na Califórnia, bastante influenciada pela contracultura, “apossou-se dessas possibilidades técnicas” da microinformática inventando o computador pessoal em 1975, o Altair. Essa multidão criativa se articulava em torno do valor da universalização da informática e da informação. No entender de Lemos<sup>220</sup>, era uma mobilização social e uma espécie de guerrilha hacker<sup>221</sup> contra a “informática *mainstream*” –

---

<sup>217</sup> Levy, 1999, p.31

<sup>218</sup> Sobre o microprocessador escreveu Manuel Castells (1999, p.61): “o advento do microprocessador em 1971, com a capacidade de incluir um computador em um *chip*, pôs o mundo da eletrônica e, sem dúvida, o próprio mundo, de pernas para o ar”.

<sup>219</sup> Couchot, 2003, p.159.

<sup>220</sup> Lemos, 2004, p.105

<sup>221</sup> “A palavra hacker tomou uma matiz de delito no senso comum, restringindo-a a aqueles que ingressam ilegalmente nos sistemas computacionais de outras pessoas, os hackers originais eram programadores jovens que depreciavam a prudência convencional, se deleitavam em encontrar soluções elegantes para problemas técnicos irritantes e eram ficcionados em criar tecnologias novas. Sem eles, a investigação ARPA do Departamento de Defesa não teria nunca a criar a computação gráfica, as comunicações computadorizadas,

isto é, uma informática centralizada apenas em pressupostos militares, técnico-burocráticos e industriais.

“Desde então o computador iria escapar progressivamente dos serviços de processamento de dados das grandes empresas e dos programadores profissionais para tornar-se um instrumento de criação (de textos, de imagens, de músicas), de organização (banco de dados, planilhas), de simulação (planilhas, ferramentas de apoio à decisão, programas para pesquisa) e de diversão (jogos) nas mãos de uma proporção crescente da população dos países desenvolvidos”.<sup>222</sup>

---

nem os antecedentes da computação pessoal” (Rheingold, 1996, p.72).

<sup>222</sup> Levy, 1999, p.32

## 4.3

### Tratamento da informação e desmaterialização do mundo

---

Uma das funções primordiais do computador é a de tratamento da informação: a capacidade de digitalizar a informação, armazená-la numa memória artificial, transportá-la e colocá-la à disposição de um usuário final.

“Os órgãos de tratamento de informação ou 'processadores', que hoje se encontram em chips, efetuam cálculos aritméticos e lógicos sobre os dados. Eles executam em grande velocidade e de forma extremamente repetitiva um pequeno número de operações muito simples sobre informações codificadas digitalmente”.<sup>223</sup>

Os avanços do tratamento conduziu a informação a um ininterrupto processo de digitalização, traduzindo qualquer tipo de realidade material em uma sequência numérica binarizadas em 0 e 1. A palavra *texto*, por exemplo, pode ser traduzida na forma do código *01110*, tal como qualquer ponto de uma imagem fotográfica, qualquer parte de um corpo, qualquer sinal de onda hertziana, qualquer fração sonora, qualquer operação de um software ou ainda qualquer ação de um robô etc. A digitalização fornece então a geração de uma sociedade da cornucópia, já que a informação pode ser transmitida e copiada sem praticamente nenhuma perda de informação.<sup>224</sup> Se houver perda, ela é rapidamente reconstituída, porque se trata de recuperar apenas 0 e 1, e não a energia de uma voz (no caso de um som digital), de um quadro cromático (no caso de uma imagem digital) ou da força física de um braço (no caso de uma operação robótica). “A informação digitalizada pode ser processada automaticamente, com um grau de precisão quase absoluto, muito rapidamente e em grande escala quantitativamente”, analisa Levy<sup>225</sup>.

---

<sup>223</sup> Levy, 1999, p.33

<sup>224</sup> idem, p.51.

<sup>225</sup> Idem, p.51.

A qualidade do tratamento da informação está diretamente relacionada com a evolução da potência técnica dos microprocessadores. Quanto maior é a sua capacidade de armazenamento de dados, maior é a capacidade de um computador processar e memorizar a informação. A lei elaborada por Gordon Moore<sup>226</sup> supõe que, num período de 18 a 24 meses, a capacidade de processamento dos computadores dobra, enquanto os custos permanecem constante. Ou seja, o valor pago por um *chip* hoje será o mesmo daquele duas vezes mais potente daqui a dois anos. Até hoje essa lei permanece irrefutável e, em parte, explica o fato da incorporação da inteligência informática em outras classes de produtos e serviços, bem como dos avanços na representação numérica (em 0 e 1) da realidade material viva. Quanto mais informação podemos armazenar, mais liberamos nossa inteligência na criação de programas que ampliam ainda mais nossa capacidade de desmaterialização do mundo, codificando-o como informação virtualizada. Quanto mais transistores então integram-se em um *chip*, maior é o impacto da virtualização no nosso cotidiano contemporâneo, que se vê pelos dispositivos da microeletrônica (de máquina de café a despertador, de aparelhos celulares a relógios de pulso etc). Para se ter uma idéia, hoje, “um único telefone celular tem a mesma capacidade de processamento de todos os computadores usados na Segunda Guerra Mundial juntos”<sup>227</sup>.

No âmbito social, a “cultura digital” nos remete a um processo aparentemente contraditório, porque por um lado, fomenta uma *cultura da memória*; por um outro, a do *desejo incessante por velocidade*.

A evolução da capacidade informática de armazenar dados no computador e em diferentes suportes (cd-rom, dvd, disquete, usb etc) provocou um *boom* de memória na sociedade. Mas de uma memória informática que transforma a matéria memorizada em um estoque potencialmente a ser manipulado. É uma memória puramente virtual. O conteúdo da memória informática é sempre um pilhagem de conhecimentos, informações ou afetos livres para mutações ou reutilizações. É uma memória associada à reprodução da própria

---

<sup>226</sup> Um dos fundadores da Intel.

<sup>227</sup> Wikipedia. Verbete Lei de Moore, in [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei\\_De\\_Moore](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_De_Moore)



subjetividade. Não uma memória encarnada no músculo neural, mas em um exterior, em uma máquina, que permite que “conhecimentos podem ser separados das pessoas e coletividades que os haviam secretado, depois recompostos, modularizados, multiplicados, difundidos, modificados, mobilizados à vontade”.<sup>228</sup>

A memória da experiência transformada em informação revela-se como uma potência para que não haja esquecimento. O contrário, portanto, da sua função biológica, que nos faz esquecer para depurar o que de melhor nos satisfaz. A memória informática transforma aquilo que é trabalho morto disponível para novas invenções do trabalho vivo. Poderia-se refutar a tudo isso ao levantar a premissa que um livro também é uma memória externa que serve como base para invenções. A memória informatizada só daria então prosseguimento ao ideal da durabilidade da informação. De certa forma, isso é verdade. Mas há uma diferença determinante: o que é memorizado virtualmente é disposto a alterações e a incorporações de novas informações; bem como pode ser fluído e móvel, pois cabe em diferentes suportes. A informação digitalizada perde seu caráter de exclusividade e torna-se ubíqua. A experiência processada no suporte informático segue sua ontologia de ser tribal e não individualizante como é a máquina mecânica (como o livro). Nesse sentido a memória informática não quer ser portadora de uma verdade, mas da velocidade.<sup>229</sup> Na produção informatizada, só há velocidade se houver memória. É uma memória que busca muito mais a eficácia – modificar, simular, executar, apresentar, processar etc - do que a verdade. “A informática não se contenta com a notação musical, por exemplo, ela também executa a música”.

## **A simulação digital**

Por ser número, então objeto de cálculo matemático, a informação digitalizada pode ser objeto de simulações de diferentes tipos. Quando se digitaliza a imagem de um

---

<sup>228</sup> Levy, 1993, p.119

<sup>229</sup> Esse sentido foi tão delineado por Pierre Levy em *As tecnologias da inteligência*.

território urbano, por exemplo, pode-se calcular com grau máximo de exatidão seus níveis de ocupação urbana ou ainda o estado do meio ambiente. O que a simulação digital possibilita é reduzir as incertezas cognitivas sobre qualquer realidade. Uma simulação é então sempre objeto de exploração interativa entre usuários e máquina. A simulação se processa através de dois procedimentos, segundo Couchot.<sup>230</sup> Ou se parte do real ou se simula o próprio real. Em ambos os casos, os objetos deixam de ser meios físicos para se tornarem *processos computacionais*.

Quando se parte do real, o computador apenas capta o objeto a se numerizar. Ou na linguagem vulgar, apenas “escaneia ou grava” o objeto. Essa operação é fundamental para o processo de recombinação, remixagem e manipulação, que transformaram objetos em novas criações.

Uma segunda forma de simulação trata-se da *modelização* de um objeto. Neste caso, o objeto “é simulado na sua aparência (formas, cores, texturas) a fim de o manipular como um verdadeiro objeto em três dimensões e atribuir-lhes inúmeras representações”.<sup>231</sup> Pode-se modelizar a transformação e o comportamento de um objeto (uma época histórica, um fenômeno natural, seres vivos e inanimados...). Quando o objetivo é simular uma transformação, o foco está direcionado nos movimentos, nos deslocamentos ou ainda na conduta do objeto em relação a outras coisas. Nesse sentido, não só a imagem de um avião que é simulada, mas o movimento do seu vôo, que simulado no computador transforma-se em um *modelo* para o funcionamento de uma aeronave. Esse modelo simulado pode ser criado através de um modo “cinematográfico”, quando por exemplo se quer representar a ocorrência de um acidente aéreo. Nesse caso, o movimento da aeronave é gravado em uma maquete plano a plano, para que depois possa ser visualizada por um ângulo, uma iluminação e um ambiente, fornecidos por programas de computador.

Um segundo modo de simulação é criação de um modelo de comportamento do mesmo avião. Nesse caso, a criação é toda com base na lógica computacional, que simula a

---

<sup>230</sup> Sobre isto, ver Couchot, 2003, pp. 162-4

<sup>231</sup> Idem, p.162

imagem e o funcionamento correto da aeronave e a submete a um contexto mecânico, elétrico e atmosférico, descrito também no computador, com bases científicas exatas e coerentes. É assim, por exemplo, que um piloto de aeronave é parcialmente formado. Antes de voar, é submetido a várias situações simuladas, que lhe fazem ativar sua capacidade de resolução de problemas, de rapidez na tomada de decisão e na adaptação à diversidade. A simulação gera uma capacidade de conhecer melhor, antes ou concomitante, as experiências de vôo que terá. Simular é produzir modelos de realidades que recobrem fenômenos abstratos ou complexos, como uma dinâmica demográfica, evolução de espécies biológicas, ecossistemas, guerras, crises econômicas, crescimento de uma empresa, orçamento ou ainda uma jogada de futebol realizada num passado longínquo etc.<sup>232</sup>

Quase sempre um modelo é produzido porque não temos a sua imagem de referência, que aponte tanto para o seu futuro quanto para o seu passado. É por isso que a simulação é a forma de potencialização da capacidade humana de imaginação, como um saber adquirido por meio da operação e não mais da abstração, como se processa ao ser educado somente por meio de livros.

A simulação, portanto, não remete a qualquer pretensa irrealidade do saber ou da relação com o mundo, mas antes a um aumento dos poderes da imaginação e da intuição. [...] Tais simulações podem servir para testar fenômenos ou situações em todas as suas variações imagináveis, para pensar no conjunto de conseqüências e de implicações de uma hipótese, para conhecer melhor objetos ou sistemas complexos ou ainda para explorar universos fictícios de forma lúdica.<sup>233</sup>

Quando interagimos então com os *modelos* não estamos fazendo somente um trabalho sobre a informação, mas realizando uma mutação sobre a nossa subjetividade. O computador inaugura uma ecologia cognitiva profundamente marcada pela relação do saber tecida de dentro e não de fora de uma relação de conhecimento, o que significa dizer que as figuras kantianas de sujeito e objeto se vêem em total hibridização no sistema

---

<sup>232</sup> Levy, 1993, p.67

<sup>233</sup> Levy, 1993, p.126

computacional. É uma cognição complexa por ser constituída num espaço sem lugar determinado e sem aderência ao atual, o que provoca o fato de, pela primeira vez, a comunicação poder se realizar sem os dispositivos representacionais (a imagem, a identidade, o território etc).<sup>234</sup> Quando não estamos no espaço da simulação – no virtual – o tempo é outro. É, como diz, Couchot, um tempo ucrônico, quer dizer, um tempo que não possui nenhum tempo. Um tempo do “pode ser isso”. Um tempo das eventualidades. Se a comunicação de massa produz o acontecimento, a comunicação virtual, o evento.

Enquanto a fotografia e o cinema registram o tempo completo do objeto que passa diante da objetiva, e a televisão capta o tempo em que esse mesmo objeto está acontecendo, a imagem numérica, por sua vez, pelo fato de não ser resultado de nenhum registro – já que nenhum objeto real lhe preexiste – não oferece reviver de um presente já vivido nem dá a vivência de um presente que está acontecendo. [...] Ela não reenvia mais a um presente já vivido, que o observador revisita, mas a uma multiplicidade de presentes originários, mais ou menos prováveis, suscetíveis eventualmente de se atualizar sobre a tela.<sup>235</sup>

## **as interfaces e a manipulação direta**

Grande parte do trabalho cognitivo se realiza, no plano subjetivo, graças ao fato de o computador, muito mais que uma máquina de processamento e cálculo de informação, ser uma máquina de produção simbólica determinada pelo desenvolvimento das *interfaces*, os programas que criam as formas de interação entre o computador e o usuário. Nas análises de Steven Johnson<sup>236</sup>, as interfaces instauram uma *relação semântica*, ao ter como missão “representar-se a si mesmo ao usuário, numa linguagem que este a compreenda”. O princípio que demarca a possibilidade de o usuário interagir na maquinaria informática e o da manipulação direta. No computador, o indivíduo tem a possibilidade de “sujar as mãos” diante das informações que são visualizadas na tela *PC*. A manipulação direta foi possível inicialmente com o surgimento do *mouse*, que fez com que a informação fosse organizada

<sup>234</sup> Couchot fala em uma nova ordem visual por conta disso.

<sup>235</sup> Couchot, 2003, p.169.

<sup>236</sup> Johnson, 2001

através do “modo como a mente humana processa a informação”.<sup>237</sup> o computador é a extensão do nosso cérebro. Com as interfaces, a máquina tornava um “espaço a ser explorado” pela atividade cognitiva humana.

Johnson reforça que esse novo conceito de máquina é reforçada com o advento de dois outros dispositivos de interface: o desktop, as janelas e os agentes. O *desktop* foi concebido como uma “tela sobre uma outra”, tal como “papéis sobre o outro numa escrivaninha”. O conceito de *desktop* se socializou com a introdução de elementos como ícones, menus, barras, pastas e lixeiras, popularizados pelo Macintosh. Esses elementos fizeram com que não houvesse mais comando a digitar para que o computador funcionasse. Pela primeira vez, o usuário acessava o sistema operacional e enxergava as possibilidades de ação disponíveis na sua área de trabalho e no interior dos aplicativos<sup>238</sup> que utilizavam. Era o nascimento de uma obra-prima cultural e tecnológica, como afirmou Johnson.

Todos esses elementos permitiram que a interface se transformasse em um verdadeiro meio de comunicação, e o computador, em uma máquina semiótica. O usuário podia agora arrastar, trocar e abrir sucessivas janelas, permitindo que várias atividades cognitivas pudessem estar sendo co-relacionadas.

Já a *janela* foi inventada por Alan Kay, o mesmo que criou o desktop. Com as janelas, obtinha-se um efeito de profundidade no uso dos programas de computador. A janela superior (sobreposta a todas as outras) passou ser chamada de janela ativa, por ser aquela sobre a qual o cérebro debruçava a sua atividade naquele momento. A janela provocou uma relação comunicacional de ruptura com o racionalismo moderno, visto que a abertura simultânea de várias janelas significava a possibilidade da co-presença de múltiplos pontos de vista diferentes, e não mais de apenas um.

O surgimento da janela simplesmente nos devolveu ao nosso estado fragmentado costumeiro: o tipo de multitarefa que levamos a cabo cada manhã,

---

<sup>237</sup> Rheingold apud Johnson, 2001, p.23.

<sup>238</sup> São programas de computador que permitem ao computador prestar serviços ao usuário, tais como como editar texto, elaborar planilhas, gráficos, envia e receber email etc.

lendo o jornal enquanto nos vestimos, isso sem tirar o olho dos ovos com bacon na frigideira. [...] A janela não criou uma nova consciência – simplesmente nos permitiu aplicar a consciência que já tínhamos ao espaço-informação na tela.<sup>239</sup>

Um terceiro recurso de interface é o *agente*, mecanismo delegado a agir, na realidade virtual, por nós. A figura do *agente* se tornou bastante controversa porque representam tanto uma ampliação da autoridade do computador sobre o usuário, quanto o inverso. Inverso porque o usuário pode delegar ao sistema uma figura de alarme contra vírus, programas espiões, atualizações de informações ou ainda a realização automática de funções (backup, varredura anti-vírus etc). Os agentes podem então ser instrumentos de organização, das nossas necessidades e da proteção da nossa privacidade. Contudo, podem também ser figuras indesejadas no nosso sistema - , tal como os agentes espiões, programas e arquivos que buscam informações privadas, como senhas dos usuários e comportamento de consumo – como ainda podem ser mecanismos de impedem o acesso a cópia de determinada informação adquirida, como é o caso da tecnologia da Adobe que impede o usuário de imprimir livros online. Nesse caso, os agentes tornam-se instrumento da manipulação indireta: “dotamos os agentes de uma autonomia relativa para agir em nosso nome”<sup>240</sup>. De qualquer modo, essa ainda é uma questão aberta e reproduz, de certa forma, a relação entre controle e liberação que demarca a cena contemporânea da comunicação das tecnologias interativas.<sup>241</sup>

Com os agentes, a manipulação passa a ser indireta. Ao mesmo tempo que facilitam nossa vida em um mundo saturado de informações, podem também nos levar a um fechamento. Uma vez que o agente só procura o que queremos, perdemos a disponibilidade para o acaso, a alegria das descobertas inesperadas, o fascínio diante do desconhecido.<sup>242</sup>

---

<sup>239</sup> Johnson, 2003, p.65.

<sup>240</sup> Vaz, Paulo. Agentes na Rede. *Revista Luga Comum*. Rio de Janeiro:NEPCOM/LABTEC, n.7, janeiro-abril 1999, p.125

<sup>241</sup> Sobre essa questão, ler o capítulo sobre a ciência política da produção p2p.

<sup>242</sup> Santaella, 2003, p.109

## 4.4

### o virtual e a emergência do ciberespaço

---

*Desde o maio de 68 até o fim dos anos 90, esta visão utópica do anarco-comunismo tem inspirado a economia da mídia aos ativistas culturais do 'faça você mesmo'. Nas universidades, a economia da doação sempre foi o método primário para socializar o trabalho. Desde seus primeiros dias, a estrutura técnica e os costumes sociais da rede ignoraram a propriedade intelectual. Embora o sistema tenha se expandido além da universidade, o interesse do usuário da Rede perpetua esta economia da doação da alta tecnologia.*

*Richard Barbrook*

A revolução do microinformática – a simulação e os dispositivos das interfaces – fez eclodir uma realidade virtual cuja existência é somente computacional. A carne virtual é feita de números - uma seqüência de bits, na verdade - que faz compor imagens, textos, sons, máquinas, comportamentos, programas ou qualquer outra matéria digitalizada. O virtual, portanto, existe sem estar presente.<sup>243</sup>

Castells denominou essa nova realidade como uma virtualidade real, em que a realidade é cada vez mais mediada pelos códigos digitais, tal como antes a realidade foi largamente mediada pela hegemonia do alfabeto. “A realidade é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz de conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transforma na experiência”.<sup>244</sup>

A partir da “revolução da microinformática”, a realidade virtual apresentou-se como uma base material que media os modos pelos quais nascemos, trabalhamos e somos produtivos, praticamos esporte, desenvolvemos a agricultura, nos educamos e formamos

---

<sup>243</sup> Levy, 1999, p.49

<sup>244</sup> Castells, 1999, p.395

nossas opiniões, ou ainda como atuamos na política. Isso porque todos esses modos são atravessados pelos conhecimentos produzidos através e no interior das tecnologias de simulação computacionais. Em termos filosóficos, a linguagem computacional acabou por libertar o *virtual* da “atividade imaginária” da mente para projetá-la num ambiente interativo construído e ativado nas interfaces. Como salienta Weissberg, “a cadeia modelização-numeralização-programação constitui a virtualidade como espaço de experimentação disponível, intermediário entre o projeto e o objeto”<sup>245</sup>. Ao se virtualizar um objeto, há sempre a possibilidade de invenção de “novas modalidades para defini-los e animá-los, constituindo um novo espaço de percepção em que ver, falar, mover, sentir recompõem suas operações”.<sup>246</sup> O virtual é então apenas um modo de se apreender e perceber o sentido do real.

Hoje o mundo virtual é sinônimo de espaço de imersão interativa.<sup>247</sup> Kerckhove<sup>248</sup> analisa esse “estar dentro” da mídia como uma estado de subjetivação pós-moderna. É agora um “ver através”. Vemos no mundo virtual, como demonstrou Levy<sup>249</sup>, uma imagem de nós mesmos e de nossa situação. As máquinas virtualizantes se apresentam como dispositivos que carregam as nossas próprias consciências, dado que a realidade virtual é, como de forma acertada conceituou Muniz Sodré, um “metaforizador tecnológico”, portanto, uma “categoria subjetiva e tecnológica ao mesmo tempo”. A realidade virtual é um novo dispositivo da consciência, pois que a atividade perceptiva vem tendencialmente após a virtualização do objeto. “A idéia (na forma de números, palavras, imagens) converte-se em realidade autônoma e concreta, o pensado torna-se a força motriz”.<sup>250</sup>

---

<sup>245</sup> Weissber, In PARENTE, 1999, p.117-126.

<sup>246</sup> Idem, p.118.

<sup>247</sup> Levy, 1993, p.62.

<sup>248</sup> Kerckhove, 1997

<sup>249</sup> Levy, 1999, p.72

<sup>250</sup> Sodré, 2002, p.130.



## Desde a origem, a internet é um projeto de resistência

Mas o *virtual* se constitui num elemento novo na sociabilidade contemporânea não apenas porque carrega uma consciência e inteligência projetada no computador, mas principalmente por ser consequência de um movimento social – como vimos anteriormente – que busca comutação generalizada: de realização de trocas simbólicas e informacionais, em um sentido dialógico, sem a presença de qualquer intermediário e realizadas em tempo real.

Esse desejo tornou-se carne com a emergência do ciberespaço, um ambiente virtual multimídia e hipertextual suplantado por uma rede ao mesmo tempo física (os próprios computadores) e lógica (as suas interfaces e códigos), que transforma cada computador do usuário em um terminal (*nó*) de uma rede. “O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. [...] é um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si”.<sup>251</sup>

O ciberespaço como um *paradigma de rede* inaugura a lógica da informação em fluxo direto entre os participantes de uma comunicação.<sup>252</sup> É um modelo de comunicação cuja ontologia é a comutação, isto é, a troca de pacotes de informações virtualizadas. A comutação acaba por distinguir o ciberespaço de qualquer mídia que o antecedeu.<sup>253</sup>

De um ponto de vista histórico, o funcionamento dos computadores em rede está intimamente ligado, por um lado, a convergência tecnológica entre a indústria microeletrônica e a de telecomunicações; e por um outro, ao movimento da microinformática levada a cabo pelos estudantes universitários californianos, nos anos 70. Quanto à convergência telemática, “avanços importantes em optoeletrônica (transmissão por fibra ótica e laser) e a tecnologia de transmissão por pacotes digitais promoveram um aumento surpreendente da capacidade de linhas de transmissão”. Essa convergência criou a infra-

---

<sup>251</sup> Levy, 1999, p.44

<sup>252</sup> Levy, 1999, p.63.

<sup>253</sup> Sobre o conceito de mídia, utilizamos o sentido atribuído por Pierre Levy: “mídia é qualquer suporte ou veículo da mensagem”.

estrutura para a conexão entre os computadores, porém, foram os radicais californianos inventores da microinformática que proveram o modelo e os protocolos da arquitetura, as tecnologias e os conteúdos que ativaram conexões e as transformaram numa rede cuja topologia permanecia aberta e difusa potencialmente a toda sociedade. Os radicais californianos, na verdade, encarnavam toda uma uma “cultura libertária e comunitarista” - presente primeiro nos campus universitários, mas logo depois em diversas partes do globo – baseada na contestação do controle da informática e da informação e na reivindicação de “informática para todos”.<sup>254</sup> Além da invenção do microcomputador e das interfaces, esses sujeitos foram responsáveis pela rede “conversar” entre si, graças a inovações em *software*, como protocolo TCP e o primeiro sistema operacional que “cabia” em qualquer computador – o UNIX; inovações em *hardware*, como o modem; e outras inovações como os navegadores (browser), o hipertexto, o email, o código html ou ainda as comunidades virtuais.

Foram eles os responsáveis pela criação de milhares de redes moleculares, todas ancoradas em *backbones* das redes do poder (militares, fundamentalmente), estas nascidas em 1969 com o nome de Arpanet, um projeto militar dos EUA associada a cientistas criado com a finalidade de proteger a Nação contra a ameaça comunista no contexto da Guerra Fria. A Arpanet era uma rede que tinha como desafio integrar diferentes tipos de redes existentes, assim como tecnologias futuras, a uma arquitetura de redes comum, permitindo a todo “nó” ter o mesmo papel. A rede tinha que operar através da quebra de documentos confidenciais em pequenas partes e espalhando-as por vários computadores ao longo do território dos EUA, de modo que os comunistas poderiam até achar algumas árvores, mas jamais conseguiriam visualizar a floresta.<sup>255</sup> **A internet nasce,**

---

<sup>254</sup> Sobre isto, ver Lemos (2002), Castells (1999), Castells (2001).

<sup>255</sup> Conta-se que a primeira conexão bem sucedida ocorreu em 1969, quando o computador da Califórnia, na Costa Oeste, recebeu do computador da Universidade de Stanford, na Costa Leste, uma mensagem com duas letras: um L e um O. E ai o sistema travou. Naquela época os primeiros nós da Arpanet foram as universidades americanas de Stanford, Los Angeles, Santa Barbara e Utah.

**portanto, como um projeto de resistência. Eis aí a sua radicalidade como mídia, pois que não emerge como um dispositivo de captura, mas de fuga.**

A captura do poder de banda de transmissão dos *backbones* da Arpanet – geralmente localizados no mesmo lugar desses movimento, nas universidades – fomentou o aparecimento de um número tão grande de redes descentralizadas que a Arpanet já não mais conseguia gerar os fluxos de informação em seu interior. Neste momento, popularizam-se serviços como o BBS, ou o *Bulletin Board System*, “redes de computadores comunitárias e independentes de uma grande rede telemática” interligados a uma velocidade de transmissão da ordem de 100 bps por meio de ligação telefônicas via modem.<sup>256</sup>

Como explica André Lemos, os BBS's eram redes multi-tarefas. Havia desde aquelas criadas para organizar movimentos, empreender um negócio até às com objetivo de coordenar campanhas políticas etc. Eram espaços que criavam um sentimento de lugar e de vinculação comunitária, baseado no acesso à distância aos diversos recursos e informações disponíveis em cada computador da rede. Essas redes da sociedade civil se tornaram tão maior que as militares<sup>257</sup> que a Arpanet foi dividida em duas em 1982. De um lado, uma rede fechada e segura: a rede MilNet, para fins militares. De um outro, a Arpanet-Internet, um *backbone* que hospedava uma rede de redes que comunicava entre si via um protocolo aberto, o TCP-IP. Mas ambas funcionando numa “arquitetura da resistência”. Essas redes logo foram nomeadas de Internet, uma fantástica “expressão técnica de um movimento de começou de baixo” e que inventou o “verdadeiro uso da rede telefônica e do computador pessoal: o ciberespaço como prática de comunicação interativa, comunitária, intercomunitária, o ciberespaço como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual cada ser humano pode participar e contribuir”.<sup>258</sup>

---

<sup>256</sup> Lemos, op cit, p.147.

<sup>257</sup> Continha mais de cinco mil servidores.

<sup>258</sup> Levy, 1999, p.126

## **a internet e a nova economia, captura e resistências**

Nos anos 80, os projetos industriais começam a querer tirar proveito da popularização do ciberespaço, através do desenvolvimento dos produtos multimídias integrados em uma interface computacional. Daí que uma linha diversificada de serviços e produtos vão ser colocados no mercado reunindo os principais conteúdos das indústrias culturais – imprensa, cinema, rádio e televisão. unindo texto, imagem, som, telefone, jogos eletrônicos – no interior das interfaces gráficas e interativas de computadores e no ciberespaço das redes telemáticas.

Enquanto a indústria apostava no desenvolvimento desse modelo de negócio, em 1993, o governo norte-americano lança um projeto de infra-estrutura – batizado de *Information Superhighways* – cujo objetivo era ampliar o acesso às redes de telecomunicações por fibra ótica a todo tipo de firma que pudesse oferecer serviços, por todo tipo de rede, a todo tipo de consumidor.<sup>259</sup> Com cada firma conectada às auto-estradas da informação, a própria empresa se tornou uma rede: passou a se relacionar de forma interativa com fornecedores, clientes, empregados; pode ampliar estratégias de descentralização territorial de várias unidades da firma; e um processo de customização baseadas em transações e interações online com o consumo. O projeto das *Superhighways* empurra então toda a economia americana para dentro de uma economia interativa e informacional, para dentro da *mass customization*.

Por um lado, as superinfóvias serão então constituídas por redes de circulação (e não somente de difusão) das informações e, por outro lado, elas serão estruturadas por instrumentos de armazenagem e de tratamento das informações que permitam, ao mesmo tempo uma conexão simplificada às redes e um uso intuitivo dos serviços oferecidos. Elas não vão constituir a base técnica da venda de uma nova geração de serviços que teriam que circular nas suas redes, mas o espaço virtual de atuação das relações de serviços. Mais que de produção é preciso falar de co-produção de serviços,

---

<sup>259</sup> Cocco, 1995, p.3

nesta perspectiva, o primado da materialidade do objeto tende a se apagar atrás do valor de uso, real ou imaginário, do serviço prestado por esse objeto.<sup>260</sup>

Por uma coincidência histórica, no mesmo período, são desenvolvidos, na mesma lógica pública dos pioneiros da microinformática, o código html, a lógica hipertextual da interface gráfica World Wide Web e o primeiro navegador, o Mosaic, logo aprimorado e transformado em *Netscape*. Todas essas tecnologias possibilitavam ao cidadão ter acesso a - ou disponibilizar - quase que instantaneamente um emaranhado de informação multimídia, hospedado em endereços próprios (sites) e representado na forma de um desenho gráfico (*páginas*). O ciberespaço ganha então uma representação espacial, gráfica e multimídia. Segundo Santaella<sup>261</sup>, a internet passa então a ser compostas de diferentes redes: (1) os *backbones*: as redes centrais de alta velocidade que funcionam como espinhas dorsais do sistema; (2) as *redes médias*, ligadas aos backbones e que enviam informações para os usuários (redes universitárias e redes comerciais de provimento de acesso ou ainda redes internas (intranet) de instituições públicas e privadas, etc ). Cada uma dessas redes possuem uma taxonomia relativa ao seu campo de atuação social: se comercial, é uma rede “ ponto com”; se filantrópica, “ponto org”; se educacional, “ponto edu”, se governamental, “ponto org”, entre outras denominações.

Contudo, é necessário ver a internet também um objeto de captura do poder midiático. A década de 90 é um momento de rápida expansão social do seu uso e a criação de um enorme mercado de consumo baseado na nova economia. Cidadãos, Instituições públicas e empresas logo se adiantam em se apresentar e ofertar, gratuitamente ou não, os conteúdos e serviços a “todo e qualquer tipo de consumidor” nas redes virtuais da Internet. Mas, no final das contas, esse movimento industrial e estatal acabou por instituir formas de governar o ciberespaço – a internet, em especial – que emergia como um ambiente de produção e expressão regulados pelo poder constituinte das resistências criativas.

---

<sup>260</sup> Idem, p.4

<sup>261</sup> Santaella, 2003 p.88

Para Barbrook<sup>262</sup>, a estratégia do poder foi operado pelo que chamou de *ideologia californiana*, um discurso promovido pelas empresas pontocom que capturava a dimensão da liberdade (a contracultura) e a inseria dentro de um plano de comando financista (desregulamentação e privatização de todas as atividades econômicas).

Fomentada nos mais distintos ambientes das redes, a ideologia californiana combina, de forma promíscua, o espírito despreocupado dos hippies com o ardor empresarial dos yuppies. Em síntese, os ideais dos anos 60 se realizam mediante ao determinismo tecnológico e ao livre mercado. Na utopia digital, todos seremos alegres e ricos.

Do ponto de vista da influência direta são os ideais hippies, a ideologia californiana incorpora uma certa recusa as rígidas convenções sociais impostas pelas estruturas sociais que davam configuração ao “homem-organização”. Os hippies manifestaram-se contra esse homem de duas formas, a partir dos anos 60: recusa ao progresso científico e refúgio na natureza. Isso redundou em um ativismo dos meios comunitários de informação, disseminando uma retórica em que o desenvolvimento tecnológico inevitavelmente se espalharia nas práticas sociais e a convergência das mídias geraria uma ágora virtual, um lugar em que todos poderiam expressar suas opiniões sem temor da censura. “Animados pelas prospecções de Mcluhan, os ativistas da Costa Oeste se implicaram a desenvolver novas tecnologias aplicando-as na imprensa alternativa, nas rádios comunitárias, em espaços domésticos de fabricação de produtos de informática e nos vídeos comunitários (Barbrook, 2000, p.03)”. Por meio de um pacto que lhes assegurava altos salários, autonomia no ritmo e espaço de trabalho, esses ativistas foram elevados à “classe virtual”. Em lugar de liberdade coletiva, a bandeira passou a ser liberdade individual dentro do mercado. “A ideologia californiana é um híbrido das duas formas sem criticar nenhuma delas”. De um lado, a fé nas comunidades virtuais, na ágora eletrônica. Do outro, a defesa do *laissez-faire*.

---

<sup>262</sup>Barbrook, 1999, online

Na visão da Ideologia Californiana, a cada membro da 'classe virtual' é prometido a oportunidade de chegar a ser um exitoso empresário de tecnologia de ponta. As tecnologias de informação proporcionarão a capacitação do indivíduo, a ampliação da liberdade pessoal e redução radical do poder do Estado-Nação. As estruturas de poder social, política e legal existentes iriam se debilitando para dar lugar às interações livres entre indivíduos autônomos e os softwares. Estes mcluhianos de novo tipo argumentam vigorosamente que um bom governo deveria deixar livre os empresários com recursos, pois estes seriam as únicas pessoas sérias e audazes para correr riscos. Em lugar de regulações contraprodutivas, os engenheiros visionários estariam inventando as ferramentas necessárias para criar um "mercado livre" no ciberespaço, por meio da criptografia, o dinheiro virtual e procedimentos de verificação".<sup>263</sup>

Em oposição à hegemonia da ideologia californiana, para Barbrook, estaria o cybercomunismo. Este seria conseqüência de um trabalho cooperativo gerador de reconhecimento público, como na comunicação científica, alavancando a economia do paradigma aberto (*gifty economy*). Esse trabalho só é possível graças à arquitetura das redes com base em protocolos iguais, que pressupõe que múltiplas cópias dos documentos possam ser facilmente capturadas em toda rede. Cada um recebe da rede muito mais do que fornece ao outro. E, acima de tudo, doa tempo e idéias, produz relação social, por meio da comunicação mediada por computador.

Durante os anos 60, a Nova Esquerda apostou em uma nova forma de política radical: o anarco-comunismo. Sobretudo os situacionistas e outros grupos semelhantes acreditavam que a economia tribal das doações provava que os indivíduos poderiam viver juntos satisfatoriamente sem a necessidade do mercado e do Estado. Desde o maio de 68 até o fim dos anos 90, esta visão utópica do anarco-comunismo tem inspirado a economia da mídia aos ativistas culturais do 'faça você mesmo'. Nas universidades, a economia da doação sempre foi o método primário para socializar o trabalho. Desde seus primeiros dias, a estrutura técnica e os costumes sociais da rede ignoraram a propriedade intelectual. Embora o sistema tenha se expandido além da universidade, o interesse do usuário da Rede perpetua esta economia da doação da alta tecnologia. Como uma atividade cotidiana, os usuários fazem circular a informação gratuitamente, em e-mails, serviços de notícias, newsgroup, conferências etc. Como se demonstra com os programas Apache e Linux, a economia da doação na tecnologia está na vanguarda do desenvolvimento do software. Contrariamente a visão purista da Nova Esquerda, o anarco-comunismo na Rede só pode existir em uma forma consensual. O dinheiro-mercadoria e as relações de doação não só estão em conflito entre si, como

---

<sup>263</sup> Barbrook, 1999, online.

também coexistem como uma simbiose. A Nova Economia do ciberespaço é uma forma avançada de social-democracia” (Barbrook, 2000, p.03).

Não é à toa que o *paradigma aberto* dessas resistências (informação livre, código aberto, neutralidade, anonimato, colaboração, comunidades virtuais) será indefinidamente um antagonista do *paradigma fechado* das redes de poder (código fechado, endurecimento das leis de propriedade intelectual, *firewall*, controle dos tráfego, lógica servidor-cliente, desregulamentação etc).

Os rumos tomados pela internet, depois do programa Superestradas da Informação e da população da Web, passam a ser regidos pela política de antagonismos e clivagens entre as forças sociais centrífugas e centrípetas que disputam a hegemonia da internet. O debate sobre a regulamentação do ciberespaço é bastante salutar nesse sentido. Como nos ensinou Lessig, árduo defensor da política do paradigma aberto, as camadas que formam a internet são hegemônicas por um controle privado. A camada física, os backbones, computadores e o sistema de transmissão das telecomunicações – ondas de rádio, fibra ótica, linhas telefônicas – estão em geral sobre a administração ou sobre a propriedade das empresas privadas de telefonia. A camada lógica – os programas e as interfaces gráficas – segue o mesmo destino de estar em mãos da concentração de empresas proprietárias. O Windows, por exemplo, é controlado pela Microsoft, que não revela o código do programa rodado na maioria dos computadores mundiais. A camada de conteúdo é controlada por regimes de propriedade intelectual, os direitos autorais e os de marca.<sup>264</sup>

No campos do *código* e da *arquitetura* que regem o ciberespaço esse antagonismo se explicita com mais intensidade. Por um lado, assiste-se, desde a comercialização das redes, a transformação do código em lei.<sup>265</sup> Isto é, cada vez mais aumenta a criação de softwares especializados (códigos computacionais, portanto) em impedir o uso ou bloquear o acesso a, por exemplo, determinados tipos de conteúdo

---

<sup>264</sup> Sobre esse debate, ver Lemos, 2004, p.16-29

<sup>265</sup> Lessig, 1999



protegidos pelos regimes de propriedade intelectual, mesmo que a operação do usuário não tenha como objetivo a realização da pirataria digital. Ao mesmo tempo, a arquitetura da rede também sofre alterações por conta dessa avidez pelo controle da informação. Já há várias gerações de arquivos ou programas (códigos, novamente) cuja função é bisbilhotar ou eliminar que determinadas mensagens possam circular entre os usuários da rede, como já acontecem em empresas e instituições públicas que monitoram o uso da internet e identifica qualquer “violação” realizada por seus funcionários.<sup>266</sup>

A retomada da hegemonia da internet pelas pontocom's significou a ampliação de dispositivos de comunicação verticalizada mediadas por computador, o que Richard Barbrook classificou de *panóptico digital* – uma série de tecnologias de vigilância (os tais códigos e filtros, como no ensinou Lessig) dispostas a monitorar todas as atividades online para que nenhum usuário ousasse descumprir as leis de direito autoral.<sup>267</sup> A iniciativa do *panóptico digital*, segundo Barbrook, perpetuaria a etapa anterior do regime industrial: o fordismo. “Como operários de linha de montagem, os usuários do panóptico digital estariam sob constante vigilância de cima. Como telespectadores, eles só poderiam consumir passivamente as mídias produzidas por outros. [...] A liberdade de expressão só deve existir como mercado de mídia”.<sup>268</sup>

## **a rede como obra aberta**

Mas Barbrook ironiza ao afirmar que o panóptico digital é “um futuro que já virou história”, porque a novidade da internet não se encontra na possibilidade do consumo passivo de mídia, mas no fato que ela é produzida numa colaboração interativa das pessoas, que acabam por constituir, através de uma arquitetura aberta, uma espécie de

---

<sup>266</sup> “Um DVD comprado nos Estados Unidos, na maioria das vezes, não pode ser executado por aparelhos fabricados no Brasil, ainda que o usuários seja titular de todos os direitos legítimos de execução quanto ao seu conteúdo” (Lemos, 2003, p.25)

<sup>267</sup> Barbrook, 2003

<sup>268</sup> Barbrook, 2003, p.139

economia da dádiva (*gift economy*). Essa cooperação só é possível graças então a uma arquitetura das redes com base em protocolos iguais, que pressupõe que múltiplas cópias dos documentos possam ser facilmente capturadas em toda rede. Cada um recebe da rede muito mais do que fornece ao outro. E, acima de tudo, doa tempo e idéias, produz relação social, por meio da comunicação mediada por computador.

Nesse sentido, a internet é apenas a “ponta do iceberg” de uma produção contemporânea cada vez mais feita de redes de cooperação e troca, de contatos, as relações, as trocas e os desejos tornaram-se produtivos.<sup>269</sup> O avanço da dessa economia das redes ofertaria soluções para novas formas de constituições dos mercados econômicos, capitalistas e para além do capitalismo, à medida que, “como uma atividade cotidiana, os usuários fazem circular a informação gratuitamente, em emails, serviços de notícias, newsgroup, conferências etc. [...] O dinheiro-mercadoria e as relações de doação não só estão em conflito entre si, como também coexistem como uma simbiose”.<sup>270</sup>

De acordo com Parente<sup>271</sup>, ciberespaço é um “espaço de relações de vizinhança”. É um espaço heterotópico, por ser feito de “justaposição do próximo e do longínquo” na forma de simultâneo. “É exatamente esse local de acumulação do mesmo enquanto outro que nos leva a dizer, quando estamos na rede, que estamos aqui e lá ao mesmo tempo, e que caracteriza a heterotopia pós-moderna”.

Ao preservar as redes e torná-las pública à navegação e à interconexão, cada rede acaba por manter aberto (logo, vivo) o sistema como um todo, em estado de crescimento contínuo, já que a internet é “capaz de crescer através de seus nós, por todos

---

<sup>269</sup> Essa produção do vivo faz com que que estratégia de comando estruturada em processos de defesa da propriedade se apresenta como parasitária das forças colaborativas da sociedade. Isso causa um *revés* no capitalismo à medida que o aumento da produtividade e do valor estará associada à liberação do saber a qualquer mecanismo que o enclausure. “É um belo paradoxo: o capitalismo entrou numa nova fase, e é o próprio capital que realizará as promessas que havíamos feito nos anos 70 sem conseguir cumpri-las. Estou falando de fracasso, mas não é verdade: essa metamorfose do capital é precisamente o resultado dessas lutas” (Negri, 2006, p.103).

<sup>270</sup> Barbrook, 2000, online

<sup>271</sup> Parente, 1999, p.109

os lados e em todas as direções”.<sup>272</sup> Nesse sentido, a partir das análises de Lazzarato (2006), as redes possibilitam que “a potência das forças centrífugas, que estavam aprisionadas e capturada pela força de unificação e de homogeneização das redes analógicas (televisão), se libera, se ativa e inventa outras máquinas de expressão, outros regimes de signos. Desde modo devolve a potência de criação e de realização aos mundos possíveis a sua própria indeterminação”.<sup>273</sup> E, embora haja forças monopolistas baseadas em fusões e aquisições empresariais, que buscam concentrar os recursos e os ambientes de comunicação e colaboração da internet, a heterogeneidade de suas redes tornam impossível a unificação, a totalização e a fusão em um todo coletivo. Isso porque, como tão acertadamente analisou Lazzarato (2006), a potência de criação não está expropriada, centralizada, mas sim distribuída, em graus diferentes, ao longo das redes.

## O ciberespaço como rizoma

A rede é então um sistema que, aberto, interativo e sem centralização, favorece a pluri-percepção e a pluri-inteligência.<sup>274</sup> Para muitos autores, é como o conceito de rizoma, de Deleuze e Guattari<sup>275</sup>, já que uma rede é construída a partir de princípios como: (1) o de conexão, isto é, qualquer ponto da rede pode estar conectado com um outro sem obedecer a qualquer autoridade e hierarquia de intermediação. “Conecta-se por contato, ou antes, por contágio mútuo ou aliança, crescendo por todos os lados e em todas as direções”. A comunicação aqui não é constituída por uma lógica causal e determinista, como no regime de massa, em que para haver comunicação há de existir um único pólo transmissor da mensagem.<sup>276</sup> Ao contrário, a conexão não se efetua por causa e efeito ; (2) mas pelo

---

<sup>272</sup> Kastrup, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, 2004.

<sup>273</sup> Lazzarato, 2006, p.125

<sup>274</sup> Lazzarato, 2006, p.125

<sup>275</sup> Deleuze, 1995

<sup>276</sup> KAUSTRUP, op cit, p.81

princípio de multiplicidade. São as diferenças internas e as relações recíprocas, e não uma pretensa totalidade unificada, que estabelecem entre si as conexões. Um nó se expressa como singularidade. O múltiplo, nesse caso, é o coletivo de singular. E o singular, o coletivo de heterogêneo. Cada nó expressa o (3) princípio da heterogeneidade porque é constituído de relações materiais, biológicas, políticas ou ainda econômicas, enfim, todo um fluxo heterogêneo de devir. Um nó da internet, por exemplo, não contém só *signos multimídias*, mas experiências e desejos dos mais diversos. Por isso que dado a heterogeneidade e a multiplicidade do ser rizomático, a forma e organização são sempre processos que sofrem conseqüentes interrupções, alterações e desmanchamentos. O que é múltiplo no ser, e heterogêneo no desejo, tem sempre uma forma, mas descontínua. É o que Deleuze e Guattari chamava de (4) o princípio de ruptura a-significante. Uma linha de conexão pode ser quebrada por uma linha de fuga, mas logo constituir essa última em uma nova linha de conexão. Pode o nó “cair” do sistema e se conectar a um outro nó. “O bom e o mau são somente o produto de uma seleção ativa e temporária a ser recomeçada”, dizem os filósofos franceses.

Nessa acepção, a internet então é uma expressão de um modo de subjetivação rizomática, cujo projeto político se coaduna a um desejo de interconexão generalizada através de um “universal por contato”, como conceituou Levy. Assim, a potência da cibercultura orbita em torno da comunicação universal: “cada computador do planeta, cada aparelho, cada máquina, do automóvel à torradeira, deve possuir um endereço na internet”.<sup>277</sup>

O desejo por interconexão generalizada acaba por estruturar três modelos de configuração de rede: a centralizada, a descentralizada e a distribuída. Essas topologias de rede foram construídas pelos engenheiros de telecomunicações e acabaram servindo de metáfora para estruturas de poder que as governavam. Nas redes centralizadas, toda a informação passa por um único ponto (nó), que permite que haja conexão ou não entre os

---

<sup>277</sup> Levy, op cit, p.127

usuários. Nas redes descentralizadas, o poder único é diminuído com a existência de uma variedade de centros de micro redes, que funcionam então como espécie de *hubs*, possuindo uma espécie de poder de filtro. E, por último, há as redes distribuídas, em que qualquer nó pode potencialmente encontrar, reconhecer e comunicar-se com qualquer outro nó.

A internet se estruturou desde a sua origem na forma de uma rede distribuída. Contudo, com o seu crescimento exponencial e com o sucesso comercial da Web, na década de 90, o grande número de redes fez com que a gestão física se tornasse algo de difícil realização. Boa parte da internet hoje é uma conjugação dessas três redes, com uma hegemonia das redes descentralizadas, economicamente mais viável (permite que haja inúmeras empresas de fornecimento de acesso à rede e hospedagem de sites) e tecnicamente mais eficiente (a velocidade das trocas e da recuperação da informação acontece mais rapidamente se há um grande quantidade de nós que sabe onde encontrá-las).

## **a internet como dupla mídia**

*A internet não pode fornecer um conserto tecnológico para a crise da democracia.*

*Manuel Castells*

A história da comunicação, para Rosnay,<sup>278</sup> é feita de tecnologias de ruptura (*disruptive technology*). A primeira grande ruptura nas formas tradicionais de se comunicar, para esse autor, foi trazida pela invenção da imprensa, que possibilitou, pela primeira vez, que “um documento pudesse ser impresso e reproduzido aos milhares [...]”; a população

---

<sup>278</sup> Rosnay, 2006

pudesse assim adquirir conhecimento sem ser obrigada a se reunir no mesmo lugar ao mesmo tempo”.<sup>279</sup>

Era assim uma grande transformação à medida que a comunicação deixava de ter apenas uma natureza sincrônica, fundada no modelo da praça pública (ágora). Até então a comunicação entre as as pessoas aconteciam “num mesmo momento e num mesmo lugar”. A visão medieval dos moradores se reunindo na praça pública para receber a mensagem do soberano ou as notícias que “vinham de longe” constitui aquilo que Rosnay denominou de *mini-mass media* – uma espécie de “primeira comunicação de massa”.

Mas, com a imprensa, deu-se a invenção do modelo de difusão em massa da comunicação. A estrutura desse modelo se baseava na possibilidade de transmitir mensagens de um só ponto para milhares de pessoas. A comunicação se fazia de “um para muitos” (*one to many*) e de “cima para baixo” (*top down*). A ruptura se encontra no fato de agora para receber cultura não havia necessidade de todos ao mesmo tempo estarem no mesmo lugar. É por isso que, para autores como Macluhan, o impresso cria a cultura da individualidade (cada receptor pode ler isoladamente) e do público (os receptores podem constituir uma comunidade de leitores).

No final do século XIX e durante todo século XX, com o surgimento das mídias eletrônicas esse modelo difusionista foi acentuado. Com o rádio, foi possível a *comunicação direta* (ao vivo) do meio com as pessoas, que distantes entre si, podiam trocar informação e interação. Depois, com as máquinas gravadoras, surge a *comunicação diferida*, marcada pela possibilidade de produzir um acontecimento, ou seja, uma mensagem dissociado do seu tempo e do seu espaço, conseqüente portanto de uma reconstrução narrativa através de padrões de discurso criados pelos meios de comunicação. Em seguida, com a televisão e os satélites, a comunicação tornou-se planetária e comunitária, de forma que as pessoas podiam “partilhar uma mesma emoção ao mesmo tempo em que as imagens eram difundidas ao vivo pelos canais de televisão”.<sup>280</sup> A televisão – em geral, toda mídias do *ao*

---

<sup>279</sup> Rosnay, 2006, p.30

<sup>280</sup> Rosnay, 2006, p.31

vivo – convidava “as pessoas a construir o sentido fora das suas próprias mentes”.<sup>281</sup> O sentido é construído no interior de um ponto de vista que está fora de si e dentro de um discurso social que chega de fora. Na prática, nos *mass media*, “as imagens não vêm da experiência pessoal, mas do trabalho de uma equipe de produção profissional, frequentemente influenciada pelas medições de audiências e estudos de mercado”.<sup>282</sup>

Para Rosnay,<sup>283</sup> mesmo que exista uma diversidade no regime difusionista, a particularidade deste manteve-se intacta aos longo dos anos: são mídias que produzem uma comunicação para as massas. Nesse regime, inexistente a função de retorno (*feedback*) de informação na mesma quantidade que foi transmitida. Só há um sentido para o transporte da comunicação: do meio à recepção. É claro que a comunicação não deve ser resumida somente a uma função de transporte. Há toda uma clivagem entre a codificação midiática e decodificação da recepção. Mas não tratamos aqui de analisar os sentidos polissêmicos da mensagem, mas nas relações assimétricas em se fazer circular os sentidos em torno de idéias, informações e opiniões.

A internet se constituirá numa quarta tecnologia que rompe com o regime de comunicação centrado na hegemonia de um só pólo. A internet é uma «dupla mídia», porque permite **a todos receber e enviar informação no mesmo suporte**. “A nova tecnologia mudou nossa relação de sentido único com o televisor para o modo interativo e bidirecional dos computadores pessoais. As telas de computador estabeleceram uma interface entre a eletricidade biológica e tecnológica, entre o utilizador e as redes”.<sup>284</sup>

Assim, para Rosnay, a internet designa menos um *mídia* e mais um ecossistema informacional capaz de criar interrelações humanas. “[É] um ecossistema evolutivo no qual os seres vivos permutam de maneira permanente não somente dinheiro, como na economia clássica, mas sobretudo informação”.<sup>285</sup> Por conta da força de seus usuários, a internet é

---

<sup>281</sup> Kerckhove, 1997, p.270

<sup>282</sup> Kerckhove, 1997, p.271

<sup>283</sup> Rosnay, 1997, p.31

<sup>284</sup> Kerckhove, 1997, p.177

<sup>285</sup> Rosnay, 2006, p.32

construída por um movimento de baixo para cima (*bottom up*): são cérebros conectados, na forma de nó, que faz da rede um sistema vivo.<sup>286</sup> Como explica Rosnay, as principais aplicações inovadoras da internet nasceram desse subterrâneo produtivo, como os programas de mensagem instantânea, o email, o chat, os navegadores (*browsers*) ou ainda as redes p2p. Todos eles são “bens públicos” e “bens comunitários”. Por isso que esse ecossistema informacional é ironicamente conceituado por Rosnay como sendo uma verdadeira mídia das massas, isto é, uma mídia formada por forças que se afastam de qualquer centro de difusão. É produzida por forças centrífugas.

Nesse sentido, não se trata mais de massa. Não é do homogêneo, nem sequer do consenso, que é a feita a nervura da internet. É preciso mudar o léxico, portanto. A internet – bem como o ciberespaço em geral - é produto de uma inteligência coletiva. Essa é uma “característica única” da Internet. O fato de as pessoas estarem em interconexão de forma generalizada favorece a emergência relações entre pessoas – portanto, entre suas capacidades inventivas e comunicativas – independente do lugar em que se encontram. “[É] a utilização otimizada e a criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as energias intelectuais, qualquer que seja sua diversidade qualitativa e onde quer que esta se situe”.<sup>287</sup>

O produto dessa interconexão, do ponto de vista das subjetividades, é a formação de cooperação entre os cérebros, que resulta na mobilização de novas competências sociais. O paradigma de massa (e dentro disso o de recepção) se esgota, porque o indivíduo nas redes não é cliente, mas colaborador. Sem sua atividade, a rede seria vazia. E é essa colaboração que será objeto de captura pelo comando capitalista. Contudo,

... a captura da cooperação suscita fortes resistências, porque as forças centrífugas e descentralizadoras não são exteriores, como na televisão ou na imprensa, senão internas a estes dispositivos. Constroem e inventam os modelos de comunicação, os

---

<sup>286</sup> Segundo Lessig (online), cerca de 60% dos conteúdos que trafegam na rede são produzidos por pessoas comuns, e não empresas.

<sup>287</sup> Levy, 1999, p.167



protocolos de uso, os dispositivos de software e de hardware, continuam cumprindo um papel de agenciamento e de funcionamento dos cérebros, respeitando e intensificando tanto a ação singular como a ação comum.<sup>288</sup>

## **comunidade virtual: a forma de organização política da *net culture***

*Enquanto dezenas de milhares de ativistas globais deslocam-se entre Seattle e Praga, provocando no plano simbólico um efeito de crise da ideologia global-capitalista, milhões de pessoas recebem mensagens e vão visitar sites do movimento global, informam-se, trocam opiniões entre si e as discutem em mailing lists intermináveis. E toda essa gente sentada diante de seu computador participando de uma assembléia permanente são pessoas que trabalham na rede como âmbito privilegiado de trabalho, e agora usam a rede como âmbito de auto-organização social. Desse ponto de vista, podemos dizer que Seattle foi a primeira revolta da *net culture*.*

Franco Bifo

Desde o nascimento da internet, a inteligência coletiva sempre se assentou na forma de uma comunidade virtual. Se a *cultura hacker* possibilitou o surgimento das principais tecnologias de democratização do acesso à informática, a *cultura dos usuários* moldou e difundiu a maneira pela qual essas tecnologias passaram a ser usadas. As aplicações hackers, transformadas em comunidades virtuais – como as salas de chat, listas de discussão, envio de mensagens instantâneas, jogos online, conferências, redes sociais –, liberaram a expressão, o relacionamento, o contato ou ainda a cooperação do espaço do *face-to-face*. Para Castells (2003) essas comunidades virtuais se constituíram sob um ethos, primeiro, de uma visão de comunicação livre e horizontal, numa estrutura em que toda pessoa goza da liberdade de expressar o que sente e pensa; e segundo, da faculdade de auto-organização e auto-publicação: quem não se vê mais pertencente a determinada

---

<sup>288</sup> Lazzarato, 2006.

comunidade, sai pela “porta do ciberespaço” e funda um outro lugar virtual para divulgar suas informações. A formação de redes autônomas constitui um segundo valor das comunidades virtuais.<sup>289</sup> As comunidades eram utilizadas, no início, pelos chamados trabalhadores do conhecimento (programadores, jornalistas, designers etc), porém, pouco a pouco pessoas de todos os tipos ingressaram e construíram novas redes de produção de sentido através de comunidades virtuais. Com o surgimento da Web, elas se multiplicaram e continuam se multiplicando.

Na história da Internet, como analisa Howard Rheingold,<sup>290</sup> as comunidades virtuais aparecem como um instrumento prático de resolução de problemas. “Posto que seus membros são trabalhadores cuja posição profissional se baseia no que sabem, se qualquer um deles precisar de uma informação específica, uma opinião técnica ou uma orientação para um procedimento, uma comunidade virtual torna-se uma enciclopédia viva”.<sup>291</sup> As comunidades como fonte de informação demarca seu *ethos* até hoje. Mas uma fonte cujo a informação é oriunda das experiências das pessoas. Uma sabedoria popular, portanto, que responde a típica pergunta da comunicação mediada pelo computador: *como eu faço isso?*

E o interessante é que não há necessidade de haver fortes vínculos sociais entre os membros da comunidade para que haja o intercâmbio da informação. O fato de um não conhecer o outro pessoalmente acaba por ser algo menor em relação ao interesse comum em torno do tema que anima a comunidade virtual. A vinculação é, portanto, em torno desse comum. E é o comum que produz a comunicação. “As comunidades virtuais exigem o uso de um ato de imaginação e o que há que se imaginar é, em si, a idéia de comunidade”.<sup>292</sup>

Assim a lógica efêmera das trocas comunitárias é suplantada pela criação de um excesso comum que se transforma na própria riqueza (ou seja, fator de vinculação e produtividade) de uma comunidade virtual. O hábito de conversão entre membros de determinada comunidade quase sempre se relaciona no *quantum* de comum que um

---

<sup>289</sup> Castells, 2003, p.48

<sup>290</sup> No excelente livro *A Comunidade Virtual – una sociedad sin fronteras* (1996).

<sup>291</sup> Rheingold, 1996, p.83

<sup>292</sup> Rheingold, 1996, p.91

usuário pode deter e/ou com ele interagir. Mas não é só conhecimento que um usuário busca ao se filiar a uma tribo online. Ele procura também ampliar seu capital social – a rede de relacionamentos em torno de tema que ativa a comunidade. O capital social pode ser ampliado quando uma pessoa diz algo que outros membros necessitam saber. Quanto maior é a participação na construção do quantum da comunidade, mais visibilidade determinado integrante obtém. É claro que o capital social é fruto de um trabalho insistente. Na contra-mão disso tudo, aqueles que violam regularmente as regras acabam por construir um baixo capital social.

Como nos ensina Rheingold, a comunidade virtual funciona como um lugar cognitivo e social, e não um lugar geográfico. Por causa disso, um contexto não é definido por uma geofísica, mas pelas conversas despretensiosas entre seus participantes. “É da conversa despretensiosa que a gente se intera sobre que tipo de pessoa tu és, por que és de conversar ou não, ou ainda o que lhe interessa”.<sup>293</sup> Toda a estrutura de comunicação das comunidades é organizada para que a conversa possa fluir e redundar num histórico de mensagens produtivas para aqueles que participaram ou não da conversação. A única hierarquia, portanto, é da ordem da cronologia comunicativa. “As pessoas que dominam bastante a conversação cara a cara, devido ao seu ranço e sua atitude agressiva, não são mais visíveis que aquelas que preferem ficar caladas ou dizer pouco em uma reunião pessoal mas dizem muito através das comunicações mediadas por computador”.<sup>294</sup>

A internet é então um espaço de construção de laços afetivos fracos entre pessoas, principalmente, porque as comunicações são feitas à distância, sem o compromisso de manter relações sociais duradouras. “As pessoas se ligam e se desligam da Internet, mudam de interesse, não revelam necessariamente sua identidade, migram para outros padrões online”.<sup>295</sup> Isso não significa que a internet não suporte afecções e ativismos. Ao contrário, ela é uma instrumento primordial para articulação, em rede, de

---

<sup>293</sup> Rheingold, 1996, p.86

<sup>294</sup> Rheingold, 1996, p.90

<sup>295</sup> Castells, 2003, p.109

movimentos, porque esses podem intervir no âmbito da noosfera, ao divulgar novos sentidos para suas lutas e para os acontecimentos sociais sem passar pelas grandes corporações midiáticas, mas necessariamente pela construção de comunidades virtuais em torno de suas causas.<sup>296</sup> De qualquer modo, as comunidades virtuais expressam o *ethos* aberto contido nos fluxos subjetivos da Internet e se apresentam como um novo modo pelo qual os indivíduos formam e produzem suas idéias e gostos, ou ainda como trabalham e produzem riqueza.

O tipo de comunicação que prospera na internet está relacionada à livre expressão em todas as suas formas, mais ou menos desejável segundo o gosto de cada pessoal. É a transmissão de fonte aberta, a livre divulgação, a transmissão descentralizada, as interações fortuitas, a comunicação propositada e a criação compartilhada que encontram sua expressão na Internet.<sup>297</sup>

## **intercomunicação e hipertexto**

Toda esse acúmulo de liberdade de expressão, em geral, fica disposto em comunidades virtuais que são encontradas graças ao fato de a Internet possuir a propriedade de intercomunicabilidade dos conteúdos no seu ciberespaço. Como analisou Rosnay, “de um simples *clic* sobre um *link* html, o visitante de um site Web pode passar a um outro site”. Nesse sentido, todo *nó* (um site, por exemplo) da rede é capaz, pelos menos teoricamente, de ter acesso a toda a rede. Por conta disso, conceitua-se a rede como uma tecnologia fractal, isto é, a sua unidade (o *nó*) pode ser tomada como representação do todo. Isso acontece graças ao fato da rede se organizar na forma de um grande hipertexto, que por definição consiste em

---

<sup>296</sup> As comunidades virtuais, por exemplo, dos militantes por uma globalização alternativa se tornaram emblemática na estruturação de ataques e estratégias de confronto com os sistemas de segurança que impedem os manifestantes de estarem no centro do palco das discussões realizadas pelas potências imperiais. Hoje, nas comunidades virtuais, esse tipo de assunto é evitado, já que, pela natureza aberta à participação, essas comunidades virtuais têm tido como membros policiais virtuais à paisana, isto é, integrantes que fingem outra identidade para controlar seus fluxos informativos.

<sup>297</sup> Castells, 2003, p.165

[...] um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes dos gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens da informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular.

O conceito de navegação na internet refere-se a esse passar de *um nó a outro* possibilitado pelas conexões hipertextuais. Essa navegação, para Levy, é marcada por duas atitudes: a caçada e a pilhagem. A primeira é a busca incessante por informações precisas. A segunda é o recolhimento, aqui e ali nos nós da rede, de informações que podem crescer ao usuário. Para Santaella<sup>298</sup> essa atividade de navegação deslocou o sentido que atribuíamos ao conceito de leitor. Este se apresenta como imersivo, marcado cada vez mais por influir na construção do próprio texto lido, já que deste o usuário participa e o co-produz. É diferente do leitor contemplativo, o da cultura impressa cuja linearidade da leitura e as fronteiras do texto (a encadernação) criam uma relação de dentro e fora no leitor. No caso da leitura online, fora e dentro são apenas nomenclaturas que denotam on/off line. São portanto categorias temporais. É claro que o leitor contemplativo nunca deixou de grafitar e sublinhar os textos. Mas o diálogo era sempre solitário. No caso da internet, um texto é passível de arrasto, comentários coletivos e edições, de forma que toda essa produção acaba tornando-se um meta texto tão ou mais importante que o texto em que se baseia. É por isso que alguns analistas midiáticos cunharam o termo “mercado do diálogo” para denominar a classe das novas funções comunicativas surgidas após a popularização da internet, em especial da Web. Esse modo dialógico – como uma atividade imersiva – reconfigura a cada dia o sistema midiático. Para Toni Negri, essa reconfiguração é oriunda de uma crise na comunicação, isto é, à *perda da idéia de sentido único* em que se baseia a soberania moderna.

O filósofo francês Edmond Couchot compreendeu, de forma brilhante, essa perda de sentido único, de um ponto de vista da estética. Para ele a própria idéia de

---

<sup>298</sup> Santaella, 2004

comunicação não serve mais para compreender o *modo dialógico das redes*. O sentido da comunicação de massa está sempre ligada à redução de qualquer ambigüidade: a transmissão da mensagem não deve sofrer quaisquer abalos físicos ou semânticos. Não pode haver ruído. O jogo de decodificação – a tal *negociação de sentido* – se estabelece num plano que é antecedido por uma produção midiática que busca anular qualquer conflitualidade ou mesmo arduidade na natureza do discurso de quem comunica. De forma que o discurso midiático deve sempre evitar as armadilhas do discurso competente para se tornar sempre palatável e “acessível a todos”. A coloquialidade serve para diminuir a multiplicação de sentidos da recepção. “As trocas simbólicas largamente controladas pelas mídias só podem acontecer no interior de um espaço fechado e fortificado (é a significação da palavra latina *communis*, designando o que está reunido no interior das *moenia*, isto é, nas muralhas dos cinturões da cidade)”.<sup>299</sup>

Ao contrário, no modo dialógico das redes, qualquer objeto ganha sentido numa relação de co-determinação do emissor e do receptor da mensagem. “O emissor não é o único a enunciar o sentido, uma vez que não existe mais uma fonte, uma boca, uma palavra ou uma imagem inscrita na origem, assim como não existe uma origem do enunciado localizável no espaço e no tempo”.<sup>300</sup> O sentido da mensagem é atribuído no decorrer da troca entre produção do emissor e imersão do leitor nessa mesma produção. A mensagem é objeto de uma nova cultura, a cultura do espalhe. Ao se espalhar, a mensagem pode tanto se perder, quanto ampliar os seus significados a cada interferência do usuário. Daí que, nas redes, não haveria mais comunicação, somente comutação.

“O sentido não se engendra mais por enunciação, transmissão e recepção, alternativamente, mas por uma hibridação entre o autor, o propósito veiculado pela máquina (ou a rede) e o destinatário. Ao regime de comunicação que rege às mídias, sucede então o regime de comutação, próprio dos sistemas dialógicos”.<sup>301</sup>

---

<sup>299</sup> Couchot, 2003, p.186

<sup>300</sup> Couchot, 2003, p.186

<sup>301</sup> Couchoto, 2003, p.187

## a cultura da recombinação

Um dos principais subprodutos do modo dialógico das redes é a *cultura do remix*,<sup>302</sup> que é formada por dispositivos de remixagem, sampleamento e de código aberto. Originalmente a remixagem advém do setor musical – em particular da cena mais underground do mundo *tecno*. Ao criar o remix de uma música *tecno*, é comum que um DJ acelere ou diminua o ritmo do som de um instrumento, aumente ou diminua a tonalidade vocal da cantora e sobreponha outros ritmos à trilha original, fazendo uma espécie de bricolage musical que ultrapassa o equilíbrio harmônico da obra original para criar um outra nova já remixada. Atualmente refere-se a qualquer peça original que é refeita, mas sem a garantia de fidelidade a essa peça. Para Manovich (2004), remixar é um retrabalhar sistematicamente a partir de uma fonte através da mediação computacional.<sup>303</sup> “Nos últimos anos, as pessoas começaram a usar o termo 'remixar' referindo-se a outras mídias: produções visuais, software, textos literários. Com a música eletrônica e o software servindo de reservatórios-chave de novas metáforas para o restante da cultura contemporânea, essa expansão do termo tornou-se inevitável”.<sup>304</sup>

A idéia de *sample* trouxe consigo a prática da recombinação de elementos, formas e conteúdos existente como parte da constituição de uma nova obra. Basicamente, "samplear" é gravar e guardar em forma de dados digitais um som, que pode ser usado como parte ou efeito especial de uma canção, que é produzida a partir de outros samples. Samplear é sobrepor pedaços de sons. Os sons podem ser de diferentes tipos, desde uma passagem de uma famosa canção ao choro de neném capturado através de um gravador.

A tecnologia digital simplificou muito a captura e a manipulação de samples, ao produzir inicialmente aparatos específicos para isto (o sampler); contudo, hoje qualquer PC com o software e hardware adequados é uma ferramenta com incríveis possibilidades de capturar, reproduzir e editar sons, é, portanto, um excelente sampler. O que se passa é

---

<sup>302</sup> O termo é de Lev Manovich (2004).

<sup>303</sup> Manovich, 2004, p.248-263

<sup>304</sup> Manovich, 2004, p.254

que os *samplers* específicos são geralmente teclados que tem sons próprios e outras ferramentas que permitem, a quem sabe tocar um instrumento, interpretar música mais comodamente que com um computador de escritório.

Além do sampleamento, uma outra subcultura do remix é o modelo de código aberto surgida no interior da comunidade de software. “A idéia-chave é a de que uma pessoa ou um grupo escreva um código de software, que pode ser modificado por outro usuário. O resultado pode ser alterado por um novo usuário, e assim por diante”. Para Manovich, esse movimento trouxe para a cultura do remix dois conceitos importantes: o de licença e o de *kernel*. No primeiro caso, “as licenças especificam as responsabilidades da pessoa que modificam um código”. A idéia de licença permite que a produção remixada não seja objeto de criminalização por parte das leis de propriedade intelectual, quase sempre limitadora da recombinação digital. No segundo caso, a idéia de kernel promove a construção de uma multiplicidade de obras a partir de uma base comum. O *kernel* é o código essencial para o funcionamento de qualquer sistema operacional. “Quando usuários acrescentam e modificam partes do sistema Linux, tomam cuidado para não fazer nenhuma mudança básica no kernel. Assim todos os dialetos do Linux partilham de um cerne comum”.<sup>305</sup> A idéia de *kernel* abre, segundo Manovich, uma forma de manutenção do que é essencial num trabalho colaborativo, seja tecnológico ou cultural.

A *cultura remix das redes* só pode ser compreendida como uma cultura da colaboração em torno da produção da própria rede. Mas essa colaboração de pessoa para pessoa, ou p2p, será objeto constante de desmantelamento por parte de estratégias empresariais como uma forma de “desvalorizar o corpo do general intellect”, a fim de destruir o “conjunto de saberes, desejos, relações e afetividade” que impulsiona a produção de redes mais abertas e livres. Toda política, no interior da nova economia (*new economy*), se estrutura em como controlar as forças centrífugas da colaboração, que liberadas são capazes de conquistar, através de suas invenções, a moeda mais importante do capitalismo

---

<sup>305</sup> Manovich, 2004, p.257



contemporâneo: a atenção. Como lembra Christian Marazzi<sup>306</sup>, a revolução tecnológica ampliou o acesso social às informações, contudo, reduziu o tempo no qual ficamos atentos à nós mesmos. Assim, no mercado contemporâneo, o excesso de bens informativos vem conjugado com a dificuldade de absorvermos tantas informações disponibilizadas no mercado. Daí que a disputa econômica passa pela concentração de ambientes de comunicação que dominam a atenção de um grande número de pessoas.

---

<sup>306</sup> Marazzi, 2002

**CAPÍTULO V**  
**O COMUNISMO DAS REDES**

## 5.1

### O paradigma da comunicação distribuída

---

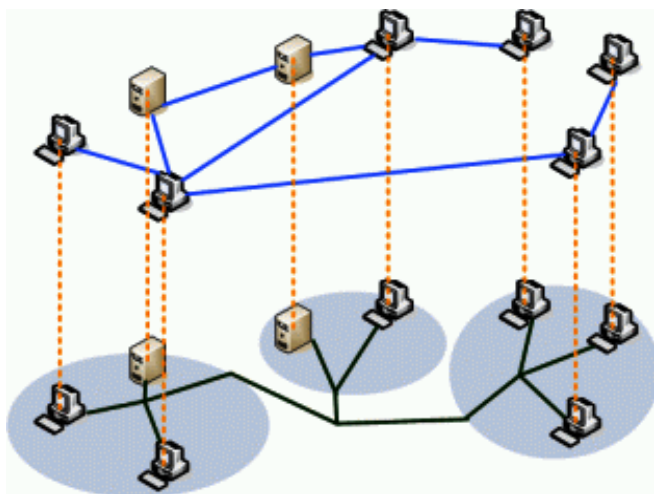
O advento das atuais redes de produção *peer to peer* (de pessoa para pessoa ou p2p) como ainda dos sistemas colaborativos de produção de conteúdos no ciberespaço exemplificam o movimento da multidão para manter o comum em constante escape do comando no terreno do mercado da comunicação.

Mas o princípio colaborativo não nasceu hoje, remonta ao nascimento da própria internet, cuja função, no seu início, era de integrar diferentes tipos de redes existentes, assim como tecnologias futuras, a uma arquitetura comum, permitindo a todo “nó” ter o mesmo papel. Nessa configuração horizontal, todos os nós deveriam ser pares (*peers*).

Naquela época os primeiros nós da Arpanet foram as universidades americanas de Stanford, Los Angeles, Santa Barbara e Utah. Para se ter uma idéia da circulação livre, até o final da década de 80, os firewalls (sistema de segurança) eram desconhecidos. Em geral, quaisquer duas máquinas na Internet podiam enviar pacotes de informação entre si, tornando o acesso “simétrico”. Esta era a radicalidade da Internet. Era uma rede multitudinária porque deslocavam a autoridade para relações colaborativas,<sup>307</sup> coadunada com o desejo à época de tornar, por um lado, a autoridade invisível e anônima (não nos esqueçamos: era a época da guerra fria, em que inimigo poderia estar em todos os lugares) e, por um outro lado, romper com a docilização dos corpos, tornando-os difusos em redes cada vez mais autônomos em relação a qualquer papel de centralidade e comando. A internet portanto surge como uma infra-estrutura tecnológica que responde a novas formas de organização políticas tecidas pela sociedade global após o cisma que pós-68. Era uma rede lógica (*overlay*) sobreposta a uma rede física.

---

<sup>307</sup>Sobre esse sentido de multidão, ver as obras *Trabalho de Dionísio, Império e Multidão*, de Negri e Hardt, de 2001 e 2005 respectivamente.



**Figura – Overlay (em azul) – rede lógica sobre rede física**

Mas essa “internet de várzea”<sup>308</sup> existiu até meados da década de 80, quando o seu crescimento progressivo – já na casa de centenas de milhares de nós - dificultava trocas de informações p2p entre todos usuários da rede. Essa evolução acabou por instalar um novo formato de uso da rede, deslocando-a para uma organização política calcada no aumento substantivo de camadas hierárquicas de informação para torná-las “seguras”, responsáveis, “com reputação” e escalabilidade. É uma nova axiologia que vai se sobrepondo a aquela primeira, que apontava que a rede deveria ter a “troca e a permutação” como seu valor máximo.

Com a popularização da Web e criação de novos negócios virtuais, já na década de 80, tornou-se forte a exigência pela segurança da rede contra ataques maliciosos e espionagem informacional. Isso fomentou soluções tecnológicas cuja função seria de afastar das redes privadas qualquer usuário proveniente das redes públicas. Foi assim que

---

<sup>308</sup>Termo usado pelo blogueiro brasileiro Mr. Manson, do Cocadaboa (<http://www.cocadaboa.com.br>)

nasceu os *firewalls* — sistema de segurança que controla comunicações, permitindo-as ou proibindo-as de acordo com uma política de rede de determinada organização.<sup>309</sup>

O advento dos firewalls fez com que um nó pudesse ter acesso a internet, sem que o contrário fosse verdadeiro. Isso fez com que algumas partes da rede já não pudessem se comunicassem plenamente com todas as outras. As redes foram rapidamente tragadas pelo princípio sinóptico de poder: *você pode sair, mas não pode entrar*. É o princípio da exclusão do intruso como forma de proteção da informação e da propriedade privada. Esse poder será melhor expresso com a própria arquitetura participativa da própria Web,<sup>310</sup> levada a cabo pela empresas da nova economia. A Web trazia um modelo de arquitetura cliente-servidor estruturado numa poder assimétrico. Cabe ao servidor identificar clientes, hospedar as suas informações e ainda dispor as velocidades de conexão de cada usuário-cliente. Como examinou Minar e Redlund, ao estudar a evolução do sistema de compartilhamento de informações nas redes virtuais: “a Web é o aplicativo assassino da internet, e a maioria dos usuários é somente cliente da Web, não servidor”.<sup>311</sup>

### **a napsterização da sociedade: a informação distribuída**

A criação do Napster<sup>312</sup>, em 1999, recolocou a troca como princípio axiológico da internet. O site permitia que qualquer usuário compartilhasse músicas, no formato mp3, por meio de um programa Napster. Era então uma comutação<sup>313</sup> acontecida de pessoa para pessoa. E conforme a rede crescia, maior era o poder de distribuição por que: “os nós são conectados de forma aleatória, não havendo restrição sob o número de nós que participam na rede; a conexão de um nó à rede se estabelece através de outro nó que já pertença à

---

<sup>309</sup>Wikipedia. Verbete Firewall, in [http://es.wikipedia.org/wiki/Cortafuegos\\_%28inform%C3%A1tica%29](http://es.wikipedia.org/wiki/Cortafuegos_%28inform%C3%A1tica%29)

<sup>310</sup> A primeira geração da web, que vulgarmente passou a ser chamada de web 1.0.

<sup>311</sup> MINAR, N.; HEDLUND, M. 2001, p.15

<sup>312</sup> Sobre a descrição detalhada da arquitetura de participação do Napster, ler toda essa seção da Tese.

<sup>313</sup> Baixava-se arquivos diretamente de computadores de outros usuários.

rede; e os nós podem se unir e sair da rede a qualquer momento sem prévio conhecimento dos demais membros”.<sup>314</sup>

O *Naspter* abriu um cisma na filosofia e na economia da informação, porque seus desenvolvedores criaram uma terceira camada virtual, uma rede p2p que passava a existir sobre uma rede física (a infra estrutura do hardware) e sobre uma rede lógica (a própria internet). Assim essa terceira camada logo amalgamou uma potência criativa que fundou uma epistemologia baseada na produção de conhecimento por meio da participação, ao mesmo tempo que só fez reforçar o *relacionamento* como sua fonte ontológica da rede p2p.<sup>315</sup> A popularização do Napster abriu a chancela da *enclousore* da lógica do servidor-cliente da Web fazendo explodir outras tecnologias p2p profundamente marcadas por fomentar a troca sem qualquer intermediário entre as pessoas, tornando essas redes um exemplo cabal do projeto político de democracia absoluta e não representativa das redes. Na raiz ontológica da constituição desse poder distribuído estava o desejo de produzir encontros e relacionamentos, mas do que trocar arquivos que violava o caráter privado da propriedade.<sup>316</sup> Após o aluvião Napster, construído global pelos usuários da internet, o termo

---

<sup>314</sup> Rocha et al. Peer to peer: computação colaborativa na internet, in [http://www.cin.ufpe.br/~cak/publications/sbrc2004\\_minicurso\\_p2p.pdf](http://www.cin.ufpe.br/~cak/publications/sbrc2004_minicurso_p2p.pdf)

<sup>315</sup> A Revista Veja noticiou o acontecimento Napster: “Tem sido bom para conquistar garotas. É bom quebrar o gelo dizendo: ‘ei, eu sou o cara do Napster’.”, afirmou Shawn Fanning, 19, criador do Napster. Apesar dos objetivos fortuitos do rapaz, o Napster tem quase 1 milhão de títulos arquivados. A idéia, aparentemente simples, era dar música de graça a quem quisesse ouvir. “Para isso ele desenvolveu e colocou na internet um programa que permitia aos usuários da rede copiar as músicas de outros usuários. Foi assim que o americano Shawn Fanning, um estudante de 19 anos, criou o Napster e um dos maiores casos jurídicos da nova economia. Colocou também em xeque a poderosa indústria fonográfica mundial e seu faturamento de 40 bilhões de dólares anuais. A maior dificuldade para o casamento da criação artística com a internet tem sido, como na maioria das relações entre seres humanos, o dinheiro. No caso dos livros, os livreiros já estão preocupados com a iniciativa de autores que querem, eles próprios, comercializar suas obras na rede. No caso da música, uma verdadeira guerra foi declarada entre as grandes gravadoras, os artistas e os sites que distribuem música de graça pela internet, como o Napster.com e o MP3.com. Enquanto o MP3.com fazia um acordo e começava a pagar 30 milhões de dólares às gravadoras para continuar disponibilizando suas músicas, o Napster só permanecia no ar graças a uma liminar concedida pela Justiça americana. Acabou capitulando. No início de novembro, a empresa de Fanning entrou em acordo com a gigante do entretenimento e comunicação alemã BMG. Muita gente aposta que vão surgir outras maneiras de ouvir música de graça pela rede” (Revista Veja, dezembro de 2000, p.99).

<sup>316</sup> Popularizaram-se aplicações fundadas na aceitação social da cultural p2p, como programas de mensagens instantâneas (MSN, Yahoo Messenger etc), sistemas de armazenamento de arquivos (como o Freenet (<http://freenetproject.org/>), O Mesmo autor do Skype criou o Kazza, um dos p2p mais populares da internet.

p2p passou a designar múltiplos processos e práticas sociais relacionadas com a livre possibilidade de construção autônoma de novos meios de expressão da cultura.

O fenômeno da napsterização, portanto, instaurou um regime de reciprocidade inter-subjetivo e inter-maquinal. Todos computadores poderiam acessar a todos, o que correspondiam uma conexão generalizada entre subjetividades. O devir-colaborativo deixava de ser algo que só estava presente no hacktivismo. A novidade é que agora as bordas (o usuário comum) estavam dispostas a cooperar na troca de informação. Era uma questão de participação, sim, era. Mas era muito mais: era uma questão de criação. E criação de tecnologias que permitia uma cooperação em que o indivíduo capturava muito mais que doava. Era “uma soma no zero”, para usar a feliz expressão de Robert Wright.

## **As premissas do poder distribuído**

O que se convencionou a denominar de economia peer-to-peer (p2p), que seria um terceiro modo de produção alicerçado por cinco infra-estruturas: a primeira é o acesso ao capital fixo, particularmente, aos computadores; a segunda é a disponibilização de sistemas públicos de publicação da informação e de comunicação, que possibilite ao usuário participar hospedando todo tipo de conteúdo, conectando-os a outros conteúdos, a sujeitos e a acontecimento. São os dispositivos de webcasting; a terceira é a existência de um sistema de software destinado à cooperação autônoma. É o caso de software de redes sociais, como os blogs e os wikis; o quarto é a existência de uma infra-estrutura legal. Aqui destaca-se a lógica do copyleft; o quinto, e último, o requisito social, o que significa a aceleração do *general intellect* na sociedade contemporânea.

Na cartografia do sociólogo Michel Bauwens<sup>317</sup>, os processos p2p se qualificam, em primeiro lugar, como fenômenos que ocorrem em redes distribuídas, compreendidas como “redes em que os agentes autônomos podem determinar livremente o seu

<sup>317</sup>Bauwens, Michel. A economia política da produção entre pares, in [http://www.p2pfoundation.net/A\\_Economia\\_Pol%C3%ADtica\\_da\\_Produ%C3%A7%C3%A3o\\_entre\\_Pares](http://www.p2pfoundation.net/A_Economia_Pol%C3%ADtica_da_Produ%C3%A7%C3%A3o_entre_Pares)

comportamento e ligações sem o intermédio obrigatório de centros”.<sup>318</sup> O *caráter distribuído* remete-se a uma conceituação política: os agentes ocupam os mesmos papéis sociais porque detêm igualmente todos os recursos que as redes oferecem.

Assim as redes distribuídas podem até ter centros, mas eles não são capazes de determinar as decisões de um agente. O poder é então distribuído para as singularidades que formam essa rede.<sup>319</sup> Mas isso não significa que um processo distribuído não tenha autoridade e liderança. Existe uma forma de liderança quando esta prova ser capaz de conduzir toda a comunidade de pares a um número vasto de informações que possam ser trocadas em prol dessa multidão. Quanto mais dádiva é capaz de doar, mais poder é possível obter nas redes p2p. “Não se trata simplesmente, neste caso, de aprender a usar máquinas, apenas se trata, sobretudo, de fazer passar através dessas máquinas aquela construção social que é horizontal e sempre criativa”.<sup>320</sup>

A segunda característica do poder distribuído é o *holoptismo*. Contido no desenho da interface, o holoptismo significa a permissão aos participantes de ter “livre acesso a inteira informação sobre outros participantes”, principalmente seus recursos e conteúdos. Não se trata de acessar as informações mais confidenciais e privadas, mas o perfil e estoque de informação disponibilizado pelo próprio participante da rede. Bauwens contrasta o holoptismo ao panoptismo, à medida que este também busca o acesso a informações inteiras do sistema, mas as direciona para o conhecimento de uma pequena elite, que transmite apenas aquilo que “os participantes precisam saber”.

Um terceiro requisito para que uma rede seja atribuída como p2p é sua dimensão “anti-credencialista”, ou seja, a sua predisposição a aceitar qualquer indivíduo para dela participar. Não há portanto seleção a priori de quem queira participar. Essa

---

<sup>318</sup> Idem, online

<sup>319</sup> Bauwens cita as redes rodoviárias como exemplos de uma rede distribuída, bem diferente das redes aeroviárias, que seriam a demonstração de uma rede descentralizada. No primeiro caso, há distribuição porque, num caso de evasão de cidadãos de determinado territórios, as estradas seriam o melhor caminho para dissipar a população, visto que esta pode ficar em qualquer cidade ao longo da rodovia. Já no caso das redes aeroviárias, um avião teria de qualquer forma a sempre obedecer ao comando dos centros de informação. No primeiro caso, o poder é distribuído aos muitos, enquanto o segundo ao uno.

<sup>320</sup> Bauwens, online.



definição de processos p2p abarcam atividades abertas de produção social, pois não há qualquer barreira de acesso ao seu sistema. Cabe ao recém-chegado mostrar habilidade e competência para atuar na construção desse projeto. O altruísmo ou de oportunismo busca ser valores evitados nesses processos p2p para privilegiar a participação que constrói o próprio processo p2p<sup>321</sup>. Como bem salienta Bauwens, a capacidade de cooperar é verificada no próprio processo de cooperação.

## **O sistema midiático p2p: a Web 2.0**

Mas não é só uma nova arquitetura de rede, são também mídias distribuídas que emergem. Os processos p2p acabam então por produzir ao mesmo tempo uma nova classe de mídia criadas a partir de conteúdos colaborativos produzidos pelos usuários da internet. Com certeza, esse fenômeno da napsterização foi um dos eventos inaugurais do que hoje denominamos de Web 2.0, fase em que se multiplica na Internet veículos baseados em arquiteturas participativas, portanto, produtores de conteúdos produzidos pelos usuários comuns da rede. Na prática, o principal salto tecnológico dessa nova web, emergente a partir da segunda metade da primeira década do século XXI, é a classificação (ou tagueamento) dos conteúdos feita pelos próprios usuários, o que em inglês se denomina de *folksonomy*. Isso fez com conteúdos e pessoas que estavam fragmentadas em milhares de sites se conectasse através de suas produções, gerando uma base comum de distribuição cultural. Nada fica isolado. Além disso, a produção de informação começa a se estruturar cada vez mais dentro da própria internet, fazendo com que o computador só se torne a “máquina de acesso” a conteúdos que são depositados na grande rede virtual.

Essas mídias participativas estão se popularizando em tal ordem que começaram a afetar as corporações da grande mídia. A ponto de a cada grande negócio de mídia, haver um similar colaborativo bastante competitivo no mercado, para se ter alguns

---

<sup>321</sup>Nesse sentido, wikis, blogs, software livre, o intitulado jornalismo cidadão, são exemplos de processos p2p.

exemplos: no audiovisual, Youtube; no áudio: Goear; Last FM; no mercado de música: Itunes; no mercado de Livros: Amazon; no de Radio: Ipod, Podcasting; no de Email: Gmail; no de Software: Software Livre; no de Imprensa: Oh My News, Blogger, Wordpress, Indymedia; no de Enciclopédia: Wikipedia; no de fotografia: Flickr; no de Telefonia: Skype; E-commerce: Ebay.

Na arquitetura participativa dessas mídias colaborativas, são fornecidos mais serviços (infoware) do que produtos (software); a contribuição do usuário é encorajada; há um conjunto de mecanismos de inteligência coletiva (folksonomy, por exemplo) que possibilita ao usuário decidir o que é melhor para ele e para a sua rede social; o que é disponibilizado como conhecimento pode ser reutilizado, republicado ou mesmo remixado; há possibilidade de se criar uma customização do gosto e dos interesses, ou seja, o usuário vê o conteúdo que quer, do jeito que quer. Auto-organizada, flexível e participativa, a web 2.0, como expressão máxima da lógica p2p no terreno dos conteúdos, é um movimento social que discute e transforma o fundamento das redes, levando a economia contemporânea a se estruturar à sua imagem e semelhança. Uma primeira modificação que a colaboração rizomática produz é a mudança da noção de produto. Este se transforma em uma versão beta permanente. A cada novo verbete republicado no *Wikipedia*, a cada novo vídeo publicado no *Youtube*, a cada novo tópico aberto no Orkut, a cada post publicado no Blogger, a cada código de programação modificado em um *free software*, faz cada um desses produto/serviço se metamorfosearem em um novo produto/serviço. O tempo da inovação aqui é sincrônico ao tempo da colaboração. Todo um arsenal de informação gerado nesses ambientes são provenientes da própria vida dos usuários. A valorização na economia p2p não repousa sobre um tempo objetivo da repetição, mas ela repousa sobre o tempo subjetivo (e inter-subjetivo) da criação. A economia p2p exemplifica bastante o que chamamos de capitalismo cognitivo. Por quê? Porque a prática p2p é conseqüência de um trabalho reticulado e cooperativo. Em questões gerais, esse trabalho de participação da construção de um conhecimento ou de uma tecnologia na rede revela-se como um *general*

*intellect*. O valor reside na máxima socialização do conhecimento. A interface portanto entre saber e produção não se esgota na máquina, no hardware. Essa interface é dependente cada vez mais da interação entre os sujeitos sociais, particularmente, dos seus conhecimentos formais e informais, da imaginação, das intervenções estéticas, das ciência, enfim da experiência humana que se expressa em linguagens.

## **A infra estrutura legal do p2p: o copyleft**

Um terceira característica do poder distribuído é a de ser protegido por uma infra-estrutura legal que impede a apropriação privada daquele conteúdo que exige ser comum. Essa infra estrutura legal é representada basicamente por duas licenças públicas que expressam movimentos co-irmãos: o movimento da cultura do código aberto (*open source culture*) e o movimento da cultura livre (associado ao movimento para o software livre). A diferença entre eles são mais de ordens filosóficas do que práticas.

A filosofia do movimento pela cultura livre tem como anteparo o conceito jurídico de *copyleft*, utilizado para proteger a criação de programas de computador produzidos através da colaboração de múltiplos indivíduos. Oriundo das comunidades de produtores de softwares livres, “o copyleft diz que qualquer um que distribui o software, com ou sem modificações, tem que passar adiante a liberdade de copiar e modificar novamente o programa. O copyleft garante que todos os usuários tenha liberdade”.<sup>322</sup>

Mas o copyleft não é um licença anti-copyright. Ao contrário, ele funciona baseado dentro do marco legal dos direitos autorais, mas subvertendo-os. Ele funciona de maneira simples: um autor registra o copyright de sua obra e, em seguida, adiciona “termos de distribuição”, um instrumento legal para possibilitar a qualquer pessoa “os direitos de usar, modificar, e redistribuir o programa ou qualquer programa derivado dele se e somente

---

<sup>322</sup>Projeto GNU. *O que é copyleft?* In <http://gnu.gnusoftware.net/copyleft/copyleft.pt.html>

se os termos de distribuição não forem modificados”<sup>323</sup>. Na prática o autor acaba por liberar a sua criação para domínio público, mas exigindo que qualquer criação que deriva da sua se mantenha nos mesmos termos que a original, ou seja, se mantenha livre. Essa é a exigência que curto-circuita o *copyright* e que se intitula *copyleft*. O copyleft é então um poder constituinte sobre o poder constituído do copyright.

“Desenvolvedores de software proprietário usam o copyright para retirar a liberdade dos usuários; nós utilizamos o copyright para garantir a liberdade deles. É por isso que revertermos o nome, mudando de copyright para copyleft”.<sup>324</sup>

O movimento que suporta o *copyleft*, o da luta dos programadores pelo software livre<sup>325</sup>, radicaliza a exigência da liberdade como condição primária da produção imaterial. O *copyleft* representa assim o movimento da liberdade contra o exercício do poder das formas jurídicas das patentes. E acabou se transformando no paradigma social para circulação livre dos bens imateriais, seja de software ou de qualquer outro processo e produto que pode ser transformado em propriedade comum, criado numa relação p2p.

Paralelo ao copyleft, programadores de software percebiam que havia uma certa confusão no entendimento sobre o significado de “free software”, ora compreendido pelo mercado como livre, ora como gratuito. Foi então que, capitaneado por Eric Raymond, um grupo de desenvolvedores fundaram o *Open Source Initiative*, uma organização que compartilhava quase todos os princípios dos copyleft, exceto o principal: a radicalização da liberdade. Isto porque o direito que se constituiu em torno do código aberto (*open source*) permitia que todos, sem discriminação, tivessem acesso aos conteúdos que faziam funcionar uma obra (no caso, um software), os chamados códigos-fonte. Contudo, seus

---

<sup>323</sup> Projeto GNU, idem, online

<sup>324</sup> Idem, online

<sup>325</sup> Esse movimento orbita em torno dos preceitos da Fundação do Software Livre. O copyleft ganhou forma jurídica quando essa Fundação publicou a Licença Pública Geral GNU.

criadores não teriam o direito de “colocar restrições em outro software que é distribuído junto com o software *open source*”.<sup>326</sup>

Na prática, esse regime institui um relação desigual em termos de poder, já que quem incorpora parte de código aberto em um software privado, tornando-o semi-livre, não deve prestar contas do seu ato. Visto desse ângulo, a liberdade só seria liberdade para quem capturasse o código aberto para torná-lo fechado depois. Essa mudança no direito público, por um lado, se tornou um solução para a questão do financiamento desses desenvolvedores (pagos para resolver a banda podre da programação de um software proprietário); e, por um outro lado, institui uma relação de comando operada por uma classe de oportunistas que utiliza soluções abertas - para problemas até então insolúveis nos seus softwares privativos – para criar uma classe de produtos semi-livres, o que significaria a mesma coisa que gravar livremente, em estúdio e com um novo arranjo, somente metade de uma canção.

O conteúdo aberto (*open content*) ou o conteúdo livre (*free content*) são, na prática, uma fissura que elege como contraponto o mundo regido pelo privatismo. Muda-se somente os princípios filosóficos que o regem, mas na prática são muito semelhantes, à medida que as formas jurídicas aberta e livre defendem que o software deva ser livre, para qualquer pessoa, modificar, executar, copiar e distribuir um programa.

---

<sup>326</sup>Open Source Initiative. *The Open source definition*, in <http://www.free-soft.org/mirrors/www.opensource.org/docs/definition.php>

## O direito à antropofagia digital: o Creative Commons

*Quando os sujeitos se tornam produtores autônomos de riqueza, de conhecimento e de cooperação, sem a necessidade de um comando externo, quando organizam a própria produção e a reprodução social, não há razão pela qual deva existir um poder acima deles, soberano e externo ao seu poder. Não há razão de ser para qualquer coisa que impeça a sua construção ou que comande os meios do poder constitutivo dos novos sujeitos. Nessa situação, os processos institucionais que organizam a vida da multidão podem ser apenas internos à própria multidão. O poder constituinte é a única forma na qual a democracia pode ser compreendida, se não quisermos negá-la na sua própria definição.*

Antonio Negri e Michael Hardt

Essa maneira de construir um direito que garanta o exercício do poder constituinte também é encontrado nos chamados conteúdos comuns (*commons content*), licenciados pela organização sem fins lucrativos Creative Commons (CC)<sup>327</sup>. Fundada em 2001 nos EUA e liderada pelo advogado e professor universitário Lawrence Lessig, o projeto Creative Commons engrossa o movimento colaborativo ao criar um instrumento legal (uma série de licenças públicas) voltado para as obras culturais, científicas e profissionais e cujo princípio se ordena na premissa que uma obra criativa deva ser realizada sem a presença de qualquer intermediação, ou seja, p2p.

A condição de uma livre circulação da cultura é proporcional ao aumento da flexibilidade das leis de direitos autorais, que parece como uma nova clausura social, à medida que sendo as idéias e o conhecimento as bases por onde se processam a própria sobrevivência econômica, a norma do *todos os direitos reservados*, em que modela o copyright, acaba por frear a inovação e a renovação cultural e científica, ao mesmo tempo em que instala uma “cultura da permissão”, montada no subterfúgio no qual “todos os criadores só criam com a permissão dos poderosos ou dos criadores do passado”.<sup>328</sup>

---

<sup>327</sup> No Brasil, o site do movimento é [http://creativecommons.org.br/index.php?option=com\\_frontpage&Itemid=1](http://creativecommons.org.br/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1)

<sup>328</sup> Lessig, 2006, p.26

O *Creative Commons* surge no contexto em que o acesso cada vez mais ampliado as redes virtuais – principalmente a internet - remodela a maneira como produzimos cultura. A cultura já não se apresenta hegemonicamente como um processo de construção individual e isolada na figura do gênio criador. A internet é somente um efeito de um novo processo civilizatório em que a produção é calcada numa subjetivação cada vez mais social. O sintoma mais claro disso é como se processa a produção educacional. Hoje a primeira operação que um estudante realiza para executar seus trabalhos acadêmicos é uma pesquisa na internet. A sua produção social é *a priori* atravessada pela cultura do outro. Dito de forma mais abrangente, a cultura é um ato dividual. O processo de construção da autoria carrega consigo um *modus operandi* colaborativo. A internet só fez multiplicar esse novo estado de antropofagia digital. Não é à toa que o indivíduo em rede passou a ter um novo léxico, ao receber a alcunha de “usuários”.

O *Creative Commons* emerge surge como um poderoso movimento global<sup>329</sup> de pessoas que querem liberdades para “acrescentar ou misturar” cultura em sua próprias invenções. É um movimento que busca deixar aberto um manancial de obras para que outros delas se apropriem para criar. “O mérito do *Creative Commons* é justamente o de dar poder e autonomia às redes criativas globais fundadas na generosidade intelectual, atribuindo a elas um estatuto jurídico para que os conteúdos produzidos possam gerar modelos de negócios abertos, democráticos e includentes”.

O problema é que a “cultura livre” esbarra na forma pelo qual o sistema de propriedade intelectual é operado nas diversas partes do Globo, quase sempre é um instrumento legal que, como ressalta Lessig, é um “grande Não” à circulação da cultura, pois instaurou um modelo em que qualquer inovação que possa ser realizada a partir de um mísero extrato de propriedade intelectual será impedida se não tiver permissão para tal. Na verdade, o endurecimento das leis de propriedade intelectual é uma resposta rápida do poder das tecnologias da multidão, em especial a internet, de fazer com que um bem, já

---

<sup>329</sup>Mais de 30 países já ajustaram as licenças Creative Commons para a legislação do copyright de seus países.

digitalizado, circulasse rapidamente por todas as suas redes. Dispositivos como as novas leis da patente e dos direitos autorais se apresentam como uma ordenação que não controla somente a ação realizada por um corpo, mas ainda a ação humana por se realizar. A cultura da permissão é um controle do futuro. E nesse sentido É então um controle da própria vitalidade humana.

O *Creative Commons* desloca essa “cultura da permissão” para uma outra baseada na “liberdade criativa” quando oferece ao proprietário do *copyright* a possibilidade de liberar parte dos seus direitos e reter alguns outros, através de uma variedade de licenças públicas,<sup>330</sup> que regulam a forma pela qual o público pode distribuir, copiar e utilizar a sua obra intelectual. Esse ato assegura que “alguns direitos autorais estão reservados”, mas não todos eles. A principal consequência dessas licenças é a formação de um sistema em que o intercâmbio cultural acontece a partir de um fluxo horizontal de comunicação, tal como analisa Lemos:

“[...] Essas licenças criam uma alternativa ao direito de propriedade intelectual tradicional, fundada de baixo para cima, isto é, em cada indivíduos tem, como autor, de permitir o acesso às suas obras e seus trabalhos, autorizado que outros possam utilizá-los e criar sobre eles.”<sup>331</sup>

Tais licenças cobrem uma ampla gama de produção cultural - textos, vídeos, áudios, blogs, livros, material educacional, fórmulas e processos de conhecimento etc – e são disponibilizadas em formato: jurídico (numa redação que só advogados entende!), informativo (numa redação para leigos) e “maquinal”, em linguagem computacional<sup>332</sup>. Este último acaba “permitindo que as obras sob ela autorizadas no formato digital sejam digitalmente 'marcadas' com os termos da licença, e permitindo que um computador identifique os termos de utilização para os quais uma determinada obra foi autorizada”.<sup>333</sup>

---

<sup>330</sup> WIKIPEDIA. Verbete Creative Commons, in [http://pt.wikipedia.org/wiki/Creative\\_Commons](http://pt.wikipedia.org/wiki/Creative_Commons)

<sup>331</sup> Lemos, 2005, p.83

<sup>332</sup> Numa certa clivagem entre o livre e o permissível, o Creative Commons realizou um projeto com a Microsoft que possibilita os usuários do pacote *Office* de marcar suas produções intelectuais com a marca CC, num simples clique em um ícone do movimento.

<sup>333</sup> Idem, p.85.



Esse “código digital”, na verdade, é um *metadado*, um tecnologia nascida nas redes p2p que permite dotar um arquivo de informações sobre seu autor, tamanho, formato, título, licença etc. Esse código digital acabam se tornando “legíveis eletronicamente”, permitindo que na internet motores de busca, como Google e Yahoo, encontram mais rapidamente as informações sobre as obras que são liberadas para circular livremente. Na prática, isso funciona como? Um editor de um blog acessa o site do Creative Commons, escolhe as licenças que quer oferecer ao seu público. O próprio site do CC gera um código *html*, que é “colado” na página web onde será alojada o material licenciado. Essa operação permite que o internauta visualize o símbolo do Creative Commons (o CC), indicando que naquele site “alguns direitos são reservados”. Assim o público pode se orientar sobre que tipo de uso “pode fazer” dos textos, imagens e vídeos que aparecem diariamente no blog.

Esse “poder fazer” significa, no máximo, cinco operações, exatamente o número de licenças que podem ser obtidas pelos usuários em geral: (1) podem distribuir, copiar e utilizar - criar trabalhos derivados, p.ex - a obra original, mas desde que a autorial original seja sempre publicada (*licença CC de atribuição*); (2) podem distribuir, copiar e utilizar - criar trabalhos derivados, p.ex - a obra original, mas não podem fazer uso comercial dela (*licença CC Vedados usos comerciais*); (3) podem distribuir e copiar, mas devem mantê-las intactas (*licença CC de Não a obras derivativas*); (4) podem distribuir, copia e utilizar a obra original, mas qualquer trabalho que derive dela deve ficar protegido sob a mesma licença da obra original (*licença CC de Compartilhamento pela mesma licença*). Essa licença remete-se claramente a uma influência da noção de *copyleft*, princípio que rege a proteção jurídica dos softwares sob a salvaguarda da GPL GNU, da Fundação do Software Livre. Nesse caso, se um software proprietário incorpora um código licenciado pela GPL, obrigatoriamente precisa se tornar totalmente software livre. No caso dessa licença do Creative Commons, se um longa-metragem, por exemplo, ter seu roteiro baseado em um livro sob a licença Compartilhamento sob a mesma licença, todo o filme tem de permanecer sob essa mesma licença. E, com certeza, é a forma jurídica mais alta de proteção do comum.

O arco de licenças se reduzia a esses quatro “poder fazer”. Até que o então ministro da Cultura, Gilberto Gil, colocou um desafio ao braço brasileiro do Creative Commons:<sup>334</sup> o de fomentar uma licença tipicamente antropofágica, ou seja, um instrumento legal que estimulasse a criação de obras a partir de fragmentos de outros trabalhos criativos. O resultado foi a criação do quinto “poder fazer”: a licença de Recombinação (*Sampling*). Ela deve ser utilizada por aqueles usuários que almejam criar trabalho a partir de vários fragmentos de outras obras, como numa espécie de bricolage digital, aos moldes do que já ocorre no terreno musical com o sampleamento e a recombinação.



**Atribuição:** o autor libera a sua obra para distribuição, cópia e utilização (criação de trabalhos derivados, p.e), mas desde que a autoria original seja sempre publicada.



**Vedados usos comerciais:** o autor permite que seu trabalho seja distribuído, copiado e utilizado, mas impede que a comercialização de cópias possa ser realizada sem sua autorização.



**Não a obras derivativas:** o autor permite que seu trabalho seja distribuído e copiado, mas que seja mantido intacto.



**Compartilhamento pela mesma licença:** O autor libera a cópia, distribuição e utilização de sua obra, mas desde que trabalhos derivativos sejam mantidos idênticos a licença da obra original.



**Recombinação (Sampling):** possibilita que o autor “convide outras pessoas a usar parte de seu trabalho e fazer algo novo”.<sup>335</sup> Contudo, a cópia e a distribuição do trabalho inteiro não é permitido.

---

<sup>334</sup>O site do Creative Commons Brasil, liderado pelo Centro de Tecnologia e de Sociedade, da FGV-RJ, é <http://www.creativecommons.org.br>

<sup>335</sup><http://www.creativecommons.org.br/>

O *Creative Commons* acaba por demonstrar que o comum só pode ser produzido de forma imanente. As licenças CC não deixa de ser *copyright*, mas é um *copyright* que é produzido publicamente, a partir das operações realizadas por autores e consumidores de cultura. A regulação jurídica não cria a colaboração, mas a mantém protegida e aberta a uma cultura do remix. Sem proteção, o comum caminha para uma tragédia, simbolizada pela figura dos oportunistas que captam o excedente e os mantêm sob a sua tutela. O *Creative Commons* cria um sistema de proteção que não admite abusos ao direito de propriedade, mas concede ao autor a direito de ofertar a seu público o abuso de sua propriedade. É um movimento que, longe de qualquer abstracionismo crítico ao regime de propriedade intelectual, escreve a “história de nós mesmo” na forma de belo poder constituinte, um sistema de governo gerido por nós mesmos. É um caso que produz um direito que não permite que as regulações tecnocráticas substituam a norma política<sup>336</sup> e a capacidade dos sujeitos de, em rede, criar cultura e a própria rede. Tal como argumenta Negri e Hardt (2004), esse sujeito contemporâneo possui uma forma produtiva, imaterial e cooperativa que precede qualquer configuração normativa, aliás a exclui, “cancelando-a positivamente em processo institucional dinâmico, aberto e contínuo”.<sup>337</sup>

O Creative Commons é uma expressão de multidão global de singularidades criativas que luta pela democracia absoluta. É uma expressão de multidão também porque exclui qualquer forma de transferência de poder, exclui “o fato de qualquer fonte externa ao que é conscientemente definido [por ela] na experiência possa ser imposto à liberdade de ação humana histórica e construtiva”, diz Negri e Hardt<sup>338</sup>. Nesse sentido defender a “cultura dos muitos” significa, como bem destacou Lemos,<sup>339</sup> produzir uma política que derruba os preceitos normativos que constroem as fronteiras entre artista e público, entre Estado e cidadão, entre consumidor e criador. E no final das contas se abrir ao desejo de mistura, da

---

<sup>336</sup> Negri e Hardt. 2004, p.178.

<sup>337</sup> Idem, p.196

<sup>338</sup> Idem, p.197

<sup>339</sup> LEMOS, Ronaldo. Prefácio à edição brasileira. In: LESSIG, Lawrence. Cultura Livre. São Paulo: Editora Francis, p.18

mesclagem, do contato, que seria o ethos que constitui a sociedade multi-rede contemporânea, “em detrimento à indústria cultural centralizada”.<sup>340</sup>

---

<sup>340</sup>Idem, p.18

## 5.2

# Colaboração, uso livre das redes e a evolução da arquitetura p2p

---

### A primeira geração:

#### O Napster e o modelo distribuído e centralizado da informação p2p

O *Napster* foi o mais popular sistema de troca de arquivos na Web, tendo chegado a cifra de 50 milhões de usuários cadastrado no seu servidor. Criado pelo norte-americano Shwan Fanning em 1999, quando este tinha 18 anos e decidia abandonar seus estudos universitários para criar um sistema que facilitasse o acesso e expandisse a oferta de música na Internet. Fanning foi motivado por duas realidades: (1) a disponibilização do padrão MP3 (que permite comprimir arquivos de áudio, diminuindo o seu tamanho e facilitando sua difusão pela web) e (2) a ausência de um sistema de troca de arquivos MP3, até então confinado aos serviços de FTP, um estoque estático com limitado catálogo de músicas disponíveis.

Em outubro de 1999, o jovem terminou o seu aplicativo e o batizou de *Napster*. O nome provém do apelido de Fanning na escola: *nappy hair*, aquele que tinha o cabelo desengonçado. Com o programa era possível o compartilhamento de arquivos e a combinação de funções de diferentes programas de comunicação interpessoal na rede, como o *instant message* (aplicativos de mensagens instantâneas, tipo ICQ), interface com o sistema de armazenamento de arquivos do Windows (`c:/meusdocumentos/mymusics`) e sistemas de agente de busca (a mesma tecnologia utilizada no Yahoo etc).

Para registrar os computadores que iriam trafegar pela comunidade *Napster*, a solução foi operar por meio de um **servidor central**. Este manteria um diretório com a lista de todas as músicas arquivadas nos computadores de seus usuários, sendo atualizada

sempre que um ou outro se conecta ou se desliga do sistema. Isso permite que um usuário faça uma pesquisa específica sobre uma determinada música ou artista, pois o servidor cria um índice de todos os outros utentes que estão plugados naquele momento e que possuem a música requisitada. Com a resposta da pesquisa, o usuário requisitante pode clicar sobre o nome de qualquer um dos outros que aparecem na lista e estabelecer uma conexão direta com ele, para fazer o 'download' ou 'upload' de arquivos ( a interface gráfica do programa permite que o usuário visualize quem está capturando suas músicas e aquele que possui a música que está requisitando. Os arquivos são permutados, diretamente, entre os computadores dos usuários, sem que sejam arquivados no servidor ou em qualquer outro ponto da rede, ou seja, de forma *peer-to-peer*”.

O *Napster* tornou-se o aplicativo que mais cresceu na história da Rede, em grande parte, por não ser puramente *peer-to-peer*. Na verdade, o que ocorreu com o *Napster* é que ele “**centralizava nós e descentalizava conteúdos**”, ou seja, unia as forças de um banco de dados central com o poder de armazenamento distribuído.

“O *Napster* poderia ser caracterizado como um 'sistema *peer-to-peer* intermediado', no qual uma autoridade de endereçamento central conecta pontos extremos e, em seguida, sai do caminho. Depois que você percebe isso, fica clara a semelhança entre o modelo do *Napster* e as mensagens instantâneas. Em ambos os casos, há a autoridade central de um sistema de endereçamento e de um espaço de nomes que permite a identificação exclusiva dos usuários. De alguma maneira, o *Napster* pode ser considerado como um sistema de mensagens instantâneas em que a questão não é 'Você está on-line e deseja bater papo?', mas 'Você está on-line e tem música'.” (Minar & Hedlund, 2001, p.56)

O que o *Napster* fez foi provocar a geração de um outro *modelo de rede*, impulsionando o deslocamento da forma **conteúdo no centro** (de um servidor) para o **conteúdo nas margens** (nos computadores dos usuários). “O *Napster* prescinde de *upload* e deixa os arquivos nos PCs simplesmente intermediando solicitações de um PC para outro – os arquivos MP3 não precisam percorrer um servidor central do *Napster*. Em vez de tentar armazenar esses arquivos em um banco de dados central, o *Napster* tirou proveito do maior

conjunto de espaços de armazenamento latente no mundo, os computadores dos usuários *Napster*” (Shirky, 2001, p.32).

Contudo, o que tornará o sistema de compartilhamento de arquivos do *Napster* um espaço de fabricação de conflitos será o seu uso social. O uso fabrica um duplo conflito. Por um lado, toda vez que um usuário compra (ou pega emprestado) um cd de álbum artístico, o converte em MP3 e o armazena em seu diretório de músicas compartilhado, faz crescer a lista de músicas cadastradas no banco de dados do *Napster*. De outro lado, mesmo que o usuário A (que contém a música x) esteja desconectado, há chances de um usuário B, que fez cópia da música x de A, estar *online*.

A abundância de estoques (flexíveis e descentralizados) é o que marca a comunicação *peer-to-peer*. Agora, esses estoques são gerados graças a um sistema de busca inovador, expresso na fixação de *metatags* nos arquivos — informações não somente sobre o nome da música, mas também sobre o artista, o álbum e o gênero musical. Isto permite uma melhor classificação dos arquivos, que redundará em melhor captura deles pelo internauta usuário do *Napster*. Logo, o que faz esse sistema de música é vampirizar duplamente a indústria fonográfica: copia os produtos e as suas classificações.

Mais que simbiose, o que ocorre é um mutualismo em prol dos usuários. Estes se recusam a participar da lógica das “indústrias analógicas”, que forçam arquivos de música a se comportarem menos como zeros e uns, e mais como álbuns e fitas. Em decorrência da recusa de uma *multiplicidade de usos*, o capital vive uma ambigüidade que o degenera, à medida que, se no mundo da velha economia (analógico) custa dinheiro fazer cópia de alguma coisa, no mundo digital, custa dinheiro evitar que cópias sejam feitas. Trataremos desse assunto mais à frente.

O que nos interessa aqui é mostrar como as inovações são provenientes da multiplicidade de usuários, estando fora do domínio disciplinar dessas indústrias tradicionais e seus eventuais modelos de propriedade intelectual. Produzir o próprio *medium* é a mensagem de uma multiplicidade que não mais quer ser representada, mas apresentada

como produtora de mídias, mais que de conteúdos de mensagens. A mensagem é o meio. O Napster expressou a dimensão do “produzir o próprio meio” presente na totalidade social, uma forma de recusa ao “reproduzir o que é próprio do meio de comunicação de massa”.

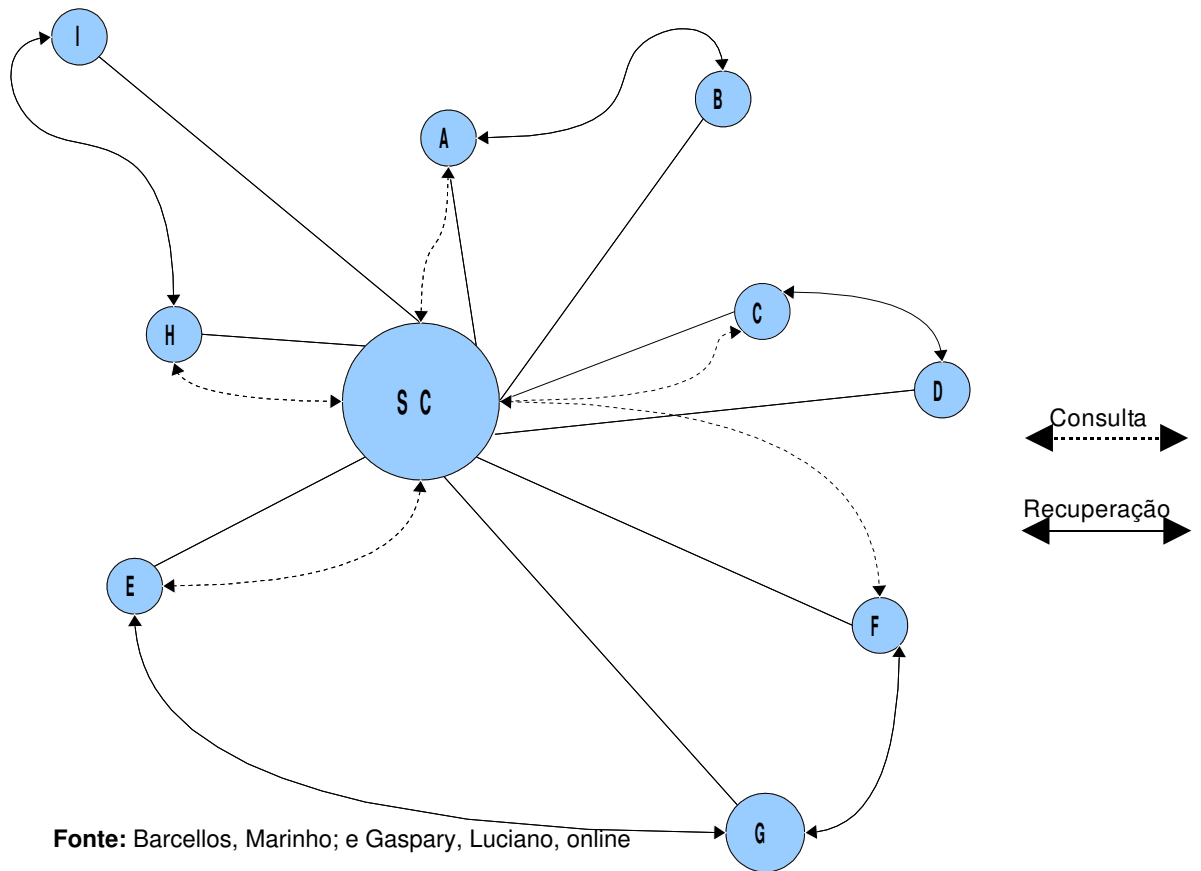
Entretanto, infelizmente, havia um aspecto residual no *Napster* — trazido do modelo hegemônico das pontocom’s — que se manifestou como um empecilho para o seu desenvolvimento: **a arquitetura centralizada**. Ao permitir uma localização rápida de arquivos que transitam em seu sistema, o *Napster* não possibilita o anonimato dos usuários, pois, para utilizar o sistema, cada internauta precisa se registrar previamente (inserindo seu nome ou pseudônimo), desta forma, o servidor do *Napster* é capaz de identificar cada um deles e saber o que estão intercambiando<sup>(341)</sup>. Isto torna frágil o próprio uso do *Napster*, além de torná-lo presa fácil de aspectos judiciais relacionados aos direitos autorais (ser quem centraliza os dados, ou seja, a subversão do *copyright*). O caso Mettallica é exemplar. O grupo de rock declarou-se prejudicado pelo *Napster*, exigindo o bloqueio de suas canções e usuários que as distribuíssem pelo sistema.

---

<sup>341</sup> MOLNAR et al condensa as práticas de anonimato nas seguintes formas: (1) **anonimato de autoria** – quando um adversário não consegue vincular um documento ao seu autor. (2) **de publicação** – se evita que um adversário vincule um documento a seu editor (no sentido de quem colocou na Web). (3) **de leitura** – diz-se quando um documento não pode ser vinculado a seus leitores. O anonimato de leitura protege a privacidade dos usuários de um sistema. (4) **de servidor** – nenhum servidor pode ser identificado como vinculado a um documento. Aqui, o adversário sempre encontra o documento primeiro. Ou seja, dado um nome de documento ou outro identificado, um adversário não conseguirá descobrir que servidor ou servidores possuem esse documento. (5) **de documento** – um servidor não sabe que documento está armazenando. Há dois tipos: servidor isolado ou servidor conectado. O primeiro é passivo, o que significa que consegue olhar somente os dados que estão armazenando, mas é incapaz de identificar o conteúdo dos documentos. O segundo é ativo, refere-se à situação em que o servidor pode se comunicar e comparar os dados com todos os outros servidores. (6) **Anonimato de consulta** – o servidor não pode determinar que documento ele está servindo ao satisfazer a solicitação de um leitor.



Figura 1 – Topologia da Rede P2P centralizada



A ação judicial movida pela banda norte-americana somou-se a da *Recording Industry Association of América* (RIAA), que qualificou as trocas de arquivos MP3 como pirataria, partindo assim para uma batalha judicial nas cortes dos EUA. Isto em dezembro de 1999, três meses após o surgimento do programa. Só que, em novembro de 2000, uma das gravadoras mudou de lado. A BMG, unidade do grupo alemão *Bertelsmann*, fechou um acordo com o *Napster*. Pelo acerto, a BMG financiaria a criação de um serviço de assinaturas que ofereceria downloads de música grátis via Internet, mas garantiria o pagamento de direitos autorais. Prevista para julho de 2001, o acordo atenuou o conflito com os usuários, que não compactuavam com a decisão tomada pelo *medium Napster*. O

primeiro sintoma de resistência ao *Napster* não foi a recusa de usá-lo, mas sim, a intensificação da sua utilização.

“No fim-de-semana, o serviço foi acessado por milhares de usuários, que esperavam pela decisão judicial. Somente no sábado, cerca de 10 mil acessaram o *Napster*, fazendo a troca de cerca de 2 milhões de músicas em MP3. Muitos relatam que vão continuar trocando música. ‘Antes de o *Napster* chegar, eu já tinha mais de 500 MP3 que fui capaz de pegar de outros sites. Eu simplesmente vou voltar a procurar minhas fontes de origem. Tenho 5.824 músicas baixadas. Se o *Napster* ficar ou fechar, isso não me importa’, garantiu o *webdesigner* Lúcio Fabris” (Folha de São Paulo, 12—02—2001)

Esse efeito mortífero foi fruto de uma dupla dinâmica interna dos usos, produzida, aliás, de forma intencional. Ao usar em demasia, evitar-se-iam a **escassez da abundância**, ou seja, o aumento das trocas expandia o número de cópias e de usuários potenciais para novas aplicações similares ao *Napster*. Isto estimulou, portanto, a criação de dezenas de sistemas de trocas de arquivo (*Audiogalaxy*, *Imesh*, *Morpheus* são só uma pequena amostra deles).

A intensificação do uso também produzia uma segunda dinâmica: tornava-se **visível a centralização dos fluxos de informação** feita pelo servidor do *Napster*, o que indicaria seu papel de fomentador da “pirataria”, aumentando a intensidade da pressão da Corte Americana para punir a empresa. No dia 11 de fevereiro de 2001, a 9ª Corte de Apelação de São Francisco (EUA) relatou sua deliberação final: “O *Napster*, que permite a distribuição digital de músicas no formato MP3 pela internet, viola os direitos autorais e não poderá distribuir material com copyright”.

Mas esta não havia sido a primeira decisão da justiça americana, mas a terceira. A segunda foi em outubro de 2000, quando um grupo de três juízes esteve com o mesmo pedido em mãos, mas não sentenciou, mantendo o *site* no ar. A primeira foi em julho de 2000, quando a juíza Marily Patel ordenou que o *Napster* retirasse de seu *site* as faixas que pertenciam às gravadoras representadas pela Associação Americana da Indústria Fonográfica (RIAA). Após a decisão final foi iniciada a fuga do *Napster* para os novos clones

criados. A justiça americana o obrigou a colocar filtros que impedissem as trocas de músicas com *copyright*. Restava só o acordo com a multinacional alemã que se posicionava afirmava por meio do seu diretor-executivo, Andreas Shimidt, da seguinte forma: “a troca de arquivos veio para ficar e vamos continuar [o *Napster*] a construir um serviço baseado em mensalidades que será apoiado pela indústria da música”.

## **A segunda geração: Gnutella e o modelo distribuído e descentralizado**

Apesar da decisão judicial ter ocorrido em 2001, a morte do *Napster* foi antecedido, um ano antes, pelo *software Gnutella* (ou simplesmente, gNet). Ele foi criado em apenas 14 dias por duas pessoas sem curso superior, no interior da *Nullsoft* - subsidiária da América Online. A *Nullsoft* desenvolveu o protocolo *Gnutella* sem o conhecimento dos altos executivos da AOL. No entanto, assim que tiveram ciência da existência do programa, determinaram que fosse imediatamente retirado do portal da América Online, preocupados com os problemas que poderiam gerar em relação aos direitos autorais.

Expulsos da AOL, os criadores disponibilizaram o programa para a comunidade de software livre. O termo *Gnutella* é um neologismo, vem da aglutinação de *GNU* com *Nutella*. GNU é a abreviatura de *GNU's Not Unix* – uma licença pública criada por uma geração de desenvolvedores de software para disponibilizar acesso livre ao código-fonte (segredo de fabricação), no intuito de instigar em outras pessoas a criação de constantes inovações. O *Gnutella* é um software livre. Na verdade, é muito mais que um software, é uma linguagem de comunicação, um protocolo. Isto significa que qualquer software que fale a linguagem do *Gnutella* é compatível com ele. E por serem livres, diferentes versões podem ser encontradas em diferentes endereços de web. Quanto ao termo *Nutella*, este é a pasta de avelãs e chocolate produzida pelo confeitoiro italiano Ferrero. Pasta é uma analogia aos arquivos digitais.

Sem se basear em um servidor central, o modelo *Gnutella* permite a troca de arquivos da seguinte maneira: um computador **A**, equipado com o programa, se conecta inicialmente a um computador **B**, que, por sua vez, se conecta a um terceiro **C**, este por sua vez se liga a um **D**, e assim por diante. Uma vez que **A** está conectado a uma série encadeada de computadores 'peers', ele vai poder pesquisar o conteúdo dos diretórios de todos os membros da rede. **A** envia uma mensagem ("ping") requisitando a pesquisa para todos os computadores conectados, iniciando por **B**, que, por se turno, faz o repasse para os seguintes, até que um deles possui um arquivo que preencha os dados da pesquisa (nome, tamanho etc), retornando a mensagem "pong" ao longo de todo o caminho percorrido até atingir o ponto inicial de partida. A resposta "pong" além de conter o endereço IP do computador *host* (hospedeiro do arquivo pesquisado), indica também o nome do arquivo e tamanho. **A**, então, com a lista de arquivos disponíveis aparecendo no display do programa *Gnutella*, pode abrir uma conexão com o computador que possui o arquivo desejado e fazer o download diretamente.

Da mesma forma que o *Napster*, o modelo *Gnutella* permite a troca de arquivo sem intermediários, *peer-to-peer*. O primeiro e mais importante impacto do *Gnutella* consiste na criação de uma **infra-estrutura virtual dinâmica construída sobre uma infra-estrutura física fixa**. Embora os cabos continuem no chão, a rede física do *Gnutella* muda a cada segundo, devido a cada entrada e saída de usuários, que trazem consigo suas redes. Nenhuma pessoa individualmente controla o fluxo da informação e, portanto, não se está a depender do funcionamento de um único servidor.

"O que torna o *Gnutella* diferente, do ponto de vista científico, é que ele não depende da autoridade central alguma para organizar a rede ou intermediar as relações. Com o *Gnutella*, só é necessário se conectar a um nó (*host*) arbitrário. Qualquer nó. Nos primeiros dias, a descoberta de um nó inicial era feita de boca em boca. Agora é feito automaticamente por uma grande quantidade de estoques (*cache*) de nós. Em qualquer situação, uma vez que você se conecte a um nó, está dentro. Seu nó *Gnutella* une-se a outros nós. Compare com o *Napster*. O *Napster* é programado para conectar-se com o site [www.Napster.com](http://www.Napster.com). Nesse site existe um elenco de grandes servidores

que irão intermediar cada busca e cada clique do mouse que for dado. Esse é o modelo tradicional da computação cliente—servidor” (Minar & Hedlund, 2001, p.56)

O *Gnutella* tem uma série de vantagens sobre o *Napster*, a começar por seu sistema descentralizado e pelo fato de ser essencialmente anônimo. É desenhado para permitir a busca de qualquer tipo de arquivo (e não somente MP3), desde textos e imagens até arquivos de programas (*softwares*). O *Gnutella* forma uma comunidade descentralizada de troca de arquivos, por meio de uma idéia simples: toda solicitação é repetida a partir de um nó para todos os outros nós conhecidos deste.

Alguns autores utilizam a imagem da “busca por comida em uma festa” para explicar o funcionamento da comunicação no sistema descentralizado *Gnutella* e no centralizado tipo *Napster*. Relativizando a metáfora da festa, é importante indagar o que essas inovações produzidas pelo *Gnutella* geram de **valores diferenciados para o uso social da Net**. O primeiro valor se expressa em uma postura política, especificamente de não “apontar o dedo para ninguém” — ou seja, manter o anonimato dos usuários. O segundo valor consiste na descentralização do controle, este indo do centro para as margens, do servidor central para os usuários.

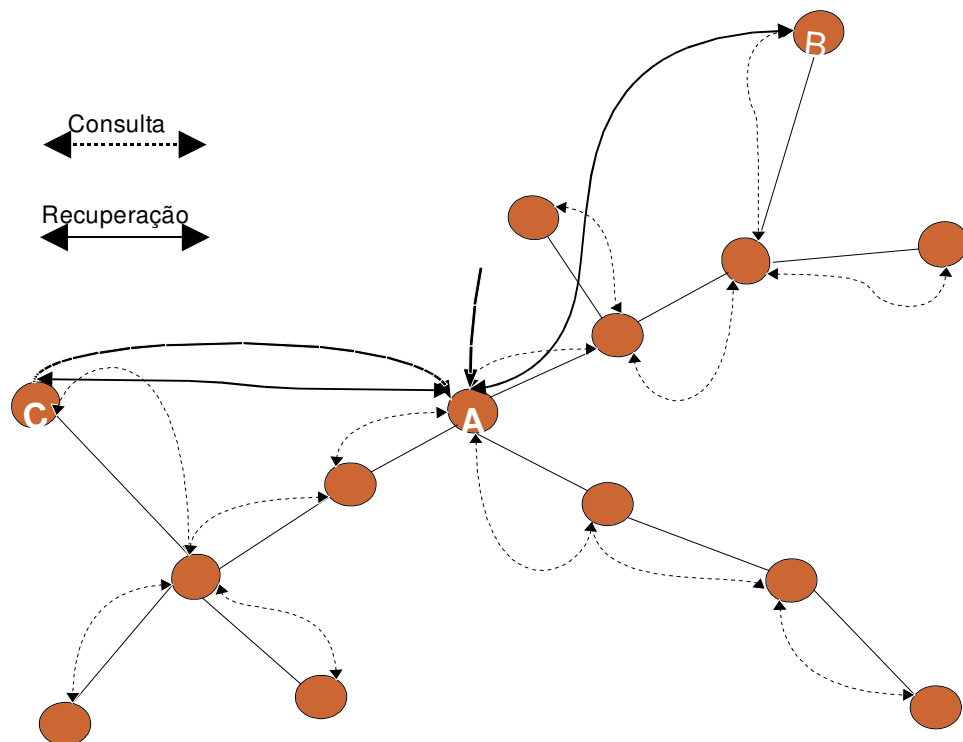
Ao contrário da arquitetura “medusa” do *Napster*, a descentralização do *Gnutella* elimina a possibilidade de alguma instituição ser responsável pela operação da rede *Gnutella*, o que vai dificultar a abertura de ações judiciais acusatórias de promoção da pirataria virtual. A arquitetura descentralizada possibilita acesso não somente a conteúdos, mas principalmente à rede do outro. O mesmo usuário disponibiliza informações, busca dados para si e permite a um outro ter acesso a sua rede. Essa arquitetura, portanto, transforma efetivamente o usuário em servidor, tanto de informações, quanto de pontos de rede para possíveis conexões. *Mais que usuário, o internauta é capaz de se tornar a própria rede*. Rede que funciona sobre a própria Internet.

“O interessante é que a rede em si está embutida em cada nó *Gnutella*. Este é uma internet construída em cima da Internet, totalmente em software. A rede *Gnutella* se

expande à medida que mais nós se conectam à rede e, da mesma forma, não existe se nenhum usuário conectar um nó *Gnutella*. Isso é basicamente uma estrutura de rede baseada em software que vem e vai com o usuário. Em vez de ter roteadores especializados e chaves e concentradores (*hubs*) que permitam a comunicação, a *Gnutella* reúne todas essas coisas em um nó. Assegurando que as facilidades de comunicação aumentem com a demanda, a *Gnutella* faz, dos usuários da rede, operadores da própria rede” (Kan, 2001, p.105).

Há algo ainda que a arquitetura centralizada não permite: **a diversidade de redes**. Isto porque não somente MP3's são trocados, mas vídeos, textos, softwares etc. Esse leque de tipos de arquivos, portanto, gera uma multiplicidade de redes sociais. Por ser um software livre, o *Gnutella* abarca um conjunto de softwares e ainda permite que outros possam criar interfaces consigo. Por exemplo, ao invés de possuir um único programa de busca, há vários dentro do *Gnutella*. E outros ainda podem ser agregados. Cada um deles inova na forma como um arquivo vai ser localizado nos computadores dos usuários, que formam a rede *Gnutella*.

Figura 2 – Topologia da Rede P2P distribuída



Na prática, isto se manifesta da seguinte forma: se for solicitado arquivo contendo o nome “Deleuze”, um software (de um conjunto existente) olha apenas para o nome do arquivo. Outros, os nomes dos diretórios-raiz dentro dos quais está o arquivo. Com isto, cada programa contribui para a melhoria da busca. Além de vários softwares de busca, o *Gnutella* contém editores de textos, de imagens, calculadoras etc. Como um ímã, o *Gnutella* atrai e é atraído por aqueles programas que possui forças afins. Cada nós da rede, portanto, é capaz não só de disponibilizar arquivo, mas principalmente inteligência. No fundo, novos usos são atraídos (trocar arquivo, jogar game, fazer cálculos matemáticos etc). O mais importante é que esses programas são desenvolvidos e inseridos por usuários da comunidade.

“O verdadeiro poder desse paradigma apresentou-se quando foi digitada uma expressão algébrica na caixa de consulta, do tipo “ $1+1*3$ ”, por exemplo. A consulta seria distribuída e a maioria dos nós perceberia que não tinha nada inteligente a dizer sobre uma pergunta tão estranha. Todos os nós, menos o nó da calculadora. Era uma calculadora GNU *bc* adaptada para que falasse o protocolo *Gnutella*. Toda vez que a calculadora recebia uma consulta, ela analisava o texto para ver se era uma expressão algébrica válida. Se não fosse, ficava quieta. Se a consulta fosse uma expressão algébrica, contudo, ela calculava a expressão e retornava o resultado. Nesse caso, “ $1+1*3=4$ ” seria o resultado”. O que nós percebemos é que essa agregação de inteligência se parece muito com o mundo real. Quando você faz uma pergunta a duas pessoas diferentes, espera duas respostas. Se fizéssemos uma pergunta sobre carros a um mecânico e a um vendedor de brinquedos, obteríamos duas respostas diferentes. Ainda assim as duas são válidas, e cada uma delas reflete um tipo de inteligência diferente em relação ao assunto. As tecnologias de busca tradicionais, entretanto, aplicam apenas uma inteligência ao corpo de dados enquanto pesquisam. Tecnologias de busca distribuídas como a *Gnutella* permitem que aflorem, sem misturas, as personalidades de cada provedor de conteúdo e desenvolvedor de software” (Kan, 2001, p.105).

O *Gnutella* também inova na transmissão dos conteúdos, a partir do que se chama **difusão da mensagem** (*message broadcasting*). A partir de identificadores únicos

atribuído às mensagens - chamados de UUID - evita-se a repetição de sua difusão. Ou seja, um usuário **A** não recebe duas vezes uma mesma mensagem de B, porque este já memorizou a primeira. “Cada vez que uma mensagem é entregue ou originada, o UUID da mensagem é memorizado pelo servidor enquanto ela passa por ele. Se houver *loops* na rede será então possível que um *host* receba a mesma mensagem duas vezes. Normalmente, o *host* seria obrigado a retransmitir a mensagem como qualquer outra que tivesse recebido. No entanto, se a mesma mensagem for recebida novamente tempos depois (terá o mesmo UUID), ela não será retransmitida. Isso evita explicitamente o desperdício de recursos da rede que seria o de enviar uma consulta a hosts que já a viram” (Kan, 2001, p.113).

Essa difusão de mensagens **armazena as “rotas”** (que são temporárias) na forma de um identificador único (numérico). É importante sublinhar que, ao identificar a mensagem, não é associado quem foi o autor do envio dela. “Quando um nó deixa a rede, ele não deixa a rede toda em ruínas, como é comum na Internet; os nós conectados aos nós que estão saindo simplesmente limpam suas memórias para esquecer-lo, e as coisas continuam sem nenhuma interferência” (Kan, 2001, p.114). O *Gnutella* inova ainda na forma de conexão entre os usuários. Na internet, há usuário que se conectam a uma velocidade de 56kb—s (acesso discado, comum a maioria) e outros, a 256 kb/s (modem ADSL, por exemplo). O que faz o Gnutella? Unir os nós de alta velocidade a centena de outros nós também de alta velocidade, jogando-os para o centro da rede – o que faz aumentar a velocidade entre os nós de alta com os de baixa velocidade. Caso o usuário queira se desconectar dos nós que estão na periferia da rede, pode fazer isto, até porque o *Gnutella* autoriza que o usuário veja, até certa distância, os nós mais próximos conectados. Essa engenharia de transmissão da informação torna a rede móvel e flexível. “O horizonte do *Gnutella* é ondulatório. Isso quer dizer que cada nó pode ver sete ondulações. Tipicamente, um raio de sete ondulações combinado com condições da rede significa que mais ou menos mil nós estão no campo de visão” (Kan, 2001, p.117)



Os desenvolvedores do *Gnutella* utilizam a **analogia do lago** para explicar esse fenômeno: toda vez que se joga uma pedra no lago, esta impulsiona uma série de ondulações que são vistas até certo horizonte. Cada nó possui horizontes diferentes, ou melhor, “ver” uma “rede de nós” diferentes toda vez que acessa o *Gnutella*. Com o aumento da comunidade passou-se a utilizar a **multidão** como analogia da conexão de rede.

Uma analogia um pouquinho melhor é o que acontece em uma multidão. Pense em você no meio de uma enorme passeata. Você fica lá do lado de fora da multidão e só pode ver a alguma distância de onde está. É óbvio que há muito mais pessoas fora de seu campo de visão imediato, mas você não tem como dizer quantas. Você nem sabe onde está em relação à multidão, mas tem certeza de que está no meio dela. A *Gnutella* é assim. Cada nó pode ‘ver’ dentro de uma certa distância em todas as direções, e, além disso, é tudo desconhecido. Cada ponto da rede está situado de forma ligeiramente diferente e, como resultado, vê uma rede ligeiramente diferente. Com o tempo, à medida que mais usuários entram e saem, e a rede muda e se transforma, um usuário consegue ver muitos outros (nós) diferentes à medida que a rede ondula em torno de si. Se você já utilizou a *Gnutella*, já viu isso acontecer. Inicialmente, o contador de visitas aumenta muito rapidamente, mas, depois de um minuto ou dois, ele se estabiliza e cresce muito mais devagar do que no início. Isso acontece porque, no começo, o seu nó descobriu a rede imediatamente ao seu redor: a rede que pode ver. Depois que isso é feito, seu nó descobre apenas os nós que migram pelo seu campo de visão (Kan, 2001, p.118).

## **A terceira geração: a arquitetura semi-centralizada**

A tecnologia Gnutella teve seu teste fogo exatamente quando a comunidade de usuários amantes de música se deslocou em massa para as suas redes. Mas o resultado alcançado não foi o melhor, principalmente, por conta da tecnologia de busca de arquivos mostrar-se menos eficiente.<sup>342</sup> O fato de a busca passar de computador para computador fez com que uma demora se instalasse até o recebimento do seu resultado, o que frustrava o

---

<sup>342</sup>Sem dúvida o Gnutella solucionou o problema de queda da rede. Como cada *peer* está conectado em mais de um nós, mesmo que um se desligue da rede, haverá um outro que a suportará.

internauta, acostumado com a rápida localização dos mp3s no Napster.<sup>343</sup> A situação ficava ainda pior se o arquivo pesquisado fosse raro, pois o sistema ou demorava bastante para encontrá-lo ou desistia da busca. A conquista da distribuição via-se ameaçada pela reivindicação dos usuários em economizar tempo no momento em que baixavam seus arquivos preferidos. Essa exigência conjugou em movimentos simultâneos e distintos de melhoria da velocidade do tráfego de arquivos online, que resultaram, em primeiro lugar, na criação de aplicações p2p híbridas - ou mistas -, por unir “algum elemento centralizador na execução de tarefas cujo desempenho é crítico”.<sup>344</sup> Foram o caso do Kazaa e o Edonkey<sup>345</sup>, dois dos programas p2p mais utilizados após a queda do Napster.

O Modelo híbrido mantinha a lógica descentralizada: cada computador se conecta até cinco máquinas para fazer buscas. Estas a mais cinco e assim sucessivamente<sup>346</sup>. O problema então era criar um fim para essa busca, e assim fazer o caminho inverso o mais rápido possível, evitando que o tráfego da rede inviabilizasse o uso do programa p2p. A solução encontrada foi a retomada a figura do servidor central, mas de outro tipo, agora concretizado na transformação de nós mais robustos em *superpeers* (*supernós*), que agem como ligação central de uma subrede. É a chamada hierarquia de dois níveis<sup>347</sup>. Ou seja, todo usuário precisa se conectar a um supernó para ter acesso a

<sup>343</sup> Isso fez com que muitos usuários migrassem para redes p2p semi-centralizadas, como Kazaa, Imesh...

<sup>344</sup> Wikipedia. Verbete P2P, in <http://pt.wikipedia.org/wiki/P2P>

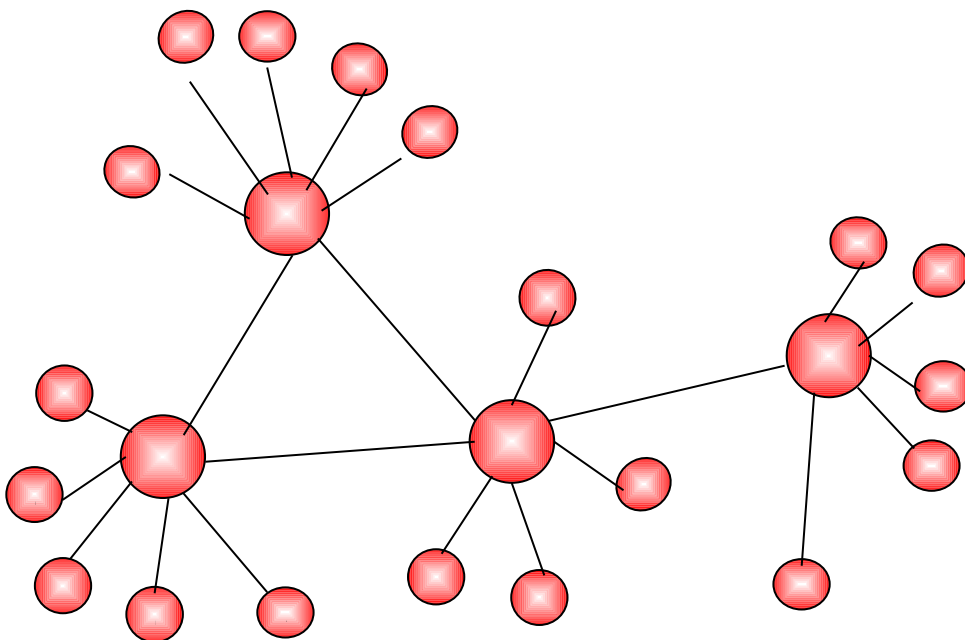
<sup>345</sup> O Kazaa usava a rede FastTrack. Teve em média 2,5 milhões de usuários conectados por dia. E 100 milhões de usuários cadastrados. O E-donkey chegou a superar, em 2004, o Kazaa em número de usuários: 2,58 milhões conectados por dia.

<sup>346</sup> Esse conceito se relaciona à lógica do *small world*, em que é a vizinha que lhe circunda que é capaz de lhe obter maior número de conhecimentos, como aponta Rocha et al: “a primeira referência sobre o tema “small world” foi relatada antes mesmo do advento da Internet. Stanley Milgram buscava determinar se a maioria dos indivíduos em sociedade estava ligada por alguma rede de conhecimentos. Assim, foram recrutados voluntários para tentarem encaminhar uma carta para uma determinada pessoa “alvo”, através de pessoas que eles conheciam baseadas apenas no primeiro nome. A conclusão da pesquisa mostrou que grande parte de pares de indivíduos estão unidas por um número médio de seis passos, o chamado *princípio dos seis graus de separação*”. (Rocha, et al, online)

<sup>347</sup> O processo de relação entre essas duas camadas (nós normais e super nós) se processa de forma hierárquica. “Nós normais se conectam a um super nó, e super nós se conectam entre si. Um nó normal mantém uma lista de até 200 supernós, enquanto um super nó pode manter uma lista com milhares de endereços de super nós. Um nó envia a seu super nó uma lista com a descrição dos arquivos que está disponibilizando. Um nó envia uma busca a seu super nó, que responde diretamente ou então executa busca enviando mensagens aos outros super nós” (Barcellos e Gaspary, online)

sistema. O supernó é uma espécie de *hub*, que armazena índices e é capaz de administrar os recursos de largura banda, de roteamentos e de comunicação entre os nós, mas mantendo anônimo suas identidades e informações contidas (arquivos, por ex.). Essa arquitetura é semi centralizada porque a presença desses *hubs* não afeta a capacidade de um computador trocar informação diretamente como um outro, pois, se em horário de pico porventura os *hubs* caírem, o sistema permite que o usuário (*peer*) compartilhe diretamente arquivos com um outro usuário (*peer*), sem a coordenação centralizada dessa tarefa por quaisquer servidores. A presença do *SuperPeer* então “deixou [a] conexão ainda mais rápida ao transformar alguns dos computadores da rede - os que tinham mais velocidade e maior capacidade de processamento - em subservidores, que armazenam dados de diversos outros computadores, criando verdadeiros atalhos para a informação”.<sup>348</sup>

**Figura 3 – Topologia da Rede P2P descentralizada**



<sup>348</sup>Vida Digital. Programas já estão na terceira geração, in [http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id\\_conteudo=3365](http://www.link.estadao.com.br/index.cfm?id_conteudo=3365)

Na prática, esses *super nós* detêm as informações dos recursos que os *peers* gerencia, o que permite a realização de buscas eficientes. Eles contêm uma lista de arquivos disponibilizados por outros usuários e o local onde eles estão armazenados. Quando uma busca é executada, a aplicação KaZaA, por exemplo, aciona uma comunicação entre os super nós mais próximos dos usuários. A cada consulta a um superpeer o usuários recebem um bloco de resultados da sua busca. E em seguida o download já pode ser realizado<sup>349</sup>.

O problema que se instala a partir do modelo híbrido é fazer com que a rede seja amplamente escalável<sup>350</sup>. Isto porque o crescimento (a escala) das redes está condicionado ao crescimento do controle dos super nós. O contrário ocorre quando a rede é puramente descentralizada. Como nesta todo cliente é também servidor de informação, se houver um acréscimo de usuários (clientes) conseqüentemente há também aumento proporcional de servidores, isto é, dos recursos compartilhados para se acessar e gozar a rede. Realiza-se assim a produção de escalonamento horizontal, quando o objetivo é adicionar mais nós aos sistemas para distribuir mais recursos por todo ele.

O aumento do tamanho não significa perda de escalabilidade, como no modelos centralizado ou semi-centralizado. Nestes o aumento de número de usuários (nós) requer um esforço de investimento nos servidores centrais para garantir a eficiência da escala. A estratégia é focada na chamada *escalabilidade vertical*, quando se adiciona recursos, como mais memória, mais capacidade de processamento, em um único nó - ou em alguns deles - do sistema para se obter um desempenho de tráfego satisfatório.

O impasse é que a presença dos *superpeers* resulta na fragilidade da própria escalabilidade, porque *nós invasores* podem se tornar um super nó. Quando isto acontece o sistema experimenta geralmente dois tipo de ataques: a negação de serviços e os ataques de roteamento. No primeiro caso, os supernós maliciosos: enviam muitas mensagens (ou

---

<sup>349</sup>Rocha, et al, online

<sup>350</sup>Ou seja, que a cada aumento de carga de tráfego, derivada do aumento do número de usuário, a rede possa equacionar essa demanda crescente de trabalho a partir de um desempenho uniforme para que não haja perdas para o sistema como um todo, como lentidão na busca e transferência de informação.

mesmo nega o serviço) de busca; provocam a entrada e saída acelerada de nós, dificultando que o download possa ser executado eficazmente; aumentam falsamente a capacidade de transferência de arquivos de determinado nó, gerando download entre nós que tem baixos recursos, como entre dois peers com capacidade de transferência de 56kb/s; ou ainda enviam de mensagens de respostas não solicitadas, sendo que algumas delas exibem resultados que são verdadeiras pragas eletrônicas, como vírus ou programas espões, disfarçadas do arquivo solicitado<sup>351</sup>.

No segundo caso, os ataques de roteamento, os nós maliciosos: encaminham mensagens de busca a nó incorreto ou mesmo inexistente; fornecem informações falsas sobre rotas a nós corretos; censuram que resultados de determinados nós possam ser exibidos; e fazem com que um nó correto, ao entrar na rede p2p, carregue um conjunto de rotas formadas por outros super nós maliciosos.<sup>352</sup>

Apesar disso, as redes semi-centralizadas alcançaram elevada popularidade após a queda do Napster, principalmente das aplicações da rede Fast Track<sup>353</sup> - o que ativou, ainda em 2002,<sup>354</sup> um coro da associação das gravadoras norte-americanas (RIAA) e da organização dos estúdios de cinema de Hollywood<sup>355</sup> (MPAA) contra esses sistemas p2p. A justificativa das empresas foi que eles proporcionavam que usuários trocassem arquivos com *copyright*, o que estimularia a pirataria online.

Em paralelo, pela dificuldade de processar as empresas responsáveis pelas redes híbridas, essas associações começavam a ameaçar a processar os seus usuários, tal como ocorreu em 2003, quando 200 mil internautas no Kazaa foram surpreendidos por uma mensagem assinada pela RIAA durante o download de músicas em formato mp3.<sup>356</sup> A reação foi imediata, crackers invadiram o site da RIAA e inseriram links para download das

---

<sup>351</sup>Também chamados de *spyware*: “consiste em um programa automático de computador, que recolhe informações sobre o usuário, sobre seus costumes na Internet e transmite esta informação a uma entidade externa na Internet, sem o seu conhecimento e o seu consentimento” (Wikipedia. Verbetes *spyware*, in <http://pt.wikipedia.org/wiki/Spyware> ).

<sup>352</sup>Rocha, op cit, online

<sup>353</sup>KaZaA, StreamCast e Grokster são aplicativos que utilizam a rede FastTrack.

<sup>354</sup>Um ano após o fechamento do Napster pedido pela Corte Americana.

<sup>355</sup>Estima-se que cerca de 600 mil vídeos sejam baixados diariamente nas redes p2p.

principais aplicações p2p.<sup>357</sup> Contudo, o processo movido pelas *majors* levou, por exemplo, o e-Donkey<sup>358</sup> a virar poeira digital e o *Kazaa* a negociar com a *majors* um acordo que redundou num pagamento de U\$ 115 milhões por ter permitido o livre fluxo de material com *copyright* e a inserção de filtros que impediam os usuários de trocar arquivos que contivessem determinada palavras-chave.

Contudo, não foram somente os processos que fizeram com que o *Kazaa* e o *Edonkey2000* perdessem o lugar de p2p mais populares da web. Mas, dois motivos, fundamentalmente. Ambos associados diretamente com o dispositivo de controle centralizado das suas redes, *FastTrack* e *Edonkey*, respectivamente. O primeiro dizia respeito aos filtros anti-pornografia infantil, instalados para coibir a pedofilia na internet. Tais filtros acabaram por estruturar o discurso das *majors* em que era possível controlar o tráfego de arquivos das redes p2p. O segundo motivo esteve associado à disseminação de vírus, arquivos falsos ou incompletos e *spyware* no interior das redes – principalmente a *FastTrack* - por conta dos ataques de “nós maliciosos” que se transformavam em super nós da rede p2p.

Tal como o *Napster*, aplicações como *Kazaa* e *Edonkey2000* perderam espaços para outras redes p2p porque, por um lado, conseguia fazer com que o negócio prosperasse graças a presença de servidores, contudo, tornavam-se mais vulneráveis a ataques e a processos judiciais, que fizeram com que o potencial de circulação cultural dessas redes

---

<sup>356</sup>O texto dizia: “Parece que você está oferecendo música protegida por direitos autorais para outras pessoas a partir de seu computador. Quando você infringe a lei, se arrisca a enfrentar penalidades legais. Há uma maneira simples de evitar este risco: “Não roube música”, seja oferecendo a outros para cópia ou fazendo download de um sistema como este. Quando você oferece música por esses serviços, você não está anônimo e pode ser facilmente identificado”

<sup>357</sup>Uma parte do texto dizia o seguinte: “se a RIAA quer hackear servidores de serviços de compartilhamento de arquivos, deveria primeiro aprender a assegurar seu próprio site...”.

<sup>358</sup>O *E-donkey* chegou a ser a aplicação p2p mais utilizada na internet. Mas, após as medidas judiciais acionadas pela RIAA, o site acabou sendo fechado por não suportar os custos advocatícios de um processo de defesa judicial. Atualmente, na url do site, há apenas uma mensagem, que foi imposta pela justiça americana: “A rede *edonkey2000* j não está disponível. Se roubas música ou filmes, está infringindo a lei. Cortes de todo o mundo – incluída a Corte Suprema dos EUA – decidiram que empresas e pessoas podem ser perseguidas por realizar descargas ilegais. Não é anônimo quando descarrega ilegalmente material com direitos de autor. Tua direção IP é xxxx e foi registrada. Respeite a música, realize downloads legais”. (*Edonkey2000*, in <http://www.edonkey2000.com/>)

fossem colocados em segundo plano por conta da existência de usuários que cometiam pirataria online. Assustados por saber que as redes híbridas revelavam os seus IP's, os usuários começaram um novo êxodo para outros aplicativos p2p. Três deles se destacaram : Emule, BitTorrent e Shareaza.

**Gráfico 01 – Busca por informações sobre Kazaa, Emule, Torrent**



## A quarta geração p2p: o Emule e a interação das redes p2p

Criado em 2002, o Emule<sup>359</sup> permite trocas de arquivos a partir de duas redes p2p, a Edonkey (rede híbrida) e a Rede Kad (rede pura), através de uma comunicação direta entre usuários. O Emule então integra e potencializa as duas arquiteturas, o que faz dele ser um aplicativo multi-rede, um avanço em relação à geração de aplicativos p2p anteriores, em que o tráfego de informação se estabelecia numa única infraestrutura de rede. Elaborado pela comunidade de software livre, o programa é alvo de constantes modificações (*mods*) no seu formato e estrutura, o que faz dele o aplicativo p2p com maior

<sup>359</sup>O termo *mula eletrônica* deriva da qualidade dessa rede p2p suportar o tráfego de arquivos pesados, como divX (filmes). O termo faz alusão ao Edonkey, rede p2p híbrida que fez sucesso na web até ser fechada pela incapacidade de pagar custos advocatícios para levar adiante defesa da acusação de permissão de pirataria online. No momento em que essa tese foi escrita o *Emule* era o programa mais utilizado para realização de trocas de arquivo no Brasil, contendo cerca de 550 mil usuários/dia.

número de inovações, que em geral são respostas sociais a determinados abusos da utilização dos bens comuns.

O Emule, por conta disso, não oferece inovação na modelização das redes p2p, mas é fundamental na construção de importantes inovações na gestão dessas redes. Em primeiro lugar, reduziu em suas redes a presença dos chamados oportunistas (*freeriders*), usuários que capturam os arquivos mas impede que outros usuários compartilhem do seu acervo online. Para combater oportunistas, o método utilizado foi a criação de um sistema de créditos e filas: quem mais disponibiliza arquivos tem prioridade na fila de espera para o download de arquivos. Se o comportamento é o inverso, baixar um arquivo, mesmo o usuário tendo conexão mais veloz, vira um calvário, pois a hora de descarregar um arquivo será sempre demorada, pois este usuário será sempre os últimos da fila.<sup>360</sup>

Esse sistema de crédito acabou por instituir um valor da cultura livre: o compartilhamento e a participação. A participação só faz sentido se o sujeito colaborar com o sistema. Quanto maior for sua participação – na forma de doação de bytes – maior reputação obterá e, logo, mais prioridade o sistema lhe concederá. O contrário também é verdadeiro. Se não compartilha informação, o usuário vai pro final da fila, e quase sempre a sua vez de baixar os dados demora horas a fio. No final das contas, o Emule provoca um ciclo virtuoso, já que permite a ampliação da cornucópia ao mesmo tempo que dissemina valores sociais associados a preservação de uma cultura livre e não monopolizadora da informação.<sup>361</sup> A regra estabelecida pelo Emule acabou sendo utilizada em outros ambientes p2p, por torná-los mais coletivo.

Além disso, o Emule sistematizou um processo de detecção de erros para evitar que arquivos corrompidos pudessem circular online, estabelecendo um elevado nível de segurança em suas redes. Todos os arquivos são fragmentados em vários pedaços de 180

---

<sup>360</sup>O cálculo para isso se relaciona com a quantidade de bytes que o usuário transfere diariamente para outro usuário.

<sup>361</sup>O emule também utiliza o método “partilhe o que você já descarregou”, criado pelo programa p2p BitTorrent. Sobre isto esse subcapítulo detalhará mais à frente, ao se analisar as inovações trazidas pelo programa BitTorrent.



KB (valor hexadecimal), e o sistema só inicia um descarga de arquivo se todas essas partes for reconhecida.<sup>362</sup> Essa funcionalidade permitiu ao Emule criar um regime de independência de nomes de arquivo, já que o identifica pelos seus conteúdos e não pela sua denominação. Ou seja, “ainda que tenha diversos nomes, de maneira que um mesmo arquivo tenha diferentes usuários, ainda que alguns destes haja modificado o nome, continua sendo o mesmo arquivo”<sup>363</sup>.

O Emule foi um dos primeiros aplicativos a reunir redes p2p diferentes, no caso, a rede do Endonkey, com a sua própria, a Rede kad. Aquele usuário de dois sistemas passava a estar integrado em um mesmo ambiente, que potencializava a sua busca cada vez mais. Além disso, poderia optar por qual rede realizar a sua busca<sup>364</sup>. Os aplicativos p2p multi-redes marcam a inauguração de uma quarta geração de ambientes de troca de informações de pessoa para pessoa, em que a fusão de diferentes redes na mesma interface multiplica as possibilidades de uso público do sistema, já que mais fontes de informações estão disponíveis aos usuários.<sup>365</sup>

## Um processo p2p não-linear integrado a web: o Bittorrent

Se o Emule inovou na política de crédito e filas, o programa BitTorrent<sup>366</sup> revelou, em 2003 quando foi criado, uma grande inovação: o descarregamento em partes, a partir do método do “partilhe aquilo que já descarregou”. Na prática quando um download é

---

<sup>362</sup>Esse método é denominado de *hashtree*.

<sup>363</sup>Wikipedia. Verbete Emule, in <http://es.wikipedia.org/wiki/Emule>

<sup>364</sup>A busca no Emule é limitada em 200 resultados. Permite ao usuário buscar arquivos pelas suas características técnicas, como: tamanho máximo ou mínimo, por tipologia (se é imagem vídeo, áudio, texto etc), por autor, etc.

<sup>365</sup>O ano de 2006 foi lançado o *Shareaza*, aplicativo livre que suporta as redes p2p mais importantes: Gnutella, Gnutella2, eDonkey 2000, BitTorrent, FTP y HTTP. Em versão para 27 línguas, o Shareaza tornou-se uma segunda opção para os amantes da rede Gnutella, que desenvolveu o Gnutella 2, um arquitetura p2p mais veloz do que o 1. O G2 mudou a metodologia de busca do G1, com a criação de servidores-hubs em vez da “busca por inundação”. O Shareaza canalizou esse desejo por mais velocidade de busca dos usuários do Gnutella, mas também é um aplicativo que baixa torrents, pode ser acessado em um computador remoto, etc.

<sup>366</sup>Outro programa que é software livre.

executado, a cópia não necessariamente começa a ser transferida do seu começo. Vai sendo reconstituído aleatoriamente pelos pedaços de arquivos, que podem estar em no começo, meio ou fim do arquivo. É um processo não-linear de transferência. Essa transferência é realizada por um enxame de usuários, que são unidos pelo sistema, para cooperar com partes da propriedade que é pública no sistema. Essa inovação provocou dois efeitos. O primeiro o aumento da rapidez do download, já que o usuário cede mais do que exige mais banda de conexão. Segundo, reduziu a dependência daqueles nós que concentravam o número grande de arquivos e, que por ora, estava *off line* ou se recusava a transferir seus documentos.<sup>367</sup>

Antes dessa invenção, era muito comum nas outras redes p2p que um usuário baixar um arquivo diretamente de outro usuário. Contudo, se o usuário-servidor resolvesse desligar seu computador ou ficar off-line, o usuário-consumidor teria que recomeçar o download. E recomeçar significava reencontrar novos usuários que contivessem o mesmo arquivo e perfil do antigo usuário-servidor (principalmente no que diz respeito à velocidade de transferência de dados). Claro que isso tomava tempo e deixava o internauta impaciente. O BitTorrent automatizou esse trabalho adicional ao juntar todos os *peers* que continham determinado arquivo – o enxame - e os fez cooperar na transferência para o usuário-cliente. E gerou efeito colateral positivo: independente se outro *peer-servidor* caía do sistema, a transferência da informação continuará sendo realizada. E mais: se o usuário-consumidor decidir por conta própria paralisar o seu download, o *BitTorrent* registra a quantidade de *bytes* já recebidas e, na próxima entrada do usuário no sistema, repete a operação: une os *peers*, que transferem as partes que faltam. Mas antes é preciso que apenas um usuário que tenha 100% do arquivo – chamado de *semeador* - esteja online. Além disso, ao possuir pedaços dos arquivos, o usuário-consumidor já está habilitado a sincronicamente transferi-los para outros interessados. Isso significa que quanto mais gente compartilha um arquivo,

---

<sup>367</sup>Em redes sem essa funcionalidade, os arquivos geralmente estão concentrados em poucos usuários. Isso acaba gerando uma dependência da rede a uma pequena minoria com maior capacidade de armazenamento, processamento e velocidade de transmissão e transferência de dados.

mais rápido será o download dele. Essa gestão da informação, portanto, acaba por fazer do BitTorrent uma ferramenta útil para transferência de arquivos pesados.<sup>368</sup> E revoluciona o modo de distribuição de conteúdos digitais. Paralelo a essa inovação técnica, o programa BitTorrent criou uma outra com grande impacto social: o *torrent* - um tipo de arquivo que fica armazenado em um site (*bittorrent tracker*<sup>369</sup> ou *rastreador*) na internet. Os torrents “são apenas guias --que dizem ao programa quais usuários estão compartilhando o arquivo em si (um vídeo ou uma música, por exemplo) e orientam o PC a fazer as conexões”<sup>370</sup> até encontrar o seu tracker - que deve estar online para que o download possa ocorrer. Tal como a semente é a virtualização de uma árvore, o *torrent* funciona como a virtualização de um arquivo (que pode ser um filme, uma música, uma foto, um livro eletrônico etc). Um *torrent* sempre faz germinar o conteúdo original, desde que haja um semeador: um usuário que o tenha publicado em um página (servidor tracker) na internet.

Cada pessoa que quiser descarregar um arquivo, primeiro deve descarregar o arquivo torrent que aponta para o arquivo, depois abri-lo no seu BitTorrent (não existe sistema de busca, o utilizador deve procurar o torrent em sites da internet). O arquivo torrent mostra ao usuário-cliente o endereço do tracker, que mantém um log de quais os utilizadores que estão descarregando o arquivo e onde o arquivo e seus pedaços estão (caso o tracker esteja fora do ar fica impossível começar o download). Depois do download começar, se o tracker sair do ar ainda é possível continuar o download, mas perde-se a informação de quais os utilizadores que estão online e quais os blocos que estão disponíveis.<sup>371</sup>

Por conta da existência do *torrent*, o programa não disponibiliza busca dos arquivos originais, visto que só há arquivos *torrents* para localizar e baixar. Cabe ao usuário

---

<sup>368</sup>O mesmo vale para o Emule, que adotou o sistema do BitTorrent de *upload* em pedaços. Esses pedaços devem totalizar 9500 KB. A partir desse tamanho é que um usuário-cliente pode ser ao mesmo tempo um usuário-servidor, ainda que seu arquivo não tenha sido baixado completamente.

<sup>369</sup> Um tracker de BitTorrent é um servidor especial que contém a informação necessária para que os peers se conectem com outros peers para realizar comunicação entre eles usando o protocolo BitTorrent.

<sup>370</sup>Garattoni, online

<sup>371</sup>Wikipedia. Verbete BitTorrent, in <http://pt.wikipedia.org/wiki/BitTorrent>

então tanto produzi-los, quanto localizá-los em sites na web. E cabe ao sistema abrir o *torrent* e em seguida conectar os usuários para que o descarregamento da informação desejada aconteça. O processo de produção é simplificado: o Bittorrent disponibiliza um sistema que anexa qualquer arquivo e transforma-o em na extensão *.torrent*<sup>372</sup>. Por outro lado, centenas de sites na internet possibilitam que o usuário publica esse mesmo arquivo numa página, deixando-o então livre para que o seu descarregamento possa acontecer. Quanto ao processo de localização do arquivo torrent, o internauta utiliza as engenharias mais sofisticadas de busca, como o Google e o Yahoo.

O impacto social dessa forma de uso do sistema é que o torna praticamente invulnerável a processos de acusação judicial de pirataria, dado que a ação de produzir e localizar o arquivo é do indivíduo. O aplicativo p2p Bittorrent só proporciona que usuários desterritorializados possam conversar ponto a ponto. É um mediador que não tem sequer a função de manutenção de listas de arquivos existentes em suas redes, tal como todas as outras redes p2p. Ele faz com que conteúdos que estão publicados em algum sítio eletrônico - chamado de tracker - possa ser baixados diretamente para o computador, graças ao protocolo único: o arquivo torrent. Logo, o Bittorrent não dá suporte ao usuário para distribuir um arquivo, ele deve rodar um tracker para tornar o seu torrent disponível para os outros por conta própria ou usar um tracker de terceiros para isso.<sup>373</sup> Portanto, qualquer violação a *copyright* tenderia estar onde sempre esteve: nas franjas. Por isso que o principal alvo das gravadoras e estúdios serão empresas e usuários que mantêm servidores de *torrents* de material ilegal. Tais servidores, os *bittorrent trackers*<sup>374</sup>, são o núcleo de funcionamento da rede Bittorrent. Contudo, a dificuldade para a Justiça agora

---

<sup>372</sup>Torrent é a extensão que o sistema dá em todo arquivo que nele ingressa. Se um usuário quiser disponibilizar a sua tese doutorado, a primeira operação será transformá-la em *tese.torrent*. Para isso a operação é muito simples. O usuário vai até o menu, clica em "fazer novo torrent". Uma caixa de diálogo se abre e o usuário anexa o arquivo pretendido (no caso *tese.doc*, por exemplo). Depois, clica em publicar. Pronto, já está criado um arquivo *.torrent*. Depois o usuário faz um *upload* desse arquivo em algum servidor de arquivos *torrent* na Internet, como o Meganova.org.

<sup>373</sup>Wikipedia. Verbete BitTorrent, in <http://es.wikipedia.org/wiki/BitTorrent>

<sup>374</sup>Enquanto se escrevia essa tese, já começavam a aparecer trackers descentralizado.

seria muito maior, já que há milhares de servidores desse tipo, que nascem e morrem na mesma proporção.

O interessante da transferência por pedaços e a distribuição por torrents e trackers é que força que as redes p2p sejam construídas por um esforço comum. A interface do BitTorrent reflete o princípio que rege a cultura livre: a informação só pode ser construída a partir de uma cooperação que se resulta de um movimento coletivo que torna a obra sempre aberta a todos. As inovações de BitTorrent inauguraram uma nova economia de distribuição de conteúdos digitais, principalmente de arquivos mais pesados, já que BitTorrent passou a comercializar conteúdos legais, principalmente filmes e programas de televisão.<sup>375</sup> A alta velocidade de transferência de arquivo como sinônimo e alto compartilhamento acabou por atrair a Microsoft, por exemplo, interessada em distribuir correções de segurança para sistemas operacionais e downloads imediato de atualizações de segurança contra vírus em fase de grande propagação. Ambos arquivos são pesados, porém, se bastante semeados em múltiplos trackers, tornam-se velozes as suas transferências.

## **O contra ataque da indústria do copyright**

A evolução das arquiteturas p2p e dos protocolos da internet – quase sempre por obra de uma cultura hacker – trouxe consigo um maior enrijecimento dos dispositivos de controle das interações virtuais. A peculiaridade desse controle, operado em boa parte pela *indústria do copyright*<sup>376</sup>, vai operar como uma repressão sobre o movimento privado da vida.

---

<sup>375</sup>Em 2006, um acordo com as gigantes Warner, 20th Century Fox, Kadokawa Pictures, MTV Networks, Lionsgate Entertainment e Starz Media, possibilitou que elas licenciassem a tecnologia da Bittorrent para vender e alugar filmes e programas de televisão. Esses conteúdos são encriptados e o usuário tem acesso recebendo uma chave criptográfica para abrir o conteúdo após o pagamento. A BitTorrent planejava, em 2006, lançar o portal de venda de filmes antigos praticamente desaparecidos do mercado.

<sup>376</sup> Todo um arco de defensores da “cultura da permissão”, de cantores populares a indústria culturais, da indústria farmacêutica aos grupos empresariais de comunicação de massa, de Governos Conservadores a indústria de software etc.

Essa repressão recebeu forma jurídica, em 1998, com a publicação do Digital Millenium Copyright Act (DMCA), lei que rege a forma de circulação dos direitos autorais nas redes de computador e que criminaliza qualquer iniciativa tecnológica que porventura possa vir violar esses direitos. Segundo Lemos,<sup>377</sup> o DMCA é uma “antítese da liberdade”, porque exige, por exemplo, que aqueles que hospedam conteúdos na internet (provedores e servidores) sejam co-responsabilizados por infrações a direitos autorais cometidas por seus usuários.

Contudo, o DMCA guarda um porto-seguro: se esses provedores comprovarem que o ato de infringir coube somente ao usuário, a pena máxima que podem sofrer é a de ser obrigados a retirar do ar o conteúdo violado. O exercício da força desse acordo processual acaba produzindo um efeito variado sobre a circulação da cultural. No que tange aos circuitos descentralizados de circulação de informação – tal como as redes p2p – o DMCA possibilita que as empresas responsáveis por permitir, de forma p2p, a troca de arquivos digitais ilegais sejam acionada na Justiça por ser a infra-estrutura que sustenta a pirataria virtual. Como essas empresas não tem o controle dos fluxos nas suas, mas identifica os IPs dos usuários, elas acabam se tornando “co-autora do roubo” por produzir uma tecnologia que não foi construída para impedir que a cultura circule e por não revelar quem são os “piratas de copyrights”. Foi sustentada nesse argumento que associações como a RIAA (das gravadoras americanas) e a MPAA (dos estúdios de Hollywood) conseguiram realizar um *shutdown* em sites como Napster, Kazaa, Edonkey2000, WinMX, iMesh. Com exceção do Kazaa e Napster, que tiveram de pagar altas indenizações judiciais, o restante dos aplicativos p2p viraram pó de *bits*. Isso ocorreu, em boa parte, porque as empresas que os desenvolveu não conseguiriam bancar os custos financeiros de um processo judicial contra as *majors* da indústria da cultura. Mas não somente as tecnologias p2p se tornam objeto de repressão, mas também qualquer inovação científica: se, por exemplo, um pesquisador descobrir um falha de segurança em sistema de proteção de

---

<sup>377</sup>Lemos, op cit, p.32

cópia, ele pode ser criminalizado por isso.<sup>378</sup> Em 2001, o programador norueguês Jon Johansen foi preso em seu país, a pedido da Justiça Americana, por ter publicado um código de programação que tornava possível a cópia dos arquivos contidos num DVD para um computador pessoal. Violava a o direito de cópia.

O DMCA revela-se como uma força é capaz de controlar a inovação. Esta só faz sentido se for para ampliar ainda mais as tecnologias de comando que restringe a cultura ao formato físico que é comercializado. A situação é dramática porque o DMCA “joga fora a água suja com a criança dentro”<sup>379</sup>. As tecnologias de distribuição – como as redes p2p – não possuem como único uso o compartilhamento de “material ilegal”. Há aqueles, como acertadamente identificou Lessig, usam os sistemas p2p para acessar conteúdos sem copyright ou para acessar conteúdos com copyright mas que já está fora de circulação comercial por não trazer mais lucros para as gravadoras.

A história pós-DMCA revelou-se como ato contínuo de repressão da cultura livre. Mas as inteligências coletivas acabaram por subverter o sentido do poder, ao abrir uma fissura na lógica do DMCA. A estratégia esteve ligada a criação da segunda geração dos serviços baseados na web, o que se convencionou chamar de web 2.0 — um conjuntos de sites cujo conteúdos são totalmente produzidos e/ou hospedados online diretamente por usuários, sem qualquer exigência ou permissão, baseados numa arquitetura colaborativa. A autonomia da web 2.0 revela-se porque, mesmo que um usuário hospede um “conteúdos ilegais” em um site, o gestor deste pode rapidamente excluí-los, contudo, baseada no princípio colaborativo, não pode impedir qualquer usuário de publicá-los novamente no site.

---

<sup>378</sup> Mas a situação que mais atraiu a imprensa foi a prisão de Dmitry Sklyarov. Sklyarov é um programador russo que trabalha para uma empresa chamada ElcomSoft. Esta empresa tem um produto que permite ler ficheiros com o formato E-Book da Adobe num computador normal. Se tivermos em conta que uma das cifras usadas é ROT-13, ficamos com uma ideia da qualidade técnica da protecção usada. Depois de algumas semanas na cadeia, Sklyarov encontra-se em liberdade condicional, à espera de julgamento. A sua defesa consiste principalmente no facto de que a solução da ElcomSoft permite, ao contrário da solução da Adobe, fazer "copy&paste2 dos e-books, possibilitando a utilização de ferramentas "Text2Speech" usadas por pessoas cegas ou amblíopes (pessoas com uma capacidade de visão extremamente baixa). A capacidade de eu, como comprador de um livro, poder lê-lo à vontade, não é discutida nem sequer posta em causa.” (Neves, João Miguel. DMCA e EUCD: Copyright vs Comunidade, in <http://ansol.org/politica/eucd/eucd-sl.pt.html>)

<sup>379</sup> O DMA também é acusado de restringir a competitividade empresarial. Ver caso da Lexmark

Isso significa que a “censura dos conteúdos inapropriados” faz do poder (do DMCA) um exercício tautológico de impotência. Se a informação é um bem que se é destruído, a cornucópia sobrevive agora legalmente com o advento da web 2.0. Um vídeo com copyright publicado no site *Youtube* pode ser retirado do ar, mas não da máquinas de centenas de usuários, que em geral publicam o vídeo novamente no *Youtube*. Novos usuários acabam assistindo o vídeo e gravando-o para o seu HD pessoal com ajuda de softwares específicos. E assim a “tautologia da (im)potência” acontece. E a censura, portanto, se torna um mecanismo inepto no mundo das mídias colaborativas.

Logo, ao analisarmos a evolução da internet, em especial das tecnologias p2p, percebemos que o poder, ao ter perdido a guerra contra as inteligências coletivas – construtoras da web 2.0 e de sistemas como BitTorrent –, busca agora exercer a sua força sobre as singularidades, haja visto a atenuante campanha de processos movidos pelas indústrias culturais contra usuários da internet que baixam arquivos com copyright. A estratégia do poder é subordinar as singularidades a partir da *lógica do medo*, já que muitas famílias seriam arruinadas financeiramente se tivessem de pagar indenizações as corporações de mídia. A inibição do uso só pode ser produto do terror. Como vimos, nem mais a lei é capaz de frear a colaboração social, visto que cada vez mais essa colaboração é regido por um sistema “privado, porém público” de regulação que potencialize o direito à liberdade de expressão.



## 3.4

### A opinião distribuída: sobre os blogs

---

*A luta política não mais se fará entre direita e esquerda, mas entre quem vê televisão sem uma resposta e quem acede à Net com uma informação muito mais completa e que todos podem gerir e alimentar.*

*Derrick De Kerckhove*

Derrick De Kerckhove<sup>380</sup> caracteriza a Internet em três grandes momentos, para além, naturalmente, da sua criação. O primeiro é a invenção do navegador *Mosaic*, que fez da *World Wide Web* atrativa para um leque vasto de pessoas. O segundo foi a chegada do Yahoo!, “que introduziu uma nova geração de instrumentos de navegação indispensáveis, depois mais desenvolvidos no Google”. E o terceiro momento foi o advento dos blogues, a entidade mais madura da Web, diz o autor. Mais do que qualquer definição simplista que os associa a um *site íntimo de um autor*, os blogues representam, para Kerckhove, uma nova tecnopsicologia.

Ponto de encontro dentre redes sociais e tecnológicas, a blogosfera é uma rede de interações intelectuais diretas e navegáveis, resultado da contribuição gratuita, aberta e verificável das consciências e das opiniões de muitas pessoas sobre assuntos de interesse geral e em tempo quase real. O funcionamento dos blogues baseia-se inteiramente nestas conexões. Tal como a inteligência, desenvolvem-se e crescem com o uso. Os blogues são um espaço de reflexão compartilhada.<sup>381</sup>

Os blogues expressam a cultura colaborativa e o poder dos *links* que demarcarão a *net culture* após o estouro da bolha da nova economia. Trata-se de um novo espaço de resistência que se coaduna com um fenómeno maior: o fato de que mídias – com um certo poder na formação da opinião pública - passaram a ser construídas pelos próprios

---

<sup>380</sup> Kerckhove, Derrick De. Prefácio ao livro *Geração Blogue*, de Giuseppe Granieri (2006).

<sup>381</sup> Kerckhove in Granieri, 2006, p.11.

usuários conectados em rede – algo que Dan Gimor sintetizou no movimento de *Nós, a mídia* (*We, the media*).

## **Eu, o weblog: contexto e genealogia (1997-2000)**

O acontecimento blogue<sup>382</sup> é formado por múltiplos acontecimentos que ocorrem a partir de 1997, quando o termo *weblog* é cunhado pelo norte-americano Jorn Barger para se referir ao seu jornal online *RobotWisdom*.<sup>383</sup> O termo era um acrônimo derivado das palavras *web* e *log* (diário ou bloco de anotações) e expressava um site que hiperligava páginas interessantes encontradas na internet. Blogue era, na prática, uma coleção de links com comentários breves.<sup>384</sup> Barger ficava o dia inteiro garimpando notícias, informações, casos etc, que publicava na forma de comentários breves com disponibilização dos links desses dados, sem a existência de mecanismos de conversação com o usuário (particularmente, os comentários). O modelo de Wisdom consistia em uma produção que mais atualizava *links* do que criava conteúdos próprios (*posts* - entradas compostas por textos, fotos, ilustrações, links). Não havia até aquela data um sistema de publicação específico para weblogs. Para ter um blog, o autor tinha que dominar a linguagem HTML.<sup>385</sup>

---

<sup>382</sup> “Segundo o Technorati, há um tráfego de 50 milhões de blogs. A blogosfera é 100 vezes maior que era há três anos. A cada 6 meses e meio a blogosfera dobra de tamanho. Cerca de 175.000 novos blogs são criados a cada dia, em média, há 2 blogues são criados a cada segundo. Os blogueiros produzem juntos 1,6 milhões de posts por dia, ou 18.6 posts por segundo”. (Granado, Antonio. *Estado da blogosfera*. Blog Ponto Media. Disponível na internet: <http://ciberjornalismo.com/pontomedia/?p=1303>

<sup>383</sup> <http://www.robotwisdom.com/>

<sup>384</sup> Sobre isto, ler o curto relato sobre o Robot Wisdom feito por Luiz Alberto MACHADO, online

<sup>385</sup> Sobre a história dos blogs, ver o excelente texto de CERVEIRA (2006).

## Robot Wisdom WebLog for December 1997

Mon, Dec 29, 1997 (New Moon)

### This Day in Joyce History

On this date in 1891, Dante Riordan left the Joyce household after the Xmas fight depicted in *Portrait*. In 1893 the fictional Rudy Bloom was born. In 1916, *Portrait* was published by Huebsch. In 1931, John S. Joyce died. In 1953 John Kidd was born.

Two of the most readable computer journalists-- John Dvorak and Jerry Pournelle-- are about to launch a Siskel/Ebert-style weekly debate site, using 'wallet' technology to charge **a dime a week**. You'll be able to buy small amounts of 'scrip' via a 900 number, which sounds smooth enough that I'll probably give it a try. (Dvorak I usually agree with, while Pournelle is a sort of morbidly fascinating Martha-Stewart extreme-hardware spectator-spectacle.) See the announcement in Pournelle's latest Byte column: <http://byte.com/art/9801/sec13/art2.htm>



Gorillas make gorgeous **representational** art! <http://www.gorilla.org/Art/>

### Figura 04

Interface do Robot Wisdom, 1º site que se intitulou de weblog, em 1997

No final de 1998, uma lista de 23 diários virtuais é publicada por Cameron Barret, no seu blogue Camworld<sup>386</sup>, a partir da compilação de Jessé Garret, editor da Infosift.

Jesse James Garret, editor do Infosift, começou a compilar uma lista de “outros sites como o dele” na medida em que os encontrava em suas perambulações pela web. Em novembro daquele ano, ele enviou sua lista para Cameron Barrett. Cameron publicou a lista no Camworld, e outras pessoas que mantinham sites similares começaram a lhe enviar suas URLs para que ele as incluísse na lista. Na “página de apenas weblogs” de Jesse estão listados os 23 então conhecidos até o começo de 1999. De repente surgiu uma comunidade.<sup>387</sup>

Os blogues surgidos nesse momento se caracterizam por sempre conter linguagem hipertextualizada. Entre 97 a 99, o código narrativo predominante nos blogs era uma espécie de *dicas sobre o que há de interessante na internet*. O *post-link* foi o primeiro gênero narrativo dos weblogs, ainda muito associado à cultura hacker (de troca de informação relevante). Os weblogs eram uma espécie de filtro. Seu editor preocupava-se em conduzir o usuário sempre a outros sítios de informação, sem o desejo ainda de tornar o veículo em um instrumento formação de opinião. Estamos aqui no momento em que a lei “*blogueiro linka blogueiro*” é inaugurada.<sup>388</sup>

<sup>386</sup> A lista está publicada em: <http://www.camworld.com/archives/1997/07/>

<sup>387</sup> Blood, Rebecca, op cit, online

<sup>388</sup> É interessante notar que boa parte dos links, dos *posts* produzidos em 1997, está morta, o que demonstra ser a linguagem blogueira associada a uma certa memória história para além da memória artificial dos servidores da rede. Os blogs também são resultado de um instante histórico.



**Figura 5 – a Hegemonia do post-link**

*Nos primeiros blogs, em 1997, os posts eram caracterizados por ser informações de links úteis da internet com algum cometário do blogueiro. Repararem que os blogs nascem marcados por entradas contínuas de mensagens publicadas. Nesta época, os blogs ainda eram ferramentas hacker, no sentido de ser um atividade realizada somente por quem conhecia a linguagem HTML.*

**Fonte:** Blog *Camword*, de Cameron Barret (<http://www.camworld.com>)

No instante que sucede o esforço de Cameron em reunir weblogs, Brigitte Eaton realiza o mesmo trabalho, ao compilar uma lista de weblogs, que fica hospedada no *Eatonweb Portal*<sup>389</sup>, um portal de blogs, divididos por gênero e nacionalidade. O critério para que haja submissão do blog ao portal é único: que fosse um site que disponibilizassem *posts* já datados (*dated entries*).<sup>390</sup> No começo de 99, para mostrar a popularização dos diários virtuais, Peter Merholz<sup>391</sup> divide o termo weblog em “we blog” (*nós blogamos*), criando ao mesmo tempo a palavra (*blog*), o verbo (*blogar*) e o sujeito (blogueiro). O formato mais tradicional se estruturaria agora em conteúdos breves (a arte de produzir *posts* curtos); atualizado continuamente, uma ou até várias vezes ao dia; apresentado numa ordem cronológica inversa (no topo do site, nota mais recente, com dia, data e hora); e com a presença de muita hipertextualidade.

Em 1999, os blogs eram distintos tanto em forma como conteúdo das publicações periódicas que os precederam (ezines e journals). Eles eram

<sup>389</sup> <http://portal.eatonweb.com/>

<sup>390</sup> Um trabalho consistente de interpretação sobre a blogosfera é organizado pela blogueira Rebecca Blood. Ver *Weblogs: a history and perspective*. Disponível na internet em: [http://www.rebeccablood.net/essays/weblog\\_history.html](http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html)

<sup>391</sup> <http://www.peterme.com/>

rudimentares em design e conteúdo, mas aqueles que os produziam achavam que estavam realizando algo interessante e decidiram ir adiante. Os blogueiros referenciavam entradas interessantes em outros blogs, normalmente adicionando suas opiniões. Créditos eram concedidos a um blogueiro individual quando outros reproduziam os links que este havia encontrado. Devido à freqüente interligação entre os blogs existentes na época, os críticos chamaram os blogueiros de incestuosos, que por sua vez sabiam que amplificavam as vozes uns dos outros quando criavam links entre si. E assim a comunidade cresceu. Os blogueiros pioneiros trabalharam para se tornar fontes de links para material de qualidade, aprendendo a escrever concisamente, utilizando os elementos que induziam os leitores a visitar outros sites.<sup>392</sup>

## o advento dos diários

Neste mesmo ano, algumas empresas lançavam softwares que tornavam automática e gratuita a publicação de blogs, portanto, sem a necessidade do usuário dominar por completo a linguagem html. O primeiro programa desse tipo foi o *Pitas*, criado em julho de 1999. “A estrutura técnica era gerenciada pela empresa, que também oferecia a criação de blogs a custo zero, assim como os valores agregados: um item em um blog possui valor de produção irrisório comparado com o de um artigo veiculado na grande mídia”.<sup>393</sup> Um mês depois do *Pitas*, surgia o *Blogger*<sup>394</sup>, o mais popular sistema de publicação online até hoje.

A partir daí os blogs se proliferaram. De uma onda se transformam em uma explosão, a ponto de seu formato tornar-se cada vez mais múltiplo. Com as interfaces trazidas pelo *Blogger* a publicação de conteúdos online é bastante facilitada. Cabe ao usuário a realização de apenas três atividades: escrever o título, o texto, e depois clicar em “publicar” para imediatamente o conteúdo estar no seu site. Sem contar que o que é

---

<sup>392</sup> Wikipedia. *Verbetes Weblog*, online

<sup>393</sup> Idem, online

<sup>394</sup> “No mês de julho daquele ano, a empresa Pitas [ <http://www.pitas.com> ] criou o primeiro software grátis e em agosto o americano Evan Williams, da empresa Pyra Labs, criou ferramenta semelhante, o Blogger, que se transformaria no ícone de um conceito que revolucionaria a criação e postagem de páginas pessoais na Internet” (Oliveira, online).

publicado fica arquivado, sendo facilmente recuperado a qualquer instante, para que possa ser modificado, ampliado ou mesmo revisado mesmo que tenha já “subido pra rede”.

O Blogger facilita a escrita de um pensamento ou de uma observação, tanto que muitas pessoas não se sentem inclinadas a criar um link e escrever algo em torno dele. É essa interface livre, combinada com a facilidade absoluta de uso que tem, em minha opinião, feito mais do que impelir a mudança de um weblog do tipo filtro para um blogue diário, mais do que qualquer outro fator.<sup>395</sup>

A interface do *Blogger* acabou por dar vazão a emergência de uma nova linguagem blogueira: o diário online<sup>396</sup>. As facilidades de publicação conjugadas ao fato de o *Blogger* não conter nenhum dispositivo de censura do que está sendo escrito; e a um aumento da estada do usuário (principalmente os mais jovens) na Internet possibilitou que os blogs começassem a se caracterizar por comentários sobre os mais variados temas da vida pessoal — uma resenha de um filme, uma catarse, um poema, uma fofoca, um pensamento, uma recordação da infância, uma piada, uma informação sobre o cotidiano, um delírio, a visão sobre as aulas da faculdade, sobre os namoros, sobre estar doente, enfim, tudo aquilo que pertencia a dimensão singular é tornada pública.

Estes blogues, geralmente atualizados diversas vezes por dia, eram um registro dos pensamentos do blogueiro: algo que foi visto no caminho para o trabalho, observações sobre o fim-de-semana, uma reflexão sobre um ou outro assunto. Links levavam o leitor do site para outro blogue com quem o primeiro estava tendo algum tipo de conversa ou com quem ele tivesse se encontrado na noite anterior, ou para o site de uma banda cujo show ele tivesse assistido. Diálogos inteiros eram travados entre três ou cinco blogues, cada um fazendo referência ao outro em seus pontos de vista ou posições pessoais.<sup>397</sup>

O diário íntimo inaugura uma fase em que *blog passa a ser* associado à cultura do diário pessoal. “O influxo de blogues mudou a definição de weblogs, de 'uma lista de links com comentários pessoais' para um site atualizado periodicamente, com o novo material sendo postado no topo da página”<sup>398</sup>. A importância desses diários, no terreno da linguagem

<sup>395</sup> Blood, *op cit*, online

<sup>396</sup> Ver Schittine, 2004

<sup>397</sup> Idem, online

<sup>398</sup> Idem, online

blogueira, é que vai nela instituir dois componentes – ambos consequentes um do outro: a escrita informal e a conversação.

A “escrita leve” ocorre porque o editor discorre sobre os seus afetos e suas afecções. Não é uma escrita que se pauta por uma lógica interpretante. Não é um *thèoros*. Mas é uma lógica sensorial, em que o constante contato com o outro (o amigo usuário), faz com que a escrita seja uma resposta a um comentário ou a uma experiência cotidiana, de forma que a escrita do diário está entre um balanço de contas, uma volta ao passado e um pensamento impulsivo confessional. O diário só tem sentido então se a ação existe, se houver história. A linguagem que instrumenta o diário precisa sentir a história (pessoal e social) que se passa. Não é à toa que acaba sendo mais uma descrição pessoal do dia do que uma análise da história social.

Agora essa apreensão sensorial da história é sentida porque é obtida por meio da conversação. A linguagem do diário não é um ato individual, pois que, no plano da internet, onde tudo exibido por uma audiência global, o blog-diário fica defronte a uma comunidade que gira em torno dela. O sistema de comentários inaugurado pelos sistemas automáticos de publicação fez nascer comunidades de leitores girando em torno dos blogs. Com frequência, a audiência de um blog é formada por um pequeno número de usuários que é vinculado ao editor. Trata-se de um público que “bisbilhota” para compreender que a memória do outro também está composto na sua. O inverso também é verdadeiro: ao ser atigado pelos comentários críticos ou elogiosos da audiência, o blogueiro ressignifica a própria vida.

É muito comum, entre os jovens blogueiros, que um post seja apenas o instrumento do começo de uma conversação. Comentar é um ato de dádiva: “se você comenta no meu blog, eu comento no seu” - a lógica do reconhecimento da vinculação é que funda o sentido do comentário nos blogs-diários. Muitas vezes, um *post* é só um pretexto para iniciar uma conversação, a ponto de o comentário dos usuários acabar virando o conteúdo principal. Portanto, muitas vezes a conversação é usada para que o usuário

firme, revele ou altere pontos de vista já enraizados sobre determinados assuntos que estão na ordem do dia. A produção lingüística dos blogs-diários revela-se ao mesmo tempo como auto-reflexão e uma reflexão coletiva.

Uma comunidade de 100, 20 ou 3 pessoas pode surgir em torno de seus registros pessoais diários. Ao se deparar com vozes amigas, ele [o blogueiro] pode ganhar mais confiança de sua visão do mundo. Ele pode começar a experimentar formas mais complexas de escrita [...]. Ao enunciar suas opiniões diariamente, esta nova consciência de sua vida interior pode se tornar uma crença em sua própria perspectiva. Suas próprias reações – a um poema, a outras pessoas, e sim, à mídia – terá mais peso sobre ele.<sup>399</sup>

## 11 de setembro de 2001: blogs furam os portais da internet

A partir de 1999, com a profusão dos diários, a partir do uso popularizado dos sistemas de publicação (*Blogger*, *Movable Type*, *Wordpress* e outros disponibilizados por portais de informação), os blogues formam um todo heterogêneo e um agregado múltiplo de experiências criativas que se expressam como um complexo “caleidoscópio sem lógica”. Deles, há de toda espécie: blogs sobre política, religião, viagens, economia, vida pessoal, arte, assuntos profissionais, tecnologia, ciência etc. Em comum a interconexão por meio de post interligados, do *blogroll*<sup>400</sup> e dos comentários postados – interconexão que acaba produzindo um espírito comunal entre os blogs. Por conta disso, esse “todo heterogêneo” – com suas interações sociais e hiperligações – foi batizado, por Willian Quick<sup>401</sup> em 2001,

---

<sup>399</sup> Idem, online

<sup>400</sup> Segundo a Wikipedia (<http://es.wikipedia.org/wiki/Blogroll>), um *blogroll* é uma coleção de *links* de blogs que normalmente aparece na parte lateral da página. Blogueiros podem definir diferentes critérios para incluir outros blogs em seu *blogroll*. Normalmente, a lista é composta de blogs que os próprios autores visitam com assiduidade ou às vezes simplesmente de blogs de amigos, parentes ou vizinhos. Quanto à procedência da palavra, existem duas possíveis derivações. Os blogger dos EUA sustentam que o termo provém de *logroll*, que está relacionado com o intercâmbio de informação entre diferentes pessoas para obter um objetivo comum. Os blogueiros do Reino Unido relacionam a palavra com *bog roll* (papel higiênico), com base em seu extenso tamanho e na duvidosa qualidade da lista de muitos blogroll.

<sup>401</sup> <http://www.dailypundit.com/>



como *blogosfera*<sup>402</sup>. “Enquanto os blogs isoladamente são somente um formato na web, a interconexão entre eles [*a blogosfera*] é um fenômeno social: ao vê-los como um todo pode-se determinar claramente tendências, gostos, popularidade de sites, objetos, produtos, música, filmes, livros, como se fosse um ente coletivo”.<sup>403</sup>

A classificação tipológica dos blogs é uma operação sempre incompleta, dado as narrativas, as interfaces e as interações se manifestarem sempre como híbridas. A narrativa é sempre um misto do pessoal com o político, da crença com a interpretação, da objetividade com a subjetividade, da informação com o testemunho, da ficção com a realidade, do original com a cópia, da singularidade com a coletividade.

No final das contas, a blogosfera destoa da comunicação de massa exatamente porque se constrói a partir de discursos que estão colados à maneira de expressar de cada singularidade. É uma esfera absolutamente material (porque é *in process*), já que as “fórmulas prontas para uso”, aprendidas como uso correto da gramática, dos códigos de conduta, dos códigos jornalísticos etc, convivem e são descartadas pelas maneiras de dizer, de escrever, de criar, de estabelecer relações e vínculos, desenvolvidas por cada uma das pessoas ou de coletivos que produzem e se reproduzem na blogosfera, a ponto de compor – junto com as listas de discussão, os fóruns, os wikis, as redes p2p etc - um campo de energia cuja força se concentra em produzir curto-circuito no monopólio que a imprensa tem da opinião pública. Até o comportamento menos ativo, atribuído a multidão de blogueiros que somente reproduz o sentido das informações circulados pela imprensa, acaba por filtrar e selecionar aquilo que mais lhe interessa, resultando numa agenda que reconfigura a agenda midiática.

---

<sup>402</sup> “Tradicionalmente, os diários eram escritos em pequenos cadernos por quem queria manter as coisas em segredo. Pois na internet eles se transformaram em manifestações públicas e coletivas. Um faz referência ao outro. Um comenta o outro. Um se inspira no outro. E essa multidão de blogs que se entrecruzam e se relacionam ficou conhecida como blogosfera” (Revista Época. *Blogs, o novo campeão de audiência*. Disponível na internet: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG74912-5990-428.00.html> Acesso em 20/12/2006

<sup>403</sup> Wikipédia, <http://es.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>, página acessada em 07/01/2007

Do ponto de vista histórico, essa *potência*<sup>404</sup> da blogosfera é realizada, de forma intensa, pela primeira vez com a ocorrência dos ataques terroristas em 11 de setembro de 2001.<sup>405</sup> O primeiro acontecimento que mostrou inicialmente o poder da internet como fonte de informação.

No dia do atentado, os portais de informação das agências de notícias internacionais não conseguiram ficar estáveis por conta do excesso de tráfego nos seus servidores. Na época, a audiência do MSNBC multiplicou por 10. A da Fox News, idem. Os usuários que ficavam nesses sites em torno de 3 segundos, ficaram no dia, entre 20 a 40 segundos. Não adiantou muita coisa usar o celular, as redes de telefonia também seguiram a mesma tendência: congestionamento<sup>406</sup>. O site da CNN teve que se transformar em um site light, reduzido a uma foto e a poucos links para tentar ficar no ar. O site mais acessado do mundo, o Google, alertava o usuário que não adiantava procurar notícias frescas sobre o assunto: “se você procura por notícias, você encontrará notícias mais atuais na Tv e na rádio. Muitos serviços de notícias online não estão disponíveis, por causa da extremamente alta demanda”.

---

<sup>404</sup> O uso do termo *potência* aqui remete as inovações que Toni Negri realiza na obra de Spinoza. *Potência* é a capacidade coletiva de produzir o comum. É, na linguagem de Toni Negri, *poder constituinte* contra e para além do *poder constituído*.

<sup>405</sup> Essa tese é bem-defendida pelo bogueiro e jornalista Juan Cervera em *Una teoria general del blog*. In: La blogosfera hispana, pp 10-19.

<sup>406</sup> Observatório da Imprensa. *Websites sobrecarregados*. Disponível na internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920019993.htm> Página acessada em 20/07/2005



**Figura 6**

*Por causa de congestionamento, site da CNN vira site light em 11/09*

*Fonte: Digital Collection<sup>407</sup>*

No outro lado do atlântico, no Reino Unido, o fato se repetia. “A BBC britânica [...] viu as consultas a seu site aumentarem 47% e The Guardian [...] viu as suas aumentarem em 83%”<sup>408</sup>. O resultado foi um colapso dos grandes portais, o que empurrou os usuários para dois lugares: a TV e os blogs. Só que a TV cumpria um papel de produzir a leitura da imagens ao vivo, enquanto milhares de pessoas procuravam informações sobre familiares e amigos que estavam nos arredores dos atentados.<sup>409</sup>

Sites pequenos e ágeis mantidos por gente comum que se contenta em descrever diariamente suas existências comuns entraram em ação numa verdadeira corrente de informações e, principalmente, numa corrente de solidariedade. Assim como os pequenos cinegrafistas amadores buscavam a força das grandes imagens numa tentativa de explicar o inexplicável com palavras, eram as mensagens dos bloggers que procuravam solucionar problemas práticos e objetivos de quem precisava entender que

<sup>407</sup> <http://www.interactivepublishing.net/september/browse.php?time=2001-09-11-11#>

<sup>408</sup> Pisani, Francis. *A nova onda dos blogs*. Le Monde Diplomatique. Disponível na internet: [http://diplo.uol.com.br/2003-08\\_a720](http://diplo.uol.com.br/2003-08_a720) Página acessada em 20/07/2005

<sup>409</sup> No Brasil, o caos nos portais também foi instaurado. Os portais Globo Online, CNN, Terra e IG demonstraram o baixo investimento para suportar o tráfego e a ansiedade por informação dos leitores. Como bem identificou Raphael Leal, “o iG pagou um mico histórico: decidiu que o dia 11 seria dia das boas notícias, e tiraria da primeira página qualquer menção a más novidades. Teve que abrir mão rapidinho da idéia”. (in Observatório da Imprensa. Disponível na internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter1909200198.htm> Página acessada em 04/04/2006

tudo aquilo não era, pelo menos ainda, necessariamente o começo do terceira guerra mundial ou o começo do fim do mundo.<sup>410</sup>

Era uma pluralidade polissêmica – contidas em textos, imagens, áudio e vídeo. Além das tradicionais opiniões e testemunhos contidas nos diários, os blogues disponibilizam narrativas testemunhais numa edição em estado bruto. A blogosfera entrava na sua fase informativa.<sup>411</sup> Um blog, em especial, se destacou pelo serviço de informação pública que prestou: o *Slashdot*<sup>412</sup>. Ele se transformou no espaço onde diferentes usuários postavam informações que aumentavam o nível de esclarecimento sobre o atentado. Tornou-se uma rede social em tempo real, onde se podia encontrar o telefone para atendimento da família das vítimas, se transcrevia as últimas notícias, debatia-se as razões do atentado, mostrava-se a lista de quem estava nas aeronaves, transcrições de organizações árabes contra o atentado e contra o linchamento midiático contra a sua cultura etc. Foram mais de 50 mil intervenções escritas na forma de fórum de discussão. Foi um verdadeiro espaço público que se constitui sem que todos estivessem presentes simultaneamente.

---

<sup>410</sup> Brasil, Antonio. *Boa e velha TV supera a Internet*. Observatório da Imprensa. Disponível na internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920018.htm> Página acessada em 20/07/2005

<sup>411</sup> Para quem se interessar, há, entre ótimos blogues sobre o 11 de setembro, o NYC Bloggers. Ele reúne uma lista de *posts* e de *blogs* sobre o atentado em Nova York. O material vai desde de fotos dos lugares até análises pormenorizadas sobre o acontecimento.

<sup>412</sup> Trata-se de um blog coletivo, produzido de forma colaborativo. “O princípio-base do Slashdot, por exemplo, é ‘nada de censura’. Todos podem comentar qualquer artigo do modo que quiserem. A Constituição do Slashdot utiliza apenas três mecanismos para gerir a tensão entre liberdade individual de fazer *posts* de material ofensivo ou irrelevante e o desejo coletivo de poder encontrar os comentários interessantes. O primeiro é a moderação, cuja função é estabelecer um *rank* de qualidade para os *posts*. O segundo é uma forma de metamoderação, que controla o trabalho dos moderadores impondo escolhas objetivas. O terceiro, por fim, é o *karma*, ou seja, a reputação dos comentadores. Estes três conceitos políticos, embora, simples, permitem ao Slashdot continuar a prestar um serviço útil” (Granieri, 2006, p.49). A quem interessa, há disponível até hoje o post que desencadeou a solidariedade em tempo real no 11 de setembro: <http://www.interactivepublishing.net/september/detail.php?id=252&singlecall=1>

**Slashdot**  
News for Nerds. Stuff that matters.

**US Attack, More Updates**  
Posted by Hemos on Tuesday September 11, @11:38AM  
from the things-are-gonna-change dept.

The trying to get stuff together, and post an update. The Pentagon, which evidently has collapsed with a chasm 200 - 300 feet across, and fires on six stories, has order the USS JFK and George Washington into NYC. PLEASE GIVE BLOOD IF YOU LIVE IN THE NYC AREA. Over 200 firemen are reported missing, and reports of 50 000 dead in the WTC collapse are being bandied about. Dick Cheney has assumed control of the White House, and is in the situation room there - GWB is not returning to the White House until things have calmed down - and has gone evidently to a Louisiana AFB. The [CDC] in Atlanta has largely evacuated but has activated their intercom unit. American Airlines flight 11, the first to crash into the WTC was going from BOS -> LAX. There are rumours of Akanna's founder being onboard. As into the ground, evidently, by the pilot, rather than fly into a building - but there are also rumours that it was shotdown by a F-16 braver person than I. United Flight 175 also crashed into the WTC, according to Boston.com, and originated from Boston, so the WTC was both Boston flights. A car bomb that was supposed to have gone off in front the State Department has been denied in a statement. Taliban, of Afghanistan, has denied any involvement, and Yassar Arafat has denounced the attack. Remember: No one knows who did this yet, so don't make any assumptions - remember what people first thought about the OKC attack: In other news, the US - Mexico/Canada borders have been sealed, all air traffic has been grounded, nationwide federal buildings are being evacuated, NATO personnel in Brussels have been sent home, Israeli embassies worldwide have been evacuated, all US Disney parks shutdown, major parts of European cities, Britain in particular are being shutdown, stock trading is shutdown. There are 50 flights still in the air, with 2 international flights that have yet to respond. F16s from the US Air Force has been authorized to shoot down flights in a no fly zone over NYC - an AVI of the WTC plane or (improbable) More as we know.

( Read More... | 182 of 282 comments )

**Attacks On US Continued Reports**  
Posted by CmdrTaco on Tuesday September 11, @10:49AM  
from the ongoing-chaos dept.

I'm still having problems getting news from most normal sites, and we are just barely holding up. Both world trade towers have collapsed after hijacked planes crashed into them. New Yorkers are asked to save blood. Pentagon has collapsed.

**Interviews**

- Ask IBM's James Markelung Director
- Ask Analyst Dan Kuznetsov
- Explain the Numbers
- Ask Robert Menkel About Emacs+ssh Development
- Ask Dan Kuznetsov About Linux
- Linux Security
- Ask Chris on Science, Religion, and Politics
- Ask Steve Dan Ravicher on Open Source Legal Issues
- Ask Infrared from AlexChiu
- Ask an Attorney About China
- Source Licensing
- Guido van Rossum Unleashed
- Ask Guido van Rossum

**Slashdot Login**

Nickname: \_\_\_\_\_  
Password: \_\_\_\_\_  
[ Login ]  
[ Create a new account ]

**Older Stuff**  
Monday September 10

- Peter Tattam Of The PatOS Project Talks To OSNews (19)
- DocX: One Last CV?
- Slurping the Web: Haplessly (10)
- Fast Factory Use Of Replicator

Figura 7

Com os portais congestionados, página do blog filtro Slashdot vira abrigo de informações e debates sobre o atentado de 11/09. Fonte: Digital Collection

Num texto memorável<sup>413</sup>, Jon Katz, do *Slashdot*, um mês após a tragédia contra as torres gêmeas, anunciava que o 11 de setembro<sup>414</sup> marcava uma nova era da informação em que a internet ocuparia cada vez mais o centro por onde se produzia as principais informações sobre grandes acontecimentos. Os testemunhos online de sobreviventes e de testemunhas oculares se transformaram em excepcionais arquivos da tragédia global que, em dado momento, destoava das explicações consensuais da grande mídia (como o que denunciou um blogueiro, quando mostrou a farsa das imagens montada pela CNN mostrando os palestinos comemorando o “sucesso do atentado”, quando estavam a festejar um outro acontecimento). Para Katz, o 11 de setembro foi o mesmo que a II Guerra Mundial e o Assassinato de Kennedy tornou, respectivamente, para o rádio e para a televisão: um evento que fundava a hegemonia de um veículo (no caso a internet) sobre os outros.

Mas para além de todas as fobias que o *mainstream* da mídia possui sobre a perigosa e irresponsável internet, a cada semana que passa depois do ataque a internet se transforma em um veículo mais sério, o único que oferece aos consumidores da informação notícias atualizadas e discussões e pontos de vista alternativos. A internet é um meio da expressão pessoal – pessoas enviam email para amigos e parentes para dizer-lhes que estava tudo, para dotá-los de informações relevantes, para doar tempo e dinheiro. E, naturalmente, ao contrário dos meios convencionais, que dão ainda aos

<sup>413</sup> Katz, Jon, online

<sup>414</sup> <http://www.interactivepublishing.net/september/browse.php?time=2001-09-11-11#>

cidadãos ordinários quase nenhuma oportunidade de participar, a rede é arquitetonicamente e visceralmente interativa. O *feedback* e a opinião individual não são [...] um punhado de [...] "nós-queremos-ouvir-de-você" por telefone, mas são uma parte integrante da dispersa informação da internet. São o seu núcleo (*core*).[...] Os ataques ao WTC remetem-nos a uma extraordinária abertura, a uma distribuição aberta da informação e a um sendo de construção de comunidade que estão no coração da promessa do mundo *wired*.<sup>415</sup>

O 11 de setembro provocou que, na Internet, começasse assim um movimento<sup>416</sup> que, mais à frente, é apontado como evento fundador da recessão da mídia<sup>417</sup> e da crise do jornalismo, já que a atenção do usuário - leitor, telespectador ou ouvinte – esteve em boa parte, durante o atentado, fragmentada em veículos que não os somente da corporações midiáticas.<sup>418</sup>

Além dos noticiários produzidos sobre a “tragédia de 11 de setembro”, aqueles de nós ligados à internet viram também uma produção muito diferente. A rede estava lotada de relatos desses mesmos eventos. No entanto, os relatos tinham um sabor muito diferente. Algumas pessoas construíram páginas que agregavam fotos tiradas ao redor do mundo e as apresentavam como slides com texto. Alguns escreveram cartas abertas. Havia gravações. Havia raiva e frustração. Havia tentativa de contextualizar os fatos. Houve, em suma, uma extraordinária onda mundial de mutirões [...] em torno de uma notícia que capturou a atenção do mundo.<sup>419</sup>

---

<sup>415</sup>Katz, op cit, online

<sup>416</sup>A biblioteca do Congresso americano e os acadêmicos do *Archive Online* construíram um inventário dos sites e blogs na internet que narraram o 11 de setembro para disponibilizar um suntuoso arquivo online sobre o atentado. O arquivo contém, além de cerca de 10 mil blogs, o material audiovisual, textual e fotográfico obtidos com os meios de comunicação de massa que narraram os acontecimentos de setembro de 2001. Ver: <http://lcweb2.loc.gov/cocoon/minerva/html/sept11/sept11-about.html>

<sup>417</sup>Como as redes de TV e rádio ficaram horas sem parar no ar e a imprensa destinou quase toda a edição ao evento, estima-se que só no dia do atentado as corporações midiática perderam cerca de 40 milhões de dólares. Anunciantes também deixaram de lançar novos produtos após o atentado, retomando a publicidade meses depois, quando a memória do atentado foi se diluindo.

<sup>418</sup> Weaver, Jane. *A media recession like few other*. Reportagem publicada no site MSNBC. Disponível na internet: <http://www.msnbc.msn.com/id/3073246/> Página acessada em 20/07/2005

<sup>419</sup> Lessig, 2005, p.62

## 2001 a 2004: a guerra agenda a blogosfera

*Quem pode nos dizer que não estamos  
diante de uma guerra infinita?  
(Antonio Negri)*

O rescaldo do 11 de setembro, lembra Blood<sup>420</sup>, foi a demonstração do poder do relato de histórias não mediadas que os sobreviventes partilhavam com as audiências nos seus blogs. “O 11 de setembro também desencadeou uma geração de «blogues de guerra» warblogs, sites de estilo agressivo, principalmente centrados na resposta dos EUA a estes ataques terroristas. Os «blogues de guerra» também trouxeram um contingente de vozes conservadoras e libertárias para o meio de uma comunidade tendencialmente de esquerda”.<sup>421</sup>

Logo após os atentados de 11 de setembro de 2001, o governo norte-americano – com apoio de forças econômicas e políticas supranacionais – declara guerra “a um homem” (Bin Laden). Começava ali uma ofensiva de “luta contra o terrorismo”. O 11 de setembro é a realização de uma nova era de guerra, agora tornada permanente e ubíqua, já que o inimigo possui – com a lógica do homem bomba – essas mesmas características. Era agora um estado de guerra global estabelecido por forças sociais que tão bem Toni Negri e Michael Hardt cunharam de *Império*.<sup>422</sup>

É então nesse contexto que a blogosfera se torna pouco a pouco um espaço dos diários das guerra do Afeganistão (2001) e do Iraque (2003). Os chamados *warblogs* formam um movimento que fratura a “construção da narrativa única” de corporações globais de mídia, como a CNN, famosa pelas manipulações nas imagens da cobertura da Guerra do

---

<sup>420</sup> Blood, 2006, p.170

<sup>421</sup> Blood, 2006, p.170

<sup>422</sup> Para Hardt e Negri (*op cit*, p.33), a guerra se torna cada vez mais uma relação social permanente, pois ela mira não somente nos alvos matemáticas do arsenal bélico do Império, mas na diminuição das liberdades civis e no aumento dos índices de encarceramento. Tudo em nome da manutenção da segurança dos povos. Assim, a guerra é tornada uma guerra justa. “A guerra vai-se transformando no princípio básico de organização da sociedade, reduzindo-se a política apenas a um de seus recursos ou manifestações”.

Golfo. Os *warblogs*<sup>423</sup> se tornam uma das mais populares fontes de informações na internet, principalmente por causa das opiniões sobre o assunto, pelos registros vivos de blogueiros-moradores, de jornalistas (alguns pagos pelos internautas), e de soldados americanos,<sup>424</sup> que direto do *front*, narram as vicissitudes da guerra. Somado a eles, centenas de blogueiros repercutiam o noticiário, elaborando análises favoráveis (pró-Bush) ou contra (anti-Bush) a guerra, por meio de seus próprios diários ou através de blogs filtros.<sup>425</sup>

O crescimento dos *warblog*<sup>426</sup> forçou o Departamento de Defesa dos EUA a monitorar as atividades desses diários, como o *Bagdá em Chamas*<sup>427</sup>, blogue assinado por *Riverbend, a Girl from Iraq*, que é, até hoje, uma das fontes de maior credibilidade sobre a ocupação imperial do Iraque. Nele a blogueira impõe uma narrativa, em forma de crônica, sobre a vida social e política de Bagdá, mesclando assuntos quaisquer da sua vida pessoal.

---

<sup>423</sup> Em seu ótimo artigo *War blogs: os blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online*, Raquel Recuero descreve, detalhadamente experiências de warblogs, a saber:

“Um dos mais famosos warblogs “não-oficiais” é o de um suposto iraquiano residente em Bagdá, que escreve através de um pseudônimo “Salam Pax”, chamado “Where is Raed?”<sup>3</sup>. O weblog, um “diário”, iniciado dezembro de 2002, com o objetivo de mostrar o dia-a-dia do autor em Bagdá, tornou-se um fenômeno após a explosão da guerra. O weblog é constituído de um relato do cotidiano, com passagens como a que se segue:

*“Hoje, no terceiro dia da guerra, nós tivemos um grande número de ataques durante o dia. Alguns sem as sirenes de aviso [de perigo de bombardeio]. Eles provavelmente desistiram de conseguir soar as sirenes a tempo. Na noite passada, depois de ondas atrás de ondas de ataques, eles soavam a sirene de ‘tudo ok’ [sirene que avisa que é possível sair de casa, o bombardeio já passou] apenas para começar outra [de perigo] 30 minutos depois.”<sup>4</sup> Outro weblog que também procura relatar a vida no front é o do jornalista Christopher Albritton, do “Back to Iraq 2.0”<sup>5</sup>. O jornalista lançou o blog com o objetivo de recolher contribuições para conseguir ir para o front e relatar a guerra de um ponto de vista “independente”, uma vez que está indo sem o apoio de nenhum jornal. Do dia 27 de março até 22 de abril, Christopher escreveu um diário de viagem, sobre a sua estadia e avisões que teve do Iraque e dos países vizinhos”. (Disponível na internet: <<http://bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-war-blogs.pdf>> acesso em 01/09/2006)*

<sup>424</sup> Os blogs de soldados (milblogs) são relatos pessoais dos militares que lutam nas guerras. São também veículos que o blogueiro conta para manter a família e os amigos informados sobre sua vida nas zonas de guerra. Tornaram-se também manifestações contrárias àquelas anti-guerra e anti-bush. E por isso são blogs bastante financiados e estimulados pelos republicanos. Até o final de 2006, eles eram 40 mil na rede.

<sup>425</sup> Meta-warblog coletivo de defesa do militarismo, há o Miliblogging (<http://milblogging.com/>) e o meta-warblog coletivo anti-guerra, o The Collective Lounge (<http://thecollectivelounge.blogspot.com/>)

<sup>426</sup> Folha Online. *Internautas usam blogs para relatar guerra do Iraque*. Disponível na internet: <<http://www1.folha.uol.com.br/fofha/reuters/ult112u30079.shtml>> acesso em 16/05/2005

<sup>427</sup> <<http://riverbendblog.blogspot.com/>>



O blogue acabou virando livro, classificado como livro de memórias, e concorreu ao prêmio de melhor livro do ano de 2006 na Inglaterra, além de ter virado peça em 2006.<sup>428</sup>

Todavia, com exceção dos blogs dos civis iraquianos que escrevem “direto de Bagdá”, os demais *warblogs* acabaram evoluindo para diários com opiniões e informações políticas. A popularidade dos *warblogs* caem à medida que o processo de ocupação do Iraque já deixa de ser assunto de “guerra”, para se tornar um caso de gestão policial no território. Isso provoca uma metamorfose no estilo dessas publicações online, que viram blogues políticos. Alguns deles ousam, como o *Back to Irak 2.0*<sup>429</sup>, em que o seu blogueiro, o correspondente internacional Christopher Allbritto, financiado por doações online de seus leitores, finca moradia no Oriente Médio para relatar informações para seus leitores.



#### Ilustração 08

Escrito pelo jornalista Christopher Allbritto, o diário *Back to Iraq* é, desde de a Ocupação americana no Iraque, um dos principais registros sobre os conflitos no Oriente Médio. O repórter foi financiado até 2006 pelos seus leitores, que doam online dinheiro para que ele se mantenha na região.

<sup>428</sup> Observatório da Imprensa. *Blog de iraquiana disputa prêmio literário*. Disponível na internet: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=374AZL008>> acesso em 10/01/2007

<sup>429</sup> <http://www.back-to-iraq.com/>

## Os blogs e o fenômeno Howard Dean

Desse acirramento das discussões na blogosfera sobre a guerra em Bagdá, destacou-se uma rede de ativista que se organizava através da Internet, o *MoveOn.org*,<sup>430</sup> por ter liderado um movimento antiguerra protagonizado por organizações e simpatizantes democratas difusos no território americano que se agregam na internet. Seu papel se estruturava na captação de fundos para realização de campanhas, petições e de mobilização de atores que reforçassem a perspectiva política antiguerra. O modo de mobilização e organização da *MoveOn* - composta por cerca de 3 milhões de associados – serviu de inspiração para os especialistas em comunicação da campanha do pré-candidato a presidência da república *Howard Dean*<sup>431</sup>, então um desconhecido político democrata que se transformou em um “penetra na maratona das primárias” que decidiria o candidato para enfrentar o republicano George Bush. Por meio de links de doação financeiras no site de Dean ([blogforamerica.com](http://blogforamerica.com)), o candidato republicano recolheu, em 2004, US\$ 40 milhões pela internet. Essa soma foi derivada de uma ampla campanha capitaneada pela blogs pró-Dean, que espalharam discursos para angariar contribuições financeiras via internet. Esse voluntarismo dos internautas foi, antes de tudo, uma reação a um jantar beneficente republicano, promovido pelo vice-presidente Dick Cheney, em que cada convidado desembolsaria 2 mil dólares. Os maketeiros de Dean convocam, pela internet, uma campanha que ultrapassaria a arrecadação do jantar pró-Bush:

---

<sup>430</sup> A instituição foi formada a partir da tentativa de destituição de Clinton durante o auge do escândalo envolvendo o presidente e sua estagiária Monica Lewinski. O *Move On* (<http://moveon.org/>) é uma das mais poderosas organizações políticas da Net. Além de organizar campanhas, também arrecada fundos por meio da internet. Uma das mais famosas campanhas foi a *Bush em 30 segundos*, em que convocava os internautas a produzirem filmes de 30 segundos contra a política de guerra do presidente republicano. O resultado foi uma profusão de anúncios, que então demonstrava a força das “tecnologias de baixa resolução” mas de alto impacto na difusão pública de conteúdos sociais e políticos.

<sup>431</sup> “Para a surpresa de partidários e adversários, ele (Howard Dean) foi o candidato que mais arrecadou fundos de campanha no segundo trimestre, superando concorrentes com máquinas eleitorais bem mais azeitadas. A arrancada de Dean é inusitada em meio ao esforço do pelotão de concorrentes favoritos para não hastear com todo o vigor as bandeiras democratas. Dean destoa porque sempre foi contra a guerra no Iraque, defende as tradições liberais do partido e mobiliza os jovens na sua campanha”. Blinder, online

Em julho de 2003, o partido Republicano reuniu 150 empresários para um almoço a US\$ 2.000 por cabeça para ouvir o vice-presidente Dick Cheney e fazer doações em dinheiro para a campanha de reeleição de George W. Bush. Na mesma ocasião, Howard Dean, um obscuro ex-governador do Vermont, pequeno Estado rural da Nova Inglaterra, lançou uma campanha on-line para arrecadar fundos para sua indicação como candidato presidencial do Partido Democrata. No fim das contas, Cheney levantou US\$ 300 mil e Dean, para surpresa geral, recebeu 70% a mais de 9.640 cidadãos em todo o país, que doaram em média US\$ 50 cada um. No espaço de um ano, relata em seu livro o coordenador da campanha, Joe Trippi, Dean passou de meros 432 para 640 mil voluntários.<sup>432</sup>

Mas não a internet foi contaminada pelo efeito Dean. Mais de 55 mil internautas saíam às ruas para distribuir panfletos, bater nas casas dos indecisivos, escrever cartas aos eleitores<sup>433</sup> e convencer os cidadãos (principalmente os mais jovens) a enviar dinheiro pela internet para a campanha.<sup>434</sup> Com isso, a comunicação de Dean inventava aquilo de Dan Gilmore conceituou de a *política de fontes livres*, compreendida como “a participação – na parte financeira mas também nas questões de política e governança – de pessoas afastadas dos centros de decisão”.<sup>435</sup>

Os blogues e as páginas da web tinham outro propósito, este, sim, essencial: obter dinheiro. A campanha de Dean conseguiu juntar milhões através da Net, na sua maioria em donativos de pequeno valor. Numa reação clássica, em resposta a um jantar [...] presidido pelo Vice-presidente Dick Cheney, a campanha de Dean pediu aos apoiantes que respondessem ao festim republicano daquela noite, que valera milhões de dólares, com uma torrente de pequenos

---

<sup>432</sup> Observatório da Imprensa. *Dean levou os blogueiros aos holofotes*. Disponível na internet: < <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=393ASP014> > Acesso em 05/112006

<sup>433</sup> “Me lembro de visitar uma das sedes de campanha de Howard Dean, na Virgínia, em novembro passado. Em uma noite muito fria, 30 pessoas deixaram suas casas para passar a noite juntas em um porão sem janelas. [...] Em uma grande mesa eles escreveram à mão cartas para centenas de partidários democratas a centenas de quilômetros, no Estado de Iowa. Este feito resumiu a estratégia diferente de Dean. Tudo foi orquestrado pela internet. Pela página de Dean, a campanha concentrou-se em centenas de pessoas com a única tarefa de escrever cartas, o que causou um grande efeito. A página de Dean exibia uma espécie de rascunho do tipo de carta que as pessoas deveriam escrever, mas os partidários eram livres para adicionar seus próprios comentários” (Carver, online)

<sup>434</sup> Mendes, online

<sup>435</sup> Gilmore, Dan, *op cit*, 2005, pp 108 -9

donativos. E as pessoas corresponderam, pelo que, para além do dinheiro, Dean beneficiou de uma nova onda de publicidade positiva.<sup>436</sup>

A campanha de Dean<sup>437</sup> é considerado um marco da incorporação da web pelo jogo político da democracia representativa. Para se ter idéia, o âncora dos vídeos das campanhas que circulavam na internet era o blogueiro Jerome Armstrong, do MyDD.com<sup>438</sup> — um dos editores de blogue mais respeitados dos EUA. As agências internacionais de notícias, como a Associated Press, na época, entraram na tendência e lançaram blogs especializado na convenção.

Tal ativismo acabou fazendo com que o Partido Democrata distribuísse, pela primeira vez, 35 credenciais para que *bloggers* pudessem “cobrir” a Convenção que escolheria o nome do Partido para a disputa da Casa Branca em 2004. Houve ainda blogueiros que pularam para as telinhas, como foi o caso de Ana Marie Cox<sup>439</sup> que comentou a convenção para a MTV. Os blogueiros acabaram oferecendo outros ângulos e um outro mercado para notícias e informação fora da convenção.<sup>440</sup>

A derrota<sup>441</sup> de Howard Dean para Jonh Kerry nas prévias frustrou a blogosfera, mas em parte foi causada pela insistência de Dean em apostar todos os seus recursos financeiros na primária de New Hampshire, e por outra parte pelo conservadorismo do próprio partido, que tinha medo do esquerdismo de Dean.<sup>442</sup> Contudo, para Joe Trippi - guru da internet de Dean —, a campanha do pré-candidato foi uma experiência que mostrou uma tendência na formação de opinião pública para os próximos anos. Trippi usou uma das

---

<sup>436</sup> Gilmore, Dan. *Nós, os media*. Lisboa: Editorial Presença, 2005, pp 107

<sup>437</sup> Dean, de obscuro governador de um pequeno estado, tornou-se em 2005 presidente do Partido Democrata.

<sup>438</sup> O blog recebe 116 mil visitas diárias, ver <http://www.mydd.com/>

<sup>439</sup> <http://www.wonkette.com/>, em português *A Futriqueira*

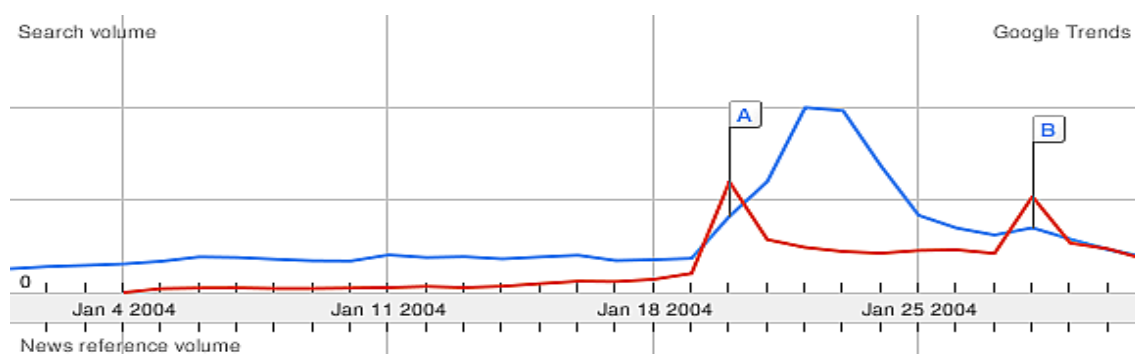
<sup>440</sup> "Nós não estamos sob uma bandeira de 'justos e equilibrados' (slogan da emissora Fox). Nós podemos ser um pouco mais irreverentes, mais críticos, mais analíticos. Essa é a natureza do que somos, e é por isso que as pessoas lêem blogs." — fala do blogueiro Karl-Thomas Musselman, in <http://www.musselmanforamerica.com>

<sup>441</sup> Dean era, para os analistas, a representação fiel da América branca, educada e tolerante, mas com uma fraca base social, formada basicamente por universitários, velhos ativistas do mundo hippie e jovens yuppies.

<sup>442</sup> Folha Online. *Antes favorito, Howard Dean tem agora dificuldade em bancar campanha*. Disponível na internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u68572.shtml> acesso em 30/12/2005

frases que melhor sintetiza o espírito da comunicação após a Internet: “a revolução não será televisionada”.<sup>443</sup>

## Gráfico 2 - Linha de ascensão e declínio da pré-candidatura democrata de Howard Dean



**Fonte:** Google Trends, 2006

*Fenômeno de popularidade no segundo semestre de 2003, principalmente entre o eleitorado mais jovem, o desconhecido democrata Howard Dean – autor de uma campanha política anti-guerra pela internet - vê o seu sonho de ser candidato a presidência acabar a partir dos resultados das primeiras prévias, no final de janeiro, que apontavam o senador de John Kerry como o mais forte opositor a Bush. Mesmo assim, Dean tornar-se-á depois o presidente do Partido Republicano. E a internet, um novo mídia reconhecidamente político.*

## Katrina, 2005: o mundo se informa por blogs

*Foram os blogs que desencadearam a renascença da editoração amadora.*

*Chris Anderson*

“A cidade está sendo evacuada. Eu não conheço ninguém e não tenho carro” - assim começava o post *Katrina*, publicado no diário *Liberal, Libertário, Libertino*<sup>444</sup>, escrito

<sup>443</sup> Trippi é autor de *The Revolution will not be televised*, um livro best-seller em que conta com detalhes essa aventura de Howard Dean.

<sup>444</sup> É considerado uma das melhores publicações sobre o acontecimento em língua portuguesa.

por Alex Castro, brasileiro, morador de Nova Orleans, cidade devastada pelo furacão Katrina. O acontecimento agitou a blogosfera de tal forma que 1 post/minuto era produzido sobre o tema.<sup>445</sup> E acabou sendo um evento que mudou a blogosfera global, ao estimular o nascimento de uma profusão de diários humanitários e informativos.

A história do desastre é conhecida. Na iminência da passagem do furacão Katrina em Nova Orleans, seus moradores são obrigados a iniciar um processo de evacuação da cidade. Isso dificultou o acesso generalizado a imprensa ao local, transformando os blogueiros que lá estavam, com seus *laptop* movidos a redes *wireless*, também em “repórteres” do acontecimento, à medida que vão não somente testemunhar o que verão, mas também narrar o que os outros vivenciarão.

Em língua portuguesa, o blog *Liberal, Libertário, Libertino* se destacou por narrar a epopéia de seu autor, Alex Castro, em seu êxodo da cidade, antes dela ter se transformada em um grande lago pelo furacão. Alex se virava para escrever suas notas, quase sempre em algum um computador portátil conectada a rede via *wireless* (rede sem fio) ou nos pontos de acesso público de acesso a internet. Ainda num tom de escracho, em seu primeiro post sobre o evento, via-se aborrecido por ter que deixar a cidade.

**27 de agosto de 2005**

*Minha casa é muito frágil, realmente não dá pra ficar lá. Tulane vai disponibilizar vários ônibus, que sairão do campus hoje às 5 horas (daqui a 3 horas e meia) para levar os alunos para a University of Mississippi at Jackson, onde o pessoal vai ficar em abrigos improvisados. Eu pretendo estar em um desses ônibus. Acho que vai ser, no mínimo, uma história interessante pra contar, além de um bonding experience. O Oliver, naturalmente, infelizmente, não pode ir. Vou ter que deixá-lo em casa, com muita água e comida, e torcer pelo melhor. [...] Vocês agora me dão licença, vou correr pra casa, arrumar as coisas do Oliver, fazer a mala e tentar estar de volta aqui no campus às 4. Prevejo caos e confusão. Espero ter que usar toda minha brasilidade.*<sup>446</sup>

Depois de sair de casa, Alex foi para um abrigo público, um ginásio da universidade que servia de “ponto de ônibus” para a saída dos universitários da cidade. Lá o blogueiro relatava que a cidade estava se mobilizando na limpeza e conservação das ruas

---

<sup>445</sup> Segundo o Technorati, na época, a blogosfera contava na época com 17 milhões de blog ativos.

<sup>446</sup> Post *Katrina*, in blog *Liberal, Libertário, Libertino*. Disponível na internet: [http://liberallibertario.libertino.blogspot.com/2005\\_08\\_01\\_liberallibertariolibertino\\_archive.html](http://liberallibertario.libertino.blogspot.com/2005_08_01_liberallibertariolibertino_archive.html) acesso em 13/08/2006

para que a consequência maior – o inundamento da cidade – fosse minimizado. Lembrava da dificuldade de usar o telefone celular. Congestionamento. Ao mesmo tempo percebia que estava diante de uma grande história para contar. Alex, que usava o blog para escrever seus textos literários, aproveita a deixa da história e começa a escrever uma “história de não-ficção”.

**27 de agosto de 2005**

*Sao 5 da tarde, estou no centro esportivo de Tulane, em um comp publico sem teclado brasileiro. O centro esportivo eh de onde os onibus da evacuacao vai sair e tb funcionarah como um abrigo de emergencia durante o furacao. Enquanto esperamos os onibus, vimos dezenas de funcionarios entrarem trazendo comida e sacos de areia. Estou tirando fotos, nao sei quando vcs as verao.*

*Todo mundo lembrou de trazer travesseiro e cobertor, menos o idiota aqui. Como bom brasileiro, pensei no meu banho e trouxe toalhas e produtos de higiene, e pensei nas minhas leituras, e trouxe Ulysses. Mas nao lembrei que teria que dormir.  
[...]*

*Estah todo mundo aqui no hall falando no celular. Deve ser pra fora do estado. Não consegui falar com nenhum dos três números de celular locais para os quais liguei. A rede, obvio, estah congestionada. Em Set.11, eu tb tentei ligar pra minhas amigas em NY e soh consegui get through as 4 da tarde.[...] Mas jah q o estupro eh inevitável, o jeito eh pelo menos aproveitar pra observar a natureza humana e caçar boas historias. Meu lema eh o seguinte: o que nao mata, sempre rende boas historias. O que mata, então, rende excelentes historias.<sup>447</sup>*

O blogueiro conseguiu sair do olho do furacão, mas não deixou de registrar o drama humano que presenciara. Numa narrativa paralela, os posts de Castro servem de matéria-prima para a conversação entre seus seus leitores. Outros passam a dele cobrar uma explicação do porquê do blogueiro ter deixado o seu “cão brasileiro”, Oliver, sozinho em casa. A vida pessoal do blogueiro começava a se misturar com o fato histórico e a relação intersubjetiva com seus leitores. A notícia de um brasileiro narrando – de dentro dos fatos – começou a se espalhar pela blogosfera portuguesa.

*Alexandre, tente filmar esse acontecimento. Daria uma boa matéria para o Jornal nacional sem falar no cascalho! Tente filmar os alunos agonizando, chorando etc... Essas coisas que a mídia gosta sabe. E.. boa sorte! Quería estar no seu lugar! Abraços, Derek*

*Oi Alex. Aqui do outro lado do Atlântico, deixe-me dizer: Que puta blog!*

---

<sup>447</sup> Idem, online. Os grifos são nossos.

*Descobri o seu site há uns tempos e depois o seu blog... Sou leitor fiel e quero lhe dar os meus parabéns. Só mesmo uma pessoa que está a empreender uma grande viagem de crescimento pessoal, como você, poderia fazer disto o que você está a fazer. Relatos com tanta vitalidade, realidade... Os meus parabéns. Continue sempre com essa liberdade e crescimento e passe isso para a web. Continue.*

*Espero que o Oliver esteja bem.*

*Saudações <sup>448</sup>*

*pelamorde deus!! Será que não te ocorreu levar o Oliver contigo de avião? Cadê a tua carioquice? E o senso de improvisação? Levava na marra, sem aceitar um "não pode" de ninguém: ou escondido dentro de uma bolsa, ou apelava pro senso humanitário da aeromoça, ou dava uma grana por fora, chorava, aprontava escândalo, ou o que fosse!!! Numa hora dessas as pessoas acabam flexibilizando as regras! Afinal, é um caso de Emergência Total, a cidade será destruída! Mesmo se o Oliver sobreviver, como é que você vai encontrar o pobrezinho depois? Ele tem o teu email na coleira? Pensou nisso? Eu li os reports da CNN e eles prevêm que nada de madeira vai sobrar de pé... então nem que ele se esconda vai garantir sobreviver depois da tormenta. [...] Você tirou o teu da reta, foi pra NY, ótimo, você tá salvo, graças; e ele? Ficou à mercê da tormenta? Da sorte? Ponto contra, Alex. [...] Puta decepção. Que Deus te ajude a dormir depois dessa! Karl*

Depois de abandonar o abrigo, Alex Castro tenta e consegue a sorte no aeroporto de Jackson, mesmo com o furacão bem próximo a esse lugar. Consegue um vôo e chega a Detroit para depois ir a Nova York. Até então não havia publicado totalmente o que tinha visto e fotografado<sup>449</sup>. Quando começou a relatar o que viu, fez o que os jornalistas chama de foto-legenda. Sacou suas fotografias do seu êxodo e escrevia o contexto de cada uma delas: o ginásio-abrigo lotado de gente, a construção de abrigos anti-furacão na cidade, a pulseira de sua identificação como um *evacuee* ou ainda a foto de sua chegada em Nova York.

---

<sup>448</sup> Comentários ao post Katrina in *blog Liberal, Libertário, Libertino*. Disponível na internet: [http://liberallibertario.libertino.blogspot.com/2005\\_08\\_01\\_liberallibertariolibertino\\_archive.html](http://liberallibertario.libertino.blogspot.com/2005_08_01_liberallibertariolibertino_archive.html) acesso em 13/08/2006

<sup>449</sup> Suas fotografias estão hospedados na plataforma colaborativa de fotos Flickr: <http://www.flickr.com/photos/cruzalmeida/sets/783687/>



## Jackson Airport



[Jackson Airport](#)

Tarde de domingo, Agosto 28, k minus 1. Foi nesse dia que descobrimos, pela TV, que as coisas seriam muito piores do que imaginávamos.

Eu estava desesperado pra sair de Jackson, pois o furacão iria passar por lá e meu voo para NY era só na segunda de manhã, quando todos diziam que o aeroporto estaria fechado. Felizmente, consegui um lugar de última hora ainda na tarde de domingo.

Eu não era o único desesperado. O aeroporto estava com gente saindo pelo ladrão, todos os voos estavam lotados, ninguém queria ficar stuck in Jackson, Mississippi.

### **Ilustração 05 – Blogueiro brasileiro narra drama do *Katrina***

*Escrito pelo estudante pós-graduação Alexandre Castro, o blog Liberal, Libertário, Libertino narrou a saída de seu autor, às pressas, da cidade de Nova Orleans, antes que esta tivesse sido devastada. O blog atingiu mais de 1 milhão de visitação. Um único post – o resgate de Oliver – foi visitado por meio milhão de usuários.*

Nesse instante, os usuários começaram a entrar num plano íntimo de relação com o blogueiro a ponto deste começar a recusar determinados comportamentos de seus leitores, afirmando que “tinha o direito de excluir do seu círculo social” quem tinha opiniões “distorcidas” sobre ele.<sup>450</sup> Alex já não se dava conta que havia sido construído uma comunidade de leitores entorno da sua história, reagindo contra o tom novelesco de parte dessa comunidade:

*Porque eu agora não estou conseguindo pensar em nada, mal como, mal durmo, estou totalmente transtornado. Mas assim que essa situação do Oliver se resolver, seja ele voltando pra mim ou sendo encontrado morto, vai ter gente muito surpresa por eu não responder seus emails.*

---

<sup>450</sup> Alguns integrantes da comunidade de leitores haviam insinuado que o blogueiro era gay, que era um sujeito perverso por ter largado um cão em casa etc... Alex então reagiu ao tom melodramático que seus leitores queriam dar a sua história, como se fosse uma grande novela.

O blog virou um *hit* da internet – chegou a alcançar em um só dia quase 1 milhão de usuários – quando o cachorro do blogueiro, que havia deixado em sua casa, conseguiu sobreviver à passagem do furacão. Acompanhado *post a post* pelos seus agora milhares de leitores, a história do cachorro despontava por um melodrama absolutamente atravessado pelo desastre social do Sul norte-americano.

Num ímpeto, o blogueiro escreve um post, em inglês, que narra sua história e pede ajuda aos seus leitores para fazer circular sua mensagem por blogs e pela imprensa. Tudo para salvar o cachorro, já que os diques da cidade se rompiam e a água subia pela cidade. A culpa psicanalítica do blogueiro tornou-se uma paranóia e uma rede de solidariedade ao mesmo tempo.<sup>451</sup> Em pouco tempo, depois de a comunidade blogueira espalhar a história do brasileiro em diversos idiomas, o cachorro foi resgatado. O post, *O Resgate de Oliver*, virou um ícone da expressão da omissão e do desastre social na maior nação do mundo. O post recebeu 500 mil acessos.

*Mobilizei o blog, os leitores do blog mobilizaram seus amigos, foram feitos posts e mais posts e, finalmente, um amigo de um amigo de um amigo, um fotógrafo que foi pra Nova Orleans documentar os efeitos do furacão, conseguiu entrar em minha casa e salvar o Oliver. Ele tinha ficado preso lá dentro por nove dias, depois de enfrentar o pior furacão da história dos Estados Unidos - e ainda estava todo energético e ativo quando eles chegaram.*<sup>452</sup>

Paralelamente um outro blog, em português, o *Biscoito Fino e a Massa*, se destacava no meio da diversidade de diários. Seu autor, Idelber Avelar - professor de espanhol e português da Universidade de Tulane, em Nova Orleans – mostrava o saldo<sup>453</sup> da passagem do furacão, bem como abria-se aos usuários brasileiros de Nova Orleans que enviasse recado para o blog para dizer onde e como estavam. Esse tipo de postura blogueira também esteve presente na blogosfera americana, recheada de diários online que

---

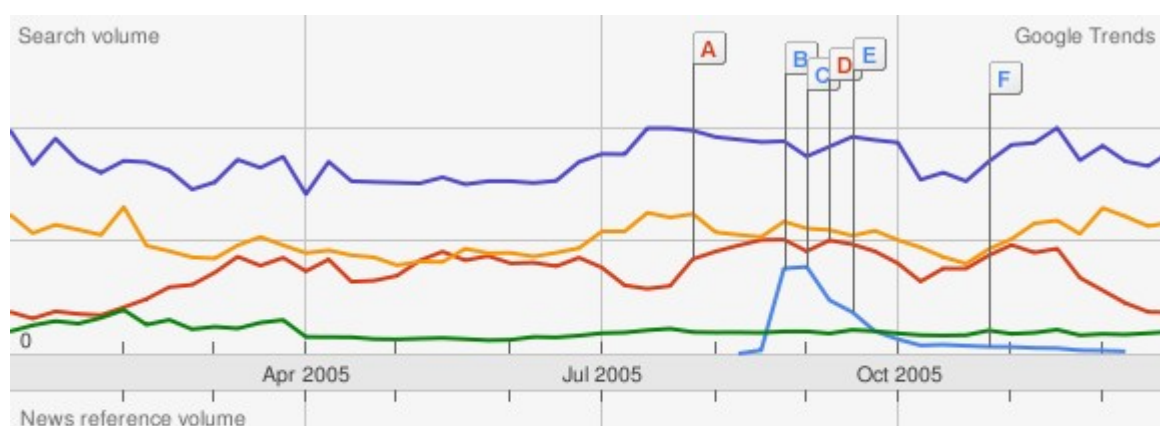
<sup>451</sup> Alguns leitores, num misto de subversão e perversão, diziam que o cachorro tinha morrido.

<sup>452</sup> Idem, online

<sup>453</sup> “Não só a downtown turística, como a uptown (ainda ao longo do rio, mais ao oeste) como a região próxima ao lago, se encontram neste momento submersas, com inúmeros mortos (gente que ficou presa nos seus sótãos ou telhados e morreu afogada) e ainda gente pedindo socorro. Os relatos são de que os barcos de resgate passam "ignorando os mortos", tal é o número de pessoas ainda pedindo socorro. Aproximadamente 37.000 pessoas estão em abrigos ( Avelar, Idelber. New Orleans submersa, 31/08/2005. Disponível na internet: <<http://www.idelberavelar.com/archives/2005/08/>> acesso 30/11/2006 )

indicavam a sobrevivência a necessidade de ajuda das pessoas de Nova Orleans.<sup>454</sup> Havia ainda aqueles avisos pedindo informações sobre amigos e familiares.<sup>455</sup> Na blogosfera brasileira, foram redigidos mais de 1800 posts<sup>456</sup> sobre o furacão. E cada um deles com algumas dezenas de comentários.

.katrina .guerra .blog .globo.com .jornal



**Gráfico 03 - Volume, no Brasil, de busca no Google da palavra Katrina comparada as palavras War, Blog, Newspaper e CNN (2005)**

Nos três últimos dias de agosto, a palavra Katrina, no Brasil, tem um "surto de busca". Nas relações entre mídias, os jornais online tem elevada busca, quase o dobro em relação aos blogs, que juntos tem mais páginas buscadas via Google do que o maior portal brasileiro, o Globo.com (em parte porque os usuários já tem memorizado o endereço do portal). **Fonte:** Google Trends (<http://www.google.com/trends>)

No ano seguinte, a Biblioteca do Congresso dos EUA catalogou 1700 diários pessoas como sendo documentos históricos sobre o acontecimento em Nova Orleans<sup>457</sup>.

<sup>454</sup> O governo norte-americano só começou o resgate das vítimas cinco dias após o desastre, o que ocasionou forte crítica a Bush, já que muitos (cerca de 10 mil) morreram de fome, frio ou sede, por conta da demora da ação governamental. Por conta disso, a existência de redes sem fio, combinado com a facilidade de se criar blogs ou participar deles, ajudou aqueles que viam vizinhos em situação de risco a escrever em seus blogs ou no e outros apoio para que o resgate logo chegasse.

<sup>455</sup> Sites de busca, como <http://www.findkatrina.com> ou <http://www.katrina.com>, foram criados para que usuários digitasse avisos de procura por familiares e amigos.

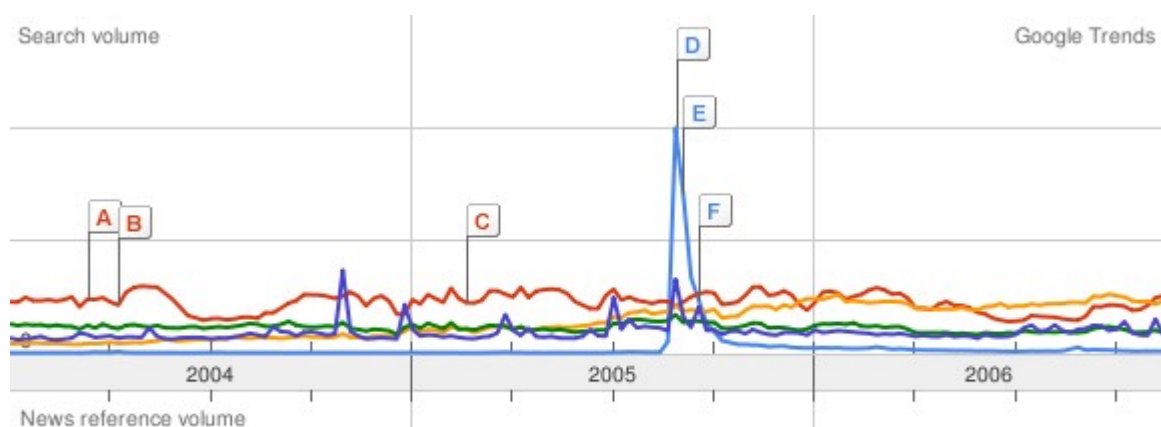
<sup>456</sup> Para efeito de pesquisa, ver todos os 1800 post no Technoratti: <http://www.technorati.com/search/furac%C3%A3o+katrina>

<sup>457</sup> Sobre esse catálogo de blogs, o usuário pode acessá-lo em: <http://websearch.archive.org/katrina/list.html>

Eles eram documentos de diferentes tipos, mas de forte predomínio de informações sobre vítimas e testemunhos da experiência de ficar ou sair da cidade.

Depois da tragédia, transformaram-se em blogs políticos com forte crítica ao descaso do governo Bush com a cidade, então com predominância de população negra e pobre (38 dos 47 distritos pobres foram eliminados pela força do Katrina). Os blogs denunciavam então a demorada política de resgate das vítimas e de reconstrução da cidade pela administração Bush. O presidente americano então é duramente criticado também pela imprensa. A opinião conduz uma derrota a Bush, que reforça sua política de recuperação da cidade.

.katrina .war .blog .newspaper .cnn



**Gráfico 04**

**Volume de busca no Google da palavra Katrina comparada as palavras War, Blog, Newspaper e CNN.**

**Fonte:** Google Trends (<http://www.google.com/trends>)

*Nos três últimos dias de agosto, a palavra Katrina gera quase 2,5 vezes mais procura do que a palavra war. No período, no que tange a competição entre veículos, a rede CNN tem um boom de busca. Blogs são mais buscados que os jornais online, algo inédito.*

O acontecimento-Katrina batizou<sup>458</sup> o começo da blogosfera (inclusive, a brasileira) como um espaço de publicação de micro-histórias particulares que compõe um grande acontecimento histórico. A internet – por meio dos blogs - se tornou, nesse caso, o melhor veículo para se obter a informação em primeira mão.<sup>459</sup> A internet furou a grande mídia ou pelos menos se apresentou como uma “esfera paralela” de opinião e relatos. E os blogs se legitimaram como a nova comunidade informativa. Nos EUA foram mais de 600 mil *post* sobre o Katrina. Quase 300 blogs nasceram em torno da cidade de Nova Orleans pós-Katrina. Um deles, o *Sobreviventes do Furacão Katrina*<sup>460</sup>, continha relatos pormenorizados dos sobreviventes.<sup>461</sup>

No mesmo período, o principal jornal da cidade, *The Times Picayune*<sup>462</sup>, impedido da versão impressa de rodar, mudou de formato e se transformou em blog, atestando ainda mais a nova linguagem como novo gênero literário. A mutação foi justificada para dar mais agilidade a cobertura jornalística. O jornal se transformou em tribuna para que os leitores comunicassem onde estavam e com quem estavam.

---

<sup>458</sup> Além da atuação da blogosfera, a própria internet se transformou em principal meio em que as vítimas do furacão pediam socorro. Cerca de 45% dos socorros foram solicitados pela rede. (Hermida, Alfred. *45% das vítimas dos furacões nos EUA pediram ajuda pela net*. BBC Brasil.com. Disponível na internet: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/01/060105\\_katrinassocorroonlinekatrinaebc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/01/060105_katrinassocorroonlinekatrinaebc.shtml)

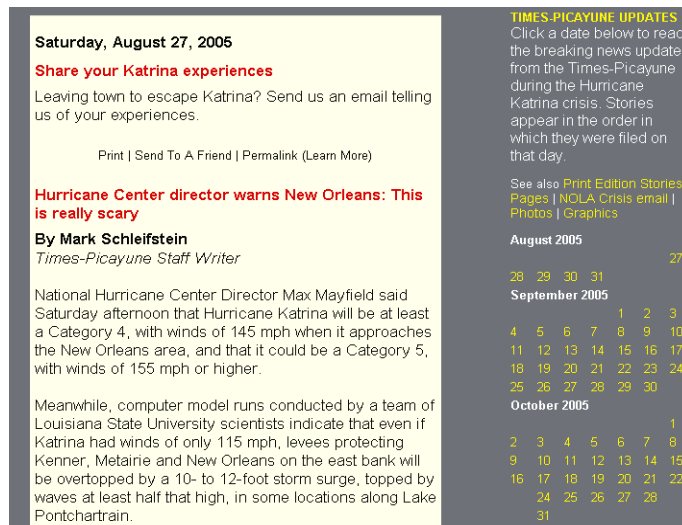
<sup>459</sup> Clarin. *Pedidos de auxilio y rescate colman Internet*. Disponível na internet: <http://www.clarin.com/diario/2005/09/01/um/m-1044638.htm>

<sup>460</sup> <http://www.hurricanekatrinasurvivors.com/>

<sup>461</sup> “Um grupo de 'bloggers' oferece atualizações sobre a situação sobre as cidades vizinhas de Nova Orlean em Metroblogging. E não faltam sites, como *deadlykatrina.com* ou *StormDigest.com*, que compilam dezenas de notícias e informação úteis sobre o ocorrido, publicadas em jornais ou na televisão. Um dos sites mais lidos estes dias é o de Kaye Trammel, uma professora de Louisiana State University que começou a utilizar seu blog para tranquilizar seus familiares e que rapidamente se converteu em um dos sites de onde acudir em busca de conselhos e observações pessoais. Grandes meios como as cadeias de televisão CNN e MSNBC ou o jornal USA Today também lançaram seu blog onde os enviados especiais contam o que não podem incluir em suas retransmissões televisivas”. Clarin. *Pedidos de auxilio y rescate colman Internet*. Disponível na internet: <http://www.clarin.com/diario/2005/09/01/um/m-1044638.htm>

<sup>462</sup> O jornal acabou obtendo, em 2005, o principal prêmio literário dos EUA, o Prêmio Pulitzer.

**Figura 9 – Jornal vira blog em Nova Orleans**



*Com a passagem do furacão Katrina, principal jornal de Nova Orleans, The Times Picayune, vira blogue, ganhando mais agilidade e promovendo a interação com os seus leitores, que acabaram co-produzindo o próprio veículo, através de pedidos de socorro e registro de informações úteis sobre os destinos humanos da cidade sulina norte-americana.*

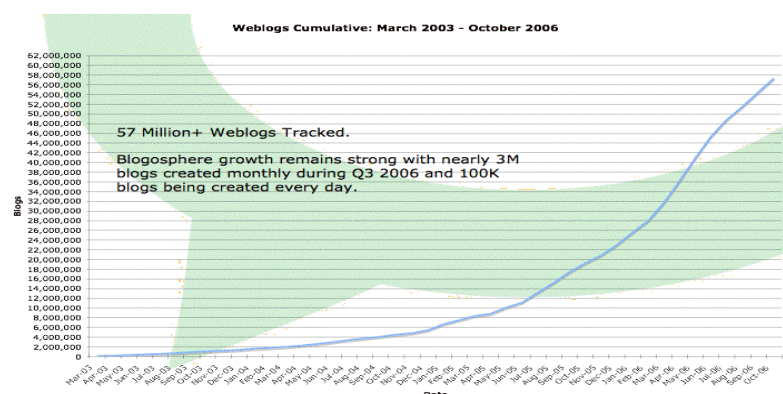
## Onde estamos hoje

Até outubro de 2006, segundo a mensuração realizada pelo Technorati,<sup>463</sup> os blogs mantinham uma elevada taxa de crescimento, tendo sido publicados 1,3 milhões de posts por trimestre e criados 3 milhões de blogs por mês, isto é, 100 mil por dia. Contudo, destes 4% são *splogs*<sup>464</sup> — blogs criados para comunicar na blogosfera mensagens

<sup>463</sup> A cada trimestre, David Sifry é o responsável pela publicação do estado geral da blogosfera, a partir dos dados do Technorati. Até a redação dessa tese, a última medida foi realizada em outubro de 2006. Ver: Sifry, David. *State of the Blogosphere, October, 2006*. Blog Sifry's Alerts. Disponível na internet: <http://www.sifry.com/alerts/> Acesso em 15/12/2006.

<sup>464</sup> Os splogs “são blogs os quais o autor usa-os somente para promover websites afiliados. O propósito é aumentar o PageRank dos sites afiliados, conseguir impressões de anúncios com as visitas, e/ou usar o blog como um link para conseguir novos sites indexados. Spam blogs são um tipo de scraper sites onde o conteúdo oferecido não faz nenhum sentido ou o texto é roubado de outros. Estes blogs contém uma quantidade inusitada de links para sites associados ao criador do splog, os quais são geralmente desrespeitáveis ou então sites sem uso algum”. Wikipedia apud Santos, Hilderley. *Socorro!Plagiaram meu blog*. Blog Pimenta com Dendê. Disponível na internet: <http://www.pimentacomdende.com/2006/11/16/socorro-plagiaram-o-meu-blog/> Acesso em 30/01/2006. O autor em seguida complementa: “os Sploggers são a pedra no sapato de qualquer blogueiro disposto a tornar-se problogger. Varrem seus feeds em busca de conteúdo, e o copiam descaradamente, atraindo visitas e cliques para os próprios. São, geralmente, automatizados via um bot, que varre o conteúdo do

indesejadas na seção de comentários dos blogs ou para gerar tráfego de audiência para si através do plágio de conteúdo alheio<sup>465</sup>. Cerca de 5,8% dos posts (os 1,3 milhões) são gerados por *splogs*. Ao “roubar” os conteúdos, os *splogs* atraem para si, através de sistemas como o Google, visitas que deveriam ir para o site original.<sup>466</sup> Ao total o sistema Technorati contabilizou a existência de 57 milhões de blogs em outubro de 2006, cerca de 2% são publicados em língua portuguesa. Desses 57 milhões, somente cerca de 55% destes estão ativos, o que significa que eles estão sendo atualizados ao menos uma vez nos últimos três meses. A estimativa do estudo é de que a blogosfera duplica de tamanho a cada 230 dias. Comparando a lista dos veículos de comunicação mais acessados no mundo, três blogs já entram na lista. Um deles, o *Engadget*<sup>467</sup>, tem mais acesso do que publicações centenárias como o Times inglês, a agência Reuters, a Revista Time e a Fox News. Se comparado os 100 sites mais visitados no mundo, o número de blogs na lista sobe para 12.



**Gráfico 5 – Estado Geral da Blogosfera (2006)**

Segundo o Technorati, até outubro de 2006, são registrados 57 milhões de blogs no ciberespaço.

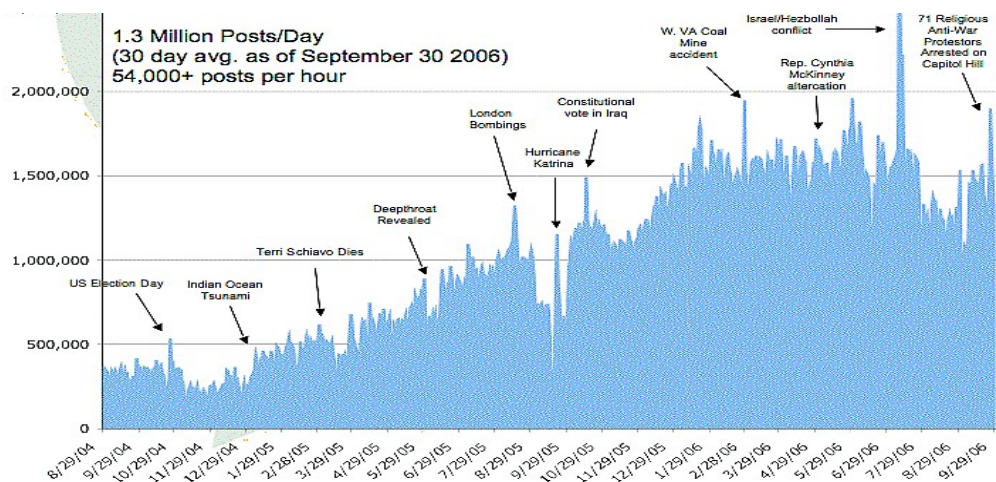
seu site, criando uma cópia do mesmo nos seus fake-blogs”.

<sup>465</sup> A presença de *splogs* faz, muitas vezes, que o blogueiro desabilite a seção de comentários de seu blog.

<sup>466</sup> No Brasil, o ato de roubar post alheio é chamado de *kibado*, em referência ao site Kibe Loco, famoso por disseminar notícias e piadas de outros mas reivindicando autoria própria.

<sup>467</sup> O Engadget é um blog que divulga notícias sobre o mercado de alta tecnologia. Disponível na internet: <http://www.engadget.com/>

A blogosfera reverbera mais intensamente os acontecimentos globais do que os locais. Ainda segundo os estudos do Technorati, entre agosto de 2004 a outubro de 2006, as datas em que há um número elevado de posts coincidem exatamente com acontecimentos que tiveram, na época, um impacto global, como as eleições nos EUA (2004), os ataques a bomba na Inglaterra e o furacão Katrina (ambos em 2005), e o conflito entre Israel e o Hezbollah no sul do Líbano e os protestos anti-guerra (ambos em 2006).<sup>468</sup>



**Gráfico 6 – Quantidade de Post por dia**

*Temas globais mobilizam a produção blogueira. Reparem que os temas de maior interesse são os que mais reforçam os conflitos entre Império e Resistência no interior da globalização..*

## Blog, que mídia é essa?

*Se um blog mente repetidamente para você, você irá, em algum momento, parar de ouvi-lo  
(Joe Trippi)*

Do ponto de vista teórico, os blogues reconvertem o sentido de produção e recepção, à medida que curto-circuitam ambos. A produção de mensagens (*posts*) é

<sup>468</sup> Experiências como o ótimo blog Global Voice (<http://www.globalvoicesonline.org/>) reúnem posts sobre os principais acontecimentos globais sob a perspectiva de milhares de blogueiros que se põe a reproduzir seus comentários e publicações sobre as mais distintas regiões do globo.



baseada numa constante conversação entre eles, em um consumo recíproco de idéias e informações, algo que funda a criação de um novo espaço de comunicação: o espaço das conexões (dos links, das remissões, das citações, dos comentários etc). No entanto, os blogs também são um “espaço protegido”, pois resguarda a figura do autor como sujeito de uma produção singular de opinião. Resguarda o direito a voz própria sem intermediários.

Essa mistura entre o comunal e o singular demarca, por princípio, uma diferença substantativa com o esquema clássico emissor-receptor. Na comunicação de massa, a propriedade dos *meios de difusão da informação* da empresa midiática opõe necessariamente os dois sujeitos comunicacionais - emissor-receptor -, mesmo que a relação entre eles mantenha-se caracterizada como ato constante de negociação de sentido. No caso dos blogues, ao contrário, o acesso livre aos meios de produção de comunicação faz com que o sentido seja construído pela comunidade de usuários. Essa inversão produz um efeito de multiplicação de mídias (tornadas micro) e das audiências (tornadas nano). Somadas, as audiências de milhões de blogues acabam por ser maior que muitos veículos da “grande mídia”<sup>469</sup>.

A audiência total dos blogues, contudo, em vez de massa, só pode ser expressa como multiplicidade de singularidades, por ser constituída por sujeitos individuais — conectados e entrelaçados por diferentes blogues e que exprimem um rol de necessidades e interesses. Os blogues só conseguem formar opinião de forma coletiva. Um blogueiro não consegue formar opinião pública, só a blogosfera. Confunde-se muitas vezes a atuação de um colunista (advindo da imprensa), que tem um “blog de portal”, como sendo um blogueiro, o que é uma meia-verdade. Os blogues são produtos do movimento de anônimos que buscam dizer o que bem entendem, como analisou Blood.<sup>470</sup>

... esquecem-se de que estes colunistas conquistaram a sua influência sob os auspícios de um meio de comunicação tradicional. Nesse mundo, a influência, ou a oportunidade de a conquistar, é concedida pelos superiores. Os grandes

---

<sup>469</sup> Anderson, Chris. *A cauda longa*. Rio de Janeiro: Campus, 2006

<sup>470</sup> Blood, 2006, p.171

meios de comunicação contratam, apresentam e promovem escritores, retirando vantagens de marcas comerciais bem implantadas e de redes de distribuição para angariar público-leitores, tal pode testemunhar o seu talento, mas é a exibição de uma celebridade, não é o poder de um novo formato. [...] Muitos bloguistas-colunistas não entendem uma outra questão dos weblogue: sugerem ligações apenas para os artigos com os quais concordam e, muitas vezes, recusam incluir ligações a artigos e discursos que reprovam. Podemos usar os weblogues para promover pontos de vistas singulares, com toda a certeza, mas o método do weblogue exige ligação para material referido que se encontre online – e assegura-nos um nível de fundamentação que não encontramos nos *media* tradicionais.<sup>471</sup>

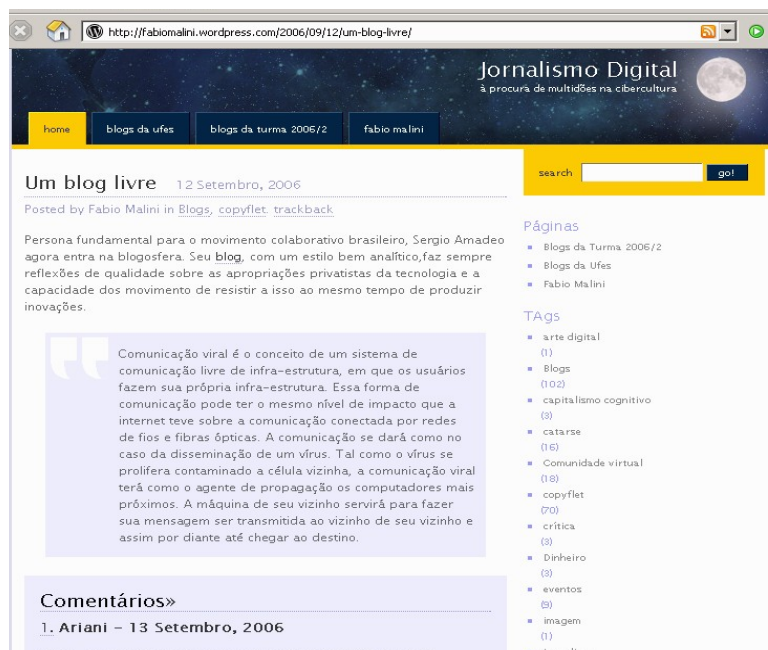
A defesa de Blood se sustenta na idéia de que os blogues nasceram da Internet e não da comunicação de massa. Nesse sentido permitem múltiplas visitas e leituras, publicação ininterrupta (em vez de periódica), conectividade hipertextual (um bom blogue aquele que encaminha o visitante para um outro de qualidade) e memória ilimitada, entre outras características da internet. Assim, em linhas gerais, podemos definir o blogue como um ambiente pessoal cujo autor, o blogueiro, controla as interações que lá ocorrem. É um “espaço protegido”, como analisa Adolfo Estalella.<sup>472</sup> Todavia, embora protegido, o blog é público, isto é, pode ser acessado por qualquer usuário da internet. Além disso, seu conteúdo – chamado de post, entradas, anotações ou apontamento – se caracterizam por textos, hipertextos (textos que contém links) e hipermídias (imagem, áudio e audiovisual).

Qualquer postagem em um blog é dado automaticamente um endereço permanente (*permalink*), o que facilita que um leitor interessado no link possa ir direto a fonte, sem recorrer a mecanismos de busca.

---

<sup>471</sup> Blood, 2006, p.172

<sup>472</sup> Jornalista e blogueiro (<http://www.estalella.es>) em La construcción de la blogosfera: yo soy mí blog (y sus conexiones). In: *La blogosfera hispana: pioneros de la cultura digital*. Espanha: Omán Impresores, 2006



**Figura 10 - Link permanente do post “Um blog livre”, in Jornalismo Digital.**

No alto, *permalink* do post Um blog livre, ou seja, sua página própria (<http://fabiomalini.wordpress.com/2006/09/12/um-blog-livre/>).

O *permalink* dá acesso a entrada e seu título, data, hora, tags – *permalinks* organizados por tema. Na figura o post está “tagueado” como *copyleft* e *blogs*. Disponibiliza também o *trackback* - função que indica ao blogueiro os *permalinks* de conteúdos derivados dessa entrada.

Os primeiros blogs, feito à base de HTML, tornavam as páginas estáticas, concentrando todas as publicações em um único endereço. Assim, blogueiros que tinham uma alta produção de entradas quase sempre reclamava que seus leitores enfrentavam dificuldade de encontrar posts antigos, bem como tinha dificuldade em produzir ligações para determinados conteúdos de blogs, já que teriam a mesma dificuldade de encontrar os conteúdos. Com a invenção tecnológica do *permalink*, os *posts* ganham autonomia entre si, já que cada um deles terá uma página (URL) própria. “A presença dessas hiperligações são consideradas a característica chave, pois que resulta fundamental para a existência da conversação, elemento básico na dinâmica da blogosfera”.<sup>473</sup>

<sup>473</sup>Fumero, Antonio. *Un tutorial sobre blogs. El abece del universo blog*. Revista Telos. Disponível na internet: <http://www.campusred.net/telos/articulocuaderno.asp?idarticulo=1&rev=65>

Há diferentes formas de classificação da blogodiversidade. Fumero (online), por exemplo, utiliza três critérios para catalogar o universo dos blogs. O primeiro é de ordem social. Nesse sentido os blogs poderiam ser explicados pela sua natureza motivacional, proposital, autoral e aplicada. Quando é do primeiro tipo é porque existem por conta de uma motivação pessoal, institucional ou profissional. O blog pessoal exprime visões do cotidiano do autor, histórias e experiências, pontos de vistas e confissões. Muitas vezes esse tipo de blogue funciona como “cartão de visita”<sup>474</sup> para que o seu autor possa ser conhecido com mais detalhes pelos usuários. Os blogs institucionais, também chamados de corporativos, visam vender produtos, criar relações com clientes e fornecedores, divulgar a marca e a imagem. Podem também ter o propósito de, no seu ambiente interno, realizar gestão de conhecimento, colaboração e trabalho em equipe e promover a cultura corporativa. Por fim, os blogs profissionais é um híbridos dos dois primeiros, pois é a expressão pessoal e o conhecimento sobre determinado assunto detido pelo seu autor são transformados em “negócio em si mesmo”.

Quando de natureza proposital, os blogs podem ser *horizontais*, ao ter como propósito de abranger temas gerais; ou *verticais*, ao abordar assuntos específicos. Os diários pessoais e opinativos estariam assim no primeiro grupo; enquanto os blogs de tecnologia (como *Slashdot*), de cultura (como Digestivo Cultural), de venda (como o Blog da Camiseteria.com), estaria na segunda categoria.

Os blogs de natureza autoral podem ser coletivos ou individuais. Quando coletivo, pode ser organizado por um grupo de pessoas ou podem ser um meta-blog (ou blog filtro) por reunir . O meta blog reúne links de posts publicados em outros blogs. Cabe os usuários do meta-blog atribuir um número de ponto para cada link. Quanto maior é a pontuação, maior é a sua relevância e também mais no topo da página ele fica. Os meta-blogs se constituem assim em verdadeiras comunidades de notícias.

---

<sup>474</sup>Seixas, Fabio. Seu blog é um cartão de visitas ou um empreendimento? (Ou "Você anunciaria seu blog?"). Disponível na internet: [http://blog.fabioseixas.com.br/archives/2007/01/seu\\_blog\\_e\\_um\\_cartao\\_de\\_visitas\\_ou\\_um\\_empreendimento\\_ou\\_voce\\_anunciaria\\_seu\\_blog.html](http://blog.fabioseixas.com.br/archives/2007/01/seu_blog_e_um_cartao_de_visitas_ou_um_empreendimento_ou_voce_anunciaria_seu_blog.html) Acesso em 20/01/2006

**Figura 11 - Metablog Rec6 é a primeira experiência de sistema de relevância da blogosfera do Brasil**

*Em 2006, Blogosfera brasileira entra na fase do meta-blog, potencializando a visibilidade da produção “noticiosa” dos blogs. O modo de uso do metablog Rec6 é absolutamente simples: blogueiros inserem os links de posts que consideram importantes. Em seguida, usuários atribuem pontos a esses conteúdos. Quanto maior é o número de pontos - combinado a maior atualidade - mais rápido o link do post chega ao topo da homepage, entrando no rol dos mais populares. Ambientes como o Rec6 acabam por possibilitar que usuários criem um sistema de relevância de conteúdos sobre determinados - no caso do Rec6, economia e negócios, tecnologia e gestão e Recursos Humanos – bem como faz aumentar o fluxo de audiência na própria blogosfera*

Por último, os blogs podem ser classificados pela sua natureza aplicativa. Isso diz respeito ao âmbito da publicação. Os blogs podem ser qualificados como jornalísticos, educativos, tecnológicos, culturais, políticos, corporativos e pessoais. Ou seja, essa taxonomia – em grandes esferas da vida - espelha a própria capilaridade que os blogs obtêm no seio social.

Um segundo critério de ordenação dos blogs é a sua *estrutura hipertextual e conversacional*. Ao analisar a estrutura hipertextual dos blogs, Fumero<sup>475</sup> os classifica em *intrablogs*, *extrablogs* e *isoblog*. O primeiro se distingue pela prevalência de auto-referência,

<sup>475</sup> Fumero, online

ou seja, os links para o próprio blog. Essa estratégia é, muitas vezes, realizada<sup>476</sup> para proporcionar ao site um aumento de tráfego, na forma de páginas visitadas (*page views*). Quando se predomina a presença de links externos - referências a entradas de outros blogs - o diário é considerado um *extrablog*. Quando o blog é desse tipo, é porque, em geral, seu autor se põe numa relação de comunicação baseada na conversação, bem como demonstra ainda que as idéias estão concatenadas a outras que circulam na blogosfera. Contudo, se houve um equilíbrio entre links externos e interno, o blogue é julgado como um *isoblog*. Os editores adeptos a uma estrutura desse tipo inserem no interior do conteúdo da sua postagem os links externos e no rodapé os links internos relacionados com o post.

Uma terceira taxonomia dos blog está associada com a sua ordem informacional. Além de ser predominantemente textual, outros tipos de blogues surgiram por conta da crescente realidade multimídia. Assim, para Fumero<sup>477</sup>, os blogues são desmembrados em fotologs, audioblogs, videolog e moblogs.

Os fotolog são blogues de conteúdo fotográfico. Os *post* é uma imagem conjugada com comentários que seguem logo abaixo da fotografia. Em geral, as fotos servem como “ponta pé inicial” para uma conversa ao mesmo tempo. Sua característica principal é a atualização contínua de imagem, que expressa sentidos múltiplos, de experiências vivenciadas a imagens individuais, de registro de um lugar ao registro de algum acontecimento. Os fotologs são um subproduto da popularização das câmeras digitais, que fizeram dos fotologs o “álbum de fotografia” dos novos tempos.

O audioblog trata-se de blogue com conteúdos de áudio, seja música ou alguma locução vocal “disponível aos internautas para descarga em um dispositivo reprodutor ou para sua reprodução direta via web (*streaming*)”.<sup>478</sup> O termo audioblog é pouco difundido, sendo mais conhecido como *podcasting*. O sufixo *casting* tem haver com a forma da distribuição desses áudios, acessados e “baixados” (downloading) na internet através das

---

<sup>476</sup> Os jornais online que mais abusam dessa estratégia para angariar audiência e assim cobrar mais por publicidade inserida em seus sites.

<sup>477</sup> Gumeró, op cit, online

<sup>478</sup> Fumero, op cit, online.

redes de trocas de arquivo *peer-to-peer* (*Emule, Kazaa etc*) ou publicados na forma de *permalink* ou disponibilizados para download nos próprios blogs. Já o prefixo *pod* se relaciona ao uso do Ipod, da Apple, equipamento móvel que permite o armazenamento (em grandes quantidades) e a execução de arquivos de áudio. *Podcasting* seria a possibilidade, em um equipamento pessoal e móvel, armazenar e executar esses arquivos de áudio que circulam pela internet. Contudo, o termo acabou virando sinônimo de blog de áudio.

Os videologs são blogs em que se predominam conteúdos audiovisuais. A maior parte dos videologs dependem da existência de sites que alojam filmes e possibilitam que os vídeos sejam exibidos diretamente no blog sem a necessidade de se fazer downloading do arquivo, através de um procedimento chamado de *etiquetagem* — um processo através do qual o blogueiro publica, em vez de texto, o endereço da página onde o vídeo está hospedado (por ex., <http://www.youtube.com/watch?v=IBMIB6Anq8E>). Em seguida, automaticamente aparece o primeiro *frame* do vídeo, quem contém em seu meio o ícone universal de *play*, para que o usuário possa assistir o vídeo ali mesmo no seu blog predileto. A etiquetagem acabou possibilitando que o blogueiro armazenasse os vídeos nas suas próprias publicações. O mesmo processo de etiquetagem pode ser feito para publicar outros conteúdos áudio, slides, fotos etc. Por conta disso a tendência dos diários é se tornarem blogs multimídias, já que atualmente textos, vídeos, áudios, fotos, slides etc, podem estar presentes num mesmo post publicado.

Os moblogs são publicações editadas e atualizadas diretamente dos telefones móveis (*mobiles*, em inglês) ou de algum PDA (*palmtop*). Esses aparelhos tornaram-se, nos últimos anos, dispositivos que carregam funções multimídias, permitindo aos usuários fotografar, filmar, gravar voz, exibir filmes e músicas, navegar pela internet, enfim, toda uma gama de operações que potencializam a existência de uma inteligência coletiva. A vantagem do moblogs é que seu autor não tem “fica livre para realizar publicações a qualquer hora e lugar”<sup>479</sup>, pois não tem necessidade de ter qualquer ponto fixo de acesso a internet.

---

<sup>479</sup>Wikipedia. *Verbete Moblog*. Disponível na internet: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Moblog> acesso e 21/01/2006

## Os múltiplos sentidos de blogar

Um das questões mais colocadas pelos blogueiros para si e para sua comunidade de leitores é o *por que blogar*.<sup>480</sup> Em geral, esse questionamento surge, na forma de post, logo após o blogueiro dominar as principais ferramentas de produção de um diário virtual e ter construído um audiência cativa. E tem haver principalmente com a construção da própria identidade do *ser blogueiro*.

Ao iniciar a atividade de administração de um blog, qualquer autor percebe que a manipulação de sistemas de publicação, a leitura e a existência de outros blogues, a hiperligação que realiza, o blogroll que organiza, são procedimentos que distinguem o blogueiro de outros tipos de sujeitos que realizam trabalho informacional, como o jornalista, o comentarista, etc. Assim, a indagação do “por que blogar” faz sentido porque é um desejo de compreender a natureza desse ofício. Para Juan Freire,<sup>481</sup> o *ser blogueiro* é a demonstração da cultura hacker que demarca a própria internet, porque os blogues “rompem o código fechado do elitismo, dos fundamentalismos de todo tipo. Inaugura a conversação e a transversalidade intelectual”.<sup>482</sup>

*Ser blogueiro significa estar em listas (e receber centenas de e-mails), não viver sem feeds, buscar notícias, querer leitores. [...] Ter um blog é admirar outras pessoas, querer melhorar - e, por favor, ganhar um dinheirinho com tudo isso. É criar pontes invisíveis e muito concretas, chamadas links. Tentar ajudar o leitor a navegar com os tags (ou marcadores). É saber uma língua esquisita, fazer links, querer mais, muito mais. Um blog é como um vírus de gripe que a gente não cura. Construir estas páginas, dia após dia, é questão de vida. Cara, blogar é muito mais que construir um diário!*<sup>483</sup>

---

<sup>480</sup> Ou entradas similares como “por que eu blog”, “Tantas razões para blogar”, “Tantas dicas para produzir um blog” etc

<sup>481</sup> Freire, Juan. Declaración de independencia de la blogosfera: por los ciudadanos hackers. Blog do Juan Freire. Disponível na internet: [http://nomada.blogs.com/jfreire/2006/08/declaracin\\_de\\_i.html](http://nomada.blogs.com/jfreire/2006/08/declaracin_de_i.html)

<sup>482</sup> Idem, online

<sup>483</sup> Freitas, Lucia. *Blogar é...* Blog Ladybug Brasil. Disponível na internet: <http://ladybugbrazil.blogspot.com/2007/01/blogar.html> acesso em 20/01/2006



*Blogar* então significa, em primeiro lugar, a liberdade de poder se comunicar sem intermediários. Sem constrangimentos institucionais. É com isso uma libertação das figuras que se reivindicam como as autoridades da razão e da inteligência. Mas não se trata de uma expressão que redunde em opinião pública, mas que potencialmente pode construir uma opinião pública, já que quando um blogueiro publica uma mensagem, esta ainda é um conteúdo singular. Ela só vai se tornar comum quando outros autores, com ela, abrirem um processo de conversação, através de comentários ou de *memes*<sup>484</sup> produzidos. Não pode haver unidade de pensamento na blogosfera porque nenhuma idéia é aceita sem questionamento e sem conversação. Por isso que muitos blogueiros defendem que a motivação de blogar está menos em informar, e mais em referenciar, conversar e refletir sobre determinado assunto, post ou notícia<sup>485</sup>.

*eu considerava escrever neste blog algo como ir no boteco sexta feira encontrar os amigos e falar sobre tudo e sobre nada de mais. mas ando sem assunto ou sem motivação acho que é pq ninguém comenta mais, apesar de nas estatísticas aparecer que umas dezenas de pessoas entram nessa singela página por dia*

*?!?! hei, pq ninguém diz nada?!?! 486*

Expressar-se sem intermediários é uma valor na blogosfera, mas não é o único elemento motivacional para blogar. Há aqueles que procuram blogar para organizar as idéias e fazê-las objeto de rápido *feedback* com seus leitores. Querem adquirir conhecimento por meio da troca. Isto porque à medida que o blogueiro posta uma informação, esta potencialmente pode ser transformada em insumo para discussões e comentários, o que aumenta o lastro do valor desse conhecimento. O conteúdo é assim atravessado pela cultura do remix, sendo re combinado e aberto a novos conhecimentos

---

<sup>484</sup> “O termo meme pode significar apenas a transmissão de informação de uma mente para outra. Este uso aproxima o termo da analogia da “linguagem como vírus”, afastando-o do propósito original de Dawkins, que procurava definir os memes como replicadores de comportamentos”. (Wikipedia, Verbete, in <http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>)

<sup>485</sup> A nomenclaturas *Assunto*, *posts*, *notícias*, podem ser lidas neste caso como entrada (texto próprio), texto de outro blog e texto da imprensa, respectivamente.

<sup>486</sup> Blog Underwater. Sexta-feira. Disponível na internet: [http://danibrasil.weblog.nl/danibrasil/2005/07/sexta\\_feira.html](http://danibrasil.weblog.nl/danibrasil/2005/07/sexta_feira.html)

produzidos por outros sujeitos ao ponto que aquilo que é incorporado à mensagem original seja algo impensado pelo autor.

*Neste tempo em que parei de escrever, percebi que o momento do dia em que escrevo um post é quando faço a reflexão sobre um assunto importante que aprendi recentemente. Isso me ajuda muito a fixar e estabelecer relações duradouras entre as informações. Privado desse momento, evolui bem menos nos meus estudos.*<sup>487</sup>

*Por que eu blogo?*

*- Para compartilhar com as pessoas o pouco conhecimento que tenho  
- Porque aprender é bom, poder ensinar aos outros aquilo que você aprendeu é melhor ainda e ver que o que você ensinou ajudou muita gente e ainda ser elogiado por isso é priceless*<sup>488</sup>

*então, por que estou aqui afinal? Estou aqui enfim, contudo, todavia, porque apesar de toda essa minha visão crítica do universo blogueiro existe um outro lado muito bacana que não podemos negar. É que vivemos numa época em que temos a oportunidade única que nenhuma outra geração anterior teve de se expressar, de dar sua opinião, de dizer o que pensa e ser ouvido. De gritar para o mundo suas idéias e inquietações e ter eco.*<sup>489</sup>

Mas o que motiva, pelo menos inicialmente, a produção de um blog é o desejo de manter as redes de amizade já existentes. Um blog não é criado para atingir grandes massas. Mas para manter as redes de proximidade do blogueiro (amigos, familiares etc). Por isso que boa parte da narrativa blogueira é a que exprime contato, um estar próximo, ser íntimo.

*Aos blogueiros, minha dica: aproveitem a intimidade, conheçam seus leitores, biblicamente, se possível (e forem leitoras, no meu caso). Ninguém vai te achar mais ou menos talentoso por montar uma fortaleza e se esconder dentro, J.D. Salinger e Rubem Fonseca são bichos-do-mato, mas na hora de chamar para um chopp, o João Ubaldo Ribeiro é sempre o primeiro a ser lembrado.*<sup>490</sup>

Conforme um editor investe seu tempo na produção de blogues, ele percebe que há um número elevado de blogues que estão próximos a ele não por razões territoriais,

---

<sup>487</sup> Amstel, Frederick. *Blogo porque assim aprendo mais*. Blog Usabilidoido. Disponível na internet: [http://www.usabilidoido.com.br/blogo\\_porque\\_assim\\_aprendo\\_mais.html](http://www.usabilidoido.com.br/blogo_porque_assim_aprendo_mais.html)

<sup>488</sup> Torres, Bruno. *Por que eu blogo?* Blog Bruno Torres ponto net. Disponível na internet: <http://brunotorres.net/por-que-eu-blogo>

<sup>489</sup> Mathias, Monica. *Por que blogar*. Blog Doces Bárbaros. Disponível na internet: <http://monicamathias.blogspot.com/2005/10/por-que-blogar.html>

<sup>490</sup> Cardoso, Carlos. *Nada melhor do que ser íntimo do seu blogueiro*. Blog Contraditorium. Disponível na internet: <http://www.contraditorium.com/2006/09/25/nada-melhor-do-que-ser-intimo-de-seu-blogueiro/>

mas por afinidade temática. É neste momento que blogar vira sinônimo de construir redes sociais distribuída, ou seja, de estabelecer conexões com pessoas que têm as preocupações, gostos e posicionamentos semelhantes e que, em geral, estão conectadas a outras pessoas com perfil semelhante aos do blogueiro. Este é um ponto de mutação porque é quando o blogueiro descobre, de fato, a blogosfera como mídia, passando a ser “dependente” da leitura dos seus canais (os blogues) e das ferramentas que a potencializam como veículo de comunicação, tal como, os agregadores de notícias. *Blogar* é então uma atividade comunal.

*Blogar é uma maneira curiosa que nós encontramos de fazer parte de uma comunidade de extensão geográfica ilimitada. Todo ser humano precisa se sentir aceito em um grupo e os blogs representam apenas um único aspecto dessa necessidade que só pode ser completamente saciada (pelo menos em pessoas sadias e normais) fora da web, no mundo real.*<sup>491</sup>

*- O que é que lhe diz a palavra “blogosfera”?  
A possibilidade de escrever para mim e para outros sempre que quero, necessito e/ou posso.*<sup>492</sup>

*... meu blog é uma forma de comunicar a todos os meus amigos diariamente como estou, e fazer novos amigos (como a Fabiana) através dele... Nunca fiz diários na vida, não via sentido em escrever para ninguém ler, se o fato ocorreu comigo, eu vou lembrar, se eu não lembrar é porque não era interessante... Mas o blog permite que eu ao invés de contar para 15 pessoas as mesmas coisas, eu vou lá escrevo e quem estiver preocupado comigo escreve... Já passei uns dias sem blogar (uma semana e meia), quando voltei tinha um monte de recados perguntando quando eu ia voltar... me senti muito querida...*<sup>493</sup>

Por ser uma atividade comunal, os blogueiros compreendem o seu ofício como uma atividade interativa. Os artigos escritos, em geral, têm relação com outros já escritos. Por conta disso a relação de produção se torna horizontal – *o tema de um post fica distribuído em outros blogs* -, e o conhecimento produzido obtém uma verticalização em sua densidade – como um artigo guarda relação com um outro, ele complementa idéias e pontos de vista, o que faz com que seja produzida uma corrente de conteúdos que aprofunda o

---

<sup>491</sup> Pereira, Henrique Cosa. A ética invisível dos blogs. Blog Revolução Etc. Disponível na internet: <http://www.revolucao.etc.br/archives/a-etica-invisivel-dos-blogs/#ignore-os-trolls>

<sup>492</sup> Carmelo, Luis. Mini-entrevistas/Série II – 101. Blog Miniscente. Disponível na internet: <http://luiscarmelo.blogspot.com/>

<sup>493</sup> Comentário de Suzana do post *A internet e os blogs*. Disponível na internet: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=755>

tema do artigo original ou o seu inverso. A blogosfera tem assim essa capacidade de pilhagem de informação. Isso acontece porque o *blogger*, como é geralmente leitor de outros diários, agenda sua pauta no que encontra de útil em outros diários virtuais. É um movimento de *antropofagia virtual*, em que o melhor da cultura do outro é digerido e re combinado. Essa prática comunicativa do *blogger* acaba por transformar a atividade de escrever o blog em também uma prática de leitura. Blogar então reflete uma contínua troca de conhecimento.

*Escrever artigos que tenham relação e/ou sejam complementares a outros é simplesmente somar conhecimentos e informações. Todos ganham com isso: os assuntos ganham profundidade, os blogs recebem novos visitantes e a blogosfera se movimenta e se alimenta. São lições que tenho aprendido por aqui e que acho válido compartilhar com vocês. Talvez elas possam ser úteis a você também.*<sup>494</sup>

*Meus motivos principais [para blogar] podem ser resumidos em: visibilidade profissional, repositório de meus conhecimentos (acho que sou o maior leitor do meu próprio blog heheh), discutir conhecimentos com outros, compartilhar meus conhecimentos. Acho que é só. hehe*<sup>495</sup>

Mas essa troca de conhecimento não existe por puro voluntarismo. *Bloggers* escrevem por diferentes interesses, em geral, por visibilidade e um certo egocentrismo. Contudo, quanto maior é o grau de investimento na profissionalização do blog, maior é sua busca por atribuição de outro tipo de status social: o reconhecimento da comunidade como um autoridade de alta relevância em determinada área de atuação. Ao contrário, quando os blogs são feitos apenas como um *hobby*, acabam existindo apenas como meio de registro da memória pessoal do seu autor.

Um outro sentido que explica a compulsão pelo ato de blogar se associa a um certo comportamento anti-receptor, anti-passividade ou anti-espetáculo. Por ser um meio que dar vazão as novas vozes, a blogosfera é construída naquele sentido de «mídias das massas» que dizíamos nos capítulos anteriores. Por isso mesmo a oferta de conteúdo é infinitamente maior que sua demanda, provocando um hábito contraditório ao mundo dos

---

<sup>494</sup> Valongueiro, André. *Sobre o que vou blogar hoje? Blogar por blogar não dá né?* Blog do André Valongueiro. Disponível na internet: <http://valongueiro.blogspot.com/2006/09/sobre-o-que-vou-blogar-hoje-blogar-por.html>

<sup>495</sup> Comentário de Micox ao post *As (minhas) razões para blogar*. Blog Viche. Disponível na internet: <http://www.nghorta.com/2006/11/30/as-minhas-razoes-para-blogar/>

blogs: a dispersão, mas esta tem muito mais haver com uma atividade de aprofundamento da busca por informação do usuário do que por mecanismos de persuasão que o conduza a uma inércia de sua atenção.

*[...] Por que escrevo um blog? Por que perco tempo com isso?" Então vamos ao exercício de análise:*

*a) Escrevo porque, por enquanto, ainda é de graça. E de graça, como dizia minha avó, até injeção na testa;*

*b) É melhor escrever do que passar horas na frente da televisão, vendo aquelas "atrações" próprias para lobotomizados;<sup>496</sup>*

*[...]*

*O que faço [...] é manter um cantinho dentro do cyberspaço. [...] quem deseja fazer sucesso ou aparecer, é mais fácil pendurar uma melancia no pescoço e sair nu na Paulista.<sup>497</sup>*

*Na minha opinião alguns Blogueiros (eu por exemplo) tem projetos diferentes em relação a seus blogs, não busco escrever "modinhas ou tititis" e sim expressar a minha opinião sobre assuntos que são tratados de forma unilateral na mídia. Desprezar o poder de blogs como meio de comunicação é classificar como verdade absoluto apenas a opinião da grande mídia que quase nunca é imparcial ou independente.<sup>498</sup>*

Há ainda uma linha de interpretação que sustenta que blogar é uma atividade catártica. Uma terapia que contribui para que o pensamento individual possa ser organizado, a memória afetiva enquadrada em um contexto histórico e as questões existenciais compartilhadas e dialogadas com seus leitores. O blogueiro, ao realizar catarses, procura virtualizar a própria confusão presente na sua consciência.

*Eu escrevo por catarse, para exorcizar toda a ansiedade que acumulo dentro de mim, que transborda em meus pensamentos. Escrevo também para aplacar pulsos de solidão, para expor as minhas idéias e tentar achar semelhantes neste mundo louco, para contar a quem quiser ouvir que sim, eu estou na crise dos quase 30 anos!!!!!!<sup>499</sup>*

*O blog também pode ser uma descoberta. A descoberta da escrita, de repente vc se pega conseguindo se expressar até melhor do que em palavras. Uma terapia? Não, sou mais como, um conhecimento de si mesmo.<sup>500</sup>*

<sup>496</sup> Cris, Blogar ou não blogar: eis a questão. Blog Tudo que é sólido se desmancha no ar. Disponível na internet: <http://oeuprofundo.blogspot.com/2005/08/blogar-ou-no-blogar-eis-questo.html>

<sup>497</sup> Comentário de André sobre o post *A internet e os blogs*. Blog Digestivo Cultural. Disponível na internet: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=755>

<sup>498</sup> Comentário de Escritor Verde ao post *A internet e os blogs*. Blog Digestivo Cultural. Disponível na internet: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=755>

<sup>499</sup> Tan. *O ato de Blogar, os motivos e as conseqüências de um fenômeno assim absurdo!* Blog Tan em crise dos 30 anos. Disponível na internet: [http://crise\\_dos\\_30.blogspot.com/2004/07/o-ato-de-blogar-os-motivos-e-as.html](http://crise_dos_30.blogspot.com/2004/07/o-ato-de-blogar-os-motivos-e-as.html)

<sup>500</sup> Comentário de Quel sobre o post *A internet e os blogs*. Blog Digestivo Cultural. Disponível na internet: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=755>

*A meu ver, o texto dá uma relativa visibilidade à uma ação interna do pensamento. Reflete uma opção consciente, uma outra dimensão de responsabilidade e envolvimento. No caso de textos interativos, por exemplo, num blog, permanece o registro do desenvolvimento desta construção de sentido, com possibilidade de encontro com outros sentidos.*<sup>501</sup>

O *post-catarse* é uma narrativa em que há descarga emocional sobre um drama (um incidente) que o blogueiro tenha vivenciado em seu cotidiano. Ao compor uma mensagem com elementos catárticos, o editor do blog sente sua alma purificada. Em paralelo, marcas catárticas em *posts* são valorizadas pelos usuários por conta da atração incomensurável por confissões que este possuem. O slogan estampado na interface de um famoso blog<sup>502</sup> - “*por que fazer blog é melhor que pagar analista*” - remete muito bem esse desejo de tornar o blog a representação de um indivíduo singular. Na verdade, essa vocação para “seja você mesmo” se tornou tão nuclear na blogosfera que atitudes como reproduzir matérias inteiras de jornal ou fazer “ctrl c + ctrl v” em *posts* inteiros de outros blogs são atitudes rechaçadas pela comunidade blogueira, embora seja algo muito corriqueiro, principalmente entre os jovens blogueiros. Quem alcança uma maturidade com o meio produz sempre conteúdos que são produtos de uma narrativa com marcas de um plano de singularidade (seja de uma pessoa ou de um coletivo).

*quarta-feira, 25 de outubro de 2006*

*Eu quero um clínico geral.  
Não daquele clínico  
geral"barra"nutrólogo"barra"cirurgião"barra"qualqueroutraespecialidade...  
só clínico geral mesmo.*

*Daquele tipo que atende pacientes que estão mal, mas não tem a mínima  
idéia do que é. Daí chutam alguma conclusão e passam a bola pra algum  
especialista.*

*[...] Olhei no Guia Médico on-line e todos os clínicos gerais tinham  
"barras" no campo de atuação. Como é que vou escolher uma "barra" se não  
sei o que eu tenho?  
Será que os clínicos gerais são espécie em extinção? Ou vou ser obrigada  
a apelar para o PS mesmo?*

---

<sup>501</sup> Bloglab. Por que blogar. Disponível na internet:  
[http://paginas.terra.com.br/educacao/Gutierrez/blogs/bloglab/2003\\_11\\_01\\_archive.html](http://paginas.terra.com.br/educacao/Gutierrez/blogs/bloglab/2003_11_01_archive.html)

<sup>502</sup>O blog, hospedado pelo Terra, chama-se Meu Querido Theobaldo. E pode ser acessado no seguinte endereço:  
<http://amigoetheobaldo2.weblogger.terra.com.br/>

**Post-catarse (exemplo)**

Blog *Meu Querido Theobaldo* (<http://amigoetheobaldo2.weblogger.terra.com.br>)  
publicado em 25/10/2006

Estalella<sup>503</sup> interpreta que a o blogueiro revela detalhes do seu mundo privado como uma estratégia para produzir efeito de verdade nas suas mensagens e criar um sensação no usuário de aquele blog é um espaço bastante íntimo. Nesse caso, a credibilidade do leitor vai se formando pela crença que tem no blogueiro como um sujeito que vive uma história peculiar e que a narra também de um ponto de vista respaldado numa experiência de vida. Mas não só isso, o blogueiro é um “bicho da internet”. Ele vasculha a rede para buscar o que nela tem de melhor, em termos de informação. Nesse sentido a crença do leitor é bem distinta daquela atribuída aos veículos de massa. Nestes a credibilidade é da empresa (do UOL, do Globo, do Estadão etc) e por isso que ela se fundamenta em princípios que são externos à subjetividade produtora da informação, como os de objetividade (distância que se tem em relação ao fato) e imparcialidade (a presença de uma multiplicidade de fontes de informação que são ouvidos etc).

Nos blogues a credibilidade se funda, ao contrário, no trabalho realizado pelos sujeitos. A presença de locuções ditas pelos blogueiros, tais como “*eu vivi isto hoje*” ou “*eu creio que*”, são marcas que produzem confiança porque aquilo que é dito é assumido – com seus bônus e ônus - por um sujeito que não se esconde atrás de nenhuma outra mediação que não seja a sua própria subjetividade. O conteúdo dos blogues acaba por reproduzir cenas privadas que, no fundo, são vivenciadas de modo semelhante pelo usuário-leitor dos blogues.

## **Uma comunicação construída por conexões**

A blogosfera é um espaço de comunicação fundado por um “campo de conexões”, ou seja, por um série de propriedades conectivas. “A blogosfera não é

---

<sup>503</sup> Estalella, *op cit*, p.23

simplesmente o conjunto de blogues e seus conteúdos, mas justamente tudo isso que está entre eles: as conexões, essas sutis interações que são seu esqueleto”<sup>504</sup>.

A mais importante dela é a hiperligação entre os blogues. A prática de colecionar e exibir diários favoritos na seção *blogroll* (links preferidos exibidos em um blog) funciona como um status de reconhecimento (afetivo, intelectual ou literário) para aquele que vê seu blog atestado por um outro blogueiro. O primeiro movimento na produção do *blogroll* é entrelaçar-se aos blogs de amigos e familiares. Depois, com o tempo, o blogueiro visita outros blogs e insere alguns deles no rol dos seus prediletos. Aqui já é um momento de reconhecimento de diários que versam sobre os mais diferentes tipos de informação social. Neste instante o blogueiro percebe que sua atividade de exibir links (ligações) torna-se um serviço ao seu leitor e não somente um ato de consumir links e publicá-los em na internet.

Apoiado em uma vasta bibliografia sobre o tema, Estalella (online) mostra que o link passa a funcionar como uma espécie de moeda de troca entre os blogues, já que um dos critérios de mensuração da popularidade dos blogues é o número de links direcionado pelos seus pares. E quanto maior é a sua popularidade, maior é a sua capacidade de sugerir uma agenda para os outros. “A distribuição não homogênea deles (links) provoca que os mais linkados sejam os mais visíveis, e estes geram uma hierarquia na qual os linkados gozam de maior autoridade. Isto os permite ditar a agenda informativa da maioria por ter uma grande capacidade de difundir informações para o resto”.<sup>505</sup>

Essas conexões entre os blogs fazem da blogosfera um grande espaço de conversação mediante *hiperlinks* (*hiperligações*). A blogosfera é um emaranhado de pessoas que se escrevem e se lêem.<sup>506</sup> Os blogs são conectados também por meio de links contidos nos posts. É muito comum um blogueiro publicar um artigo comum a um outro encontrado na blogosfera. Quando isto ocorre, existe o hábito de inserir o termo *Via blog x*.

---

<sup>504</sup> Idem, p.27

<sup>505</sup> Estalella, op cit, p.21

<sup>506</sup> Blog Miniscente. *Mini-entrevistas/série II – 62. Disponível na internet: [http://luiscarmelo.blogspot.com/2006\\_11\\_01\\_luiscarmelo\\_archive.html#116427530775120682](http://luiscarmelo.blogspot.com/2006_11_01_luiscarmelo_archive.html#116427530775120682) > Acesso em 25/11/2006*



Em geral, essa co-produção de artigos é uma síntese, uma crítica, um comentário elogioso ou uma ironia, que permite abrir uma relação de conversação entre os blogueiros.



**Figura 12- Conversação entre blogs**

*Uso de citação hiperligada (Via...) - blogs que são muito linkados passa a agendar a opinião em rede*

Blog *Jornalismo Digital* (<http://www.fabiomalini.wordpress.com>) post publicado em 06/11/2006

Um outro processo social que ampliou a superfície de contato entre os blogs foi a popularização entre eles da sindicância de conteúdos, uma prática em que o leitor torna-se assinante (subscritor) de um determinador diário virtual. A sindicância ocorre graças a existência de dois componentes tecnológicos: o arquivo RSS e os agregadores de notícias. O RSS (*Really Simple Syndication*) é um arquivo (*feed*) que contém o nome do site/blog, o título, a data, a hora dos posts nele publicados e o link na web onde eles foram publicados originalmente. Quando o *feed* é adicionado a um programa chamado de agregador de notícias – uma espécie de *outlook* em que o usuário em vez de emails, ler *posts* ou notícias mais recentes contidos no *feed* adicionado – ocorre a chamada sindicância, e partir daí, o usuário poderá acompanhar em tempo real as novas publicações de todos os seus blogs e sites prediletos num mesmo lugar – no seu agregador, evitando ficar indo de blog em blog se algum dele publicou algo novo. O *feed* é como um endereço de email. Cada blog tem o seu. Contudo diferente do email, que consistem em mensagens privadas, o *feed* permite

tornar público, mas em ambientes privados (os agregadores), toda a publicação de determinado site.



### Ilustração 13 - Agregador de notícias.

*Exemplo de um agregador de Notícias. Na coluna à esquerda, lista de blogs ou sites que são cadastrados pelo usuário. À direita no alto, os títulos dos posts ou notícias, que ao ser clicados, são exibidos seus conteúdos na caixa abaixo (à direita). Toda e qualquer informação nova é recebida automaticamente. Isso facilita o usuário que fica sabendo das novidades sem precisar navegar na internet. Ter um blog agregado por usuário é hoje um fator de distinção e reputação entre os blogueiros.*

Um outro recurso de conexão contido na blogosfera é o *trackback*, que se trata de um blog poder notificar um outro que foi produzido um artigo derivado dele. Se o “outro blog” admitir trackback os dois artigos ficam ambos relacionados entre si, normalmente porque o segundo faz referência ao primeiro<sup>507</sup>. Independente se o segundo artigo é contrário ou favorável ao original, todos os que são criados a partir deste ficam disponível na mesma página (em seu pé seguido dos *comentários*) onde está o post original para que o leitor visualize o impacto que essa mensagem produziu na blogosfera.

Há ainda uma outra propriedade conectiva é o *pingback*, uma função automática dos sistemas de publicação que permite notificar o blogueiro (geralmente no email dele) quando alguém hiperliga um de seus documentos ou insere seus blogs no blogroll. Essas operações de interconexão são bases para que os blogueiros estabeleçam “diálogos multi-

<sup>507</sup> Wikipédia, <http://es.wikipedia.org/wiki/Trackback>

situados” (Estaella, op cit, p.24) através dos conteúdos publicados. A lógica fugidia da rede então é contornada por um espírito de produção de uma inteligência coletiva que mantém o comum como acessível a todos, o que evita que a subjetividade social não se perca no emaranhado de informação típico da internet.

“Os blogs se nutrem de links. É um dos aspectos básicos do *blogging*, pois permitem a teu leitor saber mais sobre o tema que escreves se assim o desejarem e cumprem uma função que a web de antes não desfrutou: conectar-nos entre si. [...] devemos entender que não estamos em uma área limitada, tampouco estamos acumulando coisas, não somos um livro, tampouco uma biblioteca. Temos que entender que as pessoas que te lêem provavelmente não me lêem e aí reside o poder de eco na blogosfera. É possível que um só blog não seja relevante, mas cem sim. Que uma notícia, post ou tema se repita em dezenas ou centenas de weblogs não é uma falha, é uma característica dos blogs por si”.<sup>508</sup>

O diálogo multi-situado ainda é estruturado pela existência de sistemas de gestão das estatísticas dos blogs, ora incorporado ao próprio sistema de publicação (como é o caso do Wordpress), ora um serviço que o blogueiro pode incorporar gratuitamente ao seu diário. Essa ferramenta estatística permite identificar a quantidade de usuários e páginas acessadas, os posts mais lidos – inclusive seu histórico de quantidade de visitas, as referências (os links clicados pelas pessoas para chegarem ao blog) e as palavras-chave utilizadas pelos usuários nos motores de busca, como *Google* e *Yahoo*, que conduzem o usuário ao blog.

Aliás estima-se que 30% da audiência dos blogs advém dos resultados de busca do *Google*, *Yahoo*, *Sapo* etc<sup>509</sup>. Por conta disso, abriu-se um debate sobre o fato de os blogueiros escreverem voltados para absorver a audiência que sai dos motores de busca. Muitas vezes o *Google* encaminha para o blog uma alta visitação derivada de uma busca com as palavras, por exemplo, “orkut comunidade virtual artigos”, o que para o blogueiro torna-se uma pauta e uma motivação para continuar escrevendo sobre o assunto. O

---

<sup>508</sup> Arcos, Eduardo. *Los 5 grandes aciertos de los blogs*. Blog ALT1040. Disponível na internet: <http://alt1040.com/archivo/2006/03/02/los-5-errores-mas-comunes-en-los-blogs/>

<sup>509</sup> Lohr, Steve. This boring headline is written for Google”. *New York Times*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2006/04/09/weekinreview/09lohr.html> página acessada em 20/04/2006

problema é que, como analisa Enrique Dans,<sup>510</sup> “na web das pessoas, esquecer que escreves para elas e fazer algo em benefício de um algoritmo e isto, me parece, simplesmente, ser um pecado mortal”.<sup>511</sup>

## **a construção da opinião pública nos blogs: a lógica dos *memes***

O desenvolvimento de *memes* é uma outra característica que marca a produção dos blogs. Os *memes* são posts que devem ser espalhados pelos blogueiros. Ocorrem quando um autor escreve um artigo e outro blogueiro replica com variações pessoais. A intenção é que, quanto maior for a corrente de *memes*, mais se espalhará um certo tema na blogosfera. Do ponto de vista teórico, um meme é, segundo as modernas teorias sobre a transmissão da cultura para as novas gerações, a unidade mínima de transmissão da herança cultural”.<sup>512</sup> É o gene da cultura.

A *teoria dos memes*, fundado por Richard Dawkins, parte do pressuposto que uma idéia, uma posição política, uma obra, uma tecnologia e mesmo um hábito não são incorporados graças a existência de canais, de sistemas de decodificação ou de meios de comunicação existentes, tal como é preconizado pelas (pós)modernas teorias da comunicação. Antes de uma questão de transporte, Dawkins defende a tese de que a

---

<sup>510</sup> Dans, Enrique. *Las consecuencias de escribir para Google*. Blog de Enrique Dans. Disponível na internet: <http://edans.blogspot.com/2006/04/las-consecuencias-de-escribir-para.html> Páginas acessada em 11/04/2006

<sup>511</sup> Embora os blogs continuem direcionando sua produção para suas comunidades, esse “efeito Google” coloca o velho problema da audiência no interior da produção da blogosfera. E é uma questão ambígua, porque, *pari passu*, são os motores de busca que estão fazendo aumentar a abrangência da blogosfera, principalmente, porque estão privilegiando os seus conteúdos nas primeiras páginas do resultado de busca. Não é gratuita essa opção dos motores de busca, principalmente o *Google*. Trata-se de uma disputa de atenção entre grandes corporações de mídia. Ao executarmos uma busca nesses sites, eles nos remetem prioritariamente a conteúdos contidos em blogs, no Wikipédia, no Youtube etc. Na verdade, é uma estratégia dos agentes de busca para tirar a atenção dos grandes portais e ficar com a atenção para si (Google), que cada vez mais está ampliando a sua carteira de top-minds: Blogger, Youtube, Gmail, Google Maps, Google Earth, Orkut, e assim vai... Gerir a atenção (que é fluxo) e não mais a audiência (população) é o que busca o Google, por exemplo.

<sup>512</sup> Wikipédia, <http://es.wikipedia.org/wiki/Meme>, online

transmissão cultural ocorre através de processos de assimilação mental e afetiva que se realiza na interação com o meio cultural. É invariavelmente uma construção entre-cérebros através de processos de assimilação, imitação ou ensino.

Assim um meme seria um hábito, uma maneira de fazer determinada tarefa, uma idéia, um costume etc, que se replicam somente a partir de processos entre cérebros a partir de uma lógica de repetição e diferença. A idéia de Deus e da monogamia são *memes* que exemplificam uma certa longevidade destes. O dar adeus com as mãos etc. O meme é portanto uma construção nossa, ou melhor dizendo, uma construção política de uma subjetividade social. No caso da blogosfera, um meme é um *post* que pretende se espalhar. Funciona, em geral, como a finalidade de adesão ao pensamento que a mensagem enuncia.

***Meme: Como eu blogo?***

*fevereiro 22, 2007, 3:16 PM por Fabio Seixas*

*Outro dia me peguei pensando nos métodos que utilizo para criar conteúdo para o blog. Percebi que utilizo alguns métodos para achar idéias sobre o que escrever. Então resolvi que seria uma boa idéia expor aqui alguns desses métodos e abrir um meme na blogosfera sobre como vocês buscam assuntos para escrever. No fundo é tudo uma questão insight sobre o que escrever. Mas como criar um ambiente propício para que insights surjam?*

***Temas e assuntos***

*O maior desafio é levantar temas que sejam revelantes para o público e que sejam originais. Os melhores autores são aqueles que buscam originalidade nos assuntos que escrevem. Seja o primeiro e será seguido.*

***Fontes de informação***

*Listas de discussão são boas fontes de assuntos. Em geral instigam nossas mentes a pensarmos sobre novos assuntos. E é nesse ponto que novos insights podem surgir. Sempre que vejo uma boa discussão da lista Blogosfera ou no Radinho, procuro olhar com outros olhos e tentar enxergar que outros assuntos complementam o tema em discussão. Boas ideias surgem desse método.*

*Ler revistas sobre assuntos que aparentemente não me interessam também servem como boa fonte de insights. Pense fora do quadrado.*

***Cotidiano: capture seus pensamentos***

*A todo instante estamos pensando em algo. Mas na grande maioria das vezes esses pensamentos passam batidos e nem sempre ficam na memória recente. Eu procuro sempre "capturar meus pensamentos" do cotidiano tentando assimilá-los de maneira real e não deixá-los simplesmente passar pela mente. Talvez esse seja o método mais difícil, mas um bloco de anotações ajuda nessas horas.*

*Acho que isso dá um bom meme. Mas não vou convidar apenas 5 "vizinhos". Acho que pode ser um meme livre onde qualquer um pode participar*

*mostrando como bloga. Acho que a blogosfera tem muito a ganhar com essa disseminação de técnicas.*<sup>513</sup>

Na perspectiva da blogosfera, os *memes* produzem o conceito de obra aberta e de opinião distribuída. Da leitura de um post pode surgir uma invenção, um desdobramento, uma dobra, que se realiza em outro post publicado que parte do post-meme. A possibilidade de diálogo entre blogueiros, publicando algo que o outro publicou, mas com uma variação, mostra que a singularização do texto é algo que fundamenta a ética blogueira, fazendo que a comunicação tenha mais uma forma de eco do que irradiação.



**Figura 14 – Imagem Xô, Sarney!**

*Graffiti ganha as páginas de mais de 500 blogs após Sarney invocar a censura ao blog de Alcinea Cavalcante, o primeiro a divulgar a imagem*

**Fonte: Flickr (<http://www.flickr.com>)**

No Brasil, no contexto das eleições de 2006, um *meme* construído pela blogosfera - o *Xô, Sarney!* - acabou virando um exemplo de memes. Tudo começou quando Alcinea Cavalcante, jornalista de 25 anos, fotografou e depois publicou uma caricatura do senador, pintada em muro da cidade, contendo a seguinte legenda: “Xô, Sarney!”

A blogueira aproveitou o slogan e criou uma campanha entre seus amigos, visitantes do seu blog, contra o voto em Sarney. Sua tese era que o maranhense não tinha vínculos históricos com o Amapá, então não deveria ser representante daquele estado no

---

<sup>513</sup> Seixas, Fabio. Meme: como eu blog, in Blog Versão TXT, in <[http://blog.fabioseixas.com.br/archives/2007/02/meme\\_como\\_eu\\_bl.html](http://blog.fabioseixas.com.br/archives/2007/02/meme_como_eu_bl.html)> Acesso em 17/01/2007

Senado. Até aí o blog se assemelhava a qualquer um outro: tinha uma nano-audiência, expressava uma opinião própria, era um veículo de interação entre amigos e de armazenamento de uma memória viva, feita de depoimentos, testemunhos e narrativas.

Sarney soube das histórias que Alcinéa contava para o seu pequeno mundinho. E não gostou muito. Mandou a Justiça avisar a moça para cessar com aquilo. Foram nove notificações. Algumas destas obrigaram-na a retirar vários conteúdos do site. A blogueira recorreu e venceu. Ganhou de um juiz local uma bela frase, que sintetizava o seu direito a opinar: “a liberdade de expressão é a expressão máxima da liberdade”. Pôs seus *posts* todos no ar novamente. Contudo, o portal Universo Online, que hospedava o diário, não quis saber de confusão para o seu lado. Deixou o marketing de lado e decidiu desconectar usuários: tirou o blog do ar, assim, autoritariamente. Calou a expressão alheia, esvaziou a memória da jornalista, com medo de represálias judiciais. A pedido do político maranhense, então candidato à reeleição ao Senado pelo Amapá, a Justiça do Amapá mandou tirar do ar o blog que expressava um (apenas um) voto contrário ao ex-presidente José Sarney, o que fez com que os usuários, ao tentar acessar o weblog<sup>514</sup>, chocassem com a seguinte mensagem: “Censurado, você não tem permissão para acessar esse servidor”.<sup>515</sup> O site tinha sido objeto de censura branca.

Era o fim do site, mas o começo daquilo que os teóricos da Internet chamam de ação viral ou de a cultura do espalhe: um blogueiro publica algo, que também é publicado por um outro blogueiro, que também... Era uma comunicação que funcionava como um eco, numa corrente infinita de conexões. Em poucos dias, o Amapá deixou de ser um grotão. Mais de 400 blogs e fotologs de todos os cantos reproduziam (em português, inglês, espanhol, francês) a imagem de Sarney com comentário sobre a censura que sofria a moça. Imagens da caricatura de Sarney circulavam no *Flickr* – o maior banco de imagens do mundo, abastecido por milhões de usuários. Enquanto isso, Alcinéa decidiu recomeçar sua

---

<sup>514</sup> <http://alcineacavalcante.blogspot.com/>

<sup>515</sup> Sarney ainda entrou com uma petição contra o Google, exigindo que o site não elencasse nos resultados de busca sites associados com críticas a sua candidatura.

campanha contra o voto no Sarney através de um novo blog, hospedado em um servidor fora do país, o *Blogger*. A campanha da amapaense ganhou a forma de corpo sem cabeça. Tornou-se um exemplo microfísico do poder em rede. O movimento virou um monstro e uma dor de cabeça para Sarney<sup>516</sup>, que, cinicamente, desistiu das ações contra o blog. “Pedi penico”, como afirmou Alcinéa, que continuou sua odisséia.

Pouco tempo depois, nos primeiros dias de 2007, um novo *meme* com o mesmo intuito do caso Alcinéa (de proteção da liberdade de expressão) sacudiu a blogosfera brasileira. Só que este com uma dimensão ainda maior que o primeiro. A blogosfera agora reagia ao bloqueio do site Youtube decretado pela Justiça Brasileira a pedidos dos advogados de Daniela Cicarelli, que moveram a ação pelo site ter hospedado um vídeo, de um paparazzi, que mostra a modelo e o namorado fazendo sexo numa praia espanhola<sup>517</sup>. Sendo o Youtube um dos sites mais utilizados pelos usuários da internet e bastante conectado com a prática blogueira – por permitir a etiquetagem de vídeo nos blogs, de forma que o leitor destes assiste-os no próprio blog e não no Youtube - a blogosfera reagiu violentamente. A MTV, onde Daniela trabalhava, recebeu em um só dia 20 mil emails.

E um novo meme nasceu: um blogueiro publicou uma mensagem com o logo “Boicote a Cicarelli, Brasil cem censura”. Não demorou muito para que um segundo blog republicasse esse post, que era lido e republicado por um terceiro e assim sucessivamente, até chegar, em apenas dois dias, a 5 mil *posts* com o mesmíssimo assunto. O *meme*-

---

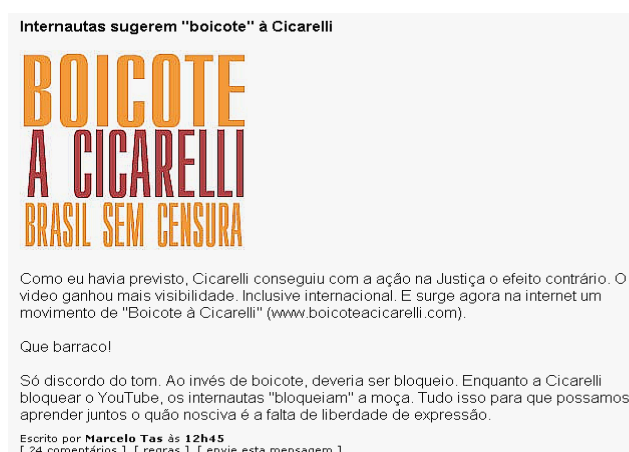
<sup>516</sup> Em entrevista a Folha de São Paulo, José Sarney se via numa saia justa, ao ser perguntado se estava em guerra com a imprensa e a internet: “Esse clima que a imprensa nacional vem transmitindo não reflete as coisas aqui. Não acredito que a imprensa possa embarcar num equívoco desses. Não estou em guerra contra ninguém. Não tive nada a ver com isso [ataques a blogs locais]. Mantenho meu velho estilo de nunca processar jornalista. A coligação não sou eu, são sete partidos e ela toma iniciativas. Tem site “morte ao Sarney”, mas não tomo conhecimento. Se consultado, recomendo que deixem para lá. (Folha de São Paulo,

<sup>517</sup> Cicarelli alegou que sua privacidade e imagem estava sendo afetada negativamente com o espalhe de um vídeo em que aparece transando numa praia pública com o namorado. O vídeo virou *hit* no Youtube, fazendo com que o Brasil se tornasse o país que mais acesso fornecesse ao site. Para tornar história ainda mais surreal, a Secretaria de Estado de Saúde, do RS, fez uma campanha de combate a dengue, em que sobrepôs dois atores vestidos de mosquitos no lugar de Daniela e seu namorado, no intuito de propagar que *o mosquito da dengue também se reproduz dentro da água*. Esse vídeo acabou sendo assistido por mais de 100 mil vezes. Ver: <http://www.youtube.com/watch?v=lsegA8ijcNQ>



*protesto* se replicou tanto que circuito midiático de massa teve que acompanhar e ser pautado pelos internautas.

Enquanto blogueiros e colunistas reagiram com ironia, ridicularizando a proibição, internautas republicaram o vídeo em diversos outros sites”. Esse aluvião informativo dos blogs acabaram assim pautando em boa parte o sentidos do noticiário da própria mídia de massa, que, através da imprensa, noticiava os desdobramento da notícia inicial que “internautas protestavam contra Cicarelli”. Essa operação inversa de agendamento (de baixo para cima), a emergência da blogosfera no país, se consolidava como uma enorme novidade no cenário contemporâneo da comunicação.



**Figura 15 – Boicote a Cicarelli**

*Blogueiros se articulam contra bloqueio do Youtube exigido pela Justiça Brasileira a pedido dos advogados de Daniela Cicarelli*

**Blog do Tas** (<http://marcelotas.blog.uol.com.br/>), post publicado em 06/11/2006

O caso Alcinéa e Cicarelli expressam assim a radical mutação midiática que a blogosfera leva a cabo. Uma mutação que se apresenta por vários nomes: era da intercomunicação (*mass self communication*), das trocas *peer to peer* (ponto a ponto), das mídias colaborativas e livres, das multidões inteligentes. Em comum, essas nomenclaturas apontam a idéia de que as pessoas querem construir os seus sentidos sociais, mas do que somente receberem unilateralmente um menu limitado de informações e cultura oferecidos pelos tradicionais meios de comunicação de massa, que, com seus formatos standards,

muitas vezes estão completamente comprometidos com o jogo do poder econômico e político, que fazem os sentidos culturais sempre serem hegemônicos por aqueles que possuem maior capacidade de controlar as máquinas comunicacionais. Assim a produção de memes torna-se um dever menor multiplicador.

O Xô, Sarney! e o “Boicote a Cicarelli” foram fenômenos que tornaram possível aquela afirmação dos teóricos que os blogs formam algo como um quinto poder, pois os internautas estendem suas opiniões, criam suas histórias, trocam informação, produzem seus *memes*, sem o comando da mediação da mídia de massa. É uma amostra de um movimento que faz da cidadania a sua produtividade. O efeito da censura na blogosfera é o mesmo da morte para o Agente Smith, personagem de *Matrix*. Quando era morto, ele se transformava em dois, três, quatro, quatrocentos, cinco mil.

## FOTOLOGS E A REBELIÃO ESTUDANTIL NO CHILE

*No Chile, em maio de 2006, dois mil alunos secundaristas, da região de Lota, se recusavam a estudar devido à precariedade das escolas públicas da região e às ruas foram protestar. O evento foi marcado pela prisão de 47 estudantes. Como numa onda nacional, os secundaristas reconhecem na luta daqueles de Lota a mesma pauta reivindicatória. Os pinguins, como são conhecidos lá os secundaristas - fecham as escolas e saem às ruas por todo o Chile para pedir passe livre e uma profunda reforma no sistema de ensino chileno. O movimento recebe aos poucos a adesão dos estudantes do ensino privado. Os protestos passam a ser marcados por uma forte violência policial contra os pinguins. A presidente Michele Bachelet é pressionada e inicia um processo de negociação com os estudantes, que obtém a vitória de todas as pautas da luta.*

*A rebelião chilena foi marcada por uma enorme novidade: a participação dos fotologs como os principais veículos de informação sobre o andamento da rebelião. Como cada escola geralmente tinha um fotolog (para mídia tradicional, isto é apenas um espaço de exibicionismo), o movimento nacional estudantil solicitou a cada um dos responsáveis por esses fotologs que se “linkasse” entre si, formando uma rede difusa de fotologs escolares, que funcionariam como a janela do que acontecia nas ruas de cada localidade onde o movimento acontecia.<sup>518</sup> Não deu outra. De posse de suas câmeras digitais, os blogueiros*

<sup>518</sup> Uma catálogo dos fotologs que cobriram as lutas estudantis chilena de 2006 pode ser conferida na internet em: <http://www.emol.com/noticias/nacional/detalle/detallenoticias.asp?idnoticia=220547>

postavam imagens de enfrentamento com a polícia, das “greves na escola”, de pichações nos muros escolares, das assembléias, enfim, como os blogueiros diziam “mostravam o protesto a partir de uma visão de dentro”. Aos poucos, os fotologs dos alunos se juntaram a rede, mostrando o ponto de vista mais individual dos protestos.



**Figura 16 - Fotolog Hasta que...El Paula Aguante!!!**

Em 2006, no Chile, protesto de estudantes secundaristas a favor do passe livre e reforma na educação é articulado e ganhava visibilidade por uma rede de centenas fotologs escolares, que registram o cotidiano das lutas. Na ilustração, registro do evento: “*Hoje, estudantes presentes, Bachelet ausente!*”. A foto faz crítica à demora da recém-empossada presidente, Michele Bachelet, em iniciar o processo de negociação com os estudantes.

*Difusa e Centralizada, colaborativa e auto-gerida, a luta dos estudantes chilenos ganharam o mundo, invertendo a lógica clássica da comunicação. O jornalista se transformou em audiência dos fotologs, ao mesmo tempo, que se via impedido de transformar aquelas que eram narrativas locais em uma narrativa única e padronizada. Até porque o único comum nos textos e imagens dos fotologs era a expressão de um ser multidão: os niños lutavam, mas eram múltiplos. Um dos maiores jornais chilenos, El Mercurio, conseguiu acompanhar as reações do poder ao movimento. Contudo, no que diz respeito à cobertura das lutas, teve uma postura editorial absolutamente atípica: quem quisesse maiores informações que procurassem tais e tais fotologs. A rede de fotologs transformou-se em uma espaço de comunicação tão múltiplo que não cabia no lead jornalístico.*

## INTERVALO

## Blogs e as Eleições Brasileiras em 2006

*Eu bem que mostrei a ela,  
o tempo passou na janela  
e só Carolina não viu.  
Carolina, de Chico Buarque de Holanda*

*O tempo é a matéria dos seres.  
Antonio Negri*

*Ponho os olhos em todas as coisas,  
e espero o tempo que me será oportuno.  
( Maquiavel )*

No Brasil, todo sistema de pensamento (o que inclui as estratégias e as operações práticas) sobre a formação da opinião pública se estilhaçou com a participação dos internautas durante o período das eleições majoritárias de 2006. A participação – principalmente em blogs, mas também em listas de discussão e email – acabou curto-circuitando a matriz clássica do pensamento sobre a formação da opinião pública, sustentada em particular por dois modelos: o dos círculos concêntricos e o do líder de opinião, ambos herdeiros das teorias sobre a cultura de massa.

O modelo dos círculos concêntricos – ou a *pedra no lago* – sustenta-se na idéia de que há um centro formador e uma periferia reprodutora de opinião. Assim quando a inteligência central emite uma opinião, esta vai se espalhando pelas camadas ou ciclos concêntricos, que ecoam a ordenação desse centro, de forma controlada e quantificada, por esse mesmo núcleo. Esse modelo tem o potencial em dar certo quanto maior for a oligopolização da opinião, quer dizer, a velocidade da formação da opinião pública está associada a um poder midiático, que se traduz na difusão da mesma informação através de diversos canais de comunicação concentrados ou disponibilizados num grupo social. Só um poder midiático é capaz de gerar uma agenda pública. O poder midiático teria então um *poder de influência* nos sentidos que se valem as massas para formar as suas opiniões. A

lógica da *pedra no lago* sempre sustentava, por exemplo, que nas campanhas eleitorais a propagação da informação e de opiniões é mais eficaz quando parte de um núcleo mais instruído (o setores médios que concentram os meios de difusão) para as classes sociais que estão nas franjas menos informadas ou com menor participação na gestão do jogo político. As bordas, portanto, tem a sua opinião pautada pelos pontos de vista de quem tem o poder midiático.

A opinião tornava-se distribuída porque os usuários blogueiros republicavam as idéias uns dos outros; os assinantes<sup>519</sup> enviavam a informação de uma lista de discussão a outra para argumentar ou contra-argumentar; os *orkuteiros*<sup>520</sup> criavam comunidades anti ou pró candidatos; leitores inundavam de textos a seção de comentários dos principais blogs jornalísticos para assim ganhar mais atenção da grande audiência desse veículos; internautas de sites como Youtube<sup>521</sup>, *Dailymotion* e *Google Video* – que hospedam e exibem vídeos, bem comentários sobre eles – assistiram e distribuíram entre seus blogs, listas de discussões e comunidades do Orkut, vídeos que zombavam dos candidatos. A famosa frase do presidente Lula - “alô, *companheiros do Orkut!*”<sup>522</sup> - legitima a influência da opinião em rede durante a corrida eleitoral.

No Orkut, a maior comunidade anti-Lula reunia 205 mil integrantes em outubro, enquanto a maior comunidade favorável ao presidente chegou a atingir 106 mil membros no mesmo período. Entre as 60 maiores comunidades de Lula, 34 eram negativas. Já dentre as 60 maiores comunidades de Alckmin, 21 eram negativas. A participação nesses

---

<sup>519</sup>Aqueles que participam (subscrevem-se) de listas de discussão.

<sup>520</sup>Usuários do site de relacionamento mais famoso do país, o Orkut, que congrega, segundo o IBOPE, cerca de 70% dos internautas brasileiros.

<sup>521</sup>O Youtube é o mais popular dos sites que permitem que usuários carreguem, assistem e compartilhem vídeos em formato digital. Seu nome vem do inglês *you*, você; e *tube*, tubo. Uma brincadeira para dizer que você pode construir a sua própria televisão. O site recebe diariamente uma média de 40 mil novos vídeos. “[O Youtube] Foi fundado em fevereiro de 2005 [...]. O YouTube utiliza o formato Macromedia Flash para disponibilizar o conteúdo. É o mais popular site do tipo (com mais de 50% do mercado em 2006) devido à possibilidade de hospedar quaisquer vídeos (exceto materiais protegidos por copyright, apesar deste material ser encontrado em abundância no sistema). Hospeda uma grande variedade de filmes, video-clipes e materiais caseiros. O material encontrado no YouTube pode ser disponibilizado em blogs e sites pessoais através de mecanismos (APIs) desenvolvidos pelo site”.

<sup>522</sup>Num vídeo de 15 segundos, Lula pede votos durante o segundo turno: “Alô, *companheiros que navegam pelo Orkut, muito obrigado pelo apoio de todas as comunidades. Vamos juntos continuar a construir um Brasil cada vez maior. No dia 29 vocês já sabem: votem 13*”.

espaços não se restringia apenas a “fazer parte”. No dia de votação do segundo turno, foram registradas 30.575 postagens na comunidade “Nós votamos Lula Presidente 2006” e 54.803 mensagens em “Geraldo Alckmin Presidente 45”. A força das comunidades on-line se aliou ao impacto dos vídeos que se propagaram na rede. No YouTube, um vídeo em que Alckmin interrompe uma entrevista a uma emissora de TV australiana após ser questionado sobre a quadrilha que atua nos presídios de São Paulo acumula quase 460 mil visualizações.<sup>523</sup>

Acontece que as eleições brasileiras foram um fato sociológico complexo porque, por um lado, a influência do discurso da chamada grande mídia foi reduzida, por um outro, por conta de uma forte resistência dos sujeitos circunscritos às franjas informacionais (em particular, os pobres), manifestada pela negação, pela desconfiança ou pelo desprezo pelo “poder midiático”.

O resultado foi que a opinião da grande mídia chegou mais intensamente aos círculos concêntricos mais próximos de si (as classes mais propensas a obter e gerar informação), mas o problema é que foram nestes mesmos círculos que ocorreram um fenômeno de ruptura formidável: a opinião distribuída. De posse de ferramentas de construção de redes sociais (principal o site de relacionamento *Orkut*)<sup>524</sup>, de produção amadora de publicações (os blogues e *wikis*) e da criação de redes de debate por meio de listas de discussão, os internautas militavam na defesa de seus candidatos, criando uma rede distribuída de informação totalmente baseada no contágio. A opinião circula como uma praga, um vírus, num jogo infinito de “passa e repassa”.

Na prática, essa comunicação viral se traduzia numa ação dos usuários em produzir opiniões em seus blogs sobre as notícias da imprensa, os artigos escritos pelos seus pares, de republicar vídeos do seu interesse político. O resultado foi o aparecimento, em cada rede social, de novos formadores de opinião, que em geral, obtinha esse título

---

<sup>523</sup>G1. *Internet serviu para ridicularizar candidatos*. Disponível na internet: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,AA1395362-5601,00.html> Acessada em 22/01/2006

<sup>524</sup>Estima-se que mais de 1 milhão de pessoas tenha participado diretamente (escrito algo na rede) de discussão e debate sobre as eleições em 2006. Ver: Porta G1. *Eleições mobilizaram 1 milhão no Orkut*, diz pesquisa. <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,AA1395343-5601-23,00.html>

graças a sua insistência de publicar, muitas vezes diariamente, suas opiniões na forma de artigo ou notas.

Cada um desses líderes encampavam obrigatoriamente o protagonismo de alguma comunidade virtual. E, de forma curiosa, o líder de opinião de uma comunidade podia ser encontrado em uma outra sendo liderado por outros protagonistas da informação.

No interior dessa polissemia, a autoridade da informação passou a ser um conceito imanente. O próprio usuário designa a hierarquia de relevância dos conteúdos, por meio basicamente de um processo: o número de links. Quanto mais links um blog recebia de outros blogs maior seria seu poder de agendar a blogosfera, logo maior também seria a relevância da sua produção.

Durante a corrida eleitoral, o sistema *Technorati*, que examina a produção da blogosfera, identificou, somente entre os blogs em português cadastrados em sua base de dados, uma média de 300 *post por dia* sobre o candidato tucano Geraldo Alckmin, e cerca de 800 posts diários sobre o presidente Lula. Sistemas de busca focados em conteúdos de blogs, como o *Google Blogs*<sup>525</sup>, registra 21.000 posts referentes a Lula e 11.000 a Alckmin, entre 07 de julho a 30 de outubro, respectivamente início e fim da campanha. A média dos comentários nos principais blogs de jornalismo político, como o *Blog do Noblat*, foi de 500 comentários por um entrada sobre a corrida eleitoral. Os comentários eram tão diversos a ponto de muitas vezes a melhor informação ser o debate entre os leitores em vez de o conteúdo que os originou.

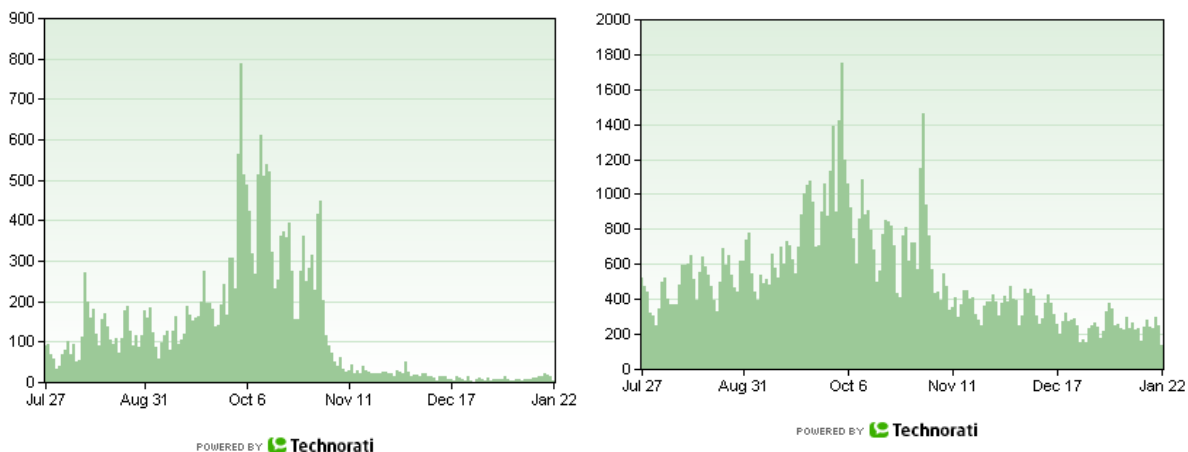
No maior site de compartilhamento de vídeos, o *Youtube*, foram cerca de 900 vídeos tendo Lula como protagonista, e 500, Geraldo Alckmin. A natureza dos vídeos era a mais diversa possível: deboches, escárnio, documentários, testemunhos, flagras, programas partidários televisivos televisivas etc. O experiente jornalista e blogueiro Luis Nassif, no olho do furacão, batizou o efeito dessa cornucópia de *o fim do oligopólio da opinião*: “as eleições de 2006 marcam definitivamente o fim do poder absoluto da grande mídia sobre o mercado

---

<sup>525</sup> <http://www.google.com.br/blogsearch>



de opinião brasileiro”.<sup>526</sup> O centro nevrálgico desse fato estava principalmente na transformação dos blogs em ferramenta poderosa de mídia.



#### **Gráficos 7 e 8 - Remissão das palavras Alckmin e Lula na blogosfera**

*De janeiro de 2006 a janeiro de 2007, blogosfera lulista mostra-se mais ativa ao elevar para quase 1800 notícias, ao dia, sobre Lula, o dobro em relação ao ex-governador de SP Geraldo Alckmin. Início e fim do segundo turno foram os momentos em que houve um pico de produção na blogosfera.*

Todo esse arquivo de relatos multimídia tornaram-se a memória mais completa sobre as eleições de 2006. E resultou na criação de uma multiplicidade de blogs políticos. Nascidos para defender uma candidatura, após as eleições, muitos desses blogs tornaram-se uma espécie de “observatório da política” brasileira, tendo uma pequena, mas cativa audiência. Mas seu papel principal foi de de enterrar, de vez, a clássica teoria da *comunicação a dois passos*, que defendia que entre o veículo e os indivíduos existiria a figura do líderes de opinião, uma espécie de mediador com função de ativar, reforçar ou converter a opinião e a decisão dos indivíduos de seus grupos. “A noção de 'formador de opinião' aproximava-se da nossa tradição autoritária, na clássica fórmula de que, se o povo

<sup>526</sup>Nassif., Luis. *O fim do oligopólio da opinião*. Blog do Nassif. Disponível na internet: <http://luisnassif.blog.ig.com.br/>

não sabe votar, alguém tem de ensinar. E que esse alguém existe, na figura da nossa elite, sempre pronta a dar a sua mão para ajudar o povo”.<sup>527</sup>

Em último caso, se os líderes de opinião não foram enterrados, ao menos seu o poder supremo foi um mito desfeito pelas urnas.<sup>528</sup> A comunicação colaborativa dos internautas fez com que a opinião se manifestasse através de uma rede distribuída de comunicação, sem a presença de qualquer intermediação, dado que os meios de produção acessível aos usuários permitiam-lhes a produção e reprodução de conteúdos, em distintas linguagens, sem a necessidade de conhecimentos específicos sobre a linguagem de programação da web tampouco a orientação editorial de qualquer grupo de mídia. Os veículos dos *mass media* viram-se então imersos num plano em que o receptor penetrava no interior do *newsmaking*. Queria fazer parte do *core* do poder midiático. Foi uma verdadeira invasão bárbara pós-moderna cuja principal conseqüência foi a transformação das leis que regem o jornalismo contemporâneo, bem como na denúncia da “homogeneização da opinião, da redução do contraditório, da diminuição do espaço crítico”<sup>529</sup> levado a cabo pelos grupos de mídia para favorecer a candidatura de oposição conservadora de Geraldo Alckmin, do PSDB.

A blogosfera se dividiu de acordo com as preferências eleitorais do blogueiro. Havia aqueles que defendiam a candidatura Lula (os blogs lulistas), a de Geraldo Alckmin (os blogs alckmistas) e os que orbitavam em torno de um postura anti-tudo e que no segundo turno teve uma postura mais omissa na participação da blogosfera.

---

<sup>527</sup>Coimbra, Marcos. *Senhores de si mesmo*. Revista Carta Capital. São Paulo: ano XIII, nº 425, 27 de dezembro de 2006, pp 20-24.

<sup>528</sup>O presidente Lula foi reeleito com mais de 58 milhões de votos, correspondente a 60,8% dos votos válidos.

<sup>529</sup>Nassif, *op cit*, online

## A mobilização e os memes da blogosfera lulista

A blogosfera lulista emergiu como um *passeata virtual* com o episódio da chamada “lista de furnas”<sup>530</sup>, entre o final de 2005 e o começo de 2006, um documento que mostrava um esquema de caixa dois, principalmente entre os tucanos, na campanha de 2002. A lista circulou pela internet, através do blog-manifesto *Caixa Dois Tucano de Furnas*,<sup>531</sup> mas logo foi desacreditada pela imprensa por conter erros e ter pouca consistência técnica.<sup>532</sup> A imprensa nem sequer chegou a deslocar repórteres para checar a autenticidade do documento, que depois foi comprovada por um perito da Unicamp, algo também ignorado pela imprensa.<sup>533</sup>

<sup>530</sup> A lista era um fotocópia de cinco folhas contendo uma lista de 156 políticos de 12 partidos (PDT, PFL, PL, PMDB, PP, PPS, Prona, PRTB, PSB, PSC, PSDB e PTB) que teria recebido dinheiro de caixa dois montado a partir da estatal federal de energia Furnas. O valor das doações era de cerca de 39,665 milhões. Mais da metade desses recursos teriam sido destinados à campanha de Geraldo Alckmin, José Serra e Aécio Neves, na campanha eleitoral de 2002. O restante teria sido rateado pelos outros políticos, entre eles, o deputado Roberto Jefferson, que confessara ter recebido R\$ 75 mil de Dimas Toledo, ex-diretor de Furnas, considerado o chefe do caixa dois.

<sup>531</sup> A lista de Furnas foi exibida por Helena Sthephanowitz, no blog Caixa Dois Tucanos de Furnas ([www.caixadoistucanodefurnas.blogspot.com/](http://www.caixadoistucanodefurnas.blogspot.com/)). Helena liderou o blog Amigos do Presidente Lula, ([www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com/](http://www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com/)), que alcançou a audiência de mais de 1 milhão de usuários. Acabou se transformando em um ícone da blogosfera lulista. Além disso, outros blogs tiveram importância e forma muito linkados pelos internautas. São eles: Tucanoduto ([www.tucanoduto.blogspot.com/](http://www.tucanoduto.blogspot.com/)), Por um novo Brasil ([www.porumnovobrasil.org/web/](http://www.porumnovobrasil.org/web/)), Portal da Mídia petista (<http://portalmidiapetista.blogspot.com/>) e

<sup>532</sup> O colunista político da Folha Fernando Rodrigues foi logo enterrando o assunto, a partir do critério de objetividade jornalísticos: “Com os recursos disponíveis em informática, é possível alterar totalmente os papéis e imprimir novas cópias. Como são fotocópias, não há como provar qual foi o primeiro a ser montado. Mesmo que exista um original que tenha dado origem à autenticação das fotocópias --até porque um cartório no Rio atestou nesta semana ser verdadeiro o selo que está na cópia--, nada impede que o original também tenha sido montado. [...] Além dessas dúvidas técnicas, a “lista de Furnas” traz também erros factuais e inconsistências no que diz respeito à realidade política das pessoas citadas. [...] Os nomes de Luiz Paulo Velloso Lucas (ex-prefeito de Vitória, no Espírito Santo) e de Francisco Luiz Gomide (ex-ministro de Minas e Energia em 2002) aparecem como candidatos eleitos a deputado federal, mas nenhum dos dois chegou a se candidatar nas eleições de 2002”. (Lista de Furnas tem erros e inconsistências. Folha Online. Disponível na internet: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u75613.shtml>)

<sup>533</sup> “O perito da Unicamp Ricardo Molina de Figueiredo teria feito a perícia de uma cópia do documento, formado por cinco folhas de papel com autenticação de cartório, em Outubro de 2005. O original, que poderia servir para dirimir algumas dúvidas, até o momento não apareceu. Molina disse que sua análise identificou o material como autêntico, contudo alertou que isto não significa que ele é verdadeiro, e que poderia ser até uma montagem feita com auxílio de um computador: “Se aquela informação que está ali é verdadeira ou não, isso é impossível saber porque qualquer um pode sentar numa máquina, no computador, fazer uma lista, assinar e mandar”. (Wikinews. Disponível na internet: [http://pt.wikinews.org/wiki/Autenticidade\\_da\\_Lista\\_de\\_Furnas\\_%C3%A9\\_questionada](http://pt.wikinews.org/wiki/Autenticidade_da_Lista_de_Furnas_%C3%A9_questionada), acesso em

Mas o espalhe da informação na blogosfera chegou alcançar 60 *posts* ao dia, principalmente nos primeiros dois meses de 2006, segundo o *Technorati*<sup>534</sup>. Cerca de 30 mil remissões do termo foram reproduzidos em blogs na web. Até comunidade no site de relacionamento *Orkut* (“eu acredito na lista de furnas”) foi criada<sup>535</sup>. Um dos blogs lulistas, o *Amigos do Presidente Lula*, acabou se transformando em uma espécie de *hub*, ao reunir as principais informações, debates e links para outros blogs que apoiavam a reeleição de Lula. Teve tanto acesso (100 mil acessos/dia) que sua autora, Helena Sthephanowitz,<sup>536</sup> virou um ícone e formadora de opinião da rede lulista. Outro fato inusitado foi que o *Amigos* acabou sendo clonado<sup>537</sup> por blogueiros adversários, que fizeram da interface do blog original objeto de sátira. Paralelamente os conflitos na blogosfera, todos os grandes colunistas políticos<sup>538</sup> com blogs online não publicaram a lista, mas tiveram de escrever uma nota sobre as suas opiniões sobre o documento, graças a uma pressão de internautas na seção de comentários, por email ou em seus próprios blogs, que ultrajavam o “silêncio dos jornalistas”.<sup>539</sup>

---

30/04/2006)

<sup>534</sup><http://technorati.com/chart/furnas?chartdays=360&language=pt&authority=n>

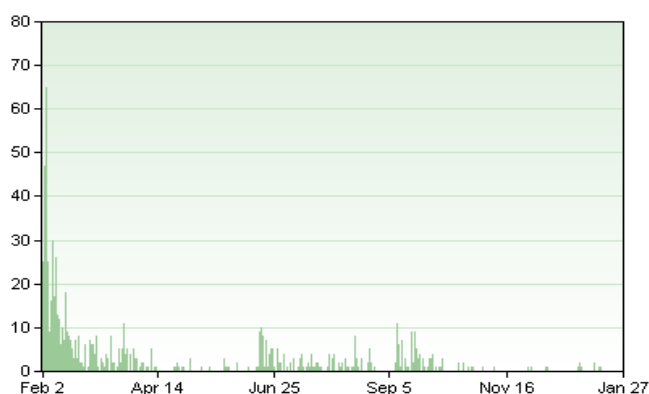
<sup>535</sup><http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=3243603>

<sup>536</sup>Foi autora de um dos textos mais lidos na internet, o *Peçonha Virtual*, que duramente criticava colunistas e artistas (como Jô Soares) que se opuseram ao governo, por conta da crise do mensalão. O texto circulou em 2580 sites da internet, transformando-se em outro *meme* da blogosfera lulista. Virulento e ácido, o texto se tornou uma espécie de purificação esquerdista: *Estou de saco cheio de ver o único Governo em muitos anos que nos livrou do FMI, voltou a financiar moradias, criou um programa de segurança alimentar para atender os famintos, assumiu a liderança da América Latina e impôs respeito no mundo todo, ser execrado diariamente nos jornais, como se tivesse inventado a corrupção, a violência e todos os problemas que o país arrasta há quinhentos anos.* (Peçonha Virtual. Amigos do Presidente. Disponível na internet: <http://amigosdo-presidente-lula.blogspot.com/>)

<sup>537</sup>O endereço do clone: <http://amigosdopresidentelulla.blogspot.com/>

<sup>538</sup>O mais lido online, o *Blog do Ricardo Noblat*, opinou que não publicara a lista porque não se tinha certeza que ela era verdadeira: “*Leitores reclamam do fato de este blog não ter publicado até aqui a lista dos políticos que supostamente teriam se beneficiado do caixa 2 de Furnas. [...] A história política brasileira está repleta de falsos documentos pelo menos dos anos 30 do século passado para cá. Durante mais de um ano, por exemplo, a mídia publicou notícias a respeito do Dossê Cayman - uma suposta conta bancária no exterior onde políticos de peso teriam depositado sobras de campanha. Descobriu-se depois que o Dossiê era falso. E que a conta jamais existira.*”

<sup>539</sup>“Noblat acha que a constituição foi escrita apenas para alguns poucos privilegiados, pois o tratamento que dispensa a outro partido claramente não é o mesmo. Quando Dirceu negou o mensalão, quando Lula negou conhecer o esquema e quando todos os aliados negaram e negam que existe o tal mensalão, mesmo antes das investigações, Noblat já falava em alto e bom som: “Mentira... os petistas só fazem mentir” ou seu sarcástico



POWERED BY Technorati

### Gráficos 9 — Posts por dia sobre Lista de Furnas presentes na blogosfera

A “lista de Furnas” foi publicada no blog *Caixa Dois Tucano de Furnas*, da blogueira Helena Sthephanowit, que também fundou o *Amigos do Presidente Lula*, primeiro blog político independente no Brasil a alcançar 1 milhão de visitantes. Em alguns meses, a visitação era de 100 mil acessos/dias. A “lista de furnas” não virou tema da imprensa, mas dos políticos em Brasília. Acontecia, então, pela primeira vez um agendamento político soprado pela blogosfera. Por coincidência, após a divulgação da lista de Furnas foram aplicadas as primeiras pesquisas eleitorais. Depois de oito meses amargando uma possível derrota eleitoral, o presidente Lula retoma a dianteira das pesquisas.

A repercussão acabou ecoando em Brasília. Deputados da chamada CPI do Mensalão convocaram Dimas Toledo – que recebeu da Justiça o direito de se manter em silêncio<sup>540</sup> e encaminham para peritos o exame do documento que circulava entre os blogs. Caciques da oposição se posicionaram, na imprensa, sobre a lista<sup>541</sup>. Os governistas elegeram o documento como tábua de salvação em meio ao fogo cruzado com os adversários. E, no meio da guerra política, a deputada do PSDB Zulaiê Cobra mostrou-se antenada ao relatar que a “lista de furnas” estava circulando desde 2005 num “blog

“então, tá”. Melo, Gui. *Blog do Noblat, a lista de Furnas*. Blog Crítica da Notícia, de olho em Noblat e outros. Disponível na internet: <http://deolhononoblat.blogspot.com/2006/02/blog-do-noblat-lista-de-furnas.html>

<sup>540</sup>Em reportagem online, Segundo Zulaiê Cobra, a relação já estava sendo veiculada pela internet desde o ano passado, num blog chamado “amigos do Lula”. A deputada acha que os donos do blog são os “pais” da lista, que está sendo investigada pela Polícia Federal.

<sup>541</sup>Para o governador Geraldo Alckmin: “Investigar é sempre bom. Até porque, no caso da lista de Furnas, tem que ser descoberto os criminosos que fizeram isso. A Polícia Federal tem o dever de identificar os criminosos. Não é possível que não se consiga chegar à autoria dessa atividade criminosa. É dever elucidar o crime e apresentar para a sociedade os criminosos”, disse.

chamado Amigos do Presidente”<sup>542</sup>. O senador Álvaro Dias – um dos opositores mais fortes – também mandou o seu recado, ao reagir a uma charge publicada num blog e disseminada na rede: “Senhor Bira, cabe a mim alertar que Vs. está cometendo ato de difamação. Cabe ainda um alerta que usarei os recursos que a lei me permite para processar este antro que se diz blog que nada mais é que um bando de corruptos sem escrúpulos.”<sup>543</sup>

Os blogues lulistas acabaram por chegar no coração do poder sem a intermediação da imprensa, que se calou sobre o acontecimento. A lista acabou por reforçar a opinião de que toda a política estava afundada em corrupção, ao mesmo tempo que mostrava que a oposição só fazia perseguição política ao PT para alcançar eleitoralmente o presidente Lula. O *espalhe da lista* revelou-se assim parte das causas do acontecimento que os analistas na época chamaram de *o renascimento de Lula*, quando o presidente alcançou, pela primeira vez, o primeiro lugar nas sondagens de opinião após meses amargando o segundo lugar, decorrente das sucessivas crises políticas que alcançava o seu governo.<sup>544</sup> Portanto, o presidente Lula renascia, em parte, pela elevação da temperatura criada pela blogosfera e repetida pelos políticos governistas em Brasília contra a reputação reivindicada pela oposição de portar a salvação ética para o país. Como um *buzz* e um *meme*, na linguagem blogueira, a *lista de Furnas* transformou-se no evento fundador da blogosfera política no país e numa abertura ferramente à crítica da estrutura midiática brasileira.

---

<sup>542</sup>“Os blogs são os pais da lista de Furnas”. A frase foi dita pela deputada Zulaiê Costa (PSDB). Ver: Procuradoria investiga 'lista de Furnas'. Disponível na internet: <http://www.camara.gov.br/INTERNET/AGENCIA/materias.asp?pk=82882>

<sup>543</sup>Dias respondia ao cartunista Bira, do blog Amigos do Presidente Lula. Disponível na internet: [http://osamigosdopresidentelula.blogspot.com/2006\\_04\\_01\\_archive.html](http://osamigosdopresidentelula.blogspot.com/2006_04_01_archive.html)

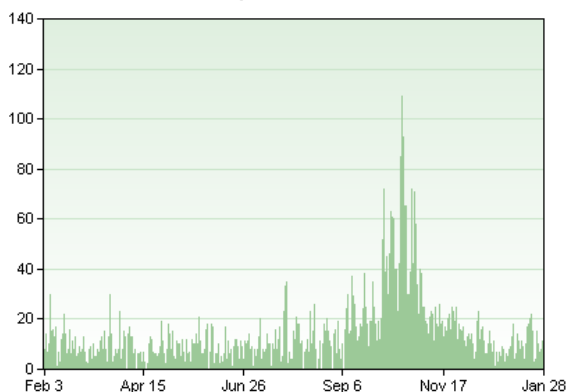
<sup>544</sup> Em meados de fevereiro, a primeira pesquisa eleitoral foi realizada pela CNT/Sensus. Esta apontou que Lula estava à frente de seu principal opositor, José Serra (PSDB), em 10 pontos. A oposição não acreditando chegou a pedir a auditoria na pesquisa da Sensus. Contudo, no final de fevereiro, a pesquisa Datafolha confirmou a anterior: mostrava Lula à frente de José Serra em 8 pontos e de Geraldo Alckmin em 18 pontos.

A partir daí a blogosfera lulista se legitimou como *watchblogs* – “blogs que vasculham tudo o que sai publicado na imprensa sobre a campanha eleitoral”<sup>545</sup>. Ocupou um espaço de monitoramento diário sistemático da imprensa brasileira. Mas não se reduzia a um mero reflexo midiático. Ao contrário, reproduzia para reforçar um sentido não atribuído pela imprensa. Para isso, articulava-se em torno de textos, audios, cartoons, vídeos, fotografias próprios; campanhas; testemunhos e artigos de publicações eletrônicas.

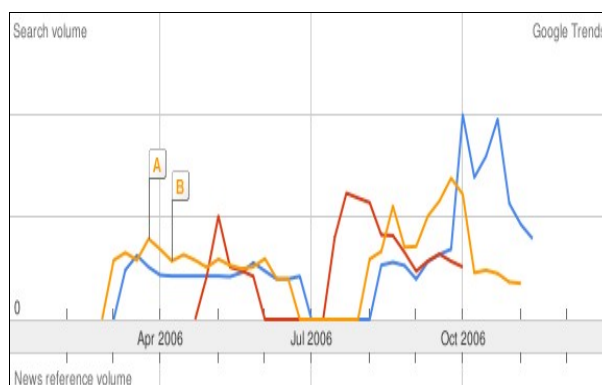
Devido ao elevado volume do material produzido, os blogs criaram gêneros textuais para classificar seus posts. Quando escreviam sobre algum político de oposição, então envolvido em corrupção no passado, mas que posava na mídia como defensor da moralidade, os blogueiros colocam uma *gif* com o dizer *Fala sério! tem ladrão falando em corrupção*. Assim o texto fica inserido numa campanha coletiva da blogosfera lulista. Outras campanhas foram realizadas, através de *memes*: “não ao golpe, eu voto em Lula”, “eu apóio o Lula”, “a inVEJA é uma merda”, “CPI da mídia já”, “Sorria, você está sendo manipulado” etc. Quando a corrida eleitoral de fato esquentou, com a propaganda eleitoral televisiva, a blogosfera lulista continuou o espalhe de notícias e vídeos da campanha do presidente, além de reportar comícios, e investir numa campanha de associação de Alckmin com a ditadura (“eu abafei 69 cpi’s”) e com a privatização do patrimônio público. As três últimas campanhas juntas gerar mais de 60 mil remissões em sites e blogs na Internet, segundo o *Google* (a pesquisa pelo termo dobrou em relação a outros como mensalão ou sanguessuga). Na blogosfera, entre os blogs cadastrados no site Technorati, o assunto sobre privatização bateu a marca de 100 post/dia.

---

<sup>545</sup>Watchblogs surgiram na campanha de 2004 nos EUA. Ver Castilho, Carlos. Watchblogs, a noa patrulha da imprensa. Disponível na internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=265ENO001>



POWERED BY Technorati



### Gráficos 10 e 11 — Internautas produzem e consomem informações sobre “Privatização”

À esquerda sistema Technorati demonstra o arroubo pela produção de entradas sobre privatização na blogosfera, com lulistas e alckmistas trocando mensagens entre si no auge da corrida eleitoral, no segundo turno (outubro). À direita, segundo gráfico obtido no Google Trends, os internautas buscam informação sobre privatização (em azul) no Google, o dobro das buscas por mensalão (em laranja) e sanguessugas (em vermelho), tendo como contexto o período das eleições (julho a outubro de 2007). Blogosfera lulista acaba mantendo a atenção sobre a questão das privatizações, diminuindo o impacto da circulação de informações sobre mensalão – algo que beneficia o candidato da oposição.

Essa “onda da opinião” acabou por mater todo o mês de outubro (o segundo turno das eleições) agendado pelo tema da privatização, pelo menos na Internet, o que, em termos eleitorais, acabou por reduzir a força política do candidato Geraldo Alckmin, então associado a uma imagem de privatista. Esse trabalho de agendamento acabou por forçar a imprensa a não encontrar um outro tema de pauta, a não ser às reações do candidato opositor, que demonstrava a cada evento uma atitude que desmentia, como ele mesmo dizia, o boato (*buzz*) que ele iria privatizar as principais empresas públicas brasileiras. Esse “boato”<sup>546</sup> novamente era soprado da internet – a política viral - para os outros veículos de comunicação, inclusive, para a blogosfera alckmista, que reagia publicando os benefícios da leva de privatizações gerada no Governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB).<sup>547</sup>

<sup>546</sup>Um boato respaldado na própria história política brasileira, marcada na década de 90 pelo avanço do neoliberalismo.

<sup>547</sup>Já próximo do final das eleições, o jornalista Fernando Rodrigues escreveu no seu blog: “a campanha presidencial pegou fogo na web. Este blogueiro nunca recebeu tantos e-mails das correntes lulista e alckmista. O PT tem um volume muito maior e constante. O uso da Internet tem alcançado uma intensidade na política”. Os



## O instante da anomalia

As mídias participativas<sup>548</sup> representam aquilo que o filósofo Antonio Negri denomina de poder constituinte porque os sujeitos que a produzem encarnam uma força que irrompe, quebra, interrompe e desfaz todo equilíbrio preexistente e toda continuidade possível<sup>549</sup> de uma estrutura midiática acostumada a tratar suas audiências através de um “espírito de rebanho”<sup>550</sup>. Ao ser um poder constituinte, os blogs são o resultado de um *movimento* de uma multidão, que cria e disponibiliza os meios e as ferramentas de produção comuns; e a circulação e a criação de conteúdos singulares, para que todo um ecossistema alternativo de comunicação possa ser desenvolvido.

Agora esse poder constituinte dos blogs só pode ser compreendido no interior de um processo de mutação social. E essa mutação, para Sodré<sup>551</sup>, vincula-se a uma revolução tecnológica e cultural cujo alcance antropológico pressupõe uma vida conectada e em rede, capaz de afetar toda a experiência humana de produção do real, em particular, o tempo, o espaço, a memória, corpo, o conhecimento, as identidades, as instituições e os valores sociais. “A rede dilui os poderes, ao mesmo tempo em que engendra uma nova forma de poder, o poder da rede, precisamente”.<sup>552</sup>

Em termos políticos, esse “poder da rede” eclodiu quando, às vésperas da votação do primeiro turno, os principais veículos de mídia estampam uma foto do dinheiro que teria sido usado por integrantes do PT para pagar um possível dossiê contendo denúncias contra o candidato tucano ao governo de São Paulo, José Serra<sup>553</sup>. Dez dias

jornalistas-blogueiros foram constantemente alvo do ataque em enxame da multidão da internet.

<sup>548</sup> Usa-se o termo mídias participativas como sinônimo de veículos, de alcance global, que são criados, mantidos e abastecidos de conteúdos por usuários na internet por meio de trabalho colaborativo.

<sup>549</sup> Sobre esse conceito, ver Negri, Antonio. *O poder constituinte*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

<sup>550</sup> Termo usado por Anderson, *op cit*, p.5

<sup>551</sup> Sodré, Muniz. *Um clique e uma revolução na notícia*. Observatório da imprensa. Disponível na internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=338SAI001>

<sup>552</sup> Soriano, Paul in Sodre, *op cit*, online.

<sup>553</sup> Os petistas acreditavam conseguir provas do envolvimento de Serra com a chamada máfia dos sanguessugas, então liderada por empresários que superfaturavam o preço de ambulâncias compradas por dezenas de municípios brasileiros e depois repassava a grana inflacionada para políticos locais e nacionais. A máfia – segundo a CPI criada sobre o caso e que atravessou as eleições – esteve presente tanto nos dois governos de

depois a revista *Carta Capital*, publica uma matéria<sup>554</sup> mostrando que a notícia das fotos do dinheiro nos meios impressos e no Jornal Nacional, da Rede Globo, fora orquestrado por então delegado da Polícia Federal Edmílson Pereira Bruno, que se encontrou clandestinamente com jornalistas do *Estado de São Paulo*, *Folha de São Paulo*, *Rádio Jovem Pam* e *O Globo*, exigindo que a imagem fosse veiculada no Jornal Nacional um dia antes dos jornais impressos<sup>555</sup>.

A foto foi tão valorizada pelo Jornal Nacional que o programa deixou de divulgar a notícia da queda do Boeing da Gol, que colidiu com um avião da Embraer, na região Centro-Oeste brasileira. Os principais jornais impressos do país imprimiu na primeira página 2/3 do seu espaço repercutindo a divulgação das fotos, reguardando uma dimensão minúscula ao desastre aéreo. O diretor de jornalismo da Rede Globo, Ali Kamel, responsável pelo jornal de maior audiência no país, teve acesso a um outro importante documento: um áudio da conversa do delegado com os jornalistas gravado por um destes no exato momento da entrega as fotos para os repórteres.

Do ponto de vista jornalístico, o áudio revelava um delegado empenhado em fazer uso político das imagens — fato que foi ignorado por Kamel, que teria dito: “Não nos

---

Fernando Henrique Cardoso e nos dois primeiros anos do Governo Lula.

<sup>554</sup> Pereira, Raimundo. *Os fatos ocultos*. Revista Carta Capital. Disponível na internet: <http://www.cartacapital.com.br/edicoes/2006/10/415/5457/>

<sup>555</sup> O delegado acabou sendo grampeado por um dos jornalistas na tal reunião clandestina. O áudio acabou sendo divulgado dias depois, graças a repercussão de matérias da Carta Capital na blogosfera:

*Delegado Bruno:- Agora é o seguinte, qual a televisão que eu divulgo? Eu preciso divulgar para uma tevê.*

*Voz masculina de repórter:- Precisa sair numa tv... bom, na Globo ou no SBT...*

*Delegado Bruno:- Tem alguém da TV Globo aí?*

*Voz masculina de repórter: - tem o Bocardi, o Bocardi! [...]*

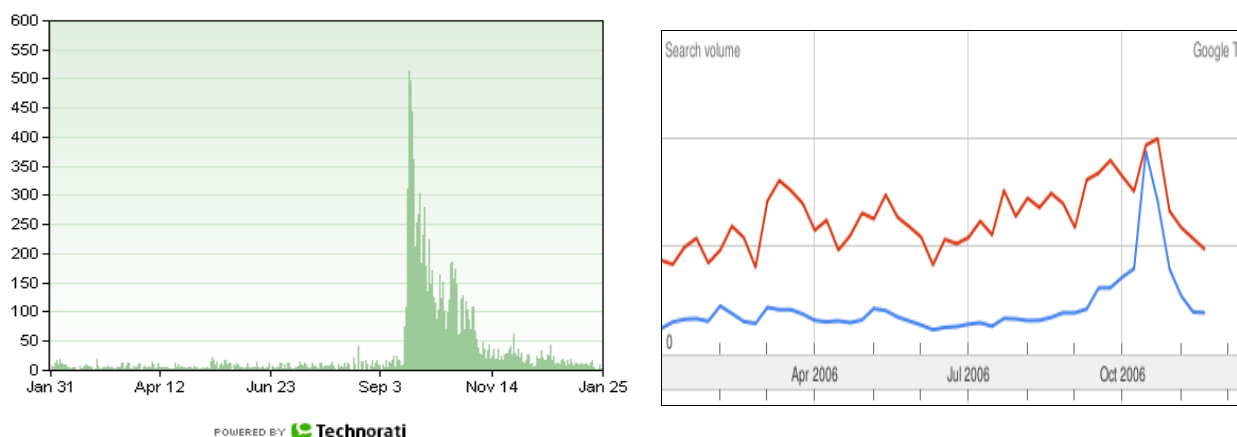
*Voz masculina de repórter: - Só que é o seguinte: isso só pode sair amanhã na tv, né?*

*Delegado Bruno: - Não, pode sair hoje à noite na tv.[...]*

*Delegado Bruno: Tem que sair no "Jornal Nacional". Se for o SBT, Ana Paula Padrão.*

*(Portal G1. Leia e ouça, com nitidez e na íntegra, conversa do delegado do caso dossiê com repórteres. Disponível na internet: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1317305-5601,00.html>*

interessa ter essa fita. Para todos os efeitos, não a temos”<sup>556</sup>. As sucessivas matérias de *Carta Capital*<sup>557</sup> provocaram um revés surpreendente na opinião pública.<sup>558</sup> Um avalanche de posts, comentários e troca de emails circulou pela internet. Na blogosfera, um média de 200 posts/dia, com um pico de 500 no auge das denúncias de *Carta Capital*, foi escrito sobre o tema, segundo o Technorati. No Google, houve um surto de procura pelos termos *Carta Capital* e *dossiê*. “Em pouco tempo”, analisou o jornalista e blogueiro Luis Nassif, “a matéria de Raimundo passava a repercutir em vários blogs. Os leitores passaram a descarregar a ira contra a encenação na parte de comentários”.<sup>559</sup>



### Gráficos 12 e 13 — Carta Capital alcança a mesma atenção da Revista Veja na Internet

À esquerda sistema Technorati demonstra o surto de posts que repercutem a matéria de *Carta Capital*, sob um possível golpe orquestrado pela mídia para que o segundo turno acontecesse. Segundo o gráfico à direita, do Google Trends, a busca pelas informações trazidas pela *Carta Capital* fez com que os internautas corressesem para o Google atrás de informações, elevando a busca por dados sobre “*Carta Capital*” a ponto de alcançar o número de busca sobre o termo “*Revista Veja*”, o órgão de imprensa mais lido e hiperlinkado pela blogosfera alckmista. A novidade era que *Carta Capital*, que vende 60 mil exemplares por quinzena, conseguia a mesma atenção que *Veja*, que vende mais de 1 milhão de exemplares, por semana. Boa parte dos resultados do Google eram direcionados para a diversidade de blogs (de oposição e da situação) presentes na internet, que repercutiram a matéria de *Carta*. Era o começo da anomalia midiática, que redundou naquilo que o jornalista e blogueiro Luis Nassif cunhou de o “fim do oligopólio da opinião”.

<sup>556</sup>Pereira, *op cit*, online

<sup>557</sup>As edições que trouxeram à luz da sociedade a tal tentativa de golpe foram as edições: de nº 415, de 14/10/2006, com o título da capa *A Trama que levou ao segundo turno*; de nº 416, com o título de capa *Contribuição ao dossiê da mídia*.

<sup>558</sup>O número advém da pesquisa no Google associado aos termos *Carta Capital*, *blogspot*, *wordpress*.

<sup>559</sup>Nassif, *op cit*, online

A reação desse movimento de produção singular de opinião foi rapidamente manifestada na imprensa online. Os internautas, movidos pela defesa das suas convicções ideológicas, produziram de forma massificada um esfera de interlocução com outros usuários da web e com os próprios veículos da imprensa, gerando um amplo processo de conversação social, principalmente através das diferentes espécie da família blogs (diários virtuais, fotologs, videologs etc), como já analisamos. Toda essa diversidade do campo da opinião pública na internet começava ser metabolizado pelos blogueiros-jornalistas da grande imprensa, que tiveram que responder aos seus leitores como analisavam o conteúdo da revista *Carta Capital*.

Os *blogs de grife* se dividiram em contrários, favoráveis e reticentes ao que revelava a matéria da *Carta Capital*. Os *reticentes*<sup>560</sup> - ou os inócuos - foram aqueles que apenas publicaram o link da matéria da *carta Capital*, sem emitir qualquer opinião sobre o caso, quando muito tinha uma perspectiva ambígua: concordavam com a publicação da foto, mas condenavam a atitude dos veículos em não revelar os reais motivos do delegado em divulgar tal documento.

*Ao trabalho: muitas gente comentando a tal lista de Furnas. Não é verdade que não tenha dado atenção a ela, basta que leiam a coluna de hoje. E não vale me chamar de tucana (devo ser versátil, pois alguns me chamam de petista) pelo fato de ter apontado os indícios muito fortes de montagem ou manipulação dessa lista. Mas deve ser investigada, tudo deve ser investigado. Aliás, é isso que espero de quem investiga: jornalistas investigativos, polícias, cpis. Que nenhuma caixa dois seja perdoado.*<sup>561</sup>

Já o *grupo dos contrários*<sup>562</sup> – ou os ternos – argumentaram que a divulgação das “imagem da compra do dossiê” era um dever cívico do jornalismo, pois era uma imagem sonogada da sociedade pelo governo. E que não havia motivação política na divulgação,

---

<sup>560</sup> Blog da Teresa Cruvinel, Blog do Fernando Rodrigues, Blog do Noblat, foram aqueles que tomaram uma decisão de mais noticiar do que opinar sobre o “pega pra capar” entre Carta Capital e Globo. Contudo, seus leitores insistiam em opinar sobre o tema, gerando milhares de textos e comentários contrários ou favoráveis a atitude da mídia.

<sup>561</sup> Blog da Teresa Cruvinel. Abrindo a caixa de ferramentas. Disponível na internet: <http://oglobo.globo.com/blogs/tereza/default.asp?a=13&periodo=200602>

<sup>562</sup> *Blog do Josias de Souza, do UOL e todos os blogs da Veja Online.*

mas esta foi produto de um “rancor humano”, pois o delegado Bruno difundiu a fotografia para os jornalistas como uma resposta aos seus superiores em tê-lo retirado da investigação da compra do dossiê.

*[...] Mas carimbar o episódio como um complô da mídia para prejudicar Lula é como atribuir ao termômetro a responsabilidade pela febre. Quem envenenou os planos do presidente foram os “aloprados” de seu partido, não os jornalistas. [...] não foi só a divulgação das fotos que produziu o segundo turno. O dossiê que ganhara o noticiário havia duas semanas. A imagem da grana apenas deu ao escândalo a moldura que faltava.*<sup>563</sup>

Já o grupo dos favoráveis<sup>564</sup> - ou os ácidos - defendia a tese de uma tentativa de golpe do estado e de uma campanha de difamação liderada pela imprensa contra o PT, algo que acontecia desde junho de 2005, com a chamada crise do mensalão.<sup>565</sup> Para esses blogueiros o grande erro da imprensa era forçar uma certa imparcialidade jornalística transcendental, já que, na prática, a decisão em publicar a fotografia com maior destaque que o acidente aéreo mostrava o lado oposicionista da grande mídia.

*Um golpe de Estado levou a eleição para o segundo turno. É o que demonstra de forma irrefutável a reportagem de capa da revista Carta Capital que está nas bancas.*<sup>566</sup>

*[...] qual o interesse jornalístico de uma foto? Uma foto de dinheiro é igual a uma foto de dinheiro. Não há informação nisso. Essa foto ainda foi maquiada para dar maior fotogenia. O único interesse era como ela ia repercutir nas eleições, como no caso da Roseana Sarney. A gente sabia que esse dinheiro existia há semanas. O fato de aparecer a foto não tem significado nenhum. Mas os jornais e TVs queriam dar a imagem para saber o efeito eleitoral da foto. Se o único interesse sobre a foto era esse, é*

<sup>563</sup>Sousa, Josias. *Escorado em revista, PT renuncia complô da mídia*. Blog do Josias de Sousa. Disponível na internet: [http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2006-10-08\\_2006-10-14.html](http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2006-10-08_2006-10-14.html)

<sup>564</sup>Blog do Mino Carta, Blog do Luis Nassif, Paulo Henrique Amorim, Blog da Teresa Cruvinel

<sup>565</sup>“Escândalo do Mensalão ou “esquema de compra de votos de parlamentares” é o nome dado à maior crise política sofrida pelo governo brasileiro do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2005/2006. O neologismo mensalão, popularizado pelo então deputado federal Roberto Jefferson em entrevista que deu ressonância nacional ao escândalo, é uma variante da palavra “mensalidade” usada para se referir a uma suposta “mesada” paga a deputados para votarem a favor de projetos de interesse do Poder Executivo. Segundo o deputado, o termo já era comum nos bastidores da política entre os parlamentares para designar essa prática ilegal. A palavra “mensalão” foi então adotada pela mídia para se referir ao caso. A primeira vez que a palavra foi grafada em um veículo de comunicação de grande reputação nacional ocorreu no jornal Folha de S.Paulo, na matéria do dia 6 de junho de 2005” (Wikipedia. Verbete Mensalão. Disponível na internet: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo\\_do\\_mensal%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo_do_mensal%C3%A3o) acesso em 12/05/2006).

<sup>566</sup>Amorim, Paulo Henrique. *O 1º Golpe já houve. E o 2º?* Conversa fiada, Blog de Paulo Henrique Amorim. Disponível na internet: [http://conversa-afiada.ig.com.br/materias/394501-395000/394778/394778\\_1.html](http://conversa-afiada.ig.com.br/materias/394501-395000/394778/394778_1.html)

*evidente que a parte mais relevante do ponto de vista da notícia era saber como vazou a foto. E não deram isso. Manipularam e protegeram o delegado (Edmilson Bruno Pereira). Isso é um episódio marcante. Um golpe como esse, não temos paralelo em nossa história. A mídia, cumprindo esse papel, é suicida.*<sup>567</sup>

A inóspita, a ácida e a terna repercussão acabou forçando Ali Kamel a enviar uma resposta<sup>568</sup> para o site *Observatório da Imprensa*<sup>569</sup>, o blog do ex-global Paulo Henrique Amorim<sup>570</sup> e à própria *Carta*.<sup>571</sup> O coração da indústria jornalística – o responsável pelo telejornal de maior audiência brasileiro – entrava na agenda dos veículos participativos da internet, que com sua capacidade de produzir *buzz* – burburinhos e boatos – enterrou a reputação de objetividade da imprensa nacional.<sup>572</sup>

Ao analisar o fenômeno participativo dos *watchblogs*, Carlos Castilho, em seu blog *Código Aberto*<sup>573</sup>, no Observatório da Imprensa, argumentava que emergência do “*leitor patrulheiro assusta os editores*”, ao se referir ao trabalho diário de internautas<sup>574</sup> que

---

<sup>567</sup>Nassif, op cit, online

<sup>568</sup>Kamel defendeu-se ao alegar que:

- o JN não divulgou a queda do Boeing da Gol, porque a primeira notícia sobre o fato surgiu no Portal Terra às 20h46min (<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1166661-EI306,00.html>) e ainda não-oficial. A *Carta Capital* havia publicado que a primeira informação sobre o acidente havia sido circulada na Internet às 18h35.
- Negou que havia tomado conhecimento de fita que continha conversa do delegado com os jornalistas.
- Reforçou que publicou as fotos do dinheiro porque eram de interesse público.
- Disse que o delegado não havia privilegiado o JN, mas todos os outros veículos jornalísticos da TV.

<sup>569</sup>Seu principal editor, Alberto Dines, foi taxado pelos internautas de aliado de Kamel na luta contra a blogosfera lulista. Nunca como antes Dines viu sua reputação ser colocada em cheque. Recebeu mais de 2.000 comentários em menos de uma semana, na maior parte longos e críticos, sobre o seu posicionamento de “defesa a imprensa” no caso .

<sup>570</sup>Paulo Henrique Amorim acabou emprestando seu prestígio para liderar uma campanha anti-golpe. Fez também com que os comentários dos leitores se tornassem conteúdos do seu site, através da seção “Solte o Verbo”. Ganhou muita simpatia do blogosfera lulista, e seu avesso da oposicionista.

<sup>571</sup>Kamel teve que pagar a *CartaCapital* pelo espaço ocupado pela sua resposta, pois se recusou a escrevê-la com 13 mil caracteres, espaço que a revista o oferecia gratuitamente.

<sup>572</sup>A onda de manipulação global se espalhou tanto que 172 jornalistas assinaram um manifesto contra “insistente tentativa de atingir nossa honra e nossa correção profissional por alguns supostos colegas nestes dias que antecedem o encerramento das eleições 2006”. (Sobre o manifesto, ver Observatório da Imprensa. Disponível na internet: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=404IMQ004>

<sup>573</sup>[http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id\\_blog=2](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id_blog=2)

<sup>574</sup>Nos EUA, esses internautas foram apelidados de “jornalistas de pijama” pelo trabalho de ficar 24 horas monitorando e checando se as informações divulgadas na mídia sobre seus candidatos procediam ou eram manipuladas.

entupiam a caixa de email e a seção comentários dos jornais e blogs jornalísticos online, e assim provocar o descrédito das opiniões desses editores.<sup>575</sup>

*O patrulhamento rompe, pela primeira vez na história da imprensa, com a tradicional unidirecionalidade do fluxo informativo. Até agora, quase toda a informação fluía dos tomadores de decisões e formadores de opinião, através dos jornalistas, até o público, cujo poder de retroalimentar o circuito informativo era muito limitado. O rompimento ocorre em circunstâncias traumáticas, especialmente para os jornalistas, que passam a se sentir encurralados e hostilizados por uma massa de leitores que estraçalha reportagens e comentários com um ímpeto também inédito na história do jornalismo brasileiro. Quem lê os comentários postados em weblogs e páginas políticas online percebe rapidamente que a esmagadora maioria dos comentários revela uma atitude ácida em relação à imprensa. A argumentação quase sempre responde ao impulso e à paixão, o que provoca ressentimentos dos patrulhados.*<sup>576</sup>

---

<sup>575</sup>O termo patrulhamento, com seu sentido de autoritarismo, demarcava um certo corporativismo e também uma desconfiança da atividade dos blogs. O termo acabou gerando uma corrente de ira entre os internautas, gerando ao artigo de Castilho mais de 70 intensos comentários. Um deles foi certeiro na identificação do fenômeno em curso em 2006:

*Minha mãe sempre dizia: quem fala o que quer ouve o que não quer. Isso é liberdade de imprensa. Note bem, senhor Castilho, hoje não se fala mais "saiu na Folha", "saiu n'Ó Globo", "Deu no New York Times". Agora é "eu vi na internet". Por que será? A imprensa plantou e está colhendo. E ainda se fazem de vítimas. O que vocês querem? Liberdade de imprensa e censura aos leitores? Me poupe.*  
(Comentário de Ana Rodrigues ao post O leitor patrulheiro assusta editores, de Carlos Castilho, op cit, online)

<sup>576</sup>Castilho, Carlos. O leitor patrulheiro assusta os editores. Blog Código Aberto. Disponível na internet: [http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id\\_blog=2&id=%7BD34FD721-F8FB-456F-99CB-88B0F1CF0307%7D&data=200610](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id_blog=2&id=%7BD34FD721-F8FB-456F-99CB-88B0F1CF0307%7D&data=200610)

## **CONCLUSÕES**



## Pelo fim da Forma-Estado na Comunicação

*A new economy tem isto de específico: é um modo de produção capitalista atravessado pela comunicação, pela força produtiva da linguagem, seja na esfera diretamente produtiva das mercadorias, seja na monetária e financeira. É dentro das coordenadas lingüísticas do sistema de produção e de distribuição da new economy que devem ser buscadas as contradições e as formas do conflito social.*

Marazzi, Christian

*A única coisa que nunca pode existir é uma total ausência de poder, um vazio.*

Antonio Negri e Michael Hardt

Quando Negri e Hardt publicaram *Multidão*, argumentaram – correndo o risco das simplificações - que a globalização poderia ser sintetizada num plano de antagonismo entre duas formas de organização política, ambas funcionando numa estrutura de rede. A primeira condizia com o que chamaram de as *redes do Império*, que se caracterizariam por níveis de hierarquias e divisões, tendo como teleologia a manutenção da ordem e da paz social, por intermédio da guerra.

Essas redes funcionariam como dispositivos de controle. A fenomenologia dessas redes se expressaria nas máquinas poderosas de guerra, desenhadas para funcionar de longe, como as redes satelitárias de controle do terrorismo, as redes financeiras de especulação e constrição das soberanias nacionais e as redes da produção desterritorializada das corporações globais. A máquina de guerra então não se resumia somente no potencial bélico de uma certa oligarquia global, mas sim, da capacidade de controle informacional desse mesmo grupo de corporações e instituições transnacionais (G7, FMI, OMC etc). Um controle que, mediado pelo uso extensivo das tecnologias

interativas computacionais, permite-os, em sincronia, governar o tempo dos acontecimentos sociais, a partir de uma vigilância intensa dos espaços sociais a fim de pretensamente protegê-los da intrusão ou da desordem dos bárbaros.

Essa vigilância totalizante acaba por fazer dos indivíduos habitante de um único campo, que, ao contrário daqueles de concentração de outrora, é marcada por uma terrível “invisibilidade sensível” que se manifesta por dispositivos como controle remoto, micro câmeras de segurança, *chips* que os corpos carregam na forma de pulseiras identificadora de presidiários, de telefones móveis e GPS; ou enfim de tarjetas eletrônicas cristalizadas em cartões de crédito e débitos, que condensam parte das nossas identificações, hábitos e gostos como consumidores, mas também – diz o poder – parte das nossas tramóias, sonegações fiscais e infidelidades aos bons costumes sociais. Mas esse poder de vigilância generalizado não funcionaria se a sociedade não o visse como um produtor de conhecimento e de prazer, como bem nos ensinou Michel Foucault. Mas o curioso é que, daqui do novo século, o poder oferece seus súditos um prazer absolutamente sádico: o de conhecer por dentro o terreno do privado.

A popularização das tecnologias interativas, em particular, a webcam e as câmeras de fotografia e vídeos digital, realçam bem esse desejo maquínico de tornar o sujeito a individuação do fluxo vigilante que é próprio do poder imperial. Extenso a todos, esse maquinário deve funcionar, tal como o Império, em todos os lugares, mas sendo sentido como invisível, contudo, presente em sua capacidade de constranger o corpo em suas diferentes singularizações: social, grupal, individual. O poder vigilante então – por mais perplexo que isso seja - quer ser um devir, ou seja, uma capacidade transformadora. Ele opera por dentro da singularidade, convencendo-a que ela é seu duplo na forma de potência.

Mas longe de nós dizermos que a estratégia do poder, como Império, é proceder como uma ideologia e discursividade. O indivíduo – com seu celular, que é lambe-lambe virtual, videocam, poderoso gravador de voz, web móvel etc – quer ser o portador de seu

discurso próprio, porque é um átomo que também produz vigilância devidamente sábia do controle que também sobre si é exercido. Experimenta o poder de espiar as consequências de simples ações pessoais (como andar na rua), ao mesmo tempo, que reconhece não saber o que é feito com suas informações e seu corpo vigiados. O poder então não quer ser hardware. Ele opera como o sistema operacional desse hardware: delimita os níveis e os mecanismos de interação, impede o acesso ao código que ordena as ações dentro do sistema, habita ou pode ser habitado em qualquer parte do globo dado que é uma mídia global com sentidos bem definidos. Ao mesmo tempo, possui uma linguagem que potencializa a criação, só sendo portanto ativo se usado, manipulado, incorporado na parcela sónica do cérebro. O poder é uso criado pela singularidade que se dobra como uma nova camada do próprio poder. O uso do poder pelas singularidades dá ao poder densidade, que redundando na força de atualização do poder, que se abre a novas invenções singulares. O poder – o capital, o Estado, a mídia - então aspira ser uma fonte aberta de poder global. Pelo menos esse é o seu projeto.

Essa imanência trabalha insistentemente para que todo o acúmulo tecnológico tenha que desaparecer no interior do tecido da vida cotidiana para que ele não se distinga da própria vitalidade da singularidade<sup>577</sup>. O poder é – para repetir um refrão já cantado anteriormente – revelado como um biopoder, pois é capaz não somente de reproduzir a sociedade, mas de produzir todos os aspectos da vida social.<sup>578</sup> Mas sendo o poder interno ao próprio devir, e o devir um desejo imposto ao destino, não há como considerá-lo tão harmônico à potência do devir. E se o futuro é o único tempo que se constrói, o poder só pode ser um agenciamento de controle do futuro, e a potência o que constitui o próprio tempo, do que vive o ser. Nesse sentido, à la Toni Negri, o poder precisa ser interpretado como uma reação, um vir depois da potência, e esta, ao sofrer o embate do poder que criando sobre ela um comando, transforma-se logo em resistência, mas também em

---

<sup>577</sup>Rheingold, Howard. *Multitudes inteligentes*. Barcelona: Gedisa editorial, 2004

<sup>578</sup>Negri, Antonio, Hardt, Michael, op cit, p.34

omissão e passividade, embora não deixe de existir como potência, visto que do devir não há como dele se desafetar.

Esse movimento entre poder e potência acaba por revelar-se como um campo de lutas que atravessa o corpo e a constituição das relações desse corpo com a sua classe social. Poder e potência acabam também por não se reduzir a campo de forças dialéticas, visto que, ao poder cabe a criação contínua de comandos, portanto, em múltiplas sínteses. E a potência em inovações que dissolvem velhos comandos, mas torna-se objeto de outros novos.

### **Resistir é acabar com a forma-Estado!**

A anomalia do blogs apontou que a internet tornava-se a aliada mais forte à radicalização democrática da comunicação no país,<sup>579</sup> tão espremida entre duas formas hegemônicas de poder: a forma-Estado e a forma-Globo. A forma-Estado conseguiu, desde o século passado, estabelecer regras e normas de concessões públicos de radiodifusão que foram responsáveis pela formação e a consolidação dos grandes conglomerados da mídia eletrônica cujo atores, os *barões da mídia*<sup>580</sup>, são protagonizados por famílias que concentram de forma horizontal, vertical e cruzada os meios de comunicação social. Quando a Constituição Brasileira de 88 promulgou o impedimento de qualquer forma de concentração de mídia, o estrago já tinha sido feito,<sup>581</sup> a mídia eletrônica já estava toda

---

<sup>579</sup>O presidente Lula compreender o recado da urna. E colocou como prioridade a universalização da informática como prioridade do seu governo, como assinalou em seu discurso de posse. Mostrar números da chegada do computador na classe C.

<sup>580</sup>( ) Família Marinho com 17 concessões de TV e 20 de rádio; Sirotsky com 14 de TV e 21 de rádio; Família Saad com 9 de TV e 21 de rádio; Família Abravanel vem em seguida com 9 emissoras de TV; Câmara detém 7 de TV e 13 de rádio. A família Daou é proprietária de 5 canais de TV e 4 de rádio; a família Zahran conta com 4 canais de TV e 2 de rádio; a família Jieissati tem uma emissora de TV e 5 de rádio. O Grupo Associados detém 3 concessões de TV e 9 de rádio. “Embora a distribuição dessas 74 emissoras de televisão se dê entre as dez, cinco são afiliadas da Rede Globo, o que confere à família Marinho o monopólio das transmissões e das audiências. Com as afiliadas, amplia mais seu domínio e passa a operar com outras 31 repetidoras para distribuir seu sinal em todo o país” (Caldas, 1997, p.70).

<sup>581</sup>Segundo Caldas (1997, p.70), de 1992 a 1963 (41 anos) foram outorgadas 807 emissoras de rádio. Durante o governo militar, de 1964 a 1984 (20 anos), esse número subiu para 1.240. Já na administração Sarney, de 1985

rateada para a elite política e econômica brasileira. A mídia impressa não foi diferente. Os governos sempre as colonizaram através das políticas de patrocínio e propaganda do Estado.<sup>582</sup> Somado a isso, desde o final da década de 80<sup>583</sup>, novos atores entraram no seleto clube dos barões: donos de faculdades privadas, religiosos e mais políticos. O grande legado do Estado foi ter inventado a oligarquia privada (forma-Globo) e a “oligarquia estatal” (a forma-Estado). No final da contas, estamos dentro de uma coisa só: uma estratégia do poder de nos fazer passivo na produção de meios de comunicação.

A anomalia da mídia distribuída deu às forças sociais a possibilidade de exigir a construção de um mercado de opinião estruturado através do “poder das fontes livres”. Portanto, a novidade do cenário eleitoral foi a emergência da política das bordas. Mas a tragédia é que esta vive das bordas da política. Vive com computador doado, vive com a câmera usada, vive com o celular pré-pago, vive com o teatro com goteira, vivem produzindo curta-metragem porque o longa é caro, vive criando blogs e no final do mês pagar a conta da telefonia. Vive num espaço da precariedade, mas que insiste em produzir. Portanto, a precariedade da comunicação não é só uma realidade das periferias pobres, é uma situação real de todos. O revés da opinião abriu um novo ciclo de lutas materiais que se respalda na busca pela universalização das tecnologias digitais como condições primárias para que a toda a sociedade possa ser produtora de comunicação. O conflito se abre contra a forma-Estado. Contra a forma de reger o mercado de comunicação, organizado em torno de um concentração de poder em que a liberdade de expressão inclui somente de forma abstrata

---

a 1988 (quatro anos), as outorgas indicam um crescimento vertiginoso para 1.208 emissoras. Um outro dado interessante é que, na legislação desse período, dos 513 deputados federais, 104 são sócios ou proprietários de rádio e TV. Dos 81 senadores, 25. Além disso, em setembro de 1996, 40% das emissoras de rádio e 27% das de televisão têm políticos como sócios. Entre os principais políticos (ou seus familiares) vinculados às propriedades de emissoras de rádio e televisão, destacam-se os ex-presidentes José Sarney e Fernando Collor.

<sup>582</sup>Há também o fato de os governos depositarem bilhões em propaganda nesses veículos, causando um processo de dependência financeira em muitos meios, fato que sempre desencadeou uma relação nada independente desses grupos de comunicação.

<sup>583</sup>Após o então ministro das Comunicações, Antonio Carlos Magalhães (ACM), liberar mais de mil concessões de rádio e TV para os políticos que votassem a favor do prologamento do mandato do então presidente José Sarney por mais um ano. ACM é sócio da TV Globo na Bahia e concentra um conjunto de veículos impressos e radiofônicos naquele Estado.

os atores sociais no mercado de mídia – a legislação possibilita ter canais de TV e rádio a quem quer que deseje, mas isso acaba por excluir concretamente todos, já que não há condições estruturadas para que as bordas possam produzir seus próprios meios de comunicação.

A forma-Estado criou uma estrutura política cujos atores que gerem a política de comunicação são os próprios proprietários dos mídias, ou pelo menos, seus representantes financiados.<sup>584</sup> Criou uma estrutura jurídica baseada num carnaval de decretos para que nenhum deles funcione e assim possa se manter a oligopolização do setor. Criou uma estrutura econômica que permite sustentar com verbas publicitárias<sup>585</sup> públicas a saúde financeira dos grupos de comunicação. Criou um estrutura administrativa cujo ministério, o das Comunicações, sempre foi uma sucursal da elite midiática, capitaneada por qualquer político aliado do governo e das empresas de comunicação. E criou um pensamento sociológico, o chamado desenvolvimentismo, alardeado por setores da direita e da esquerda, que se organiza na idéia que a melhor política de comunicação é aquela dirigida pelo Estado.

Na prática, a forma-Estado acaba reprimindo qualquer possibilidade de transformação do mercado de mídia. A forma-Estado é uma teia de relações administrativas, jurídicas, políticas, econômicas e filosóficas, que assegura a inviabilidade de qualquer projeto organizado na idéia de que o Estado possa ser o principal agente acelerador da democratização da comunicação, quando ele é para isso, na prática, a principal força de atrito.

A anomalia da Internet é somente um reflexo do que já acontece fora dela: a produção de comunicação se difunde como uma economia potente que já milhares de sujeito sobrevivem dela. Toda essa produção das bordas é que está na raiz do começo da crise da forma-Estado do setor de comunicação social. Esse esse precariado da

---

<sup>584</sup>Cerca de 20% dos senadores, em 2007, são proprietários de órgãos de comunicação. E cerca de 10%, deputados federais.

<sup>585</sup>Só o governo federal gastou R\$ 335 milhões com publicidade em 2006.

comunicação resistiu porque produz um "campeão da audiência" a partir de uma vida conectada e distribuída. São tantas as produções, com tantas micro-audiências, que somadas tornam-se um movimento exuberante. E foi portanto esse precariado que também deu seu recado nas urnas: a solução para explodir a forma-Estado, no campo da comunicação, é a universalização das tecnologias interativas, porque uma parte da sociedade mostrou o que pode fazer com ela: evitar um golpe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros consultados

ADORNO, T. W. A Indústria Cultural. In: COHN, G. Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: T. A. Queiroz, p. 287-295, 1987

ANTOUN, Henrique. Democracia, Multidão e guerra no ciberespaço. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede*. Porto alegre: Sulina, 2004.

\_\_\_\_\_. Cooperação, Colaboração e Mercado na Cibercultura. *E Compós Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação Em Comunicação*. v. 7, n. Dezembro, p. 1-24, 2006.

\_\_\_\_\_. Mobilidade e Governabilidade nas Redes Interativas de Comunicação Distribuída. *Razón y Palabra*, México, v. 49, n. fev.-março, p. 1-18, 2006.

\_\_\_\_\_. A Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura.. In: Vera França; Maria Helena Weber; Raquel Paiva; Liv Sovik. (Org.). *Livro do XI Compós: estudos de comunicação ensaios de complexidade*. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2003, v. 1, p. 165-192.

ANDERSON, Chris. *A cauda longa*. Rio de Janeiro: Campus, 2006

BAUMAN, Zigmunt. *A Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001

BIFO, Franco. *A fábrica da infelicidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

BLONDEAU, Olivier. Génesis y subversión del capitalismo informacional. In: Blondeau, Olivier et al. *Capitalismo Cognitivo, propiedad intelectual y creación coletiva*. Madrid: 2004, p.14

BLOOD, Rebecca. (2002). *O Livro de Bolso do Weblogue*. Campo das Letras.

CASTELSS, Manuel. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999

\_\_\_\_\_. *A Galáxia da Internet – reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. São Paulo: Jorge Zahar, 2005.

CERVEIRA, José. Uma teoria general dos blogs. In: CERVERA et al. *La blogosfera hispana: pioneros de la cultura digital*. Espanha: Omán Impresores, 2006

COCCO, Giuseppe. Entre universalização da guerra e universalização dos direitos. In: PACHECO, Anelise e VAZ, Paulo. *Vozes do Milênio – para pensar a globalização*. Rio de Janeiro: Griphus, 2002, p.46

\_\_\_\_\_. Introdução. In: Negri, Antonio; Lazzarato, Maurizio. *Trabalho Imaterial*. Rio de Janeiro: DPA, 2001, p.20-1



..... *Trabalho e Cidadania – produção e direitos na era da globalização*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 95

COCCO, Giuseppe, HOPSTEIN, Graciela. *As multidões e o império – entre a globalização da guerra e a universalização dos direitos*. Rio de Janeiro: DPA, 2002

COUCHOT, Edmond. *A tecnologia na arte – da fotografia à realidade virtual*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p.159.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. 3a edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, pp 16, 23.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: editora 34, 1995

GILMOR, Dan. *Nós, os média*. Lisboa: Editorial Presença, 2005

GORZ, André. *Metamorfoses do Trabalho*. São Paulo: Annablume, 2003, p.61

..... *Misérias do Presente, Riqueza do Possível*. São Paulo: Annablume, 2004

..... *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. 9a. Edição. São Paulo: Loyola, 2000

JOHNSON, Steven. *A cultura da interface*. Rio de Janeiro: Zahar editor, 2001

JOLLIVET, Pascal. Los rendimientos crecientes. n: Blondeau, Olivier *et al*. *Capitalismo Cognitivo, propiedad intelectual y creación coletiva*. Madrid: 2004, pp.149-151

..... *NTIC e trabalho cooperativo reticular: do conhecimento socialmente incorporado à inovação sócio técnica*. In: Cocco, Giuseppe *et al*. *Capitalismo Cognitivo – trabalho, redes e inovação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.83-107

KERCKHOVE, Derrick de. *A pele da cultura*. Lisboa: Relógio d'água, 1997

LEMOS, André. *Cibercultura – tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2a ed. Porto Alegre: editora Sulina, 2004

LEMOS, Ronaldo. *Direito, tecnologia e cultura*. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p.83

..... *Prefácio à edição brasileira*. In: LESSIG, Lawrence. *Cultura Livre*. São Paulo: Editora Francis, p.18

LESSIG, LAWRENCE. *Code and Other Laws of Cyberspace*. Basic Books, USA, 2000.

LESSIG, Lawrence. *Cultura Livre – como a grande mídia usa a tecnologia e a lei para bloquear a cultura e controlar a criatividade*. São Paulo: Editora Francis, 2005

LEVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: editora 34, 1993, p.119  
\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: editora 34, 1999

MALINI, Fabio. A fuga dos meios – a constituição das novas lutas sociais nas redes virtuais de comunicação. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: IBICT/CNPq – ECO-UFRJ, 2002, 125 pp.

MANOVICH, Lev. Quem é o autor? Sampleamento, remixagem, código aberto. In: Brasil, André et al. *Cultura em fluxo: novas mediações em rede*. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2004

MARAZZI, Christian. A crise da *new economy* e o trabalho das multidões. In: Cocco, Giuseppe, HOPSTEIN, Graciela. *As multidões e o império – entre a globalização da guerra e a universalização dos direitos*. Rio de Janeiro: DPA, 2002

MARTIN-BARBERO, Jésus. *Os exercício do ver*. São Paulo: Editora Senac, 2001

MCLUHAN, Marshall. *McLuhan por McLuhan – entrevistas e conferências inéditas do profeta da globalização*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005,  
\_\_\_\_\_. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 11ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MINAR, N.; HEDLUND, M. Uma rede de pontos. ORAM, A (org). *Peer-To-Peer - o poder transformador das redes ponto a ponto*. São Paulo: editora Berkeley, 2001

NEGRI, Antonio, Hardt, Michael. *Multidão*. São Paulo: Record, 2005

\_\_\_\_\_. O que é a multidão? - entrevista com Michael Hardt e Antonio Negri. *Revista Novos Estudos*, n.75. São Paulo: julho de 2006, p.105

\_\_\_\_\_. O trabalho de Dioniso. Para a crítica ao Estado pós-moderno. Juiz de Fora: EDUFJF, 2004, p.178.

\_\_\_\_\_. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001

NEGRI, Antonio; LAZZARATO, Maurizio. *Trabalho Imaterial – formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DPA, 2001, p.30

NEGRI, Antonio. Da volta – abecedário biopolítico. São Paulo: Record, 2006, p.103

\_\_\_\_\_. A Constituição do Comum. In Cocco, Malini. *O comum*, no prelo.

\_\_\_\_\_. *Cinco lições sobre o Império*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

\_\_\_\_\_. Crisis del Estado-plan. Comunismo y organización revolucionaria. In: Negri, Antonio. *Los libros de la autonomía obrera*. Madri: Akal, 2004

\_\_\_\_\_. El dominio y el sabotage. Sobre o método marxista de la transformación social. In: *Los libros de la autonomía operaria*. Barcelona: Akal, 2004

\_\_\_\_\_. *Exílio*. São Paulo: Iluminuras, 2001

\_\_\_\_\_. Infinitude da comunicação, finitude do desejo. In PARENTE, André. *Imagem-Máquina*. São Paulo: editora 34, p. 173

\_\_\_\_\_. Itália, 1960-1981: um laboratório político da luta de classes na metrópole capitalista. In: Negri, Antonio. *Los libros de la autonomía operaria*. Barcelona: Akal, 2004, pp 374-5

\_\_\_\_\_. *O poder constituinte*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

\_\_\_\_\_. Proletarios y Estado. Por uma discusión sobre autonomia obrera y compromiso histórico. 1976. Reedición In: Negri, Antonio. *Los libros de la autonomía obrera*. Madri: Akal, 2004, p. 197

PARENTE, André. *Imagem-máquina – a era das tecnologias do virtual*. 3A edição. São Paulo: editora 34, 1999

\_\_\_\_\_. *Tramas da rede*. Porto alegre: Sulina, 2004.

RHEINGHOLD, Howard. *La comunidad Virtual – uma sociedad sin fronteras (1996)*. 1996

\_\_\_\_\_. *Multitudes inteligentes*. Barcelona: Gedisa editorial, 2004

ROSNAY, Jöel de. *La révolte du pronétariat*. Paris: Fayard, 2006

RULLANI, Enzo. El capitalismo cognitivo? Um déjà-vu? In: Blondeau, Olivier *et al*. *Capitalismo Cognitivo, propiedad intelectual y creación coletiva*. Madrid: 2004, p.99-128

\_\_\_\_\_. *Producción de conocimiento y valor em el posfordismo – entrevista concedida a Antonella Corsani*, online

SANTAELLA, Lúcia. *Culturas e artes do pós-humano*. São Paulo: Paulus, 2003, p.109

\_\_\_\_\_. *Navegar no ciberespaço – o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho -- uma teoria da comunicação linear e em rede*. Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Reiventando a cultura: a comunicação e seus produtos*. Vozes, Petrópolis, RJ 2001.

TRONTI, Mario. *Operário e Capital*. Porto: Editoria Afrontamento, 1971

VASSALO, Claudia e MARTINELLI, Pedro. *O futuro da fábrica*. Reportagem publicada na Revista Exame. São Paulo: 21 fevereiro de 2001, pp 36-54l

WEBER, Max. *A Ética protestante e o espírito do capitalismo*. 5ª. edição. São Paulo: Pioneira, 1987

WEISSBER, Jean-Louis. Real e virtual. In PARENTE, André. *Imagem-máquina – a era das tecnologias do virtual*. 3A edição. São Paulo: editora 34, 1999

## ARTIGOS CONSULTADOS EM PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS IMPRESSA

COCCO, Giuseppe e MALINI, Fábio. Circular para produzir: novos mecanismos de socialização do conhecimento. Revista Rio de Janeiro: Trabalho e Sociedade. Rio de Janeiro: IETS, pp 9-11.

COCCO, Giuseppe. A dimensões produtivas da comunicação no pós-fordismo. Revista Séries e estudos. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, n.5, dezembro de

Coimbra, Marcos. *Senhores de si mesmo*. Revista Carta Capital. São Paulo: ano XIII, nº 425, 27 de dezembro de 2006, pp 20-24.

GORZ, André. Trabalho sem medida. Entrevista com André Goro por Thomas Schaffroth. Revista Global. n.1. Rio de Janeiro: uma publicação da Universidade Nômade, outubro-novembro de 2003, pp. 35-38

LAZZARATO, Maurizio. Por uma definição do conceito de biopolítica. Revista Lugar Comum. Rio de Janeiro: Nepcom/Labtec – UFRJ, n.5-6. Maio a dezembro de 1998

MARAZZI, Christian. Linguagem e pós-fordismo. Revista Lugar Comum. Rio de Janeiro: Nepcom, ECO-UFRJ, no1, março de 1997

NEGRI, Antonio. Davos. O Comunismo do Capital. Revista Global. Rio de Janeiro, n.8, 2006, p.12-5.  
\_\_\_\_\_. A feminização do trabalho, Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 14 jun. 1998. Cad.Mais 5-3.

NEVES, João Miguel. DMCA e EUCD: Copyright vs Comunidade, in <http://ansol.org/politica/eucd/eucd-sl.pt.html>

PELBART, Peter Pál. Poder sobre a vida, Poder de vida. Revista Lugar Comum. Rio de Janeiro: Universidade Nômade, 2002

VAZ, Paulo. Agentes na Rede. Revista Luga Comum. Rio de Janeiro:NEPCOM/LABTEC, n.7, janeiro-abril 1999, p.125

## ARTIGOS CONSULTADOS NA INTERNET

BARCELLOS, Marinho, e GASPARY, Luciano. *Segurança em redes p2p: princípios, tecnologia e desafios*, in [http://p2p-sec.org/Archive/seguranca-em-p2p\\_marinho-gaspary-sbrc2006.pdf](http://p2p-sec.org/Archive/seguranca-em-p2p_marinho-gaspary-sbrc2006.pdf)

BAUWENS, Michel. A economia política da produção entre pares. Disponível na internet: <<http://www.p2pfoundation.net/> A Economia Política da Produção entre Pares> acesso em 10/01/2007

BLINDER, Caio. A arrancada de Howard Dean nos EUA. In: BBC Brasil.com. Disponível na internet: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/07/030703\\_blinderir.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/07/030703_blinderir.shtml) > Acesso em 11/03/2005

BLOOD, Rebecca. (2002). Weblogs: história e perspectiva. Disponível na internet: <[http://www.terreiro.net/artigos/weblogs\\_history/](http://www.terreiro.net/artigos/weblogs_history/) > acesso em 10/01/2007

BRASIL, Antonio. *Boa e velha TV supera a Internet*. Observatório da Imprensa. Disponível na internet: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920018.htm>> acesso em 10/01/2007

CARVER, Tom. *Howard Dean perdeu, mas salvou os democratas*. BBC Brasil.com. Disponível na internet: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2004/02/040219\\_deananalisefn.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2004/02/040219_deananalisefn.shtml)> Acesso em 30/04/2005

CLARIN. *Pedidos de auxílio y rescate colman Internet*. Disponível na internet: <<http://www.clarin.com/diario/2005/09/01/um/m-1044638.htm> > acesso em 10/01/2007

COCCO, Giuseppe; Vercellone, Carlo. Los paradigmas sociales del posfordismo. Disponível na internet: <[http://www.rebelion.org/izquierda/paradigmas\\_posfordismo2502201.htm](http://www.rebelion.org/izquierda/paradigmas_posfordismo2502201.htm) > acesso em 10/01/2007

FOLHA Online. *Antes favorito, Howard Dean tem agora dificuldade em bancar campanha*. Disponível na internet: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u68572.shtml> > acesso em 30/12/2005

FUMERO, Antonio. *Un tutorial sobre blogs. El abece del universo blog*. Revista Telos. Disponível na internet: <<http://www.campusred.net/telos/articulocuaderno.asp?idarticulo=1&rev=65> > acesso em 10/01/2007

GARATTONI, Bruno. *Softwares da rede BitTorrent esbanjam recursos*. Disponível na internet: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u18927.shtml>> acesso em 10/01/2007

HERMIDA, Alfred. 45% das vítimas dos furacões nos EUA pediram ajuda pela net. *BBC Brasil.com*. Disponível na internet: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/01/060105\\_katrinacorroonlinekatrinaebc.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2006/01/060105_katrinacorroonlinekatrinaebc.shtml) > acesso em 10/01/2007

KATZ, Jon. *Net: Now Our Most Serious News Medium?* Disponível na internet em: <<http://slashdot.org/features/01/10/05/1643224.shtml>> acesso em 05/01/06

LESSIG, Lawrence. Pedágio na Internet. Disponível na internet: <[http://listas.ibict.br/pipermail/bib\\_virtual/2006-June/002885.html](http://listas.ibict.br/pipermail/bib_virtual/2006-June/002885.html)> acesso em 10/01/2007

LOHR, Steve. This boring headline is written for Google". *New York Times*. Disponível na Internet <<http://www.nytimes.com/2006/04/09/weekinreview/09lohr.html>> acesso em 10/01/2007

MACHADO, Luiz Carlos. *Eu blogo, tu blogas*. Disponível na internet: <<http://www.sobresites.com/poesia/forum/viewtopic.php?t=2422&sid=91e9b843d83d3f99e4e6467aa0b0e302>> acesso em 10/01/2007

MENDES, Lucas. *Mistério Howarddean.com*. BBC Brasil.com. Disponível na internet: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/07/030710\\_lucasmendes.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/07/030710_lucasmendes.shtml) Acesso em 11/03/2005

NEGRI, Antonio e COCCO, Giuseppe. Longe do paraíso – entrevista concedida a Agência Carta Maior. Disponível na internet em: < <http://www.agenciacartamaior.uol.com.br>> Acesso 07/10/2006

NEGRI, Antonio. A derrota dos EUA é política, diz Negri – entrevista concedida ao jornal Página 12. Tradução Fábio Malini. Disponível na internet em: < <http://www.fabiomalini.wordpress.com> > acesso em 10/01/2007 em 01/11/2005

\_\_\_\_\_. Negri, em el centro de la tormenta global – entrevista concedida ao jornal argentino Clarín. Disponível na internet em: <<http://www.clarin.com/suplementos/cultura/2004/08/28/u-820584.htm>> Acesso em 08/11/2006

\_\_\_\_\_. Ocho tesis preliminares para uma teoria del poder constituinte. Disponível na internet: < > acesso em 03/05/2004

\_\_\_\_\_. Subjetividade e política na atualidade – conferência de abertura dos Estados Gerais da Psicanálise. Tradução Izabel Borges. Rio de Janeiro: 2003. Documento disponível na internet: [http://www.estadosgerais.org/mundial\\_rj/download/conf\\_ANegri\\_port.pdf](http://www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/conf_ANegri_port.pdf)

\_\_\_\_\_. Toni Negri fala da nova guerra fria – entrevista concedida a revista eletrônica Trópico. Disponível na internet em: < <http://www.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2421,1.shl>> Acesso em: 06/10/2006

NEVES, João Miguel. *DMCA e EUCD: Copyright vs Comunidade*. Disponível na internet: <<http://ansol.org/politica/eucd/eucd-sl.pt.html>> acesso em 10/01/2007\_

OBSERVATÓRIO da Imprensa. *Blog de iraquiana disputa prêmio literário*. Disponível na internet: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=374AZL008>> acesso em 10/01/2007

\_\_\_\_\_. *Dean levou os blogueiros aos holofotes*. Disponível na internet: < <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=393ASP014> > Acesso em 05/11/2006

\_\_\_\_\_. Disponível na internet: < <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter1909200198.htm> > acesso em em 04/04/2006

\_\_\_\_\_. *Websites sobrecarregados*. Disponível na internet: <  
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920019993.htm> > Acesso em 20/07/2005

OLIVEIRA, 2005. *Aprendizagem mediada e avaliada por computador: a inserção dos blogs como interface na educação*. Disponível na internet: <  
<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/026tcc5.pdf> > Acesso em 05/01/2007, pp 1-10

OPEN SOURCE INICIATIVE. The Open source definiton. Disponível na internet: <<http://www.free-soft.org/mirrors/www.opensource.org/docs/definition.php> > acesso em 10/01/2007

O'REILLY, Tim. Qué es web 2.0? Disponível na internet: <  
<http://sociadadelainformacion.telefonica.es/jsp/articulos/detalle.jsp?elem=2146>> acesso em 10/01/2007

PELBART, Peter Pal. *Vida nua, vida besta, uma vida*. Revista Trópico. Disponível na Internet: <  
<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>> acesso em 10/01/2007

Pereira, Raimundo. *Os fatos ocultos*. Revista Carta Capital. Disponível na internet: <  
<http://www.cartacapital.com.br/edicoes/2006/10/415/5457/> > acesso em 10/01/2007

PISANI, Francis. *A nova onda dos blogs*. Le Monde Diplomatique. Disponível na internet: <  
<http://diplo.uol.com.br/2003-08,a720>> acesso em 10/20/07/2005

PROJETO GNU. *O que é copyleft?* Disponível na internet: <  
<http://gnu.gnusoftware.net/copyleft/copyleft.pt.html>> acesso em 10/01/2007

RECUERO, Raquel. *War blogs: os blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online*. Disponível na internet: <  
<http://bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquel-war-blogs.pdf>> acesso em 01/09/2006

REIS, Ruth. Eleições on-line: A atividade dos blogs durante a campanha eleitoral. *Mídia & Política*, v. 22, p. 01, 2006.

REVISTA Época. *Blogs, o novo campeão de audiência*. Disponível na internet: <  
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG74912-5990-428.00.html> > Acesso em 20/12/2006

ROCHA et al. Peer to peer: computação colaborativa na internet. Disponível na internet: <  
[http://www.cin.ufpe.br/~cak/publications/sbrc2004\\_minicurso\\_p2p.pdf](http://www.cin.ufpe.br/~cak/publications/sbrc2004_minicurso_p2p.pdf)> acesso em 10/01/2007

ROCHA, João et al. Peer-to-Peer: computação colaborativa na internet. Disponível na internet: <  
[http://www.cin.ufpe.br/~cak/publications/sbrc2004\\_minicurso\\_p2p.pdf](http://www.cin.ufpe.br/~cak/publications/sbrc2004_minicurso_p2p.pdf)> acesso em 10/01/2007

SÁNCHEZ-PINILLA, Mario Domínguez. *Obrero masa-obrero social*. Disponível na internet: <[http://www.ucm.es/info/eurotheo/diccionario/O:obrero\\_masa.htm](http://www.ucm.es/info/eurotheo/diccionario/O:obrero_masa.htm)>. Acesso em: 11/01/2005

VIRNO, Paolo. "A multitude es ambivalente: es solidaria y es agresiva" - entrevista concedida ao jornal Pagina 12. Disponível na internet em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/dialogos/subnotas/73518-23844-2006-09-25.html>> acesso em 28/09/2006

\_\_\_\_\_ *Do you remember conterrevolution?* Endereço: <<http://www.rebellion.org/izquierda/virno/131101.htm>> acesso em 21/11/01

\_\_\_\_\_. *General intellect, éxodo, multitud - entrevista publicada em La escena contemporánea*. Disponível na internet em: <[http://usuario.lycos.es/pete\\_baumann/General.htm](http://usuario.lycos.es/pete_baumann/General.htm)> acesso em 07/07/2003

\_\_\_\_\_. *La Gramatica de la Multitude*. Disponível na internet: <[http://www.rebellion.org/libros/030907\\_gramatica.pdf](http://www.rebellion.org/libros/030907_gramatica.pdf)> acesso em 10/01/2007

\_\_\_\_\_. *Virtuosismo y revolución: notas sobre el concepto de acción política*. Disponível na internet: <[http://usuarios.lycos.es/pete\\_baumann/index-78.html](http://usuarios.lycos.es/pete_baumann/index-78.html)> acesso em 10/01/2007

WEAVER, Jane. *A media recession like few other*. Reportagem publicada no site MSNBC. Disponível na internet: <http://www.msnbc.msn.com/id/3073246/> Página acessada em 20/07/2005

WIKIPÉDIA. *Verbete Blogosfera*. Disponível na internet: <<http://es.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>, página acessada em 07/01/2007 > acesso em 10/01/2007

\_\_\_\_\_. *Verbete Weblog*. Disponível na Internet: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Weblog>> acesso em 10/01/2007

\_\_\_\_\_. *Verbete Trackback*. Disponível na internet: <<http://es.wikipedia.org/wiki/Trackback>> acesso em 10/01/2007

\_\_\_\_\_. *Verbete Meme*. Disponível na internet: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>> acesso em 10/01/2007

\_\_\_\_\_. *Verbete BitTorrent*. Disponível na internet: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/BitTorrent>> acesso em 10/01/2007

\_\_\_\_\_. *Verbete Blogroll*. Disponível na internet: <<http://es.wikipedia.org/wiki/Blogroll>> acesso em 10/01/2007

\_\_\_\_\_. *Verbete Creative Commons*. Disponível na internet: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Creative\\_Commons](http://pt.wikipedia.org/wiki/Creative_Commons)> acesso em 10/01/2007

\_\_\_\_\_. *Verbete Emule*. Disponível na internet: <<http://es.wikipedia.org/wiki/Emule>> acesso em 10/01/2007

\_\_\_\_\_. *Verbete Firewall*, in [http://es.wikipedia.org/wiki/Cortafuegos\\_%28inform%C3%A1tica%29](http://es.wikipedia.org/wiki/Cortafuegos_%28inform%C3%A1tica%29)

\_\_\_\_\_. *Verbete Lei de Moore*, in [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei\\_De\\_Moore](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_De_Moore)

\_\_\_\_\_. *Verbete Mensalão*. Disponível na internet: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo\\_do\\_mensal%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Esc%C3%A2ndalo_do_mensal%C3%A3o)> acesso em 12/05/2006

\_\_\_\_\_. *Verbete Moblog*. Disponível na internet: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Moblog> acesso em 21/01/2006



\_\_\_\_\_ .Verbetes P2P. Disponível na internet: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/P2PWikipedia>.  
[Verbetes spyware](http://pt.wikipedia.org/wiki/Spyware), in <http://pt.wikipedia.org/wiki/Spyware>> acesso em 10/01/2007

## **BLOGS CONSULTADOS**

<http://blogdareeleicao.blogspot.com/>

<http://www.anti-golpe.blogspot.com/>

<http://anoosfera.zip.net/>

<http://web.archive.org/web/20030418225153/www.pl4y.com.br/players/ler.asp?id=51973>

<http://www.osamigosdopresidentelula.blogspot.com/>

<http://amigosdozedirceu.blogspot.com/>

<http://fotolog.terra.com.br/biradantas>

[http://luizeduardobraga.blogspot.com/2006\\_07\\_01\\_archive.html](http://luizeduardobraga.blogspot.com/2006_07_01_archive.html)

[www.luisnassif.com.br](http://www.luisnassif.com.br).

<http://blogdasoninha.folha.blog.uol.com.br/>

<http://blogdodirceu.blog.ig.com.br/>

<http://nogueirajr.blogspot.com/>

<http://brasiletc.blogspot.com/>

<http://www.nelsonperez.blogspot.com/>

<http://edu.guim.blog.uol.com.br/>

<http://contramare2.blogspot.com/>

<http://www.conscienciapolitica.blogspot.com/>

<http://deolhononoblat.blogspot.com/>

<http://brisa-do-sul.blogspot.com/>

<http://www.diariodapolitica.blogspot.com/>

<http://douglassoldan.blogspot.com/>

<http://www.eticailheus.com.br/modules/news/>

<http://www.vera13.blogspot.com/>

<http://blogdonaza.blogspot.com/>

<http://votolula.blogspot.com/>

<http://fallaserio.blogspot.com/>  
<http://gerentechuchu.blogspot.com/>  
<http://www.grupobeatrice.blogspot.com/>  
<http://trincheiradojens.zip.net/index.html>  
<http://jeanscharlau.blogspot.com/>  
<http://www.kikamartins.blogspot.com/>  
<http://www.lula2006.blogspot.com/>  
<http://rsurgente.zip.net/index.html>  
<http://marcos-lula.blog.uol.com.br/>  
<http://www.marcosborkowski.blogspot.com/>  
<http://oleododiabo.blogspot.com/>  
<http://minhapolitica.blogspot.com/>  
<http://noticiasdopais.blogspot.com/>  
<http://celialamounier.portalcen.org/nossopresidente.htm>  
<http://ousados.blogspot.com/>  
<http://estou-de-olho.blogspot.com/>  
<http://www.informante.net/>  
<http://paulinhonoticias.zip.net/index.html>  
<http://pedalaoposicao.blogspot.com/>  
<http://www.por1novobrasil.blogspot.com/>  
<http://psdbnunca mais.blogspot.com/>  
<http://www.portalmidiapetista.blogspot.com/>  
<http://rededalegalidade.blog.uol.com.br/>  
[http://star\\_red.zip.net/index.html](http://star_red.zip.net/index.html)  
[http://www.blog-se.com.br/blog/conteudo/home.asp?idBlog=12459&id\\_destaque=127467](http://www.blog-se.com.br/blog/conteudo/home.asp?idBlog=12459&id_destaque=127467)  
<http://tribunapetista.blogspot.com/>  
<http://tudo-em-cima.blogspot.com/>  
<http://www.deputadoserafim.com.br/>  
<http://lulapresidente2006.blogspot.com/>  
<http://estou-de-olho.blogspot.com/>

<http://votolula.blogspot.com/>  
<http://www.nelsonperez.blogspot.com/>  
<http://blogdomello.blogspot.com/>  
<http://www.consciencia.net/midia/revistaveja.html>  
<http://www.amigospetistasnoexterior.org/>  
<http://www.anti-golpe.blogspot.com/>  
<http://amigosdabahia.blogspot.com/>  
<http://bahiadefato.blogspot.com/>  
<http://blogdoarroto.blogspot.com/>  
<http://alexeievitchromanov.zip.net/>  
<http://brasilmostratuacara.blogspot.com/>  
<http://nogueirajr.blogspot.com/>  
<http://www.blogentrelinhas.blogspot.com/>  
<http://sergiotucano.blogspot.com/>  
<http://sizenando.blogspot.com/>  
<http://culturapetista.blogger.com.br/>  
<http://memoriafraca.blogspot.com/>  
<http://www.eleicoesorg.blogspot.com/>  
<http://blogosferamarli.blogspot.com/2006/10/eleies-no-podemos-esquecer-do-assunto.html>  
<http://www.mostratuacara.blogspot.com/>  
<http://alertatotal.blogspot.com/>  
<http://conversa-afiada.ig.com.br/>  
<http://oglobo.globo.com/blogs/tereza>  
<http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>  
<http://danibrasil.weblog.nl>  
<http://www.usabilidoido.com.br>  
<http://brunotorres.net/>  
<http://monicamathias.blogspot.com>  
<http://www.contraditorium.com/>  
<http://www.revolucao.etc.br/>

<http://luiscarmelo.blogspot.com/>  
<http://www.digestivocultural.com>  
<http://valongueiro.blogspot.com>  
<http://www.nghorta.com>  
<http://oeuprofundo.blogspot.com>  
[http://crise\\_dos\\_30.blogspot.com/](http://crise_dos_30.blogspot.com/)  
<http://amigoetheobaldo2.weblogger.terra.com.br/>  
[http://alt1040. Com](http://alt1040.Com)  
<http://edans.blogspot.com>  
<http://alcineacavalcante.blogspot.com/>  
<http://luisnassif.blig.ig.com.br/>  
<http://nomada.blogs.com/jfreire>  
<http://blog.fabioseixas.com.br/>  
<http://www.estalella.es>  
<http://www.engadget.com/>  
<http://www.pimentacomdende.com>  
<http://www.sifry.com/alerts/>  
<http://www.hurricanekatrinasmurvivors.com/>  
<http://www.idelberavelar.com>  
<http://www.findkatrina.com>  
<http://www.katrina.com>  
<http://www.technorati.com>  
<http://liberallibertarioliberalino.blogspot.com/>  
<http://www.mydd.com>  
<http://www.wonkette.com/>  
<http://www.musselmanforamerica.com>  
<http://ladybugbrazil.blogspot.com>  
<http://milblogging.com/>  
<http://thecollectivelounge.blogspot.com/>  
<http://riverbendblog.blogspot.com/>

<http://www.cocadaboa.com.br>  
<http://www.back-to-iraq.com/>  
<http://www.robotwisdom.com/>  
<http://ciberjornalismo.com/pontomedia/>  
<http://www.camworld.com>  
<http://www.rebeccablood.net>  
<http://www.peterme.com/>  
<http://www.dailypundit.com/>

## **SITES CONSULTADOS**

*Arquivo do 11 de Setembro*, <http://www.interactivepublishing.net/september/browse.php?time=2001-09-11-11#>  
*Arquivo do Katrina*, <http://websearch.archive.org/katrina/list.html>  
*BBC Brasil*, <http://www.bbc.com>  
*Blog search*, <http://www.google.com.br/blogsearch>  
*Edonkey*, <http://www.edonkey2000.com/>  
*Folha Online*, <http://www.folhaonline.com.br>  
*Global Voice* (<http://www.globalvoicesonline.org/>)  
*Mercurio Online*, <http://www.emol.com>  
*Portal da Câmara dos Deputados*, <http://www.camara.gov.br/>  
*Portal G1*, <http://g1.globo.com>  
*Youtube*, <http://www.youyube.com>  
*Wikipedia*, <http://www.wikipedia.org>  
*Flickr*, <http://www.flickr.com>  
*Creative Commons Brasil*, <http://www.creativecommon.org>  
*Revisa Época*, <http://revistaepoca.globo.com>